



Lênin estrategista da revolução proletária

*Apontamentos sobre a história
do Partido Bolchevique*



Marxismo
Teoria e Programa

LÊNIN ESTRATEGISTA
DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA

*Apontamentos sobre a história
do Partido Bolchevique*



Marxismo
Teoria e Programa

Índice

APRESENTAÇÃO.....	9
I. ASSIMILANDO O LENINISMO.....	13
Apresentação do “Assimilando o leninismo”, que consta no livro “100 anos da Revolução Russa”	15
“Por onde começar?”	18
Combate ao revisionismo	22
Espontaneísmo e consciência de classe	24
Instinto revolucionário e socialismo científico	26
Luta econômica e luta política.....	29
Propaganda e agitação	31
Crítica ao terrorismo.....	33
Tribuna Popular.....	34
Partido centralizado	36
Revolucionário profissional	37
Caráter conspirativo do partido.....	39
Jornal como organizador coletivo	39
Resposta aos ataques dos populistas contra o partido.....	41
Constituir a vanguarda marxista no seio do proletariado.....	44
O Partido é o programa.....	45

II. LÊNIN ESTRATEGISTA.....	49
“Nenhum apoio ao governo de Guchkov-Miliukov”	51
Revisão e mudança de tática.....	54
Ao Comitê Central do POSDR.....	55
Ganhar a direção do proletariado e das massas camponesas.....	57
Os Ensinamentos da Crise	59
Esgotada a primeira etapa da revolução - a importância	
das “Cartas de Longe”	62
Armamento geral da população	65
Posição programática e de princípio	
sobre a guerra imperialista	68
Necessária revisão programática - corrigir a linha do partido	70
Superada a fórmula de ditadura democrática revolucionária	
do proletariado e do campesinato.....	72
Revolução Russa como parte da revolução mundial –	
enfrentando o revisionismo da II Internacional	74
Em defesa da fundação da III Internacional - ruptura	
com a II Internacional	77
Agravamento da crise revolucionária	79
Momento Decisivo	80
O Dezoito de Junho	81
Deslocamento de classes	83
Duplo Poder	85
Todo o poder aos Sovietes!	87
Intervenção decisiva de Lênin no curso da tomada do poder –	
combate à vacilação	88
A Crise Amadureceu	90
Últimos embates de Lênin para que o partido bolchevique	
liderasse a insurreição	91
Cartas aos membros do CC	93
Aos cidadãos da Rússia!	95

III. APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DO BOLCHEVISMO.....	97
Apontamentos sobre a história do bolchevismo	99
II Congresso do POSDR	102
Carta à redação de Iskra	103
O programa	106
Sobre os estatutos do partido	108
A luta pela realização do III Congresso da Socialdemocracia Russa	111
A criação do Jornal Vperiod (“Adiante”)	114
A necessidade do III Congresso	116
Confirmada a divisão no III Congresso	118
“Projeto de resolução sobre a atitude do POSDR diante da insurreição armada”	120
Balanço do III Congresso	121
A revolução de 1905	123
IV Congresso	125
As divergências programáticas	128
Tática eleitoral dos bolcheviques e mencheviques	130
II Conferência do POSDR	133
V Congresso	135
Sobre a força motriz da revolução e o método	138
II Duma	140
VI Congresso	142
Interregno entre o V e VI Congresso	145
Aliança operária e camponesa	147
V Conferência	150
Tarefas e luta contra o liquidacionismo	152
Vencer o ultra-esquerdismo	154
VI Conferência.....	157
Tática eleitoral	159
Mudanças na situação política.....	162
Intervenção da direção da II Internacional na cisão do POSDR	164

Unidade principista	166
Conferência de Londres, enfrentamento ao social chauvinismo	168
Capitulação da II Internacional.....	170
Posição internacionalista diante da guerra	172
A necessidade de constituir a III Internacional	175
Transformar a guerra imperialista em guerra civil	177
Luta contra o defensismo e o pacifismo.....	180
A guerra imperialista como continuidade da paz.....	182
A III Internacional já nasceu	185
Revolução de fevereiro	187
Teses de Abril	189
A VII Conferência estabelece a tática diante da situação revolucionária.....	191
Todo poder aos soviets	193
Esgotada a possibilidade dos soviets alcançar o poder pela via pacífica	195
Rejeição à Conferência Democrática.....	197
Crítica à participação dos bolcheviques na Conferência Democrática	199
A dualidade de poder teria de ser resolvida	201
Autogoverno do povo	204
Teoria marxista do Estado.....	206
Preparar a insurreição	207
Resolução sobre a insurreição	209
Reação interna	212
Bolcheviques no poder	214
Dissolução da Assembleia Constituinte.....	216
II Congresso dos Sovietes de toda a Rússia	218
A ditadura do proletariado.....	221
III Congresso dos Sovietes de toda a Rússia	223

A importância do II e III Congressos dos Sovietes de toda a Rússia.....	225
Paz de Brest-Litovsk	228
Rejeição à fraseologia revolucionária	231
VII Congresso do PC(b)R	233
Revisão do programa.....	235
A luta contra o ultra-esquerdismo	238
Desdobramentos da crítica ao ultra esquerdismo	240
Discussão sobre o capitalismo de Estado	242
Economia de guerra.....	244
Tática diante do campesinato	246
Transição do capitalismo para o socialismo e a estratégia internacional	248
Não há possibilidade de um triunfo definitivo do socialismo nos marcos da Rússia	251
Congresso de fundação da III Internacional	253
Teses ao I Congresso da III Internacional.....	255
A luta ideológica contra os revisionistas da II Internacional.....	257
Fundamentos históricos da ditadura do proletariado	259
VIII Congresso	262
Outros aspectos	265
IX Congresso do PC(b)R	267
A arte de governar	269
Congresso de operários mineiros e o lugar dos sindicatos na reconstrução econômica.....	272
III Congresso de Sindicatos de toda a Rússia	274
Vencer a resistência do campesinato	277
Os sindicatos e a disciplina do trabalho	279
Divergências em torno à função dos sindicatos	281
Agravamento das divergências	284
II Congresso da III Internacional.....	286

Preparação do terreno para o X Congresso	289
X Congresso.....	291
Necessidade de mudar a política econômica	293
Preservar a unidade do partido	296
Combate à Oposição Operária	298
O desvio anarcossindicalista	301
X Conferência de toda a Rússia	303
III Congresso da Internacional Comunista.....	306
XI Congresso	308
Reconhecer o retrocesso.....	310
IV Congresso da III Internacional.....	313
Considerações sobre as particularidades de cada país	315
ÚLTIMOS ESCRITOS DE LÊNIN.....	317
Em defesa do monopólio do comércio exterior.....	317
Os perigos de cisão no partido.....	319
Defesa da Federação Transcaucasiana	322
“Melhor pouco, mas melhor”	325

Apresentação

Este décimo segundo livro tem particular importância para a história da construção do Partido Operário Revolucionário (POR). Iniciamos a exposição das formulações de Lênin em março de 2016, sem um plano prévio. Nota-se, pelos temas iniciais, que se tratava da necessidade de compreender a concepção leninista do partido.

Os primeiros escritos de Lênin foram realizados entre 1893 e 1894. Dez anos antes, havia se constituído o “grupo emancipação do trabalho”, formado por Plekhanov e Axelrod, que seria o núcleo original da social-democracia russa. O Congresso de fundação do POSDR se realizaria em março de 1898. Reuniu agrupamentos que se distinguiam do movimento pequeno-burguês narodniks, surgido em 1870, sob a ideia de um “socialismo agrário”. Do romantismo inicial de intelectuais, que acreditavam que a tarefa revolucionária seria a de ir ao campo para germinar entre os camponeses o socialismo, derivou o agrupamento “Terra e Liberdade”, em 1876, que se enverou ao método de ação individual terrorista. É nesse marco que um pequeno núcleo de intelectuais revolucionários introduz o marxismo, procurando sistematizá-lo e materializá-lo na forma do partido.

O I Congresso do POSDR acabou sendo desbaratado pela repressão e todos os seus delegados foram presos. Em 1903, realizou-se o II Congresso. Lênin já havia se destacado como marxista, que procurava compreender a realidade russa e as transformações por que passava, tanto é que em 1893 redigiu *“As novas mudanças econômicas na vida camponesa (A propósito do livro de V. E. Póstnikov A exploração agrícola no*

sul da Rússia)” e “*O chamado problema dos mercados*”. No ano seguinte, escreveu “*Quem são os ‘Amigos do Povo’ e como lutam contra os social-democratas (Resposta aos artigos de Rússkoie Bogatstvo contra os marxistas)*”. No momento da realização do II Congresso, Lênin já havia percorrido um trajeto em sua formação marxista, demonstrando uma extraordinária capacidade analítica e de produção escrita. Entre outubro de 1901 e fevereiro de 1902, formulou os fundamentos do partido marxista na sua obra “*Que Fazer?*”.

Interessou-nos expor, sobretudo, o pensamento de Lênin do início do século XX. Entre as esquerdas que se reivindicam do marxismo, muito se comenta sobre o valor do livro “*Que Fazer?*”, mas não se extrai a sua aplicação nas condições particulares do país e do desenvolvimento do proletariado. Esse foi o motivo inicial de expor a concepção leninista do partido. Passamos a publicar quinzenalmente, no jornal *Massas*, um comentário, na forma de artigo, que não excedia uma página. Demos o título “*Assimilando o leninismo*”, que deveria constar sistematicamente do estudo e discussão nas células. Concluímos essa diretriz em um ano. O que foi possível devido à rigorosa disciplina de não falhar na publicação regular na última página do jornal *Massas*. A experiência foi tão rica que decidimos dar continuidade ao estudo das abundantes formulações do fundador do bolchevismo.

Em março de 2017, iniciamos a nova etapa, sob o título “*Lênin estrategista*”, concluída em novembro. Abrangeu o período da revolução democrático-burguesa de fevereiro à revolução proletária de outubro de 1917. É na situação revolucionária que ressaltam as questões estratégicas. E a tática comparece com toda precisão como decisiva para a tomada do poder. A exposição vai das “*Cartas de Longe*”, março de 1917, à “*Carta ao CC*”, de 24 de outubro de 1917. No primeiro caso, Lênin se encontrava no exílio; no segundo, na clandestinidade. Essa última carta é um imperativo para que o partido dirigisse as massas à tomada do poder.

Em seguida, continuamos a exposição sobre o título “*Apontamentos sobre a história do Partido Bolchevique*”. É nesse momento que nos demos conta da necessidade de expor as formulações de Lênin, que vão do II Congresso de julho 1903 ao VI Congresso de julho de 1917, período que abrange a origem do bolchevismo até a tomada do poder; e do VII Congresso de março de 1918 ao XI Congresso de março de 1922, que se inicia depois da tomada do poder e conclui com a última participação de Lênin. Os últimos escritos que constam das Obras Completas, da Akal

Editor, foram de 23 de dezembro de 1922 a 2 de março de 1923.

O título *“Apontamentos sobre história do Partido Bolchevique”* deve ser tomado no sentido restrito, uma vez que se circunscreve à exposição da linha leninista. Ocorre que em grande medida a história do partido e as formulações de Lênin estão entrelaçadas e soldadas. Eis por que é relevante observar as divergências cruciais, os embates com os opositores e a comprovação pelos acontecimentos de que Lênin estava correto. Por ser vencedor das batalhas internas ao partido social-democrata e ao próprio partido bolchevique, e pelo fato da revolução proletária e da luta de classes mundial lhe terem dado razão, é que o conjunto de sua vasta elaboração marxista se funde com a história do bolchevismo e da revolução proletária.

Informamos que a primeira e a segunda partes – *“Assimilando o leninismo”* e *“Lênin estrategista”* – foram publicadas no livro *“100 anos da Revolução Russa”*, em setembro de 2017. Conservamos, inclusive, as apresentações. Decidimos integrá-las em um só livro, assim, teremos a forma mais completa da evolução do pensamento de Lênin. Estamos conscientes de que muitos aspectos não puderam constar do percurso que selecionamos. A fortaleza do sistema marxista-leninista é complexa em sua edificação programática, tática, teórica e principista. Está solidamente enraizado nos intrincados acontecimentos mundiais e nacionais das duas primeiras décadas do século XX.

Devido ao fato de não termos planejado o delineamento do sistema do pensamento leninista, devem ter falhas quanto à sequência lógica do desenvolvimento de nossa exposição. Basta ver que a última parte – *“Apontamentos sobre a história do Partido Bolchevique”* – retoma momentos já expostos nas duas primeiras partes.

A última observação diz respeito ao cuidado que tivemos de não interpretar o pensamento ou fazer exegese dos escritos de Lênin. Centramos nosso trabalho na exposição, mais fiel possível, de suas formulações. Não tratamos de nenhuma questão que não tivesse objetivamente colocada nos documentos, artigos e cartas. Todos constam das Obras Completas da Akal Editor. O leitor pode recorrer aos originais para atestar o nosso objetivo de apenas expor, de forma sintética, os grandes momentos da luta de classes em que Lênin esteve em seu centro. É daí que reúne uma extraordinária força para escrever um mar de ideias, sem que se detectem formulações desprezíveis.

Publicamos este livro, quando a Revolução Russa cumpre 104 anos.

O enorme retrocesso causado pelo revisionismo estalinista do leninismo, pelo processo de restauração capitalista e pela desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas exige da vanguarda com consciência de classe assimilar e praticar os ensinamentos de Lênin. A corrente que se reivindica do trotskismo, abdicando do leninismo ou tomando-o em uma peça formal, fatalmente realizará deformações profundas nas conquistas do marxismo e acabará como centrista, revisionista.

A tarefa de construir o partido revolucionário e reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista exige a compreensão e a aplicação do marxismo-leninismo. Esperamos que este livro desperte na vanguarda com consciência de classe a necessidade de lutar com as armas do marxismo-leninismo-trotskismo para superar a crise de direção mundial do proletariado.

1º de outubro de 2021, Atilio de Castro

I. ASSIMILANDO O LENINISMO

Assimilando o leninismo

Apresentação do “Assimilando o leninismo”, que consta no livro “100 anos da Revolução Russa”

Lênin foi o produto histórico da combinação de sua firmeza de caráter e clareza teórica com a ferrenha vontade de tornar o marxismo um guia para a prática revolucionária. Mais precisamente: encarnou as forças sociais e históricas, que ganhavam expressão e projetavam a luta pela derrocada da velha sociedade russa.

Sua militância é o exemplo vivo do revolucionário profissional, aquele que se eleva e destaca na história, como dirigente do proletariado mundial e grande estrategista. Suas qualidades pessoais foram inteiramente dedicadas aos processos históricos mais profundos das massas em luta.

Os textos se destacam pela perseverança de princípio e método marxistas, com os quais enfrentou todo tipo de desvio e revisionismo, que se manifestava no seio da social-democracia russa. Evidenciam a sua capacidade de estabelecer, na situação concreta e nas diferentes conjunturas, a linha política marxista, voltada a projetar o proletariado na luta pelo poder.

O trabalho de Lênin, não apenas permitiu consolidar a vanguarda revolucionária russa – forjando-a em um partido coeso e centralizado, ideológica, política e organizativamente –, como também elaborou a teoria marxista do partido. As sínteses que apresentamos neste folheto nos dão a dimensão de seu trabalho, como teórico e organizador do bolchevismo. Lênin encarnou a unidade indissolúvel entre a teoria marxista e

a prática revolucionária.

Nessa luta árdua, se encontra a chave com a qual o proletariado superou o espontaneísmo e o economicismo das velhas direções, bem como se constituiu em classe consciente, e se elevou à tarefa histórica de conquistar o poder na Rússia, e abrir caminho à constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Entre os vários aspectos da teoria leninista do partido, se destaca a luta fracional no seio da social-democracia russa, entre mencheviques e bolcheviques. Destaca-se a justeza da luta travada por Lênin, em que caracterizará o menchevismo de *“nova variante do oportunismo”*. E que, mais tarde, acabaria no campo da reação burguesa, contra a revolução de Outubro. Nesse embate, ganhará relevância o trabalho de Lênin por dotar o partido de um claro programa. O que exigiu enfrentar o *“rebaixamento do nível teórico”* do partido, que se erguia em obstáculo à transformação do proletariado em força revolucionária consciente. Esse é conteúdo histórico e político da tese: *“Sem teoria revolucionária, não pode haver tampouco movimento revolucionário”*.

Na luta pela unificação das organizações social-democratas sobre bases programáticas, e guiada pela concepção marxista do partido, e, mais à frente, pela cisão, Lênin chegará à conclusão de que existiam posições diametralmente opostas, duas concepções distintas da revolução russa e do partido. De forma que, tanto o “economicismo” e o “espontaneísmo”, como logo mais o menchevismo, se constituíam em *“um obstáculo intransponível à tarefa da vanguarda, de resolver três problemas fundamentais”*, que são: *“caráter e conteúdo principal da agitação política; acerca das tarefas de organização e acerca de um plano para criar (...) uma organização combativa, destinada a toda Rússia”*.

A compreensão dessas tarefas porá Lênin diante da necessidade de *“centralizar as forças da social-democracia sobre a base de um programa e de princípios organizativos”*. Não por acaso, Lênin destaca, em “Que Fazer?”, a *“criação de um jornal político para toda a Rússia”*. Nele, assinala que a *“agitação dispersa”* devia transformar-se em *“agitação sistemática e geral”*. O que exigia, evidentemente, um instrumento que centralizasse e organizasse coletivamente a militância social-democrata. Esse instrumento era o jornal nacional. Somente assim, se poderia *“realizar, de maneira sistemática um trabalho de propaganda e agitação múltiplo, baseado em sólidos princípios, que, em geral, constituem a tarefa principal e perma-*

nente da social-democracia”.

O fundamental está em que a luta de Lênin por constituir um partido centralizado e voltado ao trabalho político, em todos os aspectos e problemas da vida nacional, exigia construir um instrumento capaz de centralizar, teórica, programática, política, tática e organizativamente, todos os núcleos revolucionários. Dotando-os de uma linha coletiva, e de capacidade de ação centralizada e dirigida a objetivos comuns.

Um partido com essas características requeria, portanto, um “tipo especial” de revolucionário. Lênin desenvolve, nesse sentido, o conceito de “revolucionário profissional”, que reúne as qualidades do trabalho teórico, propagandístico, agitativo e organizador. O que exige uma *“seleção rigorosa de seus membros”*. Há, portanto, uma relação intrínseca entre a centralização organizativa, a disciplina política, a seleção dos integrantes, e a constituição do “revolucionário profissional”, munido do método científico do trabalho político e prático no seio das massas.

São essas condições, de conjunto, que permitiram Lênin formar o partido como o fator consciente da revolução. Sob sua direção, o bolchevismo se edificou como *“expressão consciente do processo inconsciente da história”* (Trotsky). Mas, só pôde sê-lo, na medida em que forjou seu programa e penetrou no seio do proletariado e das massas oprimidas. Essa interdependência dialética está expressa na fórmula leninista – *“A consciência socialista moderna pode surgir unicamente sobre a base de um profundo conhecimento científico” e “a consciência socialista é introduzida de fora na luta de classes do proletariado”*. O partido torna-se, assim, o fator decisivo do processo histórico, uma vez que encarna a teoria e o programa revolucionários.

Destacamos esses aspetos para frisar a importância de assimilar os fundamentos do leninismo, que não residem apenas em conhecer suas formulações, mas, fundamentalmente, em compreender o método marxista de construção do partido revolucionário. Esse é o conteúdo da luta de Lênin para formar a vanguarda revolucionária, e combater as correntes adversárias da revolução proletária.

O POR vem se construindo sobre a base da teoria leninista do partido, evidentemente, expressando as características particulares do país e do proletariado brasileiro.

22 de fevereiro de 2017

“Por onde começar?”

Em fevereiro de 1902, que corresponde ao nosso calendário a março, Lênin escreveu o folheto “Que Fazer?” (Problemas candentes de nosso movimento), que assentou uma teoria do partido marxista. Em seu prefácio, explica que se tratava do desenvolvimento das ideias expostas no artigo “Por onde começar?”, publicado no *Iskra*, nº 4, de maio de 1901. Pede desculpas “por ter cumprido tardiamente a promessa feita no respectivo artigo”. Justifica que se dedicou ao trabalho de unificação das organizações social-democratas no exterior. Esse intento poderia modificar o caráter do folheto, que seria denominado, sintomaticamente, de “Que Fazer?”. O fracasso da tentativa comprovou que estavam em posições diametralmente opostas, duas concepções distintas da revolução e do partido. Lênin ainda esclarece que seu objetivo inicial não era o de recorrer à polêmica. O que não foi possível, uma vez que a corrente adversária, caracterizada pelo economicismo e pelo espontaneísmo, se levantava como um obstáculo intransponível à tarefa de resolver três problemas fundamentais: *“acerca do caráter e conteúdo principal da agitação política; acerca das tarefas de organização, e acerca de um plano para criar (...) uma organização combativa destinada a toda Rússia”*.

A Revolução Russa, que triunfou quinze anos depois, se encarregou de dar inteira razão aos fundamentos do “Que Fazer?”. Esse folheto, sem dúvida, constitui um dos pilares do leninismo. Todo marxista deve estudá-lo a fundo, como guia para a construção do partido revolucionário. O próprio Lênin, posteriormente, aconselhou a considerar “Que Fazer?” na situação particular de construção da social-democracia russa. Um cuidado de um cérebro, cuja avançada teoria esteve solidamente calcada na prática, para que a construção do partido marxista em outras latitudes, em situações distintas do desenvolvimento da luta de classes, não fosse tomada mecanicamente. Essa recomendação deve ser cuidadosamente levada em consideração. No entanto, “Que Fazer?” expressa uma teoria geral do partido. Trata-se de assimilá-la e aplicá-la, de acordo com as particularidades do desenvolvimento do proletariado em cada país, conforme o conselho de Lênin.

Antes de expor os aspectos fundamentais da teoria leninista do partido, recorremos ao seu embrião, que é “Por onde começar?”.

O artigo se inicia precisamente com a pergunta “que fazer?”. A social-democracia russa já havia percorrido um caminho, desde o final

da década de 1880 a princípios de 1890. Lênin supunha que se tratava de tomar medidas práticas para tornar a social-democracia um partido proletário, capaz de dirigir os explorados em toda a Rússia. Entendia que estava diante de um “problema de caráter e métodos de luta – fundamental para um partido prático”. Notamos, porém, em “Que Fazer”, que Lênin teve de revelar, em toda extensão, uma divergência de concepção, para iluminar a prática, que apenas havia esboçado no “Por onde começar?”. Ou seja, os obstáculos, que os adversários entrincheirados no *Rabócheie Dielo* colocavam à organização do partido, se deviam à concepção economicista e espontaneísta, que seria analisada e criticada posteriormente.

No entanto, Lênin já a identifica de forma geral no texto “Por onde começar?”. Reconhece que, no fundo, estavam presentes “sérias divergências”, que impediam a social-democracia de dar passos práticos à frente. Eis: *“Por um lado, está ainda muito longe de ter sido extinta a tendência ‘econômica’, que procura restringir e reduzir ao mínimo o trabalho de agitação e organização políticas. Por outro, a tendência do ecletismo sem princípios continua levantando orgulhosamente a cabeça, adaptando-se a cada nova ‘corrente’, sem saber distinguir as necessidades constantes do movimento em seu conjunto, das exigências do movimento e das tarefas fundamentais”*.

Lênin evita, nesse momento, travar uma luta teórica com os adversários, que mais tarde se definiriam como mencheviques. Observamos que tinha claro que as divergências não se limitavam a uma apreciação das circunstâncias políticas e da tática a ser aplicada. Respondeu à *Rabócheie Dielo*: *“Para mudar de tática, há que começar por ter uma tática, e, se não existe uma organização forte, provada na luta política, em todas as circunstâncias e em todos os períodos, não é possível nem mesmo falar de um plano de atividade sistemática, elaborado à base de princípios firmes e aplicados com perseverança, que é o único plano que merece o nome de tática”*.

Lênin se vê obrigado a rechaçar o radicalismo inconsequente dos economicistas e espontaneístas, que pretendiam levar a social-democracia a ações terroristas. Explica: *“Em princípio, nunca renunciamos, nem podemos renunciar, ao terror. O terror é uma das formas da ação militar que pode ser perfeitamente aplicável, e até indispensável, em um momento dado do combate, em um determinado estado das forças e em determinadas condições. Mas, o problema reside, precisamente, em que, agora, o terror*

não se coloca como uma das operações de um exército em ação, como uma operação estreitamente ligada a todo sistema de luta, e coordenada com ele, mas sim como um meio de ataque individual, independente e isolado de todo o exército”.

Nota-se que aqueles que combatiam a tarefa assinalada por Lênin, de constituir o partido revolucionário como “um estado maior de dirigentes e organizadores”, pretendiam arrastar a vanguarda para ações terroristas isoladas, e à margem do desenvolvimento político e organizativo do proletariado. Em contraposição a esse desatino pequeno burguês, “Por onde começar?” conclui: *“A tarefa imediata de nosso partido não deve ser a de convocar para o ataque, agora mesmo, todas as forças com que contamos, mas convocá-las a constituir uma organização revolucionária, capaz de unificar todas as forças, e de dirigir o movimento, não só em palavras, mas nos fatos, isto é, que esteja pronta para apoiar todo protesto e toda explosão, aproveitando-as para multiplicar e fortalecer os efetivos que serão utilizados para o combate decisivo”.*

A partir daí, Lênin apresentará um esboço das principais tarefas, e anuncia que desenvolverá seu conteúdo em um folheto, como de fato o fez, e que levará o título da pergunta “que fazer?”.

A social-democracia ainda não havia se constituído, de fato, em um partido. Organizava-se por meio de círculos isolados. O Plano partia dessa realidade. Tratava-se de centralizar as forças da social-democracia sobre a base de um programa e de princípios organizativos. Não por acaso, Lênin começa por defender a “criação de um jornal político para toda a Rússia”. A “agitação dispersa” deveria se transformar em “agitação sistemática e geral”. Para isso, era preciso um centralizador e organizador coletivo, que seria uma imprensa revolucionária, capaz de *“realizar de maneira sistemática um trabalho múltiplo de propaganda e agitação, baseado em sólidos princípios, que, em geral, constitui a tarefa principal e permanente da social-democracia, e que é particularmente vital nos momentos atuais, quando o interesse pela política, pelos problemas do socialismo, se têm despertado nas mais amplas camadas da população”.*

A social-democracia tinha conseguido um grande feito, que era ter “despertado na classe operária a paixão por denunciar as arbitrariedades nas fábricas, as arbitrariedades de ordem econômica”. No entanto, mantinham-se como movimentos locais e dispersos. O passo a ser dado era o de centralizar as forças, para impulsionar a luta consciente, socia-

lista. A primeira medida correspondia precisamente na criação do jornal, que expressasse uma única linha revolucionária. Lênin teve a clareza de reconhecer que não era possível constituir uma direção que fosse o estado-maior da revolução, no momento, ainda se tratava da revolução democrática, sem que houvesse um claro vínculo entre a luta pelas reivindicações mais elementares com o objetivo da tomada do poder. O jornal centralizador cumpriria essa tarefa, sem se desprezarem todas as outras formas de propaganda e agitação.

Para concluir, citaremos uma passagem que contém a concepção leninista do partido.

“O papel do jornal não se limita, no entanto, a divulgar ideias, a educar politicamente e a ganhar aliados políticos. O jornal é não apenas um propagandista e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Neste último sentido, pode comparar-se a um andaime, levantado em um edifício em construção, que marca seus contornos, facilita o contato entre os diversos grupos de operários, ajuda-lhes a distribuir as tarefas e a ver o resultado final, obtido graças a um trabalho organizado. Com a ajuda do jornal e em relação com ele, se irá formando, por si mesma, a organização permanente, que se encarrega, não só do trabalho local, mas também do trabalho geral e regular, que acostume seus membros a acompanhar atentamente os acontecimentos políticos, a valorizar a sua significação e sua influência sobre os diversos setores da população, a elaborar os métodos adequados, que permitam o partido revolucionário influir sobre esses acontecimentos. Basta a tarefa técnica de assegurar a alimentação dos materiais para o jornal e sua devida divulgação, para obrigar a criar uma rede de militantes locais de um partido único, que manterão entre si um contato vivo, que conhecerão o estado geral da situação, que se acostumarão a exercer regularmente funções parciais dentro do trabalho geral de toda a Rússia, que irão provando suas forças na organização de diversas ações revolucionárias”.

Evidentemente, Lênin já tinha claro qual era a essência da luta programática e da concepção do partido, que será desenvolvida, poucos meses depois, em “Que Fazer?”. É sintomático que, ao anunciar um plano para transformar a social-democracia dispersa em um partido centralizado, o revolucionário russo tivesse dado primordialmente atenção à constituição de um jornal, que seria, não apenas um propagandista e agitador coletivo, como também um organizador coletivo das fileiras do partido.

Combate ao revisionismo

O folheto “*Que Fazer?*”, na realidade, é um extenso livro. Trata de vários aspectos da teoria marxista do partido. De forma que procuraremos expor suas teses fundamentais, em uma seqüência de comentários.

O próprio Lênin, anos mais tarde, recomendava estudar essa obra de acordo com as condições do movimento operário e do processo revolucionário na Rússia. Tinha claro que a formação e desenvolvimento do partido do proletariado, em cada país, percorrem um caminho próprio, cujas determinações históricas expressam particularidades.

Um aspecto do “*Que Fazer?*”, que indica uma discussão singular na formação da social-democracia russa, se encontra logo no início do primeiro capítulo, nomeado “*Dogmatismo e Liberdade de Crítica*”. Devido à singularidade, poderíamos deixar de lado. No entanto, não há singularidade no pensamento de Lênin que não seja manifestações de leis gerais. Como rigoroso marxista, todo seu pensamento está marcado por situações objetivas, concretas, que, em seu processo de realização, permitem evidenciar os fundamentos gerais, portanto, teóricos. Os adversários de Lênin, na realidade, da fração marxista que este encabeçava, levantavam a bandeira de “*Liberdade de Crítica*”, e contra um suposto dogmatismo. Está aí por que “*O Que Fazer?*” começa por esta questão.

Era necessário demonstrar que os social-democratas, encastelados na publicação *Rabócheie Dielo*, e aglutinados na fração “*União de Social-democratas Russos*”, que, como a fração de Lênin, constituiu-se no exterior, representavam o revisionismo do marxismo, em cuja base se encontrava o reformismo de Eduard Bernstein. Para eles, a defesa e a aplicação do marxismo como ciência do proletariado, não passavam de estreito dogmatismo. Lênin vai demonstrar que a fração que resistia a transformar a dispersa social-democracia russa em um partido programático, centralizado e orientado por um jornal nacional, reproduzia, na Rússia, ao seu modo, as posições de Bernstein, de que era preciso ter “*uma atitude ‘crítica’ diante do marxismo envelhecido, dogmático*”. Sob a bandeira da “*liberdade de crítica*”, os revisionistas dissolviam a doutrina socialista de Marx e Engels em generalidades e no ecletismo. Essa atitude política dos partidários da “*União de Social-democratas Russos*” acobertava a negação do marxismo e o seu conteúdo de classe pequeno-burguês.

Lênin faz uma síntese das revisões, defendidas sob a bandeira de “*liberdade de crítica e de luta contra o dogmatismo*”. Eis: “*A social-demo-*

cracia deve transformar-se, de partido da revolução social, em um partido democrático de reformas sociais. Bernstein apoiou essa reivindicação política, com uma bateria de 'novos' argumentos e considerações bastante harmoniosamente concatenados. Negou a possibilidade de fundamentar cientificamente o socialismo, e de demonstrar, do ponto de vista da concepção materialista da história, sua necessidade e inevitabilidade; negou a existência da miséria crescente, da proletarização e da exacerbação das contradições capitalistas; declarou inconsistente o próprio conceito de 'objetivo final', e rejeitou, absolutamente, a ideia da ditadura do proletariado; negou o antagonismo de princípios entre o liberalismo e o socialismo; negou a teoria da luta de classes, advogando que não é aplicável a uma sociedade estritamente democrática, governada conforme a vontade da maioria, etc."

A posterior cisão entre bolcheviques e mencheviques demonstrará que Lênin estava com a razão, em caracterizar que a social-democracia estava diante de "uma nova variante do oportunismo". Mascarava-se com a bandeira de "liberdade de crítica", para defender posições anti-marxistas. Ou seja, nas palavras de Lênin, "*a liberdade de introduzir, no socialismo, ideias burguesas e elementos burgueses*".

Em resposta à posição de tornar a social-democracia um partido democrático de reformas e inconsistente, Lênin fez uma de suas primeiras formulações sobre o partido, como vanguarda revolucionária do proletariado. É o que depreendemos da seguinte passagem inicial do "Que Fazer?": "*Marchamos em um pequeno grupo, unido por um caminho acidentado e difícil, fortemente tomado pelas mãos. Estamos rodeados de inimigos por todos os lados, e temos de marchar quase sempre sob seu fogo. Unimo-nos, em virtude de uma decisão livremente assumida, precisamente para lutar contra os inimigos, e não cair, tropeçando, no pântano vizinho, cujos moradores nos reprovam por termos nos separado em um grupo distinto, e por escolhermos o caminho da luta e não o da conciliação*".

O "vizinho", utilizado por Lênin de forma figurativa, correspondia à fração social-democrata internacional que renegou o marxismo, e se pôs a formular críticas à ortodoxia e ao doutrinário, para defender as teses reformistas. Na social-democracia russa, essa tendência revisionista se manifestou historicamente como "marxistas legais", que predicavam "*a teoria da atenuação das contradições sociais, proclamando que é absurda a ideia da revolução social e da ditadura do proletariado, reduzindo o movimento operário e a luta de classe a um sindicalismo estreito e à luta 'realista' por pequenas e graduais reformas*". Tratava-se do economicismo, cuja

orientação encarregava a classe operária da luta estritamente econômica, e a intelectualidade, de se juntar com os liberais para a luta política.

O enorme esforço de Lênin por desenvolver a teoria marxista, nas condições concretas da luta de classes internacional e na Rússia, era rechaçado pelos economicistas, que encarnavam o ecletismo e a ausência de princípios. Lênin, ao contrário, combatia o “rebaixamento do nível teórico”. Demonstrava que o baixo desenvolvimento teórico da social-democracia russa era um grande obstáculo para transformar o proletariado em força revolucionária consciente. A social-democracia, que estava no início de sua formação, não havia “*ajustado suas contas com as outras tendências do pensamento revolucionário*”. Por ser internacionalista, tinha de assimilar as experiências de outros países. Essa tarefa não podia ser cumprida apenas copiando tais experiências. Era preciso “*assumir uma atitude crítica diante da experiência, e comprová-la por si próprio*”. O que exigia a elevação teórica.

Lênin recorre aos ensinamentos de Engels sobre a importância decisiva da teoria revolucionária. Eis a conclusão: “*Sem teoria revolucionária, não pode haver tampouco movimento revolucionário. Nunca será demais insistir sobre essa ideia, em um momento em que a prédica em voga do oportunismo acompanha uma paixão pelas formas mais estreitas da atividade prática*” (...). “*Por enquanto, não pretendemos senão indicar que somente um partido dirigido por uma teoria de vanguarda pode cumprir a missão de combate de vanguarda*”. Lênin não fazia senão defender e desenvolver o fundamento do socialismo científico da unidade entre a teoria e a prática.

Espontaneísmo e consciência de classe

Os adversários das posições de Lênin, organizados em torno da publicação Rabócheie Dielo, acusavam-no de “subestimar a importância do elemento objetivo ou espontâneo do desenvolvimento”. Na realidade, essa caracterização, não apenas era incorreta, como ocultava divergências de princípio. Era evidente que a classe operária e demais oprimidos se lançavam à luta premidos pelas necessidades básicas, sem que dependessem, para isso, de ter alcançado uma consciência de classe, revolucionária. Essa constatação era amplamente conhecida e estudada pelo marxismo. O problema, portanto, não era o de reconhecer ou “subestimar” a importância das ações espontâneas, mas sim o de entender a relação entre as suas manifestações e a consciência de classe.

Lênin recorre à história das greves e motins na Rússia, desde os anos

de 1860 a 1890, para demonstrar que o movimento espontâneo dos explorados “*não era senão a forma embrionária da consciência*”. A resistência coletiva à exploração e à opressão trazia em suas entranhas as bases objetivas da consciência de que se estava enfrentando um poder ilimitado dos exploradores. Os motins contra o domínio da servidão já indicavam lampejos de consciência. Mas, sua principal característica era a da revolta espontânea, por desespero e vingança. As greves dos anos 1890, por sua vez, se distinguiam justamente por abrigar traços da consciência de classe, típicos do proletariado. Em resumo: “*Se os motins eram simplesmente levantes de oprimidos, as greves sistemáticas expressavam já embriões da luta de classes, porém, precisamente apenas embriões*”. Tratava-se de uma consciência sindical: “*(...) os operários não tinham, nem podiam ter, a consciência do antagonismo irreconciliável, entre seus interesses e os de todo o regime político e social contemporâneo, isto é, não tinham consciência social-democrata*”. Nota-se que a “consciência social-democrata” significava consciência partidária. A evolução dos motins para as greves implicava avanço na consciência da luta coletiva, portanto, sindical. Mudavam-se as formas e os métodos da revolta espontânea e, com isso, gestava-se o embrião da consciência revolucionária.

Lênin observa que essa consciência é gerada na mecânica interna da luta de classes, e que, por si só, o embrião da consciência sindical não tem como se transformar em consciência partidária, ou, mais precisamente, em consciência socialista. Esse é o grande problema da revolução. A transformação da consciência, gestada nas lutas espontâneas, depende da ação do partido revolucionário. No caso, trata-se do partido marxista, cujo objetivo histórico é o de transformar o capitalismo em socialismo, e este, em comunismo, como fase superior da sociedade sem classes.

No processo espontâneo da luta de classes se forma uma consciência da importância da ação coletiva, do uso e do planejamento da greve, do método da ação direta, mas não se forma a consciência socialista, que é o programa e a teoria da revolução social. Neste ponto, Lênin horrorizará os espontaneístas, que, no fundo, eram reformistas, demonstrando que a consciência partidária, socialista, somente pode “ser introduzida de fora” do movimento dos explorados.

Transcrevemos a formulação leninista: “*A história de todos os países testemunha que a classe operária, exclusivamente com suas próprias forças, somente está em condições de elaborar uma consciência tradeunista (sindicalista), isto é, a convicção de que é necessário reunir-se em sindicatos,*

lutar contra os patrões, exigir do governo a promulgação de tais ou quais leis necessárias para os operários, etc. Diferentemente, a doutrina do socialismo surgiu das teorias filosóficas, históricas e econômicas que foram elaboradas por representantes instruídos das classes possuidoras, pelos intelectuais. Por sua posição social, também os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, pertenciam à intelectualidade burguesa. Exatamente, do mesmo modo, a doutrina teórica da social-democracia surgiu na Rússia independentemente, em absoluto, do crescimento espontâneo do movimento operário, surgiu como resultado natural inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. Até a época de que tratamos, isto é, meados da última década do século passado, essa doutrina, não somente constituía já um programa completamente formado pelo grupo “Emancipação do Trabalho”, mas também, inclusive, chegou a conquistar a maioria da juventude revolucionária da Rússia”. “(...) De modo que existia, tanto o despertar espontâneo das massas operárias, o despertar da vida consciente e da luta consciente, como uma juventude revolucionária que, armada da teoria social-democrata, tendia com todas suas forças para os operários. Além disso, é importante, sobretudo, deixar claro, o que é frequentemente esquecido (e relativamente pouco conhecido), que os primeiros social-democratas desse período, ao se lançarem com o ardor da agitação econômica (...), longe de considerá-la como sua única tarefa, pelo contrário, desde o começo, assinalavam as mais amplas tarefas históricas da social-democracia russa, em geral, e a de derrubar a autocracia, em particular”.

Entre essa juventude, estavam o próprio Lênin e outros revolucionários, que travarão a luta no seio da social-democracia para transformá-la em um partido capaz de vincular o programa e a teoria marxista com as tendências instintivas de luta do proletariado, e assim transformar o embrião da consciência de classe em consciência socialista.

Instinto revolucionário e socialismo científico

Lênin reconheceu a importância das greves, como ponto de partida para que os operários compreendessem o “*antagonismo irreconciliável entre seus interesses e de todo o regime político social contemporâneo*”. Ponto de partida significa que é necessário o fator consciente, que se expressa por meio do trabalho partidário no seio do proletariado e das massas em geral. A luta espontânea não gera a consciência socialista, mas constitui o seu embrião. O socialismo científico, edificado por Marx e Engels, não nasceu diretamente das revoltas espontâneas, mas “*necessariamente*

se materializou desenvolvendo a consciência revolucionária embrionária, que se gesta na luta de classes”.

Lênin concorda e se apoia nas formulações de Karl Kautsky, quando este combate às tentativas dos revisionistas de atribuir, a Marx, a ideia de que o desenvolvimento econômico e a luta de classes engendram diretamente a consciência da necessidade do socialismo. Segundo Kautsky, “*o socialismo e a luta de classes surgem paralelamente, e não derivam um do outro; surgem de premissas distintas. A consciência socialista moderna pode surgir unicamente sobre a base de um profundo conhecimento científico*”. E completa: “*a ciência econômica contemporânea constitui uma premissa da produção socialista, assim como, no caso, a técnica moderna, e o proletariado, por mais que o deseje, não pode criar nem uma, nem outra; ambas surgem do processo social contemporâneo*”. Kautsky constata que a ciência do proletariado não nasce dele mesmo, mas sim da “*intelectualidade burguesa*” – “*é do cérebro de alguns membros isolados dessa camada que surgiu o socialismo moderno, e foram eles que transmitiram aos operários destacados pelo seu desenvolvimento intelectual, os quais o introduziram imediatamente na luta de classes do proletariado, ali onde as condições permitiam*”.

A conclusão de que “*a consciência socialista é introduzida de fora na luta de classes do proletariado*” indica que o partido é o fator decisivo, uma vez que é por meio dele que se expressam a teoria e o programa revolucionários.

O embate de Lênin com os espontaneístas, que o acusavam de “*subestimar a importância do elemento objetivo*”, tinha no centro da divergência a concepção de partido. A crítica do revolucionário russo, de que “*o desenvolvimento espontâneo do movimento operário caminha precisamente para sua subordinação à ideologia burguesa*”, consistia em que o proletariado, sem o seu partido, inevitavelmente, seguiria a política burguesa. Cabia aos marxistas combater a teoria absurda, de que a ação espontânea gera a consciência socialista. Combate esse necessário para construir o partido no seio do proletariado. Lênin explica que o movimento espontâneo conduz à supremacia da ideologia burguesa, porque “*é mais antiga por sua origem que a ideologia socialista, porque sua elaboração é mais completa, e porque possui meios de divulgação incomparavelmente mais poderosos*”.

Nesse ponto do “*Que Fazer?*”, nos deparamos com a conclusão: “*quanto mais jovem é o movimento socialista em um país, tanto mais enérgica deve ser, portanto, a luta contra toda tentativa de afiançar a ideologia não*

socialista, tanto mais firme devem colocar-se em guarda os operários contra os maus conselheiros, que gritam contra 'o exagero do elemento consciente'.

Ao invés de apenas reconhecer a existência do instinto revolucionário do proletariado, é preciso ter clara a tarefa de transformá-lo em consciência, portanto, em luta contra o capitalismo e pelo socialismo. O instinto, em si mesmo, é a revolta inconsciente dos explorados. Assim, Lênin observava que, na Rússia, a constituição de um vigoroso movimento operário determinava a tarefa de organizar um poderoso partido revolucionário. Demonstrava que havia duas maneiras de enfrentar o novo momento da luta de classes: *“ou bem no sentido do culto da espontaneidade desse movimento, isto é, reduzindo o papel da social-democracia ao de simples servidor do movimento operário como tal; ou bem no sentido de que o movimento das massas coloca, diante de nós, novas tarefas, teóricas, políticas e de organização, muito mais complexas que as tarefas com que podíamos nos contentar, no período em que antecedeu a aparição do movimento de massas”.*

A formação dos marxistas russos, no final do século XIX, se deu nas condições em que a classe operária e o movimento de massas ainda não exigiam uma clara e precisa concepção de partido, e a definição das tarefas. A mudança desse quadro, no início do século XX, abalou a social-democracia. Os revolucionários se viram obrigados a clarear a questão do partido e determinar as tarefas. O que expôs a profunda divergência entre os espontaneístas e os marxistas. Os opositores da concepção leninista mostraram, na prática, que o espontaneísmo se converte em uma “tendência do oportunismo”.

Eis a síntese de Lênin: *“Estamos convencidos, portanto, de que o erro fundamental da 'nova tendência' no seio da social-democracia russa consiste em cultuar a espontaneidade, em não compreender que a espontaneidade das massas nos exige uma elevada consciência. Quanto mais poderoso é o auge espontâneo das massas, quanto mais amplo se torna o movimento, tanto mais incomparável é a rapidez com que cresce a necessidade de uma elevada consciência, tanto no trabalho teórico da social-democracia, como no político e na organização. A ascensão do movimento espontâneo das massas na Rússia tem sido tão rápida, que a jovem social-democracia se mostra pouco preparada para cumprir essas gigantescas tarefas. Esta falta de preparação é nossa desgraça comum, a desgraça de todos os social-democratas russos. O auge das massas produziu e se estendeu de maneira ininterrupta e contínua, não só não terminou onde começou, como também se estendeu a novas localidades e novas camadas da população (sob a influência do movimento operário, reanimou-se*

a efervescência entre a juventude estudantil, entre os intelectuais em geral, e até entre os camponeses). Mas, os revolucionários permaneceram atrasados neste movimento ascendente, tanto em suas teorias, como em sua atividade, não conseguindo criar uma organização permanente que funcionasse sem a quebra de continuidade, capaz de dirigir todo o movimento”.

A constatação de Lênin, de que as massas em luta estavam à frente da social-democracia, demonstra a profunda compreensão do lugar dirigente que ocupa a vanguarda revolucionária.

Luta econômica e luta política

Lênin relata a importância das denúncias sobre as condições de vida da classe operária, amplamente realizadas pelos círculos social-democratas. Refere-se ao entusiasmo dos operários, diante desse trabalho de agitação econômica, e de revelação da brutal opressão suportada pelos explorados. Os panfletos de denúncia e de reivindicações econômicas são caracterizados por Lênin como *“forma embrionária de guerra contra toda ordem social moderna, baseada no saque e na opressão”*. Esse tipo de agitação consiste na *“autodefesa dos operários”*.

Os social-democratas russos dedicavam-se quase que exclusivamente ao trabalho de denúncia nas fábricas. Lênin mostra que tal absorção indicava uma limitada compreensão da ação partidária, explicando que *“essa atividade, por si só, não era ainda, no fundo, social-democrata, mas tão somente tradeunionista” (sindicalista). Não ia além da defesa da força de trabalho entregue aos capitalistas como mercadoria. De fato, consistia apenas em “ponto de partida” e que, por isso, não podia ser um fim em si mesma, com pena de se ater “à luta ‘exclusivamente sindical”*.

Lênin demonstra que o vasto trabalho de agitação econômica, realizada pela militância, poderia se perder, caso o partido não superasse o economicismo. A questão era reorientar a ação partidária no seio do proletariado. Para isso, era imprescindível compreender e ter consciência da relação entre a luta econômica e a luta política. Era necessário promover a agitação política, da mesma forma como se faz a agitação contra a opressão econômica. Eis um dos pontos que expressa a nova orientação defendida por Lênin: *“A social-democracia dirige a luta da classe operária, não apenas para obter condições vantajosas da venda da força de trabalho, mas para destruir o regime social que obriga os despossuídos a venderem sua força de trabalho aos ricos. A social-democracia representa a classe operária, não somente em sua relação com um grupo determinado de patrões, mas em*

suas relações com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Compreende-se, portanto, que os social-democratas, não apenas não podem ater-se à luta econômica, nem sequer podem admitir que a organização das denúncias econômicas constitua sua atividade predominante. Devemos empreender ativamente o trabalho de educação política da classe operária, do desenvolvimento de sua consciência política”.

A fração da social-democracia, que se opunha às posições de Lênin, ludibriava com o argumento de que todos estavam de acordo quanto à necessidade de desenvolver a consciência política em todos os seus aspectos. E defendia que “a tarefa era de imprimir à luta econômica, naquilo que fosse possível, um caráter político”. De forma que “a agitação política deve seguir a econômica”. Lênin refuta essa tese. Considera incorreta a posição de que a luta econômica, em geral, seja o meio mais amplamente aplicável para incorporar as massas na luta política. Dá o exemplo de luta política que decorre das “manifestações da opressão policial e dos desmandos da autocracia”. Mostra que os castigos corporais sofridos pelos camponeses, a perseguição da polícia à plebe das cidades, e a disciplina opressiva imposta aos soldados, são igualmente motivos para a agitação política, apesar de não estarem diretamente ligados à luta econômica. Em resumo: “*na soma total dos casos cotidianos em que o operário sofre (ele mesmo e as pessoas próximas dele) falta de direitos, arbitrariedade e violência, é indubitável que só constituem uma pequena parte dos casos de opressão policial precisamente no terreno da luta sindical*”. Estava colocado, portanto, superar a estreiteza da agitação política quase exclusivamente no terreno econômico.

A ideia economicista de “imprimir à luta econômica um caráter político” implicava tão somente a melhoria das condições de trabalho, por meio de “medidas legislativas e administrativas”. Era o que faziam os sindicatos operários. Lênin retruca: “*Assim, portanto, a frase pomposa de ‘imprimir, à luta econômica, um caráter político’, ‘terrivelmente’ profunda e revolucionária, oculta, no fundo, a tradicional tendência de rebaixar a política social-democrata ao nível da política tradeunionista!*”

Nota-se que, no seio da social-democracia, desenvolviam-se duas tendências: a revolucionária e a reformista. O reformismo utilizava-se da retórica de “imprimir à luta econômica um caráter político”. Por trás dessa sutileza, ocultava-se uma grosseira política de adaptação ao capitalismo, em desenvolvimento da Rússia. Tomemos a última citação: “*A social-democracia revolucionária sempre incluiu e continua in-*

cluindo, na órbita de suas atividades, a luta pelas reformas. Mas utiliza a agitação 'econômica', não apenas para exigir do governo todo tipo de medidas, mas também (e em primeiro lugar) para exigir que deixe de ser um governo autocrático. Além disso, considera seu dever apresentar ao governo esta exigência, não só no terreno da luta econômica, como também no terreno de todas as manifestações em geral da vida social e política. Em uma palavra, como a relação da parte no todo, a luta revolucionária pela liberdade e pelo socialismo subordina a luta pelas reformas”.

Nesta áspera divergência sobre como travar a luta política entre a tendência economicista e a marxista, nos deparamos com os perigos interpostos pelos reformistas na luta do proletariado contra a burguesia, o Estado e seu regime econômico. Mais tarde, essa tendência se transformará em uma fração, que romperá a social-democracia russa (mencheviques), concluirá defendendo a burguesia, e passará para o lado da reação, na Revolução Russa de outubro de 1917. Os reformistas os revisionistas e os oportunistas são os maiores inimigos do marxismo.

Propaganda e agitação

Lênin explica que a social-democracia revolucionária sempre lutou por reformas. No entanto, não como objetivo em si mesmo. A agitação pelas reivindicações imediatas, que levam as massas a se colocarem em ação, serve de ponto de partida para colocá-las em choque com o “governo autocrático”. Tais reivindicações não devem se limitar à luta econômica, mas responder a tudo que diz respeito à vida social e política. Reduzir as reformas às reivindicações econômicas significa estreitar o caminho da luta operária, e submetê-la ao regime vigente. Eis a conclusão de Lênin: “*Em uma palavra, como da parte ao todo, a luta pelas reformas subordina-se à luta revolucionária pela liberdade e pelo socialismo*”. Para o marxismo, a luta por reformas está condicionada à estratégia política, programática. Eis por que, a cada instante da agitação pelas reivindicações imediatas e por reformas, os revolucionários trabalham no seio das massas pelo objetivo geral.

Lênin estava de acordo com a diferenciação que seus adversários faziam entre propaganda e agitação. A propaganda apresenta muitas ideias que, como tal, são assimiladas, no momento em que são realizadas por um número relativamente pequeno de pessoas, daí a importância da divulgação de materiais como folhetos, revistas, declarações, etc. Distintamente, a agitação se concentra em transmitir uma só ideia, que

corresponde a um acontecimento, a um fato concreto, alcançando um grande número de pessoas. A diferenciação entre propaganda e agitação, formulada anteriormente por Gueorgui Plekhanov, era utilizada pelos economicistas para acusar o jornal Iskra, dirigido por Lênin, de colocar em segundo plano as tarefas de agitação. Segundo eles, o Iskra se negava a lutar por “resultados tangíveis”. Ou seja, o Iskra acentuava a propaganda, em detrimento da agitação. Vejamos a resposta de Lênin: *“Nossos economicistas, entre eles Robócheie Dielo, tiveram êxito por se terem adaptado à mentalidade dos operários atrasados. Mas, o operário social-democrata, o operário revolucionário (número que aumenta dia a dia) rechaçará, com indignação, todos estes raciocínios sobre a luta por reivindicações que ‘prometem resultados tangíveis’, etc., pois, compreenderá que não são senão variantes da velha canção do aumento de um kopec por rubro. Este operário dirá a seus conselheiros de ‘R. Misl’ e ‘R. Dielo’: os senhores procuram intervir com demasiado zelo em assuntos que nós mesmos resolvemos, e esquivar-se do cumprimento de suas verdadeiras obrigações. Não é muito inteligente dizer, como os senhores fazem, que a tarefa dos social-democratas é imprimir à luta econômica um caráter político; isso não é mais do que o começo, e não consiste nisso a tarefa principal dos social-democratas, pois, na Rússia, como no mundo inteiro, é a repressão policial que começa muitas vezes a imprimir à luta econômica um caráter político, e os operários, por si mesmos, aprendem a compreender de que lado está o governo”*. Notamos que a acusação dos adversários de Lênin, de que dava primazia à propaganda estava a serviço da defesa do economicismo, do espontaneísmo, ou seja, do reformismo.

O conflito entre economicistas e marxistas não se dava, como se vê, em torno da conceituação sobre a função da propaganda e agitação, mas sim em torno da importância decisiva da propaganda para o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado, tendo por base a agitação. Os economicistas circunscreviam a agitação política ao terreno econômico. Os marxistas, ao contrário, entendiam que era preciso *“organizar denúncias políticas que abarquem todos os terrenos. Por essa via, as massas elevariam sua consciência política e ação revolucionária”*. A luta em todos os terrenos possibilita a educação classista dos explorados.

Citemos Lênin: *“A consciência da classe operária não pode ser uma consciência verdadeiramente política, se os operários não estão acostumados a expressar, em todos os casos de arbitrariedade e opressão, de violências e abusos de toda a espécie, quaisquer que sejam as classes afetadas; expressar,*

além disso, precisamente do ponto de vista social-democrata, e de nenhum outro. A consciência das massas operárias não pode ser uma verdadeira consciência de classe, se os operários não aprendem, sobre a base dos fatos e acontecimentos políticos concretos e, além disso, atuais, a observar cada uma das demais classes sociais, em todas as manifestações da vida intelectual, moral e política dessas classes; se não aprendem a aplicar, na prática, a análise materialista, e a apreciação materialista de todos os aspectos da atividade e da vida de todas as classes e grupos da população. Quem oriente a atenção, a capacidade de observação e a consciência da classe operária exclusivamente, ou ainda, que somente seja de preferência, para ela mesma, não é um social-democrata, pois, o conhecimento de si mesma, por parte da classe operária, está inseparavelmente ligado à completa clareza, não só dos conceitos teóricos (...), ou melhor: não tanto dos conceitos teóricos, como das ideias elaboradas sobre a base da experiência da vida política, em torno das relações entre todas as classes da sociedade atual. Esta é a razão de que seja tão profundamente nociva, e tão profundamente reacionária, por seu significado prático, a defesa de nossos economicistas, de que a luta econômica é o meio mais amplamente aplicável para incorporar as massas ao movimento político”.

Todo marxista deve estudar e assimilar com máxima atenção a formulação de Lênin, de que o trabalho do partido revolucionário combina todos os aspectos da luta econômica e política contra os capitalistas e seu poder. A agitação e propaganda são meios indispensáveis, de forma que se desenvolvem de acordo com os acontecimentos e com a luta de classes. A mais elevada consciência de classe é aquela que não se limita a ver a si mesma, e que reconhece a classe inimiga. Há que se observar a poderosa pressão do economicismo sobre a luta revolucionária, que se dá em todos os campos, e sobre a estratégia da revolução social.

Crítica ao terrorismo

No final do século XIX e início do XX, quando Lênin escreveu o livro “Que Fazer?”, estavam em voga as ações terroristas, que se contrapõem à tarefa de transformar a social-democracia russa em um partido centralizado e dirigente das massas. Tal método, praticado por organizações que viam os atentados como o caminho para combater e derrubar o governo autocrático, devia ser criticado, nos seus fundamentos de classe.

Sem uma clara delimitação, a social-democracia estaria sujeita a influências opostas ao marxismo e à estratégia revolucionária. Essa é a ra-

ção de Lênin incorporar, nas discussões do “Que Fazer?”, a crítica ao grupo Svoboda, que se intitulava revolucionário-socialista, mas que pretendia incluir o método do terror individual no programa. Evidenciará a base espontaneísta do terrorismo. Nesse terreno, a fração economicista da social-democracia confluía com o Svoboda. Não apenas era incapaz de se diferenciar, como sofria influências do terrorismo. Nota-se que, de um lado, o marxismo se confrontava com o espontaneísmo economicista e, de outro, com o espontaneísmo terrorista, que Lênin denominou de “dois pólos opostos da corrente espontânea”.

Em suas palavras: *“Os economicistas e os terroristas contemporâneos têm uma raiz comum, a saber: o culto da espontaneidade, do qual temos falado no capítulo precedente como um fenômeno geral e que, agora, examinamos, sob o aspecto de sua influência no terreno da atividade e da luta política”*. Ressaltamos a identificação que Lênin faz do espontaneísmo como “fenômeno geral”, e as suas manifestações particulares. Por mais diferenças que tivessem os economicistas com os terroristas, tinham em comum o espontaneísmo, como substância de suas políticas. É muito importante a seguinte constatação de Lênin: *“A atividade política tem sua lógica, que não depende da consciência daqueles que, com as melhores intenções do mundo, exortam, ou bem o terror, ou bem a imprimir um caráter político à luta econômica em si”*.

Observa-se que aqueles que se colocavam pela via do terror individual, portanto, à margem do proletariado, eram intelectuais que provinham da pequena burguesia. Naquela situação, podiam contar com a simpatia de “muitos liberais russos”. Lênin conclui que as contradições do Svoboda refletiam *“uma das fases da decomposição e decadência desse círculo tradicional de ideias (pré-social-democratas), que tinha sido obrigado a continuar atado ao terror”*. Tratava-se de um eco do passado, que deveria ser superado, pela transformação da social-democracia russa em partido revolucionário, marxista, vanguarda do proletariado. Era necessário, portanto, rechaçar a tentativa do Svoboda de “substituir a agitação pelo terror”, que subestimava a atividade “revolucionária das massas”. Essa mesma crítica é dirigida à fração espontaneísta da social-democracia.

Tribuno Popular

Lênin atribuía ao militante partidário as características e a função do “tribuno popular”, que não se limitava à luta econômica, à defesa da

liberdade sindical e a combater pelo direito de greve, mas que demonstrava os fundamentos da exploração capitalista, as convicções socialistas e a luta do proletariado mundial por sua emancipação. Distintamente do secretário de “tradeunions”, que se atém aos limites do movimento sindical, o “tribuno popular” responde a todos os problemas, de todas as camadas sociais que padecem da exploração e da opressão.

A fração da social-democracia russa que se apegava ao economicismo e ao espontaneísmo concluía como sindicalista, ou, nos termos de Lênin, tradeunionista. Ao contrário, o “tribuno popular” reúne as qualidades do trabalho teórico, propagandístico, agitativo e organizador. Justamente estas qualidades integradas permitem aos revolucionários atuarem sobre todas as camadas sociais em choque com a exploração capitalista e a sua ditadura de classe. Uma das características do economicismo e do espontaneísmo era a de desprezar a teoria revolucionária como um fator decisivo para a educação política e o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado.

Lênin explica de forma viva, em sua polêmica com os espontaneístas: “Devemos assumir a tarefa de organizar a luta política, sob a direção de nosso Partido, de forma tão múltipla, que todos os setores da oposição possam prestar, e prestem efetivamente, a esta luta, assim como ao nosso Partido, a ajuda de que sejam capazes. Nós devemos fazer, dos militantes práticos social-democratas, dirigentes políticos que saibam dirigir todas as manifestações dessa luta múltipla, que saibam, no momento necessário, ‘defender um programa positivo de ação’, aos estudantes em agitação, aos descontentes dos zemstvos, aos membros indignados das seitas, aos mestres atingidos em seus interesses, etc. É um exemplo contextual de que um militante partidário, na condição de vanguarda revolucionária, intervém em todas as partes, em todas as situações, em todos os problemas, em todos os movimentos, e em todas as camadas sociais oprimidas. Esse é o “tribuno popular”, capaz de desenvolver a luta programática do socialismo no seio das massas.

Vejamos outra passagem: “*Somente o Partido que organize campanhas de denúncias que realmente interessem a todo o povo poderá se converter, em nossos dias, na vanguarda das forças revolucionárias*”.

A formação do “tribuno popular” se dará pelo domínio dos conhecimentos das leis de funcionamento do capitalismo, de seu desenvolvimento e de sua transformação. O que é possível somente no trabalho de construção do partido no seio do proletariado, e na luta por dirigi-lo.

Partido centralizado

Lembremos de que Lênin tomou, como base de sua exposição, a crítica aos espontaneístas, que concluíram como tradeunionistas. Da crítica ao fundamento programático e político, derivou a diferenciação entre a concepção marxista e antimarxista do partido.

Lênin considerou imprescindível que a social-democracia se transformasse em uma “*organização centralizada, destinada a toda a Rússia*”, “*uma organização que reúna, em um só impulso comum, todas as manifestações de oposição política, de protesto e de indignação*”. Os espontaneístas, ao contrário, lutavam por conservar a social-democracia como uma organização formada de círculos independentes, dispersos e, portanto, descentralizada. Lênin os acusava de terem uma visão estreita, não só das tarefas políticas, como também daquelas que se referiam à organização partidária. A organização centralizada e de alcance nacional seria constituída “*por revolucionários profissionais, e dirigida por verdadeiros líderes políticos de todo o povo*”.

O conceito de organização centralizada e constituída por revolucionários profissionais foi extraído das condições concretas do desenvolvimento da social-democracia na Rússia. Embora marcado por essa particularidade, estabelecia as bases teóricas mais avançadas do marxismo sobre o partido revolucionário. O revolucionário profissional é concebido em oposição à militância submetida à organização, que vai se formando espontaneamente e de acordo com o trabalho primitivo e artesanal. Está aí por que Lênin analisa as limitações dos “*métodos primitivos de trabalho*”, que expressava justamente a militância espontânea e artesanal. É de especial importância a descrição que faz sobre o funcionamento dos círculos social-democratas entre 1894 e 1901.

É baseado na experiência da militância dispersa, voluntarista e carente de um plano comum de ação, que Lênin estabelece a base do partido centralizado, formado por revolucionários profissionais, e munido do método científico de ação. A ideia mais elementar era a de que não se pode vencer uma guerra sem que se esteja armado.

A atividade crescente das massas e o agravamento da luta de classes já não permitiam conservar as formas do espontaneísmo, a organização pulverizada e os métodos artesanais. Diz Lênin: “*Nos círculos dispersos, os revolucionários dispersos não estão unidos, não estão agrupados, não constituem uma organização única, forte e disciplinada, com partes metodicamente desenvolvidas*”.

O oposto da dispersão é a disciplina revolucionária. Sem ela, não há centralização. Essas condições implicam que o partido do proletariado resulte de uma “seleção rigorosa de seus membros”. Há uma relação intrínseca entre a centralização, a disciplina, a seleção, o revolucionário profissional e o método científico do trabalho político no seio das massas.

Revolucionário profissional

Lênin identificava, como um dos principais fatores da crise que afetava a social-democracia russa, o “atraso dos dirigentes” diante do crescente movimento espontâneo das massas. Apontava, como um erro capital, “rebaixar” as tarefas políticas e organizativas “ao nível dos interesses imediatos” da luta econômica do dia-a-dia. Não se tratava de negar as manifestações instintivas do proletariado, mas de transformá-las em luta revolucionária, consciente, contra os opressores. Essa tarefa, que cabe ao partido, não podia ser cumprida, se os revolucionários se adaptassem à espontaneidade das massas. A fração social-democrata, adepta do espontaneísmo, não apenas desprezava a atividade teórica, como a combatia em nome da prática.

O despontar do proletariado na luta de classes, e a sua confrontação com o Estado policial exigiam uma mudança na social-democracia, que deixasse para trás o velho economicismo, o culto à espontaneidade das massas, e os métodos primitivos de trabalho. O que exigia a transformação da social-democracia em um partido de quadros marxistas, que se já vinha forjando nos confrontos com a aristocracia, o czarismo e a impotente burguesia liberal. A noção de revolucionário profissional é extraída por Lênin nestas condições. Eis uma conclusão:

“Precisamente agora é quando o revolucionário russo, dirigido por uma teoria verdadeiramente revolucionária, apoiando-se em uma classe verdadeiramente revolucionária, que desperta espontaneamente, pode, finalmente, elevar-se em toda sua estatura, e despende todas suas forças de gigante”. Para isso, era necessário que a social-democracia superasse o empirismo e a aversão à teoria revolucionária. O movimento do proletariado se encarregaria, por meio da experiência, de forjar um destacamento avançado.

Cabe ao partido transformar esse destacamento operário em revolucionários profissionais, que têm a teoria como guia da prática. Eis: *“Devemos nos preocupar, não apenas que as massas ‘levantem’ reivindicações concretas, mas também que as massas de operários ‘destaquem’, em número cada vez maior, esses revolucionários profissionais. Assim, pois, chegamos ao*

problema da relação entre a organização de revolucionários profissionais e o movimento puramente operário". Evidentemente, tratava de novas questões organizativas, que envolviam a concepção marxista do partido.

Havia que superar a distinção e separação entre operários e intelectuais, entre aqueles que praticam e aqueles que formulam a política. O revolucionário profissional dava resposta a essa distorção.

De posse do diagnóstico sobre as causas da crise da social-democracia russa e da concepção do partido constituído por revolucionários profissionais, Lênin assenta a tarefa de elevar a capacidade dos dirigentes operários. Eis: *"Esse fato testemunha que nossas obrigações primordiais e imperiosas são contribuir para a formação de operários revolucionários, que, do ponto de vista de sua atividade no Partido, estejam no mesmo nível que os revolucionários intelectuais (sublinhamos: do ponto de vista de sua atividade no Partido, porque, em outros sentidos, não é, nem muito menos, tão fácil, nem tão urgente, ainda que seja necessário, que os operários cheguem ao mesmo nível). Por isso, nossa atenção deve se dirigir principalmente em elevar os operários ao nível dos revolucionários, e não a descer, nós mesmos, inevitavelmente, ao nível da massa operária, como querem os economicistas, e inevitavelmente ao nível do operário médio, como quer 'Svoboda' (que, nesse sentido, passa ao segundo grau da 'pedagogia' economicista)".*

Nesse sentido, é dever do partido "ajudar todo operário que se distinga por sua capacidade a se tornar um agitador profissional, um organizador, um propagandista, um distribuidor, etc. Sem dúvida, as dificuldades para se desenvolver tal objetivo são imensas. A mais terrível está no fato de o operário ser consumido na produção. Nesse caso, bem específico, Lênin considera a possibilidade de o partido criar as condições básicas de sobrevivência. Assim, é formulado: *"Todo agitador operário que tenha algum talento, que 'prometa', não deve trabalhar 11 horas na fábrica. Devemos encontrar um meio para que viva com a ajuda do Partido, que possa passar à ação clandestina no momento preciso, que mude da localidade em que atue, pois, de outro modo, não adquirirá grande experiência, não ampliará seu horizonte, não poderá sustentar-se sequer alguns anos na luta contra a polícia"*.

Essa formulação foi indevidamente generalizada, como se o revolucionário profissional se caracterizasse por ter seu sustento garantido pelo partido. Há que observar com rigor que se tratava especialmente de casos particulares de operários capazes de se transformarem em revolucionários profissionais, no sentido leninista daquele que dedica toda a sua vida e energia à revolução.

Caráter conspirativo do partido

A ação conspirativa tem a ver com as condições concretas da luta da social-democracia contra o regime czarista, que sobrevivia em grande medida por meio da severa repressão aos explorados e, em particular, à sua vanguarda. Verificamos, no entanto, que essa característica não se esgotou, diante da especificidade da Rússia pré-revolucionária e revolucionária. A necessidade de o partido do proletariado ser conspirativo diz respeito à ditadura de classe da burguesia.

Nos termos colocados pelas divergências no movimento político russo da época, Lênin refuta, tanto aqueles que negam a necessidade da luta conspirativa, quanto os que reduzem a luta política à conspiração. Em outras palavras, refuta os economicistas, espontaneístas, que se atêm ao democratismo, e os populistas, que se prendem ao terrorismo. O caráter conspirativo é determinado pelas condições da luta de classes. Caso prevaleçam as liberdades políticas, torna-se possível uma ação partidária mais aberta, de forma a aproveitar a luta legal.

Em seu embate contra o democratismo no trabalho revolucionário e contra o conspiracionismo das organizações em cuja base está o terrorismo, Lênin chega à seguinte síntese: *“O único princípio sério de organização, perante o qual os dirigentes se devem ater em nosso movimento, tem de ser o seguinte: a mais severa discricção conspirativa, a mais rigorosa seleção de filiados, e a preparação de revolucionários profissionais. Se se conta com essas qualidades, está garantido algo muito mais importante que o ‘democratismo’, a saber: a plena e fraternal confiança mútua entre os revolucionários.”*

A natureza revolucionária do partido, que, como tal, se guia pela estratégia da revolução social, sem dúvida, está obrigado a combinar o trabalho clandestino e aberto no seio do proletariado. Se tiver de ser mais oculto, ou mais aberto, depende das condições da luta de classes. Esse fundamento político-organizativo do partido leninista não deve ser tomado isoladamente da concepção geral do partido revolucionário.

Jornal como organizador coletivo

A primitiva social-democracia não contava com um jornal nacional. Suas atividades se limitavam a publicações locais, em sua maioria, na forma de panfletos. Esse trabalho de agitação não dava conta da propaganda. Estava de acordo com o que pensavam os espontaneístas, dedicados agitadores.

A luta de Lênin por constituir um partido centralizado, voltado ao trabalho político em todos os aspectos da vida nacional, e em todas as camadas sociais, exigia um jornal distinto das publicações locais. Entendia-o como um instrumento de condução do partido e portador de diretrizes gerais, que permitissem a intervenção centralizada na luta pela direção do proletariado.

Em essência, concebia o jornal segundo a premissa de que, sem teoria revolucionária, não há prática revolucionária. As denúncias, não apenas deviam continuar, como também se ampliar, por meio de panfletos e outras publicações locais. Não havia incompatibilidade entre o rico e múltiplo trabalho de agitação com o de propaganda revolucionária. A única condição era de que o jornal não devia se rebaixar ao nível do panfleto fabril. Os acontecimentos diários da luta de classes deveriam “interessar a todos os operários e a todos os dirigentes do movimento”. Isto é, ultrapassaria o interesse local. A generalização da experiência da luta de classes cabe ao jornal nacional. A agitação particular, fabril, fornece elementos para a orientação geral do partido.

Lênin diagnosticava que *“o predomínio da imprensa local sobre a central é sinal de penúria ou de luxo. De penúria, quando o movimento ainda não alcançou força para um trabalho em grande escala, quando ainda vegeta dentro dos métodos primitivos, e quase se afoga ‘na pequenez da vida fabril’. De luxo, quando o movimento já dominou plenamente a tarefa das denúncias em todos os sentidos, e da agitação em todos os sentidos, de modo que, além do órgão central, se fazem necessários numerosos órgãos locais”*.

Desse diagnóstico, concluía que *“a maioria das organizações locais deve pensar, sobretudo, em um órgão destinado a toda Rússia, e trabalhar principalmente para ele”*. Somente quando essa tarefa estiver cumprida, se poderá estabelecer uma relação indispensável entre o órgão central e os órgãos locais.

Lênin teve de rechaçar a acusação dos espontaneístas, que resistiam ao partido centralizado, dirigido por um jornal para toda a Rússia. Acusações como a de que estaria negando a luta cotidiana, e abraçando a “propaganda de ideias brilhantes e acabadas”. Ou, então, que se pretendia uma propaganda voltada para os operários cultos. Ao que Lênin demonstrava que o partido tinha de trabalhar para superar as limitações dos operários, que se encontravam presos à camisa de força da luta exclusivamente econômica. Apoiou-se na premissa de que as massas em luta aprendem, com a ajuda do partido. E que era preciso

ajudá-las “*a formar os dirigentes da luta, tanto entre os operários cultos, quanto entre os intelectuais*”, e que “*esses dirigentes podem se formar exclusivamente compreendendo, de modo sistemático e cotidiano, todos os aspectos da nossa vida política, todas as tentativas de protesto e da luta das distintas classes, e por diversos motivos*”. O jornal nacional é necessário para cumprir esse objetivo.

Em síntese: “*O jornal não é somente um propagandista e um agitador coletivo, mas também um organizador coletivo*”.

Essa definição do jornal revolucionário está intimamente ligada ao desenvolvimento da luta programática, à propaganda política, ideológica e teórica e à agitação. De maneira que não se trata “*de um trabalho de gabinete de pessoas contaminadas de doutrinário e literalismo*”, mas de um trabalho prático cotidiano, voltado a preparar o proletariado para dirigir a revolução. O jornal, como organizador coletivo, dá coesão às fileiras do partido, e permite a propaganda e agitação coletivas.

Resposta aos ataques dos populistas contra o partido

Ao refutar o populismo, caracterizado pelo subjetivismo, Lênin demonstra como o marxismo revela as leis gerais da formação histórica do capitalismo, que, como tal, permitem encontrar as particularidades de sua manifestação nos distintos países. É o que se analisa no reconhecimento das transformações capitalistas na Rússia, e na sua estrutura de classe. Esta é a base material para a formulação do programa revolucionário, cuja força motriz já era o proletariado, ainda que minoritário em relação às massas camponesas. Ao refutar o subjetivismo dos populistas, chamados de “Amigos do Povo”, Lênin identifica a aliança entre duas classes distintas, a operária e a camponesa, como forças sociais da revolução democrática e da luta estratégica socialista. Eram opostas à burguesia liberal. Considera necessário lutar “ao lado da democracia radical, contra o absolutismo”, sem, no entanto, deixar de defender que a luta contra suas instituições “*somente é necessária como um meio para facilitar a luta contra a burguesia*”. Não se podia, assim, perder de vista que a vitória final é contra a burguesia. O ataque dos populistas ao marxismo expunha a sua degeneração pequeno-burguesa, e sua dependência à fração burguesa liberal. É nesse embate com os populistas que comparecem as primeiras formulações leninistas sobre o partido.

Os populistas não admitiam essa posição marxista, mas pleiteavam “a *unificação*’ e a *aliança*’ de todos os grupos revolucionários para a conquista da liberdade política”. Lênin os critica por não reconhecerem a necessidade da discussão do programa, uma vez que estava colocada a aglutinação dos “lutadores contra o absolutismo”, em torno da construção do partido. Era necessário romper a exclusividade da luta contra o absolutismo, estabelecendo a base socialista do programa.

Nas condições de desintegração do movimento populista, Lênin entendeu como positiva a unificação dos vários agrupamentos, desde que se constituísse “*um firme programa de reivindicações democráticas, que acabasse com os prejuízos sobre a velha excepcionalidade russa*”. Eis a formulação completa: “*Os social-democratas consideram, naturalmente, que a criação de semelhante partido democrático seria um passo positivo, e o trabalho social-democrata, dirigido contra o populismo, deve contribuir para isso, deve contribuir para extirpar todo tipo de preconceitos e mitos, para agrupar os socialistas, sob a bandeira do marxismo, e formar um partido democrático integrado pelos grupos restantes*”. Nota-se que Lênin se apoia nas tendências objetivas do desenvolvimento político das massas. Não se opõe ao chamado dos grupos vinculados ao populismo a constituir uma aliança unificadora, mas defende que se dê sobre “*um firme programa de reivindicações democráticas*”. E que resulte na superação do populismo, degenerado pelo “*adocicado radicalismo pequeno-burguês*”. Outro aspecto da questão é que os social-democratas (assim se identificaram por um período os marxistas russos) não podiam participar dessa unificação, uma vez que seu objetivo era o de “*organização independente dos operários em um partido operário especial*”. Não se tratava para os marxistas de constituir um partido democrático, que não correspondia ao papel histórico da classe operária de lutar pelo socialismo.

O trabalho dos marxistas, voltado à criação de um partido que promovesse a “*organização independente dos operários*”, necessariamente se distinguiu por travar o combate contra a autocracia e a própria burguesia. O que nenhum outro agrupamento poderia cumprir. Nesse trabalho, era fundamental o desenvolvimento da teoria revolucionária, tão negada e combatida pelos populistas. É de inestimável valor a seguinte formulação: “*Por mais que ainda haja muito que fazer para a elaboração dessa teoria, os socialistas o farão; isso está garantido pela divulgação entre eles do materialismo, único método científico que exige que todo o programa seja uma formulação exata de um processo real; (...)*”. “*Ao sublinhar,*

assim, a necessidade, importância e magnitude do trabalho teórico dos social-democratas, de maneira alguma quero dizer que tal trabalho deva ter prioridade em relação ao trabalho prático; e muito menos que a segundo seja substituído, até a conclusão do primeiro”. (...) “De maneira completamente distinta, se coloca o problema quando a tarefa dos socialistas está em serem os dirigentes ideológicos do proletariado, em sua luta efetiva contra os verdadeiros inimigos e atuais, que existem na vida real do presente desenvolvimento econômico e social. Nestas condições, o trabalho teórico e o trabalho prático se fundem em um todo, em um só trabalho que, com tanto acerto, definiu o velho social-democrata alemão Liebknecht (...)”.

(...) “A atividade política dos social-democratas consiste em contribuir para o desenvolvimento e organização do movimento operário na Rússia, permitindo que saia do estado atual, de tentativas de protestos, motins e greves esporádicas, estando privados de uma ideia diretriz, convertendo-o em luta organizada de toda classe operária russa, dirigida contra o regime burguês, e tendente à expropriação dos expropriadores, a destruição do regime social baseado na opressão do trabalhador. Na base dessa atividade, está o convencimento, comum aos marxistas, de que o operário russo é o único e natural representante de toda população trabalhadora e explorada da Rússia”. (...) “Está aí por que o operário fabril não é outra coisa senão o representante avançado de toda a população explorada; para que possa cumprir sua função de representá-la, em uma luta organizada e consequente, é preciso algo muito distinto que entusiasma-lo com qualquer perspectiva; para isso, é preciso tão somente fazer com que compreenda qual é sua situação, fazer com que compreenda a estrutura do sistema político e econômico que o oprime, a necessidade e inevitabilidade do antagonismo de classe sob esse sistema”. (...) “Consequentemente, os social-democratas dirigem toda sua atenção e toda sua atividade para a classe operária. Quando seus representantes de vanguarda assimilarem as ideias do socialismo científico, a ideia do papel histórico do operário russo, quando essas ideias alcançarem uma ampla divulgação, e entre os operários se criarem sólidas organizações, que transformem a atual guerra econômica esporádica dos operários em uma luta consciente de classes, então, o operário russo, colocando-se à cabeça de todos os elementos democráticos, derrubará o absolutismo, e conduzirá o proletariado russo (ao lado do proletariado de todos os países), pelo caminho direto da luta política aberta, à vitória da revolução comunista”.

Lênin tinha 24 anos, quando escreveu o extraordinário livro “Quem são os ‘amigos do povo’ e como lutam contra os social-democratas”.

Assentou os primeiros fundamentos do partido revolucionário, lutando contra os populistas. É visível o vínculo entre as novas condições da luta de classes na Rússia, o desenvolvimento do proletariado, a decadência do movimento populista, e o surgimento de uma vanguarda que encarnava o marxismo.

Constituir a vanguarda marxista no seio do proletariado

Lênin via a necessidade de constituir uma vanguarda revolucionária, intimamente ligada ao movimento operário, que despontava como a principal força social de combate à autocracia, e de luta pelo socialismo. O folheto “Tarefas dos Social-democratas Russos” apregoa o vínculo entre a agitação das reivindicações mais elementares entre os operários, e a “propaganda da doutrina do socialismo científico”. Eis:

“A divulgação do socialismo e das ideias da luta de classes entre os operários da cidade desaguará, inevitavelmente, essas ideias por canais mais restritos, mais diversos; para isso, é necessário que essas ideias deitem raízes mais profundas nos meios mais preparados, e contagem a vanguarda do movimento operário russo e da revolução russa. Ao voltar todas suas forças à atuação entre os operários fabris, a social-democracia russa está disposta a apoiar os revolucionários russos que, através da prática, chegam a organizar um trabalho socialista baseado na luta de classes do proletariado, sem ocultar, para isso, por mínimo que seja, que não são as alianças práticas com outros grupos de revolucionários que podem ou devem conduzir a contrair compromissos ou fazer concessões a respeito da teoria, do programa e da bandeira. Persuadidos de que somente a doutrina do socialismo científico e da luta de classes podem ser, no presente, a teoria revolucionária, que serve de bandeira ao movimento revolucionário, os social-democratas russos a propagarão com toda energia, a defenderão das falsas interpretações, se levantarão contra qualquer tentativa de vincular o movimento operário da Rússia, ainda jovem, a doutrinas menos definidas. As considerações teóricas demonstram, e a atividade prática dos social-democratas confirma, que todos os socialistas na Rússia devem transformar-se em social-democratas”.

Essa formulação evidência a necessidade de separar a vanguarda marxista dos populistas (Naródinoe Pravo e Naródinai Volia). Nenhuma concessão deveria ser feita, uma vez que se tratava da constituição do partido do proletariado sobre a base da teoria e do programa revolu-

cionários. A experiência da “União de luta pela emancipação da classe operária” servia de exemplo. Seu trabalho no seio da classe operária de São Petersburgo refletia todo o problema organizativo do movimento operário russo em geral. As colocações de Lênin procuravam generalizar essa experiência. Eis:

“Por acaso não é esta, precisamente, a atividade da “União de Luta pela emancipação da classe operária” de São Petersburgo? Por acaso, essa organização não representa, precisamente, o embrião de um partido revolucionário, sobre a base do movimento operário, e que dirige a luta de classe do proletariado, a luta contra o capital e contra o governo absolutista, sem organizar conspiração de nenhuma espécie, e extraíndo sua força exatamente da fusão da luta socialista e democrática numa luta de classes, uma e indivisível, do proletariado petersburguês?”

Lênin mostra, assim, que o movimento operário já havia dado passos concretos, no sentido de organizar o seu partido revolucionário. Não se tratava, portanto, de uma discussão abstrata e caprichosa. O curso que tomaria o movimento da classe operária dependia, em grande medida, de superar os estágios anteriores, marcados pelo populismo.

O Partido é o programa

Como se trata de formulações que antecederam a obra “Que Fazer?”, resumiremos as colocações de Lênin dos artigos “O Nosso Programa (1899)”, “A nossa tarefa imediata (1899)” e “Tarefas urgentes do nosso movimento (1900)”. É bem explícita a compreensão de que o partido é o programa. Em outras palavras, há uma relação intrínseca entre a concepção marxista do partido, a sua particular organização, e o programa que conduz o proletariado à luta pelo poder. A teoria e o seu desenvolvimento alicerçam o programa, e este, ao se fundir com o movimento da classe operária, concretiza a teoria, e a enriquece. Os fundamentos teóricos do programa se encontram no socialismo científico de Marx e Engels. A tarefa dos revolucionários começa por assimilá-lo sobre a base da experiência da luta de classes nacional e internacional.

Lênin mostra o cuidado que se deve ter em não estabelecer uma relação mecânica dos fundamentos do socialismo científico com o partido. Eis: *“A doutrina de Marx estabeleceu as verdadeiras tarefas de um partido socialista revolucionário: não inventar planos de reorganização da sociedade, nem pregar aos capitalistas e seus serviçais a melhoria da situação dos operários, nem tampouco montar conspirações, mas organizar a luta de*

classe do proletariado e dirigir esta luta, cujo objetivo final é a conquista do poder político pelo proletariado e a organização da sociedade socialista. (...) Não consideramos a teoria de Marx como algo concluído e intangível; pelo contrário, nos convencemos de que ela somente colocou os fundamentos da ciência que os socialistas devem desenvolver em todos os sentidos, se não pretendem ficar para trás na vida. Acreditamos, sobretudo, que os socialistas russos devem desenvolver, por si próprios, a teoria de Marx, porque essa só fornece os princípios diretivos gerais, que se aplicam, em cada caso, em particular, na Inglaterra diferentemente da França, na França diferentemente da Alemanha, na Alemanha diferentemente da Rússia”.

No artigo “A Nossa Tarefa Imediata”, Lênin desenvolve a noção de particularidade nacional. Constata, pela observação das diversas experiências do movimento operário europeu que não há um modelo acabado de construção partidária. De fato, na Rússia, a social-democracia se originou de círculos revolucionários, que, por um período, pôde desenvolver-se no seio do proletariado, de forma mais ou menos isolados uns dos outros, mas que, no final do século XIX, já colocavam uma profunda transformação estrutural, deviam dar lugar a um partido centralizado, e regido por um jornal que fosse um eficaz porta-voz nacional. No “Que Fazer?”, Lênin vai às últimas consequências na defesa dessa concepção. Em “A Nossa Tarefa Imediata”, coloca: “(...) devemos propor-nos o lançamento do jornal do partido, o seu regular aparecimento, a sua estreita vinculação a todos os grupos locais.” Por essa via, os revolucionários poderiam comparecer perante a classe operária como portadores do programa e da teoria marxista. As lutas locais e isoladas tendem a se generalizar e se transformam em luta política contra o Estado e seus opressores. A “luta espontânea” dos explorados deve tornar-se em luta por “objetivos políticos e socialistas definidos”, para isso, é preciso o partido centralizado, coeso, e capacitado a se defender dos ataques dos exploradores.

Um ano depois, Lênin, no artigo “Tarefas Urgentes do Nosso Movimento”, dará maior ênfase e precisão a essa formulação: a social-democracia é a fusão do movimento operário e do socialismo. O seu papel não é o de servir passivamente ao movimento operário em cada uma das suas fases, mas o de expressar os interesses do conjunto do movimento operário, de lhe apontar o seu alvo final, os seus objetivos políticos, de salvaguardar a sua independência política e ideológica. Desligado da social-democracia, o movimento operário degenera e transforma-se, por força, em um movimento burguês: ao sustentar exclusivamente a luta

econômica, a classe operária perde sua independência política, torna-se um apêndice de outros partidos, e atraiçoa a mais elevada bandeira – “*A emancipação da classe operária deve ser obra dos próprios trabalhadores*”.

Lênin reporta-se ao Primeiro Congresso do POSDR, de 1898, realizado em Minsk, para assinalar que se devia cumprir a tarefa de formulação do programa, da organização e da tática. Em especial, a questão da organização comparecia como o grande obstáculo para o desenvolvimento da luta revolucionária. Entendia que havia uma lacuna, que não permitia à jovem geração de revolucionários superar os condicionamentos dos velhos militantes, que resistiam em mudar os métodos organizativos. Faz uma das primeiras formulações sobre a natureza da militância, sua relação com o movimento operário, e sua encarnação do programa e da tática. Assim formula: “*Há que formar os homens que, não só consagram à revolução os seus tempos livres, mas toda sua vida; há que levantar uma organização tão considerável, que possa aplicar uma rigorosa divisão do trabalho aos aspectos distintos da nossa atividade*”.

As formulações do período que vai de 1894 a 1900, na forma de livro, folheto e artigo, preparam o caminho da obra que cercará o problema por todos os lados, que a situação do movimento revolucionário russo exigia “Que Fazer?”

III. LÊNIN ESTRATEGISTA

Lênin estrategista

“Nenhum apoio ao governo de Guchkov-Miliukov”

Concluimos a síntese das principais formulações de Lênin sobre o partido. Ocupamo-nos do período inicial, que vai de 1894, quando foi escrito *“Quem são os amigos do povo e como lutam contra os social-democratas”*, a 1902, quando da publicação do *“Que Fazer?”*. Daremos sequência, sintetizando as formulações de Lênin em torno à estratégia da revolução proletária.

Tudo indica que o *“Projeto de Teses”*, de 4 de março de 1917, expressa uma mudança de Lênin, com as respostas dadas ao processo revolucionário na Rússia. Anteriormente, seus escritos se concentravam em torno da guerra imperialista, da rejeição ao pacifismo burguês, do combate ao social-chauvinismo, e da defesa do internacionalismo proletário. Com a abdicação do czar e a constituição do governo provisório burguês, no dia 2 de março de 1917, apoiado pelos socialistas revolucionários e mencheviques, abria-se uma nova etapa da Revolução Russa. Lênin, informado por meio de telegramas, afirmou em seu *“Projeto de Teses”*: *“Somente um governo operário, que se apoie, primeiro, na grande maioria da população camponesa, nos trabalhadores agrícolas e nos camponeses pobres; e, segundo, na aliança com os operários revolucionários de todos os países em guerra, poderá dar ao povo paz, pão e plena liberdade (...). O proletariado revolucionário não pode, portanto, considerar a revolução do dia 1º março*

mais que um triunfo inicial, e de nenhuma maneira completo, em seu importante caminho. O proletariado deve continuar lutando por uma república democrática e pelo socialismo (...). É necessário demonstrar a todos os trabalhadores da cidade e do campo, e também aos soldados, a verdade sobre o atual governo e sua verdadeira atitude diante dos problemas urgentes. É necessário organizar sovietes de deputados operários e armar os operários. As organizações proletárias devem se estender ao exército (...) e ao campo”.

O “Projeto de Teses” estabelece a tarefa de combater o governo burguês, caracterizado por Lênin de aliança entre Outubrista e Cadete, com a política do proletariado, portanto, com a estratégia de tomada do poder, o que exigia preparar as condições, cuja tarefa fundamental era a de organizar os conselhos (sovietes), e armar a classe operária. Está fixada, claramente, a linha estratégica e tática que dará a vitória à revolução de Outubro.

Em seguida, Lênin redigirá suas “*Cartas de Longe*”, entre 7 e 26 março de 1917. Nesse espaço de tempo, ainda se encontrava em Zurique (Suíça). No dia 26 de março, os bolcheviques exilados, que estavam para regressar à Rússia, aprovaram o texto “Carta de despedida aos operários suíços”. Nela, é fixada a seguinte posição: “*Nossa bandeira é: nenhum apoio ao governo de Guchkov-Miliukov! Enganam o povo aqueles que afirmam a necessidade deste apoio para evitar a restauração da monarquia. Ao contrário, o governo de Guchkov já está negociando a restauração da monarquia na Rússia. Somente o armamento e a organização do proletariado pode impedir que Guchkov e aliados restaurem a monarquia na Rússia. Somente o proletariado revolucionário da Rússia e de toda a Europa, fiel ao internacionalismo, é capaz de libertar a humanidade dos horrores da guerra imperialista*”. Conclui: “*O proletariado russo não pode, com apenas suas forças, acabar vitoriosamente a obra da revolução socialista. Mas, pode imprimir à revolução russa um impulso poderoso, que criará as melhores condições para a revolução socialista; e, em certo sentido, a iniciará. Pode facilitar o surgimento de condições para que seu aliado mais importante, mais fiel e mais seguro, o proletariado socialista europeu e norte-americano, se lance à luta decisiva (...)* As condições objetivas da guerra imperialista são uma garantia de que a revolução não se limitará à primeira etapa da revolução russa, de que a revolução não se limitará à Rússia. O proletariado alemão é o aliado mais fiel e mais seguro da revolução russa e da revolução proletária mundial”.

Nota-se que Lênin, mesmo à distância, não só se mantinha muito bem informado sobre os acontecimentos na Rússia e na Europa, como

também estabelecia os elos da crise do capitalismo na situação de guerra, e media com precisão as forças sociais em choque. O desenvolvimento posterior da revolução na Rússia comprovou a importância decisiva da bandeira de *“Nenhum apoio ao governo de Guchkov-Miliukov”*. Tinha claro que a independência política, ideológica e organizativa do proletariado era fundamental para a continuidade da revolução, que apenas começava. Estava colocada a transformação da revolução democrática burguesa em revolução proletária. Qualquer apoio ao governo dos Outubroistas e Cadetes seria a morte da revolução. Distintamente dessa posição, os socialistas revolucionários e mencheviques estiveram na base da constituição de tal governo, em nome da revolução democrática. Há que acrescentar ainda a formulação de que, na Rússia, apenas se iniciava a revolução proletária como *“prólogo da revolução socialista mundial”*, como está expresso na *“Carta de despedida aos operários suíços”*.

Em 3 abril de 1917, Lênin está de volta e, na praça da estação de trem, em Petrogrado, faz um discurso de saudação à classe operária e aos soldados russos, por terem derrubado o czar e iniciado a revolução social. Imediatamente, elaborou um esboço para orientar o partido bolchevique, diante da grave situação. Tratava-se do *“Primeiro Projeto das Teses de Abril”*, datado, portanto, de 3 de abril. No dia seguinte, participou de uma reunião de delegados bolcheviques que interviriam na Conferência dos soviets de deputados operários e soldados de toda a Rússia. Expôs os principais aspectos das *“Teses de Abril”*. No centro da discussão, estava a guerra e a nova etapa da revolução. Combate abertamente as posições do defensismo. Ou seja, de apoio à política do governo de continuar a guerra imperialista. Em resumo: *“O proletariado, com consciência de classe, pode dar seu consentimento a uma guerra revolucionária que justifique realmente o defensivo revolucionário, somente sob as seguintes condições: a) que o poder passe às mãos do proletariado e dos setores mais pobres dos camponeses aliados do proletariado; b) que se renuncie de fato, e não só em palavras, a todas as anexações; c) que se rompa realmente e de modo absoluto com todos os interesses capitalistas”*.

Lênin retoma a posição de nenhum apoio ao governo provisório. Critica a vacilação dos bolcheviques, que mostravam alguma confiança no governo. Diretamente, afirma: *“Se isso é assim, nossos caminhos são distintos. Prefiro permanecer em minoria”*. Considera um erro o fato de o jornal Pravda exigir do governo que renunciasse às anexações. Eis: *“Exigir de um governo capitalista que renuncie às anexações é um absurdo,*

é uma fraude flagrante (...)”. E exigia que se reconhecesse o erro. Nessa reunião, fica absolutamente clara a divergência estratégica e tática de Lênin com as posições que o partido vinha desenvolvendo. Esclarece que o problema estava no programa, superado pela nova situação. Deveria, portanto, ser modificado. As “*Teses de Abril*” vinham ao encontro dessa tarefa. Chega ao ponto de propor a mudança do nome do partido para Partido Comunista. Demonstra que o conceito de social-democracia é impreciso. E estava apodrecido. O que dizia respeito à capitulação da social-democracia à guerra imperialista. Assim, vinham à luz do dia as “*Teses de Abril*”, que marcaram a virada decisiva da política do bolchevismo.

Revisão e mudança de tática

Em julho de 1917, a crise revolucionária se agrava, devido ao fato de o Governo Provisório manter a Rússia na guerra imperialista e enviar novos contingentes de soldados à frente de combate. As baixas aumentaram, a fome e a miséria se espalharam ainda mais. No dia 3 de julho, ocorreu uma manifestação de operários e soldados nas ruas de Petrogrado. A bandeira de “todo o poder aos soviets” tremulou, em meio à massa de revoltosos. Em sua vanguarda, estavam os bolcheviques.

Amadureciam, rapidamente, as condições para a insurreição e a tomada do poder. Apesar da frota do Báltico estar disposta a seguir a orientação da tomada do poder, o partido bolchevique ainda não estava em condições de dirigir o levante até as últimas consequências. O governo de Kerensky se viu na necessidade de reprimir brutalmente. A ação policial foi dirigida contra o partido bolchevique. Seus locais foram saqueados. A redação do Pravda foi destruída. Dirigentes bolcheviques presos, entre eles Trotsky e Kamenev. Lênin, em particular, passou a ser caçado. A reação espalhou que Lênin era um traidor da pátria, que havia se colocado a serviço da Alemanha. O Comitê Central do partido decidiu que deveria ir para a mais absoluta clandestinidade. Lênin se refugiou na fronteira com a Finlândia, o mais próximo possível de Petrogrado. Por um tempo, viveu disfarçado como ceifeiro. Manteve o contato com o Comitê Central, que também estava na clandestinidade, por meio de Ordzhonikidze, principalmente. Kerensky assumiu a forma do governo ditatorial, abertamente contrarrevolucionário, formou um novo ministério com a ala mais à direita dos socialistas revolucionários. Restabeleceu a pena de

morte e os tribunais de exceção. Em agosto, a crise chegou ao extremo. O general Kornilov, no dia 25 de agosto, lançou sobre Petrogrado uma divisão de soldados. Kerensky se mostrou incapaz de reagir, uma vez que estava comprometido de fato com a contrarrevolução. A vitória de Kornilov sobre os soviets de Petrogrado concluiria num golpe de Estado. É nesta circunstância que Lênin expõe a tática do proletariado para derrotar a contrarrevolução, e avançar a luta pelo poder.

Lênin, ainda na clandestinidade, escreveu uma Carta ao Comitê Central do POSDR em que, mais uma vez, evidencia a necessidade de combater as vacilações de parcela dos bolcheviques. Nela, encontramos a relação entre a tática e a estratégia. Traz ensinamentos extraordinários para a construção do partido revolucionário em nossos dias.

AO COMITÊ CENTRAL DO POSDR

Lênin, 12 de setembro de 1917

“É possível que estas linhas cheguem com atraso, pois, os acontecimentos se desenvolvem às vezes com uma velocidade vertiginosa. Escrevo-as na quarta-feira de 30 de agosto; os destinatários a lerão não antes de sexta-feira de 2 de setembro; mas, apesar disso, entendo que é meu dever escrever o seguinte:

A rebelião de Kornilov é uma inesperada virada nos acontecimentos (inesperada pelo momento e pela forma), e incrivelmente brusca.

Como toda virada brusca, exige uma revisão e uma mudança de tática. E, como diante de toda revisão, devemos ser extraordinariamente prudentes, para não violar princípios. A meu juízo, incorre em violação de princípios quem (como Volodarski) desliza até as posições do defensivismo, ou (como outros bolcheviques) até um bloco com os socialistas revolucionários, até o apoio ao governo provisório. Sua atitude é absolutamente equivocada, é uma falta de princípios. Tornar-nos-emos defensores, somente depois que o poder passe ao proletariado, depois de propor a paz, depois que os tratados secretos e os vínculos com os bancos sejam rompidos, somente depois. Nem a queda de Riga, nem a queda de Petrogrado, nos farão defensores (peço que isto seja dado a Volodarski para que leia). Até então, estamos pela revolução proletária, estamos contra a guerra, e não somos defensores.

Não devemos apoiar o governo de Kerensky, nem mesmo agora. É uma falta de princípios. Perguntarão: não vamos lutar contra Kornilov?

Certamente que sim! Mas não é o mesmo; aqui há uma linha divisória, que ultrapassam alguns bolcheviques, que caem na “conciliação”, e se deixam arrastar pelo curso dos acontecimentos.

Vamos lutar, lutamos contra Kornilov, exatamente como fazem as tropas de Kerensky, mas não apoiamos Kerensky. Pelo contrário, desmascaramos sua debilidade. Essa é a diferença. É uma diferença bastante sutil, mas essencial, e não deve ser esquecida.

Em que consiste, pois, nossa mudança de tática, depois da rebelião de Kornilov?

Consiste que mudamos a forma de nossa luta contra Kerensky. Sem afrouxar nenhum milímetro nossa hostilidade a ele, sem retirar uma só palavra dita contra ele, sem renunciar à tarefa de derrubar Kerensky, dizemos: é preciso levar em conta a situação atual. Não vamos derrubar Kerensky agora. Encaremos de outra maneira a tarefa de lutar contra ele, ou, mais precisamente, mostraremos ao povo (que luta contra Kornilov) a debilidade e as vacilações de Kerensky. Isso também se fazia antes. Mas, agora, passa a ser o fundamental; nisto consiste a mudança.

Além disso, a mudança consiste em que o fundamental passa a ser, agora, intensificar nossa campanha em favor do que poderíamos chamar “exigências parciais”, que devem colocar-se a Kerensky; prender Miliukov, armar os operários de Petrogrado, chamar as tropas de Kronstandt, de Viborg e de Helsingfors a Petrogrado, dissolver a Duma, prender Rodzianko, legalizar a entrega das terras dos latifundiários aos camponeses, implantar o controle operário sobre o cereal e as fábricas, etc. Devemos apresentar tais exigências, não só a Kerensky, mas principalmente aos operários, soldados e camponeses, arrastados pelo curso da luta contra Kornilov. Devemos manter seu entusiasmo, alentá-los a que liquidem os generais e oficiais que se pronunciaram a favor de Kornilov, insistir diante deles, para que exijam a entrega imediata da terra aos camponeses, sugerir a eles a necessidade de prender Rodzianko e Miliukov, de dissolver a Duma, fechar Riech e outros jornais burgueses, e iniciar uma investigação contra eles. Os socialistas revolucionários de esquerda são aqueles a quem mais é preciso empurrar nesta direção.

Seria incorreto pensar que nos afastamos da tarefa da conquista do poder pelo proletariado. Não! Aproximamo-nos muito dela, mas não em forma direta, mas pela lateral. É preciso fazer agitação, neste instan-

te, não tanto diretamente contra Kerensky, mas indiretamente contra ele, a saber: exigindo uma guerra ativa, cada vez mais ativa, autenticamente revolucionária contra Kornilov. O desenvolvimento desta guerra é o único caminho que pode nos conduzir ao poder, mas, em nossa propaganda, há que falar pouco sobre isso (muito bem recordando que amanhã mesmo os acontecimentos podem colocar o poder em nossas mãos e, então, não renunciaremos a ele). Parece-me que deveríamos comunicar isto em uma carta (não nos jornais) aos propagandistas, aos grupos de agitadores e propagandistas, e aos membros do partido em geral. É preciso lutar implacavelmente contra as frases em torno da defesa do país, em torno da frente única dos democratas revolucionários, em torno do apoio ao governo provisório, etc., uma vez que são frases vazias. Devemos dizer: agora é o momento de trabalhar; vocês, senhores socialistas revolucionários e mencheviques, faz tempo que desgastaram essas frases. Agora, é o momento de trabalhar; a guerra contra Kornilov deve ser levada a cabo, de maneira revolucionária, atraindo as massas, levantando-as, inflamando-as (Kerensky teme as massas, teme o povo). Na guerra contra os alemães, precisamente agora, é necessário trabalhar; é preciso propor a paz imediata e absoluta, sobre a base de condições precisas. Se fizermos isto, poderemos conseguir, seja uma paz imediata, seja transformar a guerra em guerra revolucionária; se não se faz isto, todos os mencheviques e socialistas revolucionários continuarão sendo lacaios do imperialismo.

Ganhar a direção do proletariado e das massas camponesas

Em julho, a crise revolucionária se agrava, devido ao fato de o Governo Provisório manter a Rússia na guerra imperialista e enviar novos contingentes de soldados à frente de combate. As baixas aumentaram, a fome e a miséria se espalharam ainda mais. No dia 3 de julho, ocorreu uma manifestação de operários e soldados, nas ruas de Petrogrado. A bandeira de “todo o poder aos soviets” tremulou em meio aos revoltosos. Em sua vanguarda, estavam os bolcheviques.

Em 22 de abril, Lênin havia escrito “*Os ensinamentos da Crise*”, que respondem às manifestações de 20 e 21 de abril. Como se vê, trata-se da orientação de Lênin, cerca de dois meses antes dos combates de julho. Naquele momento, demonstrava e explicava que a revolução somente poderia ser vitoriosa, caso o proletariado reunisse em torno de si a maio-

ria. Importantes camadas da pequena burguesia deveriam se colocar no campo da revolução. O que significava separá-las da política conciliadora e contrarrevolucionária dos mencheviques e socialistas revolucionários. Havia, portanto, que vencer a oscilação da pequena burguesia. A decisão do governo provisório, de manter a Rússia na órbita da França e Inglaterra, na guerra imperialista com a Alemanha, passava a pesar decisivamente no ânimo revolucionário dos soldados, que, por sua vez, expressavam a mecânica das classes sociais, no momento em que o País afundava em sangue e miséria.

O artigo *“Os Ensinamentos da Crise”*, na realidade, fundamentava a posição do Comitê Central, aprovada no mesmo dia, 22 de abril. A essência da resolução consistia em reconhecer a importância da pequena burguesia no desenvolvimento da revolução. A sua oscilação entre o proletariado e a burguesia indicava, tanto a possibilidade de isolar o proletariado, como a de juntar-se a ele, e colocar-se sob sua direção. Está aí por que a resolução do Comitê Central considerava incorreta, para aquela situação, o chamado para pôr abaixo o governo provisório. Ainda não havia uma maioria que confirmasse a liderança da classe operária para derrubar o governo e tomar o poder. A resolução chama atenção para os perigos de uma ação prematura, que poderia concluir em uma aventura. Era preciso que os bolcheviques ganhassem a direção dos sovietes de operários e soldados. A tarefa, portanto, colocada pela crise de 20 e 21 de abril, era a de demonstrar, para o proletariado, a pequena burguesia e os soldados, que o governo provisório, não apenas não seria capaz de romper com a política de guerra imperialista, como submeteria ainda mais a Rússia aos interesses da Inglaterra e França. A militância deveria realizar uma grande ofensiva nas fábricas, nos bairros e nos quartéis. Tratava-se de criar as condições para a guerra civil, e, para isso, era importante evitar uma ofensiva dessa natureza, quando a pequena burguesia ainda demonstrava ilusão no governo provisório e nos partidos que o sustentavam.

A exposição objetiva da mecânica de classes na crise de abril é um bom exemplo da aplicação do marxismo. Devemos aproveitar ao máximo, observando e assimilando a ação estratégica de Lênin na situação revolucionária, que se conformava e se desenvolvia na Rússia.

OS ENSINAMENTOS DA CRISE

Lênin, 22 de abril de 1917

“Petrogrado e toda a Rússia passaram por uma séria crise política, a primeira crise política desde a revolução. Em 18 de abril, o governo provisório publicou sua lamentável célebre nota, confirmando os objetivos de rapina da guerra, com muita clareza, ao ponto de provocar a indignação das massas, que acreditavam honradamente nos desejos (e possibilidade) dos capitalistas de *“renunciar às anexações”*. Em 20-21 de abril, Petrogrado fervia. As ruas estavam cheias de manifestantes; de dia e de noite, se formavam círculos e grupos, e surgiam comícios de variadas proporções, em toda a parte; não cessavam as grandes manifestações. A crise, ou sua primeira etapa, parecia terminada ontem, 21 de abril, à noite, quando o Comitê Executivo do Soviete de deputados operários e soldados e, em continuidade, o próprio Soviete, se declararam satisfeitos com as explicações e emendas na nota, e os “esclarecimentos” do governo (que de fato não passavam de frases vazias, que não dizem absolutamente nada, que não mudam nada, e não obrigam o governo a nada). Eles consideraram que o *“incidente está terminado”*.”

Se as massas consideram que *“o incidente está terminado”*, o que está por vir dirá. Nossa tarefa, agora, é fazer um estudo profundo das *forças*, das classes, que se revelaram na crise, e tirar disso os ensinamentos para o partido proletário. A importância de toda a crise é que nela se manifesta o que há de oculto, despreza o relativo, o superficial e o insignificante, arrasta a escória política, e expõe a alavanca da verdadeira luta de classes.

A rigor, com sua nota de 18 de abril, o governo dos capitalistas não fez senão retirar suas notas anteriores, nas quais adornava a guerra imperialista com ambiguidades diplomáticas. Os soldados estavam indignados, pois, acreditavam honradamente na sinceridade e nas intenções pacíficas dos capitalistas. As demonstrações começaram como demonstrações de soldados, com a consigna contraditória ineficaz e equivocada: *“Abaixo Miliukov!”* (como se a troca de pessoas ou de grupos pudesse modificar a essência da política).

Isso significa que as massas, instáveis, vacilantes, que estão mais próximas do campesinato, e que, por sua definição científica de classe, é pequeno-burguesa, oscilou, se distanciou dos capitalistas, indo em direção aos operários revolucionários. Essa oscilação ou movimento das massas, suficientemente forte para se constituir em fator decisivo, provocou a crise.

Foi nesse momento que outros setores começaram a se agitar, a sair às ruas e se organizar, não as camadas médias, mas sim os extremos, não a massa pequeno-burguesa intermediária, mas a burguesia e o proletariado.

A burguesia toma a avenida Nevski (avenida “Miliukov”, como chamou um jornal) e os bairros adjacentes de Petersburgo rico, de Petersburgo dos capitalistas e dos funcionários governamentais. Oficiais, estudantes e “classes médias” participaram nas demonstrações a favor do governo provisório, e, entre as consignas, aparecem, frequentemente, as bandeiras: *“Abaixo Lênin!”*

O proletariado se lançou às ruas em seus próprios centros, nos subúrbios operários, em torno dos chamados e das consignas do Comitê Central de nosso partido. Nos dias 20 e 21 de abril, o Comitê Central aprovou resoluções que foram, imediatamente, transmitidas ao proletariado, por meio das organizações do partido.

Os operários enchem os bairros pobres, menos centrais e, depois, em grupos, penetram a avenida Nevski. Essas demonstrações, por seu caráter massivo e coeso, se diferenciam das demonstrações da burguesia. Muitas bandeiras levam a inscrição: *“Todo o poder ao Soviete de deputados, operários e soldados”*.

Na avenida Nevski, ocorrem choques. As manifestações “hostis” desfraldam mutuamente suas bandeiras. O Comitê Executivo recebe, em vários lugares, por telefone, as notícias de que ambos os bandos tinham disparado, de que havia mortos e feridos; mas as notícias são extremamente contraditórias e sem confirmação.

A burguesia vocifera sobre o *“espectro da guerra civil”*, apressando assim o medo de que as verdadeiras massas, a real maioria do povo, tomem o poder. Os dirigentes pequeno-burgueses do soviete, os mencheviques e os populistas – que, nem depois da revolução, nem durante a crise, tiveram uma clara e definida linha partidária – se deixam amedrontar. No Comitê Executivo, onde, nas vésperas da crise, quase a metade tinha votado contra o governo provisório, se reúnem agora 34 votos (com 19 contra) a favor do retorno à política de confiança e de acordo com os capitalistas.

E o “incidente” se dá por “terminado”.

Qual é a essência da luta de classes? Os capitalistas estão pelo prolongamento da guerra, e encobrem esse fato, com frases vazias e falsas promessas; estão envolvidos nas redes do capital bancário russo, anglo-

francês e norte-americano. O proletariado, representado por sua vanguarda com consciência de classe, está pela passagem do poder à classe revolucionária, classe de operários e semiproletários, pelo desenvolvimento de uma revolução operária mundial, uma revolução que cresce, evidentemente, também na Alemanha, e pelo fim da guerra, por meio de tal revolução.

As massas, principalmente pequeno-burguesas, que ainda acreditam nos dirigentes mencheviques e populistas, que estão absolutamente intimidados pela burguesia, e que, ainda que com alguma reserva, realizam a política desta, oscilam prontamente, tanto à direita como à esquerda.

A guerra é espantosa; golpeou mais duramente as amplas massas, é ali onde começam a compreender, ainda que muito vagamente, que a guerra é criminosa, que se realiza pelas rivalidades e disputas dos capitalistas pela repartição do seu espólio. A situação mundial se complica mais e mais. Não há outra saída, a não ser a revolução operária mundial, uma revolução que, na Rússia, está atualmente mais avançada que em qualquer outro país, mas que também avança visivelmente na Alemanha (greves, confraternização). E as massas vacilam: vacilam entre a confiança em seus antigos senhores, os capitalistas, e o ódio a eles; entre a confiança ao novo, que oferece a perspectiva de um futuro luminoso a todos os trabalhadores, a única classe consequentemente revolucionária, o proletariado, e uma compreensão imprecisa de seu papel na história mundial.

Não é esta a primeira vez, nem será tampouco a última, que a massa pequeno-burguesa e semiproletária vacila.

O ensinamento é claro, camaradas operários! Não há tempo a perder. Depois desta crise, outras seguirão. Vocês devem despender todos seus esforços ao esclarecimento dos atrasados, ao contato amplo, fraternal e direto (não só por meio de reuniões), com cada regimento e com cada grupo dos setores de trabalhadores que ainda não estão esclarecidos! Todos os esforços se devem concentrar na consolidação de suas próprias fileiras, da organização dos operários de baixo a cima, incluindo cada distrito, cada fábrica, cada bairro da capital e dos subúrbios! Não se deixem enganar pelos pequenos burgueses, que “conciliam” com os capitalistas, pelos defensistas, pelos que dão “apoio”, nem pelos indivíduos impacientes, que gritam *“Abaixo o governo provisório!”* antes que a maioria do povo esteja solidamente unida. A crise não pode ser superada pela violência exercida por indivíduos contra indivíduos, nem por ações lo-

cais de pequenos grupos armados, nem mediante tentativas blanquistas de “tomar o poder”, “prender” o governo provisório, etc.

A tarefa do momento é explicar, da maneira mais definida, mais clara e mais amplamente, a política do proletariado, seu caminho para pôr fim à guerra. Unam-se às fileiras e colunas do proletariado, onde quer que possam, com mais amplitude, com maior resolução! Unam-se em torno de seus sovietes, e neles, mediante a persuasão fraternal e a reeleição de alguns de seus membros, e procurem unir uma maioria em torno de vocês!”

Esgotada a primeira etapa da revolução - a importância das “Cartas de Longe”

Voltamos no tempo, analisando as “*Cartas de Longe*”. Lênin se preparava para o retorno à Rússia. Esses escritos correspondem a cinco cartas, que abrangem o curto período de 7 a 26 de março de 1917. A quinta carta ficou inacabada, provavelmente, por ter sido escrita nas vésperas de sua partida. As cartas indicam que Lênin viu a necessidade de esclarecer a posição do Partido Operário Social-democrata Russo diante da constituição do governo burguês, nascido da revolução de 27 de fevereiro de 1917. A distância não lhe impedia de ter clareza geral sobre os acontecimentos, que lhe chegavam por meio de telegramas e jornais da burguesia. Mas, se ressentia das particularidades, sem as quais não poderia determinar o ritmo das transformações.

Na terceira carta, reflete seu desespero, em não poder participar e interferir diretamente na ordem dos acontecimentos. Reclama: “*Daquei, desta maldita distância, não posso julgar até que ponto é iminente esta segunda revolução*”. Referia-se ao acerto de Skóbeliev, menchevique e vice-presidente do soviete de Petrogrado, ao afirmar que a Rússia se encontrava na véspera de uma segunda revolução. Acerto esse que não era acompanhado das correspondentes conclusões práticas. O que significava extrair a tática justa das condições objetivas do processo revolucionário. Para isso, era preciso ter claro “*até que ponto*” o proletariado russo estava diante da “*iminência*” da “*segunda revolução*”. A precisão com que se desenvolve o confronto entre a burguesia e a classe operária em torno do novo governo burguês era fundamental para a tática a ser adotada.

Eis a apreensão com que Lênin se refere à caracterização de uma segunda revolução e o seu ritmo (a iminência): “*Por estar no lugar dos*

fatos, Skóbeliev pode apreciar melhor os acontecimentos. Consequentemente, não me coloco problemas para cuja solução não disponho, nem posso dispor de dados concretos necessários. Limito-me a assinalar a confirmação de Skóbeliev, uma 'testemunha imparcial', isto é, que não pertence ao nosso partido, da conclusão real, a que cheguei em minha primeira carta, isto é, que a revolução fevereiro/março não foi senão a primeira etapa da revolução russa, que atravessa um momento histórico muito peculiar, de transição à próxima etapa da revolução ou, para empregar as palavras de Skóbeliev, a 'segunda revolução'."

De fato, a primeira carta, de 7 de março, se inicia com tal caracterização: *"A primeira revolução, engendrada pela guerra imperialista mundial, eclodiu. A primeira revolução, mas, certamente, não a última. A julgar pela escassa informação de que se dispõe na Suíça, a primeira etapa dessa primeira revolução, ou seja, da revolução russa de 27 de fevereiro de 1917, está concluída"*. De maneira que Skóbeliev confirmava a caracterização de Lênin, porém, pela sua condição de menchevique, portanto, de apoiador do governo burguês de Guchkov e Miliukov, não poderia ser consequente. Ao contrário, afirma Lênin: *"Se queremos ser marxistas e extrair os ensinamentos da experiência das revoluções em todo o mundo, devemos nos esforçar por compreender em que consiste precisamente a peculiaridade deste momento de transição, e que tática se desprende de suas características específicas, objetivas"*. Era preciso saber com precisão que governo era aquele, que emergiu da revolução em que o proletariado foi a força motriz. E que relações de classe se desenvolviam sob tal governo e, consequentemente, em que ponto se encontrava a transição que concluiria em uma "segunda revolução". Embora Lênin reconhecesse que seria um *"absurdo pensar que é possível daqui do estrangeiro determinar o ritmo real com que amadurece"* a segunda revolução, considera que o proletariado ainda não está em condições de derrubar o novo governo. Assim, conclui, na terceira carta, pela necessidade de organizar a classe operária como dirigente da maioria oprimida. Concretamente, correspondia potenciar os soviets já existentes, e ampliá-los para outros lugares, necessários ao triunfo da revolução.

Notamos que, nas cinco Cartas, Lênin formula o programa a ser desenvolvido nesse período de transição da revolução burguesa para a revolução proletária, determinando a correspondente tática para materializar a estratégia. Na primeira carta, Lênin evidencia os fatores decisivos da revolução de fevereiro/março. Fatores que correspondiam a leis histó-

ricas (“*Os milagres não existem, nem na natureza, nem na história...*”). Demonstra que, sem a revolução de 1905-1907, que foi esmagada pelo czarismo, não seria possível a revolução que derrubou a monarquia. Na realidade, os levantes de 1905 constituíram a primeira revolução, em que se expuseram a importância do proletariado como classe revolucionária, e a necessidade da aliança com a imensa massa de camponeses oprimidos. O período de reação, de 1907 a 1914 não foi em vão, uma vez que completou a exposição da falência da monarquia e seu caráter sangrento. Vejamos essa síntese: “*Sem a revolução de 1905-1907 e a contrarrevolução de 1907-1914, não teria sido possível uma ‘auto definição’ tão clara de todas as classes do povo russo e de todos os povos que habitam a Rússia, uma definição da relação dessas classes entre si e com a monarquia czarista, que se manifestou durante os oito dias da revolução de fevereiro/março de 1917*”.

A primeira guerra mundial ocupou um lugar de grande importância para a revolução. O problema não estava em reconhecer esse fato, mas o de ter a clareza suficiente de sua natureza imperialista. Os bolcheviques, liderados por Lênin, já vinham travando um combate contra o social-chauvinismo, que, como tal, ocultava as raízes de classe da guerra. Em fins de outubro e início de novembro de 1916, Lênin escreveu as “*Tarefas da Esquerda de Zimmerwald no Partido Social-democrata Suíço*”. Defendeu a posição de que cabia ao “*Partido Social-democrata Suíço desmascarar o verdadeiro caráter do governo, que se arrasta diante da burguesia imperialista e dos militaristas, denunciar o engano do povo com frases sobre a democracia, etc., demonstrar que esse governo (...) é muito capaz de vender os interesses do povo suíço a uma ou outra das coalizões imperialistas*”. Em dezembro, divulgou “*Teses sobre a atitude do Partido Social-democrata Suíço diante da guerra*”. Expôs de início a caracterização: “*A atual guerra mundial é uma guerra imperialista, cujo objetivo é a exploração econômica e política do mundo, a conquista de mercados, de fontes de matérias-primas e de novas esferas de inversão de capital, a opressão dos povos débeis, etc. A fraseologia sobre a ‘defesa da pátria’ de ambas as coalizões beligerantes não é mais que um engano burguês aos povos*”.

Lênin, assim, travou um combate sem trégua por estabelecer uma posição programática e principista sobre um fenômeno novo, que era a primeira guerra mundial. Em seu escrito “*Posição de princípios a respeito do problema da guerra*”, de dezembro de 1916, alertou o proletariado e sua vanguarda: “*A verdadeira alternativa é: ou as formas atuais, ocultas, de*

luta interna do partido, com seu desmoralizador efeito sobre as massas, ou uma luta de princípios, aberta, entre a tendência internacionalista revolucionária e a tendência de Grütli, dentro e fora do partido”.

Recorremos a esses escritos para mostrar como Lênin, desde a Suíça, encarnava profundamente a posição internacionalista do marxismo, em uma nova situação de guerra e de luta de classes mundiais. Está aí por que a primeira Carta de Longe acentua o problema da guerra. O governo burguês russo nasceu pelas mãos do imperialismo anglo-francês, e estava destinado a dar continuidade à guerra imperialista. Somente os bolcheviques poderiam dirigir o movimento revolucionário russo contra a guerra imperialista e, portanto, contra o governo de Guchkov e Miliukov, transformando-a em guerra civil do proletariado e dos camponeses contra a burguesia.

Armamento geral da população

Demonstramos, no comentário anterior, dois aspectos importantes. Primeiro, o reconhecimento de que a revolução de 27 de fevereiro tinha concluído, assumido o caráter burguês, e aberto uma situação de transição para uma segunda revolução, em cuja base estavam os soviets, que se apresentavam como embrião de um governo operário. Segundo, que era necessário distinguir e separar a posição burguesa da do proletariado, diante da guerra imperialista. A clara definição desses pontos foi decisiva, para os bolcheviques se colocarem na direção do movimento revolucionário, preparando as condições para unir os camponeses e os soldados em torno do proletariado. E, assim, chegar com segurança no momento preciso da tomada do poder pela insurreição armada. Sem essa posição programática e principista, fundamentada nos acontecimentos internacionais e da Rússia, não seria possível a Lênin travar o combate contra o conjunto das forças que se colocavam por apoiar o governo burguês de Guchkov e Miliukov. Luta essa que também teve de ser desenvolvida na direção do próprio partido bolchevique.

Enfatizemos a conclusão da 1ª Carta: *“Aquele que diz que os operários devem apoiar o novo governo, em razão da luta contra a reação czarista (e aparentemente isto foi dito pelos Potrésov, pelos Gvózdiev, pelos Chjenkeli e também Chjeidze, apesar de sua ambiguidade) trai os operários, trai a causa do proletariado, a causa da paz e da liberdade”.* Estava claro, para Lênin, que se tratava de um governo submisso ao capital imperialista, que tinha

interesse em promover anexações, e que já havia indicado a disposição de restaurar a monarquia. O apoio a tal governo liquidaria os soviets, e levaria à vitória da contrarrevolução. Tratava-se, portanto, de enfrentar as forças no seio do movimento revolucionário, que renunciava à luta do proletariado pelo seu próprio poder.

Em tom agitado, a 1ª Carta convocava a vanguarda a preparar as condições para o período de transição entre a 1ª e a 2ª revolução. Não se tratava ainda da tomada do poder, mas de fortalecer o movimento das massas e soldados, sob a tática marxista da independência de classe, e da organização voltada à estratégia do poder. Lênin exorta: *“Operários! Vocês fizeram o prodígio do heroísmo proletário, o heroísmo do povo, na guerra civil contra o czarismo. Vocês devem fazer o prodígio de organização do proletariado e de todo o povo, para preparar o caminho da vitória na segunda etapa da revolução”*.

Na 2ª Carta, Lênin retorna à mesma questão. Diz: *“O proletariado não pode e não deve apoiar um governo de guerra, um governo de restauração. Para combater a reação, para rechaçar todas as possíveis e prováveis tentativas dos Románov e de seus amigos, de restaurar a monarquia e organizar um exército contrarrevolucionário, é necessário não apoiar Guchkov e aliados, e organizar, engrossar e fortalecer uma milícia proletária, armar o povo, sob a direção dos operários”*. Enfatiza, nessa carta, a preparação para um levante armado.

Na 3ª Carta, que em boa parte já comentamos, Lênin desenvolve os meios e a tática, necessários para a tomada do poder. Destrincha as relações de classe, para evidenciar a aliança revolucionária entre o proletariado e o campesinato. Defende que os soviets devem ser tratados como *“órgãos da insurreição”*. Recorre às experiências da Comuna de Paris de 1871, e da Revolução Russa de 1905, para indicar a necessidade de um *“governo revolucionário”*, que comece por destruir o Estado burguês. Não era o objetivo do proletariado aperfeiçoar a máquina do Estado. Põe à luz, em plena situação revolucionária, a concepção marxista de Estado, mostrando o caminho por onde passaria a segunda revolução. Explica que *“Se o proletariado pretende defender as conquistas da presente revolução e continuar adiante, se pretende conquistar a paz, o pão e a liberdade, deve – empregando a expressão de Marx – ‘destruir’ essa maquinaria do Estado ‘pré-fabricada’, e substituí-la por uma nova, fundindo a polícia, o exército e a burocracia com todo o povo armado”*. Assim, *“o proletariado deve organizar e armar todos os setores pobres e explorados da população,*

para que eles mesmos possam tomar diretamente, em suas próprias mãos, os organismos do poder do Estado, e possam eles mesmos estabelecer esses organismos do poder do Estado”.

A revolução de fevereiro, protagonizada pelo proletariado, desmontou o velho Estado monárquico. O novo governo burguês estava ali para reerguer a polícia, e o exército, para esmagar a revolução que seguia seu curso. Ao contrário, a tarefa que se colocava para os soviets e sua vanguarda era a do armamento geral da população. Não se devia confundir a bandeira burguesa de milícia popular, organizada pelo governo, que trabalhava para reestruturar as forças armadas do Estado, separadas e contrapostas aos explorados, com o povo em armas. Lênin define: *“Uma autêntica milícia popular, isto é, uma milícia que, em primeiro lugar, esteja formada por toda população, por todos os cidadãos adultos de ambos os sexos, e que, em segundo lugar, combine as funções de um exército popular com funções de polícia, com as funções de órgão principal e fundamental da ordem pública e da administração pública”.* Assinalava, nesse sentido, a incorporação das mulheres em todas as formas de luta, e em todas as funções públicas. Portanto, essa milícia *“seria uma milícia proletária, porque os operários fabris e urbanos exerceriam uma influência dirigente sobre a massa dos pobres, de maneira tão natural e inevitável, como desempenharam o papel de dirigente na luta revolucionária do povo, tanto em 1905-1907, como em 1917”.*

Chama a atenção dos bolcheviques e do conjunto da vanguarda revolucionária de que estavam diante de uma situação que se modificava rapidamente. Era preciso compreender que não estavam no período anterior à revolução de fevereiro de 1917, em que *“a tarefa imediata era realizar uma audaz propaganda revolucionária internacionalista, chamar as massas à luta, despertá-las”.* Agora, era preciso dar conta ao *“período de transição”*, que conduzia à vitória da revolução ou da contrarrevolução. Assim, mostrava, nesta 3ª Carta, que a *“tarefa imediata é a da organização, não só no sentido corriqueiro de se pôr a constituir organizações corriqueiras, mas no sentido de incorporar, em proporções nunca vistas, as amplas massas das classes oprimidas, a uma organização que assumirá as funções militares, políticas e econômicas do Estado”.* O caminho assinalado era o de instaurar a república socialista.

Posição programática e de princípio sobre a guerra imperialista

A 4ª Carta começa retomando a questão da guerra. Chegou às mãos de Lênin um comunicado telegráfico de Berlim, em que se dizia que o escritor Máximo Gorki havia saudado a revolução, e chamado o povo russo a apoiar o governo burguês. E pede a ele que promova a paz. Lênin, que tinha muito apreço a Gorki, se diz profundamente amargurado em se deparar com uma posição tão errônea. Sabendo de sua influência em uma vasta camada da pequena burguesia e em setores da classe operária, Lênin se vê na obrigação de contestá-lo.

A posição de princípio e de tática sobre a guerra já havia sido amadurecida no folheto *“O imperialismo, etapa superior do capitalismo”*. Estava, agora, diante da necessidade de conduzir o partido bolchevique a aplicá-la nas condições revolucionárias, que avançavam para a 2ª revolução. O governo czarista havia iniciado a guerra imperialista, sob a condução da Inglaterra e França, e o governo que o sucedeu na revolução de fevereiro continuava a expressar as mesmas forças econômicas e sociais interessadas na guerra de rapina.

Lênin responde aos *“prejuízos filisteus”* de Gorki: *“O governo dos Guchkov e dos Miliukov, que é um governo latifundiário e capitalista, se vê obrigado a continuar e querer continuar precisamente essa mesma guerra. Pedir a esse governo que conclua uma paz democrática é o mesmo que pre-dicar a virtude aos guardiões dos prostíbulos”*. E conclui: *“Para obter a paz (e mais ainda, para uma paz autenticamente democrática, autenticamente honrada), é necessário que o poder político esteja nas mãos dos operários e camponeses mais pobres, e não dos latifundiários e capitalistas”*.

Em seguida, Lênin apresenta os seguintes pontos programáticos:

“1) O Soviete de deputados, operários, soldados e camponeses de toda a Rússia (o Soviete de Petersburgo, que o substituiu provisoriamente) declarará imediatamente que não está atado a nenhum tratado concluído, nem pela monarquia czarista, nem pelos governos burgueses;

2) Publicará imediatamente todos esses tratados para denunciar a infâmia dos objetivos de saque estabelecidos pela monarquia czarista, e por todos os governos burgueses, sem exceção;

3) Chamará, imediata e abertamente, todas as potências beligerantes a negociarem sem demora uma armistício;

4) Dará a conhecer imediatamente a todo o povo nossas condições

de paz, as condições de paz dos operários e dos camponeses; de libertação de todas as colônias; de libertação de todas as nações dependentes, oprimidas ou em condições de inferioridade;

5) Declarará que nada de bom se pode esperar dos governos burgueses, e exortará os operários de todos os países a derrotá-los, e a entregar todo o poder político aos soviets de deputados operários;

6) Declarará que as dívidas de milhões, contraídas pelos governos burgueses para realizar essa guerra criminosa, de rapina, devem ser pagas pelos próprios senhores capitalistas, e que os operários e camponeses se negam a reconhecer essas dívidas. Pagar os juros desses empréstimos, significa pagar, durante longos anos, tributos aos capitalistas, por terem permitido, cortesmente, aos operários que se matassem entre si, para que os capitalistas pudessem repartir o botim.”

Esse programa se mostrou completamente de acordo com a realidade, e foi encarnado por operários, camponeses e soldados.

A 5ª Carta, como já havíamos assinalado, ficou incompleta. Lênin a interrompeu às pressas, em razão de sua partida da Suíça para a Rússia. Seria dedicada à questão da tomada do poder e do Estado. No fragmento, enumera as tarefas que aparecem nas Cartas anteriores, distribuídas em nove pontos. Na realidade, formavam um programa para a revolução. Baseado nele, pretendia responder às posições de Karl Kautsky, dirigente da social-democracia alemã e da II Internacional. Lênin deixou apenas um parágrafo – também inacabado – sobre as refutações a esse importante marxista, que acabou trilhando o caminho do revisionismo. Transcrevemos, assim, o referido parágrafo: *“Desgraçadamente, Kautsky promove essa tese, absolutamente indiscutível, em forma excessivamente geral, de modo que, na essência, não diz, nem explica, nada. Miliukov e Kerensky, membros de um governo burguês e imperialista, subscreveriam de bom grado essa tese geral, o primeiro subscreveria a primeira parte, e o outro, a segunda (...).”* A generalidade a que se refere Lênin diz respeito a uma passagem de Kautsky que considera *“imperiosa a necessidade para o proletariado: a democracia e o socialismo”*. Mais tarde, em nome da democracia, Kautsky condenará a revolução e ditadura do proletariado.

Os nove pontos programáticos estabelecidos por Lênin refletiam as reais condições da revolução e de seu desenvolvimento. Não admitiam generalidades, do tipo “democracia e socialismo”. Kautsky havia demonstrado seu abandono do internacionalismo marxista, e adentrado ao social-chauvinismo diante da guerra.

Necessária revisão programática - corrigir a linha do partido

As “Cartas de Longe” se chocaram frontalmente com a linha que a direção dos bolcheviques vinha desenvolvendo, em torno da revolução democrático-burguesa de fevereiro. Essa direção considerava que a derubada da monarquia e a constituição do novo governo deveriam ser consolidadas, de forma que entendia que a revolução burguesa ainda não havia sido concluída. Separava a revolução em duas etapas distintas, sendo que a primeira estava em pleno vigor, o que impunha a conclusão de que o governo provisório deveria ser defendido contra as ameaças da contrarrevolução. Acreditava que o governo burguês expressava determinados interesses do proletariado e dos camponeses. Enquanto esses interesses permanecessem, era preciso em alguma medida apoiar o governo. Essa cegueira colocava a direção dos bolcheviques no campo do defensismo revolucionário, ou seja, de apoio à política de guerra do governo. Evidentemente, havia posições internas contrárias a essa linha, no momento, expressada, principalmente, por Molotov. Kamenev encarnava as posições de apoio ao governo burguês de Miliukov e Guchkov. As Cartas de Longe foram rejeitadas e engavetadas pela direção do partido. Apenas a 1ª foi publicada no Pravda de 21 de março de 1917, mesmo assim amputada.

Como relatamos anteriormente, a 5ª Carta ficou incompleta e, no fragmento, Lênin indicava a intenção de desenvolver algumas de suas teses fundamentais. O que de fato ocorrerá, já no início de abril, quando chegou à Rússia. O documento “*As tarefas do proletariado na atual revolução*” acabou popularizando-se como Teses de Abril. Lênin, na introdução, avalia que sua preparação foi insuficiente. Assim que chegou a Petrogrado, as apresentou em 4 de abril, primeiramente para os bolcheviques, e depois em uma reunião com bolcheviques e mencheviques. De fato, as Teses de Abril são sintetizadas em 10 pontos. Servirão para “*Cartas sobre tática*”, escritas em 8 de abril. E, em seguida, Lênin apresentou um “*Projeto de plataforma do partido proletário*”, escrito em 10 de abril, que constitui uma revisão programática. Intitula de “*Tarefas do proletariado em nossa revolução*”.

Nas Teses de Abril, retoma as principais formulações das Cartas de Longe, e faz novas considerações sobre o caráter da revolução. Em essência, define a situação como de esgotamento da primeira etapa da

revolução, e a passagem para a segunda etapa, cuja tarefa estratégica é a de conquistar o poder do Estado pelos soviets de operários, camponeses e soldados. É o que consta na tese 2. Essa caracterização traz como tarefa urgente superar a condição minoritária dos bolcheviques nos soviets. Haveria de desenvolver, sobre a base das experiências das massas, a linha do bolchevismo. Lênin acentua a importância de convencer os explorados, por meio da explicação e do exemplo, baseado nas necessidades práticas, sobre a estratégia de poder dos bolcheviques. Na tese 5, estabelece que a revolução que se aproxima dará lugar a uma *“república dos soviets de deputados operários, peões rurais e camponeses”*. Na tese 6, responde à questão camponesa, com o programa de confisco de todas as terras dos latifundiários e nacionalização. Na tese 7, coloca a tarefa de fundir os bancos em um único banco nacional, colocado sob o controle dos soviets de deputados operários. Na tese 8, refere-se ao socialismo. Para Lênin, a revolução proletária não começaria imediatamente pelas tarefas socialistas, mas sim por resolver as tarefas democráticas, que permitiriam avançar no sentido da *“produção social e distribuição de produtos, sob o controle dos soviets de deputados operários”*. Esse ponto, em particular, terá todo um desenvolvimento após a Revolução de Outubro. As duas últimas teses apenas anunciam tarefas quanto ao partido e à Internacional. Era urgente ajustar o programa, por meio de um Congresso, e modificar o nome do partido. Neste particular, há uma avaliação subjacente, de que a social-democracia se tinha adaptado e apodrecido no capitalismo, e que era preciso passar a se denominar de partido comunista. Na tese 9, consta apenas mudar o nome do partido. Quanto ao internacionalismo, estava colocada a criação de uma nova Internacional. Também nesse caso, é anunciada de passagem e de forma geral. Mais à frente, Lênin a nomeará como III Internacional.

Nota-se que as Teses de Abril, como reconhece o próprio Lênin, foram escritas às pressas, provavelmente durante a viagem de volta à Rússia, e, por isso, as tarefas do partido e da Internacional são apenas anunciadas. Pontos esses que não apareceram nas Cartas de Longe.

O desenvolvimento das Teses de Abril será feito imediatamente no projeto de plataforma *“As tarefas do proletariado em nossa revolução”*.

Superada a fórmula de ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato

É necessário, para melhor compreender o desenvolvimento das análises e das posições de Lênin, que desembocaram no “*Projeto de Plataforma do Partido Proletário*”, considerar também suas “*Cartas sobre a tática*”, de 8 de abril de 1917. Esse escrito prepara o terreno das divergências com a direção dos bolcheviques, representada por Kamenev. Lênin responde sobre o que teria mudado para que a antiga fórmula da “*ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato*”, que guiou os bolcheviques até a revolução de fevereiro, fosse considerada ultrapassada. Kamenev era um dos arautos da tese de que a revolução burguesa não havia concluído e, por isso, a luta do proletariado se concentraria em completá-la. O que significava orientar o partido para a não tomada do poder. Ao contrário, Lênin já havia anunciado, nas “*Cartas de Longe*”, que a revolução de fevereiro havia transferido o poder da aristocracia monárquica para a burguesia, o que abria uma nova etapa da revolução, que era a luta de classes entre o proletariado e a classe que estava no poder.

Estando distante dos acontecimentos, Lênin não viu a necessidade de pôr de lado a antiga fórmula de poder da “*ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato*”, que correspondia à revolução democrático-burguesa. Mas, em abril, a situação se tornou bem mais visível, uma vez que a política do governo provisório transpareceu os interesses do imperialismo diante da guerra, e a reação contra as aspirações dos camponeses. Não apenas esse aspecto demonstrava que a revolução burguesa havia concluído. Havia um outro, fundamental, a existência dos soviets como um poder paralelo, que, pela política dos mencheviques e socialistas revolucionários, sustentava o governo burguês. Kamenev atacava Lênin, sem compreender que a “*ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato*” havia se materializado nos soviets e que, como tal, já não tinha vigência.

Vejamos essa passagem: “*E a realidade nos mostra o fato de que os deputados, soldados e camponeses, livremente eleitos, se incorporam livremente ao segundo governo, ao governo paralelo, e livremente o reforçam, desenvolvem e completam. E, com igual liberdade, entregam o poder à burguesia, feito que de nenhum modo contradiz a teoria marxista, pois, sempre soubemos, e muitas vezes assinalamos, que a burguesia se mantém no poder, não somente*

pela força, mas também pela falta de consciência de classe e de organização, pela rotina e estado de opressão das massas”.

O segundo governo corresponde aos soviets, que se ergueram como organismos das massas em luta contra a autocracia, e concluíram servindo à constituição do primeiro governo, que é o poder da burguesia no Estado. O proletariado ainda não estava em condições de dirigir-se, por meio dos soviets, à tomada do poder. E os camponeses estavam sob a direção da política pequeno-burguesa e burguesa. Lênin indicou que Kamenev e seus partidários não conseguiam ver a originalidade do fenômeno, que se manifestava no duplo poder. Tomemos mais essa passagem: *“Evidentemente, a realidade nos mostra, tanto a passagem do poder para as mãos da burguesia (uma revolução democrático-burguesa concluída do tipo corrente), como a existência, junto ao governo legal, de um governo paralelo, que representa a ‘ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato’. Esse ‘segundo governo’ cedeu o mesmo poder à burguesia, se prendeu por si mesmo ao governo burguês”.*

Estava, portanto, esgotada a estratégia da *“ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato”*. Tratava-se da tarefa de separar os camponeses pobres e em luta, da política que os prendia ao governo nascido da revolução de fevereiro. Essa era a tarefa que exigia uma tática correspondente ao objetivo de tomar o poder e instaurar o governo operário e camponês, a ditadura do proletariado.

Lênin, na luta por convencer o partido bolchevique da justeza de suas posições e dos erros de Kamenev, se viu obrigado a demonstrar o subjetivismo dos adversários. Detalha o movimento entre as classes, o governo burguês e os soviets, expondo a necessidade de preparar as condições políticas e organizativas para a tomada do poder. Reproduzimos essa última passagem, que introduz a *“Carta sobre a tática”*:

“O marxismo nos exige uma análise estritamente exata e objetivamente verificável das relações de classe e dos traços concretos próprios de cada momento histórico. Nós, os bolcheviques, sempre procuramos preencher este requisito, absolutamente essencial para dar à política uma base científica”.

Lênin esclarece que, depois da reunião de 4 de abril de 1917 com os bolcheviques, cujos delegados participariam da Conferência dos Soviets de deputados operários e soldados de toda a Rússia, Zinoviev pediu que repetisse o mesmo informe em uma reunião que se realizaria entre bolcheviques e mencheviques. As posições desenvolvidas por Lênin expuseram as divergências entre os próprios bolcheviques. Esta-

beleceu-se que era necessário discuti-las em todo o partido. Deveriam servir de base para a Conferência do partido, que se realizaria em 20 de abril de 1917.

As “*Cartas sobre a Tática*” acabaram se resumindo a apenas uma, a que comentamos acima. Em seguida, Lênin escreveu “*As tarefas do proletariado em nossa revolução*” (Projeto de Plataforma do Partido do Proletariado). Serviram para as discussões da Conferência, que acabou realizando-se em Petrogrado, entre 24 e 29 de abril de 1917.

Revolução Russa como parte da revolução mundial - enfrentando o revisionismo da II Internacional

Um aspecto que havia sido anunciado e que mereceu maior atenção foi o do internacionalismo proletário. Lênin reconheceu a falência da II Internacional e a necessidade de fundar a III Internacional. A divergência dos bolcheviques no seio da II Conferência de Zimmerwald, Estocolmo, Suécia, evidenciou a impossibilidade de manter relações com as posições centristas, que acabaram se adaptando completamente ao social-chauvinismo. Nesse terreno, Lênin tinha de demonstrar a justeza integral de sua caracterização sobre a falência da social-democracia internacional, e convencer os bolcheviques da necessidade de romper organizativamente com a II Internacional. Estava prevista a realização da III Conferência de Zimmerwald, o que exigia acentuar as energias, em favor da separação definitiva dos internacionalistas marxistas com os revisionistas.

Os confrontos entre as forças que atuavam nas entranhas da Revolução Russa estavam diante do problema da revolução e da contrarrevolução mundial. Concretamente, a situação colocava duas alternativas irreconciliáveis: ou lutar pela derrocada dos governos burgueses, para acabar com a guerra; ou apoiá-los, traindo os explorados e povos oprimidos. Na Rússia, essa polarização se colocou mais abertamente com a revolução burguesa de fevereiro. O estado mais avançado da luta pelo poder do proletariado russo tornava ainda mais claro o amadurecimento das condições revolucionárias na Europa conflagrada, principalmente na Alemanha, onde a social-democracia havia sido o pilar de sustentação da II Internacional. A Revolução Russa ocorria no âmbito da revolução europeia, cujo encadeamento

imediatamente era a revolução proletária na Alemanha. A condição para derrotar a contrarrevolução na Rússia e na Europa era a dos partidos operários assumirem, na prática, o programa internacionalista, que era testado pela 1ª Guerra Mundial.

Lênin desenvolveu, desde o início da guerra, a caracterização de que se tratava de uma conflagração inter-imperialista. Não podia ser confundida com uma guerra de defesa nacional. Expressava o enfrentamento das potências, guiadas pelo capital financeiro e monopolista, em torno dos mercados e do saque das nações oprimidas. A transferência do poder da aristocracia monárquica para a burguesia republicana, em fevereiro de 1917, portanto, depois de três anos de guerra que devastava a Europa e, em particular, a Rússia, evidenciou que a paz sem anexação e sem rapina não seria alcançada pela burguesia, mas sim pelo proletariado. Essa questão, que passou a dividir a social-democracia desde 1914, ganhou projeção, na forma da revolução ou da contrarrevolução na Rússia, diante da possibilidade de tomada do poder pelo proletariado. Estabeleceu-se, assim, o divisor de águas no seio da II Internacional. Em abril de 1917, cerca de dois meses após a revolução de fevereiro, a política do internacionalismo marxista compareceu como premissa da revolução que triunfaria em outubro.

Está aí por que Lênin traçou uma linha divisória, que percorreu todo o período, chegando às formulações mais acabadas no “*Projeto de Plataforma do Partido Proletário*”. Os três últimos pontos do Projeto referem-se ao internacionalismo. O ponto 19 e último, em que Lênin defende a mudança do nome para Partido Comunista, é parte do internacionalismo. Tomemos estas passagens:

“Devemos insistir que somos marxistas e que nos baseamos no Manifesto Comunista, que foi desfigurado e traído pela social-democracia em dois pontos essenciais: 1) Os operários não têm pátria – a ‘defesa da pátria’, na guerra imperialista, é uma traição ao socialismo; 2) A teoria marxista do Estado foi desfigurada pela II Internacional. (...) O nome da ‘social-democracia’ é cientificamente incorreto, como assinalou Marx repetidas vezes, em particular em 1875, na Crítica do Programa de Gotha, e como reiterou Engels, em forma mais popular, em 1894. Do capitalismo, a humanidade só pode passar diretamente ao socialismo, isto é, à propriedade social dos meios de produção, e à distribuição dos produtos segundo a quantidade de trabalho que realiza cada indivíduo. Nosso partido olha mais à frente: o socialismo deve, inevitavelmente, transformar-se gradualmente em comunismo, em

cuja bandeira está o lema 'De cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo sua necessidade'".

O segundo argumento quanto ao caráter anticientífico do nome social-democracia dizia respeito ao conteúdo do conceito de democracia. Nas palavras de Lênin:

"A democracia é uma forma de Estado. Nós, marxistas, somos contrários a todo tipo de Estado". O que não se deve confundir com anarquismo, uma vez que o marxismo *"reconhece a necessidade de um Estado para a transição ao socialismo", "não de um Estado do tipo da república parlamentar democrático-burguesa, mas de um Estado como a Comuna de Paris, de 1871, e como os soviets de deputados operários, de 1905 e 1917"*.

O último argumento de Lênin reforça o caráter internacionalista do partido. O capitalismo da época imperialista é de desintegração e de transição para o socialismo. Não há outra via, a não ser a revolução proletária, que começa em um país e se desenvolve internacionalmente. Lênin explica que: *"Objetivamente, a situação internacional é tal que o antigo nome de nosso partido facilita o engano do povo, freia o avanço, uma vez que, a cada passo, em cada jornal, em cada grupo parlamentar, as massas veem dirigentes, isto é, pessoas cujas palavras ressoam mais, e cujos atos são mais visíveis, no entanto, todos eles são 'pseudo social-democratas', todos estão 'pela unidade' com os traidores do socialismo, com os chauvinistas, e todos se apresentam cobrando os velhos bilhetes emitidos pela 'social-democracia'..."*. Lênin demonstra, assim, a absoluta necessidade de trocar o nome de Partido Social-democrata para Partido Comunista, que se distingue pelo programa da revolução proletária, e pelo internacionalismo que lhe corresponde.

A discussão do nome do partido mostrou a profunda compreensão de Lênin sobre o seu caráter histórico. Os bolcheviques, que atravessaram um período de luta interna no seio da social-democracia russa e internacional, diante da revolução proletária que se avizinhava, se viram premidos pela necessidade de total coerência estabelecida por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista. Os fatos deixavam claro que, sob a social-democracia, nasceu e proliferou o revisionismo, que, diante da catástrofe da 1ª Guerra Mundial, se revelava como agente da contrarrevolução.

Em dessa da fundação da III Internacional - ruptura com a II Internacional

Notamos inúmeros aspectos novos que a crise mundial do capitalismo e a guerra inter-imperialista trouxeram à tona. Entre eles, a possibilidade de esgotamento da Internacional. A I Internacional perdeu sua vigência, com o confronto entre o marxismo e o anarquismo. Marx e Engels não viram a possibilidade de manter a Associação Internacional dos Trabalhadores, depois da derrota programática, política e ideológica dos adversários. O esmagamento da Comuna de Paris contribuiu decisivamente para o esgotamento da I Internacional.

Baseado nessa experiência, Lênin travou um combate feroz aos revisionistas da II Internacional que abandonaram o marxismo. Depois de travar uma batalha contra a direita social-chauvinista, teve de enfrentar os centristas, encabeçados pelos kaustkistas. Uma clara definição sobre a II Internacional não podia ser adiada, diante do enfrentamento entre a revolução e a contrarrevolução, que sacudiam a Rússia e impunham a firmeza dos bolcheviques, em todos os aspectos programáticos e de princípios. A política pequeno-burguesa e burguesa, que se alinhava à política de guerra do imperialismo, teria de ser derrotada implacavelmente na Rússia, caso contrário, a revolução não triunfaria e não poderia se expressar internacionalmente. Estava claro que, na Alemanha, a social-democracia havia desarmado o proletariado. Sua fração revolucionária, representada por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, dependia da revolução russa para se potenciar. Estava prevista a realização da Conferência de Zimmerwald, convocada pela Comissão Socialista Internacional, para maio de 1917. A experiência havia demonstrado que os centristas, reunidos na União de Zimmerwald, já haviam capitulado perante a direita da II Internacional. Qualquer compromisso com a fração kaustkista, que era majoritária na Conferência de Zimmerwald, poderia causar incalculáveis danos para o movimento proletário internacional e, em especial, ao processo revolucionário que se desenvolvia na Rússia. Depois de adiamentos (a data prevista era de 31 de maio de 1917), a Conferência foi realizada entre 5 e 12 de setembro de 1917.

Lênin apresentou, no documento *“Projeto de Plataforma do Partido Proletário, as tarefas do proletariado em nossa revolução”*, a proposta de não participação, rompimento e fundação da III Internacional. Expôs

uma severa crítica aos centristas de Zimmerwald. Era preciso desmascarar “os socialistas de palavra e chauvinistas de fato”, que se enfileiraram por detrás da bandeira reacionária de “defesa da pátria em uma guerra imperialista”. Os centristas oscilavam entre os social-chauvinistas e os internacionalistas, encabeçados por Lênin, Liebknecht, etc. Lênin assim os acusava: “O ‘centro’ está formado pelos cultivadores da rotina, corroídos pela úlcera da legalidade, corrompidos pela atmosfera parlamentar, etc., burocratas acostumados a cargos cômodos e a trabalhos leves”. Estava claro que os centristas, a segunda força na II Internacional, não apenas não romperiam com a direita, como a fortaleceriam, mantendo seus laços social-chauvinistas. A esquerda revolucionária já estava em ruptura com ambas as frações, desde fins de 1916 e princípios de 1917, quando a maioria de Zimmerwald sucumbiu ao social pacifismo. É sobre a base dessas diferenças programáticas e de princípio, que Lênin defendeu a aprovação de uma resolução de ruptura na Conferência de abril dos bolcheviques. Eis a firme posição:

“Devemos romper imediatamente com esta Internacional. Devemos permanecer em Zimmerwald, somente com o objetivo de obter informação. Somos nós que devemos fundar, agora mesmo, sem demora, uma nova Internacional, revolucionária, proletária; ou melhor, não devemos ter medo de reconhecer publicamente que essa Internacional já foi fundada e atua”.

Lênin, sabendo que enfrentaria oposição, principalmente daqueles que viam a Internacional como um aparato, rechaçou o argumento numérico. “Não se trata da quantidade, mas de expressar corretamente as ideias e a política do proletariado verdadeiramente revolucionárias. Não é questão de ‘proclamar’ o internacionalismo, mas de saber ser internacionalista nos fatos, principalmente nos momentos mais difíceis”. Conclui: “esperar a reunião de congressos ou conferências internacionais é simplesmente trair o internacionalismo, uma vez que está demonstrado que, inclusive desde Estocolmo, não deixam chegar aqui os socialistas fiéis ao internacionalismo, nem sequer suas cartas, ainda que isso seja possível, e ainda que exista uma feroz censura militar (...). Nosso partido não deve ‘esperar’, e sim fundar imediatamente uma terceira Internacional”.

A Conferência dos bolcheviques, realizada entre 24 e 29 de abril de 1917, não aprovou essa linha. Um mês depois, Lênin fez a seguinte avaliação: “Agora se torna evidente que a Conferência cometeu um erro, e que o curso dos acontecimentos logo mais o corrigirá. Ao permanecer em Zimmerwald, nós (ainda que contra nossa vontade) ajudamos a postergar a cria-

ção da III Internacional, freamos indiretamente sua criação, por estarmos esmagados pelo peso morto da Conferência de Zimmerwald, política e ideologicamente morta". Os acontecimentos deram inteira razão a Lênin.

Agravamento da crise revolucionária

A divergência entre Lênin e Kamenev/Rikov tinha de ser urgentemente resolvida pelo partido, uma vez que se tratava do futuro do movimento revolucionário, e do lugar dirigente dos bolcheviques. Kamenev e Rikov se opunham à tese de que a revolução burguesa estava concluída, e se iniciava a segunda fase da revolução, que era proletária. Em síntese, para Lênin, a revolução democrático-burguesa dava lugar à revolução proletária. A estratégia da ditadura democrática, camponesa e proletária já havia se materializado na forma do duplo poder; de um lado, o poder da burguesia, com seu governo provisório, e, de outro, dos soviets de operários, camponeses e soldados. Tratava-se, agora, de desenvolver a estratégia da ditadura do proletariado.

O mês de abril foi extraordinariamente rico em acontecimentos e em formulações programáticas, teóricas e políticas do bolchevismo. Pode-se dizer que foi um momento crucial, para que o proletariado se fortalecesse, como dirigente dos camponeses e dos soldados, rumo à tomada do poder, tendo à frente os bolcheviques. Está aí por que, tanto a reação burguesa, quanto a pequeno-burguesa, identificavam o bolchevismo com o leninismo, e colocaram Lênin em suas miras. Viram perfeitamente que estavam diante do marxista mais completo, e que havia colocado os bolcheviques no caminho da revolução proletária.

Um dos pontos fundamentais da formulação de Lênin era o de que o governo burguês de fevereiro, inevitavelmente, seguiria a política de guerra dos aliados imperialistas. Por pouco tempo, esse governo enganou os operários, camponeses e soldados com palavreados de paz. Em 28 de março, o governo provisório se viu obrigado a revelar que levaria a Rússia a se manter na guerra, até que essa terminasse em vitória dos aliados. Em meados de abril, explodiram manifestações de soldados e operários. O governo burguês de fevereiro sentiu abrir a terra sob seus pés. Os soviets reagiram à tentativa de repressão do general Kornilov. Evidenciou o duplo poder e a impossibilidade de se manter como tal por muito tempo. É nessa situação que as posições de Lênin se potenciaram. Em junho, abriu-se uma nova jornada, com manifestações de operários e soldados, contra a decisão do governo de coalizão, de iniciar a ofensiva

de guerra. Os bolcheviques se fortaleciam e ganhavam terreno nos soviets, desenvolvendo as posições de Lênin contra a guerra imperialista, e sua transformação em guerra civil.

No final de junho, Lênin escreveu um artigo, publicado no Pravda, cujo título era “Momento Decisivo”. No início de julho de 1917, publicou, também no Pravda, o artigo demonstrando a importância da jornada de junho, cujo título era “O 18 de Junho”. Dada a importância desse momento, em que os bolcheviques tomavam a frente das lutas, e suas bandeiras eram desfraldadas pela marcha popular, publicamos abaixo os dois artigos.

MOMENTO DECISIVO

Lênin, 26 de junho de 1917

Na primeira etapa de seu desenvolvimento, a revolução russa entregou o poder à burguesia imperialista e criou ao lado deste o poder dos Sovietes de deputados, onde os democratas pequeno-burgueses tinham a maioria. A segunda etapa da revolução (6 de maio) afastou formalmente do poder os cinicamente francos porta-vozes do imperialismo Miliukov e Guchkov, e transformou nos fatos os partidos majoritários dos soviets em partidos governantes. Nosso partido permaneceu, antes e depois de 6 de maio, em minoria, na oposição. Isso foi inevitável, pois somos o partido do proletariado socialista, um partido que sustenta uma posição internacionalista. Um proletariado socialista, que adota uma posição internacionalista durante a guerra imperialista, tem de estar necessariamente na oposição a qualquer poder que leve a cabo essa guerra, não importando se esse poder seja monárquico ou republicano, ou esteja nas mãos de “socialistas” defensistas. O partido do proletariado socialista, inevitavelmente, unirá em torno de si massas cada vez maiores da população que são arruinadas pela prolongada guerra e que vão deixando de confiar nos “socialistas” serviços do imperialismo, da mesma maneira que antes deixaram de confiar nos próprios imperialistas. Por isso, a luta contra nosso partido começou nos primeiros dias da revolução. Por mais vis e repulsivas que sejam as formas de luta dos senhores cadetes e plekanovistas contra o partido do proletariado, o sentido da luta é muito claro. É a mesma luta que travaram os imperialistas e os Scheidemann contra Liebknecht e F. Adler (ambos, na realidade, foram declarados “loucos” pelo órgão central dos “socialistas” alemães, e não falemos da imprensa burguesa, que qualificou estes camaradas de “traidores” a ser-

viço da Inglaterra). Esta é a luta de toda sociedade burguesa, *incluindo os democratas pequeno-burgueses*, por mais revolucionários que sejam, contra o proletariado socialista, internacionalista.

Na Rússia, esta luta alcançou a etapa em que os imperialistas procuram – por meio dos dirigentes da democracia pequeno-burguesa, os Tsereteli, Chernov, etc. – destruir a crescente força do partido do proletariado com um só golpe brusco e decisivo. Como pretexto para este golpe decisivo, o ministro Tsereteli encontrou um método utilizado mais de uma vez pelos contrarrevolucionários: *acusação de conspiração*. Essa acusação não passa de um pretexto. A verdade é que os democratas pequeno-burgueses, aqueles que prestam serviço aos imperialistas russos e aliados, necessitam acabar de uma vez e para sempre com os socialistas internacionalistas. Consideram que chegou o momento de dar o golpe. Estão excitados, atemorizados, e, sob o chicote de seus amos, decidiram: agora ou nunca.

O proletariado socialista e nosso partido devem ficar o mais sereno possível, devem dar prova de máxima firmeza e vigilância. Que os futuros Cavaignac abram fogo. Nosso partido já antecipou em sua Conferência a chegada dos mesmos. O proletariado de Petrogrado não lhes dará a possibilidade de se livrar da responsabilidade. Esperará acumulando suas forças e preparando-se para a resistência quando estes senhores decidirem passar das palavras aos fatos.

O DEZOITO DE JUNHO

Lênin, 3 de julho de 1917

De algum modo, o dia 18 de Junho passará para a história da revolução russa como um momento de virada.

A posição mútua das classes, sua correlação na luta, sua força, comparada principalmente com a força dos partidos: tudo foi posto de relevo na manifestação do domingo, de maneira tão nítida, tão notável, tão impressionante que, seja qual for o curso e ritmo dos futuros acontecimentos, o que se ganhou em compreensão e clareza políticas é enorme.

A manifestação dissipou em poucas horas, como se dissipa um punhado de poeira, as mentiras sobre os conspiradores bolcheviques e demonstrou com absoluta clareza que a vanguarda das massas trabalhadoras da Rússia, o proletariado industrial da capital e a esmagadora maioria das tropas da capital, apoiam as bandeiras que sempre o nosso partido defendeu.

A firmeza do passo dos batalhões de operários e soldados. Aproximadamente meio milhão de manifestantes. Uma ofensiva coesa. Unidade em torno das bandeiras, entre as quais predominavam enormemente: “todo o poder aos soviets!” “Abaixo os 10 ministros capitalistas!” Nenhum tratado de paz em separado com os capitalistas alemães, nem tratados secretos com os capitalistas anglo-franceses!”, etc. A ninguém que presenciou a manifestação permaneceu a menor dúvida sobre a vitória destas bandeiras entre a vanguarda organizada dos operários e soldados da Rússia.

A manifestação de 18 de Junho se transformou em uma demonstração de força e da política do proletariado revolucionário, que assinala o rumo da revolução, que assinala como sair do atoleiro. Nisso reside o enorme significado histórico da manifestação de domingo, e sua diferença essencial com as manifestações realizadas no funeral das vítimas da revolução e no 1º de Maio. Aquilo foi uma homenagem unânime à primeira vitória da revolução e de seus heróis, uma mirada retrospectiva que o povo dirigia à primeira etapa do caminho para a liberdade, tão rápida e tão triunfalmente percorrida. O 1º de Maio foi uma festa de congratulação e esperanças vinculadas à história do movimento operário mundial, a seu ideal de paz e socialismo.

Nenhuma das duas manifestações, porém, se propunha o objetivo de assinalar o rumo da marcha futura da revolução, nem tinha como fazê-lo. Nenhuma das duas colocava ao povo, nem em nome do povo, os problemas concretos, precisos, urgentes, de como e com que rumo prosseguir a revolução.

Nesse sentido, a jornada de 18 de Junho foi a primeira demonstração política no terreno da ação, uma lição dada não em um livro ou em um jornal, mas na rua, não por dirigentes, mas pelas massas, uma lição de como atuam, de como querem atuar e atuaram as diferentes classes para levar adiante a revolução.

A burguesia se escondeu. Negou-se a fazer parte dessa manifestação pacífica, evidentemente organizada pela maioria do povo, na qual houve liberdade para as bandeiras de partido, cujo objetivo principal era protestar contra a contrarrevolução. É compreensível. A burguesia é a contrarrevolução. Esconde-se do povo. Trama contra o povo verdadeiras conspirações contrarrevolucionárias. Os partidos que hoje governam na Rússia, os socialistas revolucionários e mencheviques, se revelaram claramente, na histórica jornada de 18 de Junho, como partidos vacilantes. Suas consignas expressavam vacilação e foram apoiadas por uma mino-

ria – isso ficou muito claro, evidente, para todos. Deter-se, deixar por hora tudo como está: era isso que eles aconselhavam ao povo com suas bandeiras e vacilações. E o povo sentiu, e eles mesmos sentiram, que isso era impossível.

Basta de vacilações, disse a vanguarda do proletariado, a vanguarda dos operários e soldados da Rússia. Basta de vacilações. A política de confiança nos capitalistas, em seu governo, em suas vãs tentativas de reforma, em sua guerra, em sua política de ofensiva, é uma política desesperada. Sua bancarrota é iminente. Sua bancarrota é inevitável. E essa bancarrota será também a bancarrota dos partidos governantes, dos socialistas revolucionários e mencheviques. A catástrofe econômica se aproxima cada vez mais. É impossível se livrar dela de outro modo que não seja com medidas revolucionárias da classe revolucionária no poder.

Que o povo rompa com a política de confiança nos capitalistas; que deposite sua confiança na classe revolucionária – o proletariado. Nele e somente nele reside a fonte do poder. Nele e somente nele está a garantia de que se atenderá aos interesses da maioria, aos interesses dos trabalhadores e explorados, aqueles que, ainda que esmagados pela guerra e pelo capital, são capazes de vencer o capital e a guerra!

Uma crise de proporções desconhecidas paira sobre a Rússia e sobre toda a humanidade. Para sair dela, não há outro caminho senão confiar no destacamento de vanguarda e mais organizado dos trabalhadores e explorados, e apoiar sua política.

Não sabemos se o povo compreenderá rapidamente esta lição, nem como a colocará em prática. O que sim sabemos cientificamente é que fora desta lição não há saída do atoleiro, que as possíveis vacilações ou brutalidades por parte dos contrarrevolucionários não levarão a nada.

Sem a plena confiança das massas populares em seu dirigente, que é o proletariado, não há saída.

DESLOCAMENTO DE CLASSES

Lênin, 10 de julho de 1917

“Toda revolução, se é uma verdadeira revolução, corresponde a um deslocamento de classes. Por isso, a melhor maneira para esclarecer o povo – e para combater aqueles que enganam o povo, em nome da revolução – é examinar o deslocamento de classes que se produziu ou se produz na atual revolução.

De 1904 a 1916, os últimos anos do czarismo, se tornou particularmente clara a correlação de classes na Rússia. Um punhado de latifundiários semifeudais, encabeçado por Nicolau II, estava no poder, e mantinha a mais estreita aliança com os magnatas das finanças, que obtinham lucros extraordinários na Europa, e que, para isso, estabeleceram os tratados de saque da política exterior.

A burguesia liberal, dirigida pelos cadetes, estava na oposição. Temia o povo mais do que a reação, e procurava se aproximar do poder, mediante o entendimento com a monarquia.

O povo, isto é, os operários e camponeses, cujas lideranças foram obrigadas a passar para a clandestinidade, era revolucionário, e constituía a “*democracia revolucionária*”, proletária e pequeno-burguesa.

A revolução de 27 de fevereiro de 1917 varreu a monarquia, e deu o poder à burguesia liberal, a qual, atuando diretamente de acordo com os imperialistas anglo-franceses, pretendia uma pequena revolução palaciana. Em nenhum caso, estava disposta a ir além de uma monarquia constitucional, com um sistema eleitoral limitado. No entanto, quando a revolução, de fato, foi mais além, suprimindo completamente a monarquia, e criando os soviets (de deputados operários, soldados e camponeses), a burguesia liberal, de conjunto, se tornou contrarrevolucionária.

Hoje, a quatro meses da revolução, o caráter contrarrevolucionário dos cadetes, o principal partido da burguesia liberal, é tão claro como o dia. Está à vista de todos. Todos têm de reconhecer. Mas, nem todos estão dispostos a olhar de frente essa verdade, e pensar o que significa.

A Rússia é, hoje, uma república democrática governada por um livre acordo entre os partidos políticos, que realizam livremente sua agitação entre o povo. Nos quatro meses que se passaram, desde o 27 de fevereiro, consolidaram-se e assumiram forma definitiva todos os partidos de alguma importância; manifestaram-se nas eleições (nos soviets e nas instituições locais), e puseram em relevo sua relação com as diferentes classes.

Na Rússia, hoje, está no poder a burguesia contrarrevolucionária, enquanto que a democracia pequeno-burguesa, ou seja, os partidos dos socialistas revolucionários e dos mencheviques, se tornaram “*oposição de Sua Majestade*”. A essência da política desses partidos reside na *conciliação* com a burguesia contrarrevolucionária. Os democratas pequeno-burgueses estão escalando o poder, começando a ocupar as instituições locais (como os liberais, sob o czarismo, começaram por conquistar posições nos zemstvos). Esses democratas pequeno-burgueses aspiram par-

tilhar do poder com a burguesia, e não derrubá-la, do mesmo modo que os cadetes queriam compartilhar o poder com a monarquia, e não derrubá-la. Os democratas pequeno-burgueses (os socialistas revolucionários e os mencheviques) conciliam com os cadetes, pela profunda afinidade de classe da pequena e da grande burguesia, assim como a afinidade de classe entre o capitalista e o latifundiário do século XX os levou a abraçarem-se um ao outro, aos pés de seu monarca “*bem-amado*”.

Combinou-se a *forma* da conciliação: sob a monarquia, era burda; o czar só deixava o cadete entrar pela traseira da Duma de Estado. Em uma república democrática, a conciliação se torna tão refinada como na Europa: aos pequenos burgueses é permitido, como minoria inofensiva, ocupar postos inofensivos (ao capital) no ministério.

Os cadetes ocuparam o lugar da monarquia. Os Tsereteli e os Chernov ocuparam o lugar dos cadetes. A democracia proletária passou a ocupar um lugar de uma democracia verdadeiramente revolucionária.

A guerra imperialista acelerou extraordinariamente os acontecimentos. Sem a guerra, os socialistas revolucionários e os mencheviques poderiam passar dezenas de anos suspirando por postos nos ministérios. Mas, a própria guerra continua acelerando os acontecimentos, pois, coloca os problemas, não de modo reformista, mas de modo revolucionário.

Os partidos dos socialistas revolucionários e dos mencheviques, de acordo com a burguesia, poderiam dar à Rússia muitas reformas. A situação objetiva na política mundial, porém, é revolucionária, e não se pode respondê-la com reformas.

A guerra imperialista oprime os povos e ameaça destruí-los. Os democratas pequeno-burgueses, caso sejam capazes, podem adiar, por algum tempo, a catástrofe. Mas, só o proletariado revolucionário pode evitar um fim trágico.”

Duplo Poder

Os soviets foram criados na revolução de 1905; com a derrota e o esmagamento dos levantes, desapareceram. Foram recriados na insurreição de fevereiro de 1917, que derrubou a monarquia. Os bolcheviques, apoiando-se nas experiências de 1905, imediatamente reconheceram os soviets como o poder dos operários, soldados e camponeses. Poder das massas que não concluiu a tarefa histórica de constituir o governo operário e camponês, a ditadura do proletariado.

As greves, levantes e, finalmente, a insurreição de 27 de fevereiro, acabaram por entregar o poder aos partidos da burguesia e monárquicos. Os bolcheviques, embora tivessem atuado na revolta de fevereiro, não estavam em condições de ocupar o posto de direção. Os socialistas revolucionários e mencheviques, assim, tomaram a frente do soviete de Petrogrado, por onde começou a revolução, e serviram de instrumento para a formação do governo provisório, sob o controle da burguesia.

Constituiu-se uma relação política contraditória, entre o poder da burguesia e o poder dos explorados. Essa situação expôs cruamente as posições das três correntes mais importantes, que vinham se digladiando, desde os primeiros anos de 1900. O menchevismo, ao lado dos socialistas revolucionários, concluiria sua evolução política em direção à burguesia democratizante, ajudando-a a formar um governo oposto à estratégia histórica do proletariado, encarnado pelo bolchevismo.

A materialização da insurreição e a sua vitória contra a monarquia na forma organizativa soviética dividiram as águas: os mencheviques e socialistas revolucionários passaram a trabalhar em favor da colaboração dos sovietes com o governo burguês nascente; e os bolcheviques, que se colocaram pela independência dos sovietes e a luta pelo poder proletário. Essa linha divisória, no entanto, somente tomou a forma política e organizativa com as formulações programáticas e táticas de Lênin, que, não só se chocavam com as diretrizes conciliadoras dos socialistas revolucionários e mencheviques, como também com as posições iniciais da direção de seu próprio partido, que tendia a apoiar o governo provisório, em nome da revolução democrática. Nota-se que a luta de Lênin, para que os bolcheviques compreendessem nitidamente o lugar dos sovietes na revolução, foi decisiva.

Constituído o governo provisório e fortalecida a organização soviética dos explorados, a revolução de fevereiro haveria de ter um breve desfecho. Ou o governo burguês, assentado no imperialismo inglês e francês, acabaria com os sovietes, ou os sovietes acabariam com o governo burguês. Nas condições de continuidade da guerra imperialista, da economia destruída, e do avanço da fome, o governo burguês não poderia se apoiar por muito tempo nos sovietes. De forma que a política de colaboração dos socialistas revolucionários e mencheviques também não teria como sustentar, por muito tempo, as mentiras, enganos e falsificações perante os operários, camponeses e soldados, que lhes davam maioria nos sovietes.

Em julho, o primeiro governo de coalizão já se encontrava esgotado; nele, os socialistas revolucionários e mencheviques ocupavam posições secundárias. Com a renúncia dos ministros cadetes, tiveram de assumir os postos chaves. O segundo governo de coalizão foi organizado por Alexander Kerensky, em 24 de julho. Em meio a essa crise, Lênin retomou a bandeira de “*Todo o poder aos Sovietes*”.

TODO O PODER AOS SOVIETES!

Lênin, 18 de julho de 1917

“*Jogue a natureza pela porta e ela entrará pela janela*”. Parece que os partidos governantes, os socialistas revolucionários e mencheviques têm de “aprender”, de uma vez por todas, por experiência própria, essa sensível verdade. Procuraram ser “democratas revolucionários”, e se encontraram na situação de democratas revolucionários: agora, têm a obrigação de extrair as conclusões que todo democrata revolucionário deve extrair.

A democracia é o governo da maioria. Enquanto a vontade da maioria não era clara, enquanto se pôde, ao menos com uma sombra de verossimilhança, afirmar que não se conhecia essa vontade, apresentou-se ao povo um governo de burgueses contrarrevolucionários, disfarçado de “democrático”. Mas, isso não demorou muito. Durante os meses transcorridos, desde 27 de fevereiro, a vontade dos operários e camponeses, da imensa maioria do país, transpareceu claramente, e não só de forma geral. Sua vontade encontrou expressão nas organizações de massa, nos soviets de deputados operários, soldados e camponeses.

Como é possível, então, opor-se à entrega de todo o poder estatal ao Soviete? Tal oposição não significa outra coisa, senão renunciar à democracia! Significa, nem mais nem menos, que impor, ao povo, um governo que não pode evidentemente surgir, nem se manter *democraticamente*, isto é, como resultado das eleições verdadeiramente livres, verdadeiramente populares.

O fato é esse, por estranho que pareça à primeira vista: os socialistas revolucionários e os mencheviques *esqueceram* essa verdade, tão simples, tão evidente e tão palpável.

Sua posição é tão falsa, se confundiram e se enredaram tanto, que já não estão em condições de “recuperar” essa verdade que perderam. Depois das eleições de Petrogrado e Moscou, depois da convocatória dos soviets de camponeses de toda a Rússia, depois do Congresso dos

Sovietae, as classes e os partidos se definiram, em toda a Rússia, com tal clareza e precisão, que a gente não pode ter nenhuma ilusão a respeito, se é que essa gente não enlouqueceu, ou se confundiu deliberadamente.

Tolerar os ministros cadetes, o governo Kadete, ou a política kadete, significa lançar um desafio aos democratas e à democracia. Aqui está a fonte da crise política, desde 27 de fevereiro, e aqui também está a fonte da instabilidade e das vacilações de nosso sistema governamental. A cada passo, diariamente, e mesmo a cada hora, se apela, em nome das instituições governamentais e dos congressos mais autorizados, ao espírito revolucionário do povo e da sua democracia. Entretanto, a política do governo, em geral, e sua política exterior e econômica, em particular, são desvios dos princípios revolucionários e violações da democracia.

Semelhantes coisas não podem continuar.

Os elementos de instabilidade, seja por este ou aquele motivo, são inevitáveis em uma situação como a atual. A obstinação não é precisamente uma política muito inteligente. Ainda que aos empurrões e aos saltos, as coisas se encaminham para a entrega do poder aos sovietae, defendido por nosso partido, há muito tempo.

Intervenção decisiva de Lênin no curso da tomada do poder - combate à vacilação

Em 20 de outubro de 1917, Lênin escreveu, em Viborg, *“A crise amadureceu”*. Consta de seis capítulos. Um deles, o quarto, foi retirado, e o sexto não foi publicado, por orientação de Lênin, uma vez que era destinado apenas às discussões internas. Essa forma, um tanto acidentada, tem a ver com o agravamento da situação, e a necessidade de chacoalhar os bolcheviques, diante da marcha da revolução e da contrarrevolução. A última parte, a sexta, se diferencia apenas pelo fato de Lênin colocar ao Comitê Central a sua renúncia.

A posição contrária à de Lênin era a de que se devia aguardar o Congresso dos Sovietes, que ocorreria em novembro, para preparar a insurreição. Kamenev e Zinoviev vinham defendendo a tese de que a revolução proletária seria uma aventura, portanto, se levantavam firmemente contra as avaliações de Lênin. Trabalhavam para que o partido se mantivesse preso à convocação da Assembleia Constituinte, e que passasse a fazer oposição de esquerda ao governo burguês. Trotsky se alinhou às formulações de Lênin a cada passo da crise revolucionária,

mas achava que seria melhor que os Sovietes servissem de instrumento da insurreição. Por isso, defendia aguardar o seu congresso. Estava claro que o perigo de paralisar o partido diante das condições favoráveis para a tomada do poder se concentrava no núcleo de Kamenev e Zinoviev. A diferença entre Trotsky e Lênin era tão somente quanto à avaliação das melhores condições para a insurreição. Os acontecimentos mostraram que Lênin tinha toda razão, e Trotsky a reconhece plenamente.

Em fins de setembro, na Alemanha, ocorriam revoltas. Indicavam a possibilidade de rebeliões na Europa, impulsionadas pelo estágio em que se encontrava a 1ª Guerra. Lênin passou a considerar a abertura de uma nova etapa, que colocava o proletariado e os camponeses russos em sintonia com o proletariado alemão. Passa a ver concretamente o início de uma revolução proletária mundial. O fato de, na Rússia, estarem amadurecidas as suas condições aumentava a responsabilidade do proletariado e dos bolcheviques. Afundava de vez o governo de coalizão, constituído na Revolução de Fevereiro e, com ele, os mencheviques e socialistas revolucionários. Em especial, os camponeses se levantavam, agora, contra o governo dos socialistas revolucionários, Kerensky, e dos mencheviques, Nikitin e Gvozdiev.

Lênin, apreensivo, considerava que, se o governo esmagasse a revolta dos camponeses, a revolução poderia naufragar, impulsionando a contrarrevolução. Observa que Kerensky jogava sua “última carta”. A repressão ao levante camponês, a retirada das tropas revolucionárias da Finlândia, e o agravamento dos choques na Ucrânia assinalavam o confronto entre revolução e contrarrevolução. Os bolcheviques estavam mais fortes entre os explorados e soldados, que compreenderam a linha revolucionária desenvolvida por Lênin, e pressionavam o partido, no sentido da tomada do poder. De maneira que a etapa de explicação da política do partido e de consolidação de posições estava cumprida, e era superada pela etapa francamente revolucionária. Não havia, portanto, motivo para não concentrar todas as forças para a derrubada do governo, que já não tinha apoio nos soviets, que não comandava os soldados, e que estava completamente isolado das massas.

No capítulo sexto, reservado às discussões internas, Lênin contesta a vacilação que se manifesta no Comitê Central. Eis: *“Esperar o Congresso dos Sovietes seria uma perfeita estupidez, pois, significaria perder semanas em momentos em que semanas, e ainda, dias, dizem tudo. Significaria renunciar covardemente ao poder, pois, em 1 e 2 de novembro já será im-*

possível tomar o poder (tanto política como tecnicamente, uma vez que os cossacos serão mobilizados para o dia da insurreição, tão necessariamente assinalado)”.

Diante da direção, que desconhecia suas posições contrárias à linha que vinha desenvolvendo em torno dos desvios da Conferência Democrática, organizada pelos adversários da revolução, Lênin conclui seu documento (*A Crise Amadureceu*), colocando sua renúncia do Comitê Central. Eis: *“Em vista de que o Comitê Central deixou inclusive sem resposta todas minhas insistentes reclamações de uma política tal que venho fazendo, desde que começou a Conferência Democrática, em vista de que o órgão central apaga nos meus artigos todas as referências a erros tão evidentes por parte dos bolcheviques, como a vergonhosa decisão de participar no pré-Parlamento, a admissão dos mencheviques no Presídium do Soviete, etc., me vejo obrigado a considerar como uma sutil insinuação de que o CC não deseja nem mesmo discutir o problema, uma sutil insinuação de que me cale a boca, e, como proposição, que me retire; me vejo obrigado a apresentar minha renúncia ao CC, coisa que aqui o faço, reservando-me a liberdade de fazer propaganda nas bases do partido e no congresso do partido. Porque tenho profunda convicção de que, se esperarmos o Congresso dos Sovietes e deixarmos passar este momento, destruiremos a revolução”.* Lembremos de passagem que Lênin se encontrava escondido da repressão, e que enviava suas posições desde seu esconderijo à direção do partido.

A CRISE AMADURECEU

Lênin, 29 de setembro de 1917

Se os dirigentes do Comitê Executivo Central seguem a tática voltada a defender a burguesia e os latifundiários; e não há a menor dúvida de que se os bolcheviques se deixem prender na armadilha das ilusões constitucionalistas, da “confiança” no Congresso dos Sovietes, e na convocação da Assembleia Constituinte, da “espera” do anunciado Congresso dos Sovietes, etc., esses bolcheviques seriam, certamente, miseráveis traidores da causa do proletariado.

Seriam traidores da causa, pois, com a sua conduta, trairiam os operários revolucionários alemães, que começaram uma sublevação na frota. Em tais condições, “esperar” pelo Congresso dos Sovietes, etc., seria uma traição ao internacionalismo, uma traição à causa da revolução socialista mundial.

O internacionalismo se expressa nos fatos, e não em frases, não em expressões de solidariedade, não em resoluções.

Os bolcheviques trairiam o campesinato, uma vez que tolerar a repressão ao levante camponês por um governo que até mesmo o Dielo Naroda o compara com o governo de Stolipin, equivaleria a destruir toda a revolução, a perdê-la para sempre e irrecuperavelmente. Grita-se contra a anarquia e contra a crescente indiferença do povo, mas o povo não pode ser senão indiferente diante das eleições, quando os camponeses foram empurrados a um levante, enquanto que os chamados "democratas revolucionários" toleravam pacientemente sua repressão pelas forças armadas!

Os bolcheviques seriam traidores da democracia e da liberdade, pois, tolerar nesse momento a repressão do levante camponês significa permitir que as eleições da Assembleia Constituinte sejam manejadas exatamente do mesmo modo – e ainda pior, mais grosseiramente – como a "Conferência Democrática" e o "pré-Parlamento" foram manejados.

A crise amadureceu. Está em jogo todo o futuro da revolução russa. Está em questão toda a honra do partido bolchevique. Está em jogo todo o futuro da revolução operária internacional pelo socialismo.

Últimos embates de Lênin para que o partido bolchevique liderasse a insurreição

A carta aos membros do Comitê Central de 24 de outubro expressou a inteira correção da linha desenvolvida por Lênin, a cada passo dos acontecimentos que levaram definitivamente à derrubada do governo provisório. Nesse mesmo dia, Lênin saiu da clandestinidade e se dirigiu ocultamente ao Instituto Smolny, onde se realizava uma sessão, voltada a decidir o fim do governo de Kerensky. Esse momento, em que se decidiu, finalmente, o destino da revolução, foi precedido por uma férrea intervenção de Lênin sobre o partido bolchevique. Estava convencido de que era preciso um congresso partidário, mas a precipitação da crise revolucionária o inviabilizou. É importante, no entanto, assinalar que Lênin, não apenas pensou em um congresso extraordinário, como o preparou, redigindo uma resolução, entre 6 e 8 de outubro, intitulada "*Revisão do Programa do Partido*". Respondia, em oposição, ao projeto de V. Sokólnikov, que revelava toda incompreensão sobre a caracterização do imperialismo. Uma das consequências graves era a de não caracterizar a guerra

como imperialista. Esse embate, no fogo da luta, revela que o partido não havia assimilado plenamente a teoria do imperialismo, desenvolvida por Lênin em *“O Imperialismo, fase superior do capitalismo”*. A revisão que deveria ser feita ao antigo programa era justamente a de determinar o caráter geral da época do capitalismo monopolista e em desintegração. Era o que se passava com a revolução na Rússia. Lênin insistia que a revolução no país não era senão expressão da revolução mundial, impulsionada pela crise geral do capitalismo e pela guerra imperialista.

Nesses mesmos dias, em que redige a revisão do programa, Lênin indica na *“Carta aos camaradas bolcheviques que participam no Congresso dos Sovietes da Região do Norte”* a importância estratégica do internacionalismo proletário. Eis sua introdução: *“Camaradas! Nossa revolução atravessa um período sumamente crítico. Esta crise coincide com a grande crise do ascenso da revolução socialista mundial, e da luta travada pelo imperialismo mundial contra ela.”* Assim, Lênin chama atenção para o perigo de qualquer afrouxamento do combate pelo poder. Não cabia ao Congresso dos Sovietes da Região do Norte se perder em discussões e aprovação de resoluções, sem que respondesse com ações revolucionárias imediatas. E mostrava que a defesa de *“Todo poder aos Sovietes”* consistia em preparar a insurreição, qualquer demora em enfrentar essa tarefa esvaziaria o sentido concreto dessa bandeira tão importante. Concluía a carta: *“A Frota, Kronstandt, Viborg e Reval podem e devem marchar a Petersburgo; derrotar os regimentos kornilovistas, sublevar ambas capitais, iniciar uma agitação massiva pelo poder, que entregará imediatamente a terra aos camponeses, e proporá imediatamente a paz; derrotar o governo de Kerensky, e instaurar esse poder.”* Como se vê, em 8 de outubro, Lênin exortava os bolcheviques a defender, nos soviets, a organização da insurreição.

Em 10 de outubro, Lênin participa da reunião do Comitê Central, em Petrogrado. Apresenta um informe da situação política e uma resolução, na qual consta como principal tarefa a preparação imediata da insurreição armada. Kamenev e Zinoviev foram contra. Trotsky se absteve, defendendo que a insurreição deveria ocorrer no momento do II Congresso dos Sovietes. O alinhamento da maioria com Lênin foi decisivo. Em seu informe, demonstra que os bolcheviques haviam conseguido unificar os explorados e os soldados, em torno de suas bandeiras e de sua estratégia de poder.

Sete dias depois da reunião do Comitê Central, Lênin escreve *“Carta aos Camaradas”*, onde faz uma detalhada exposição do amadureci-

mento das condições para derrocar o governo burguês. Evidencia que não bastou a aprovação de sua linha pelo Comitê Central. As vacilações continuavam. Combate a avaliação de que não se tinha a maioria do povo, e que, por isso, não havia esperança para a insurreição. Descreve os acontecimentos que indicavam um grande deslocamento das massas para a política do bolchevismo. Conclui: *“Duvidar agora que a maioria do povo segue e seguirá os bolcheviques é uma vergonhosa vacilação e, na prática, significa abandonar todos os princípios do revolucionarismo proletário, a negação total do bolchevismo.”* (...) *“Não há escapatória possível para nossos tristes pessimistas. Renunciar à insurreição é renunciar à entrega do poder aos Sovietes, e significa ‘entregar’ todas as esperanças e toda confiança à bondosa burguesia, que ‘prometeu’ convocar a Assembleia Constituinte. Essa carta, primorosamente, desmonta, argumento por argumento, tanto dos adversários da insurreição quanto dos vacilantes. Reflete, portanto, o embate entre as forças no seio do movimento revolucionário, e a influência dos adversários nas fileiras do próprio bolchevismo”.*

Em 18 de outubro, Lênin foi informado de que Kamenev e Zinoviev tinham declarado-se publicamente contra a resolução do Comitê Central. Escreveu uma nova carta (Carta aos membros do Partido dos Bolcheviques), mostrando que se tratava de uma ruptura do centralismo democrático, e defendeu a expulsão. O Comitê Central destituiu Kamenev do CC, bem como proibiu Zinoviev de fazer declarações públicas contra a linha aprovada na direção. Relatamos essa crise porque expõe, de um lado, as fragilidades de importantes dirigentes e, de outro, a fortaleza de Lênin e daqueles que com ele se alinharam firmemente.

O profundo vínculo do bolchevismo com o proletariado, e sua luta no interior dos soviets, permitiram a superação das divergências e das fraquezas que foram expostas nas portas da tomada do poder.

CARTAS AOS MEMBROS DO CC

Lênin, 24 de outubro de 1917

Camaradas!

Escrevo estas linhas na tarde do dia 24. A situação é extremamente crítica. Em realidade, agora está completamente claro que postergar a insurreição seria fatal.

Com todas minhas forças, peço aos camaradas que compreendam que tudo depende agora de um fio; que nos enfrentamos com problemas

que não podem se resolver com conferências ou congressos (nem sequer congresso de sovietes), mas exclusivamente com as massas, com a luta do povo armado.

A arremetida burguesa dos kornilovistas e a destituição de Verjovsky são provas de que não podemos esperar. A qualquer preço, temos de aprisionar o governo nesta mesma tarde, nesta mesma noite, depois de ter desarmado os cadetes do colégio militar (depois de vencê-los, sem que resistissem), etc.

Não podemos esperar! Podemos perder tudo!

O que acontecerá com a tomada imediata do poder? Defender o povo (não o congresso, mas o povo, o exército e os camponeses, em primeiro lugar) do governo kornilovista, que destituiu Verjovsky, e tramou uma segunda conspiração kornilovista.

Quem deve tomar o poder?

Isso não tem importância neste momento: que o faça o Comitê Militar Revolucionário ou “outra instituição”, que declare que somente entregará o poder aos autênticos representantes dos interesses do povo, dos interesses do exército (imediata oferta de paz), dos interesses dos camponeses (tomada imediata da terra, abolição da propriedade privada), dos interesses dos famintos.

Todos os distritos, todos os regimentos, todas as forças devem ser mobilizadas no ato, e devem enviar imediatamente suas delegações ao Comitê Militar Revolucionário, ao Comitê Central dos bolcheviques, com o mandado imperioso de que de nenhuma maneira, se deixe o poder nas mãos de Kerensky e Cia., até o dia 25, sob nenhum pretexto. Esta mesma tarde. Esta mesma noite, sem falta, deve-se decidir o assunto.

A história não perdoará nenhuma demora dos revolucionários, quando hoje podem triunfar (e com toda certeza, hoje triunfarão), enquanto que amanhã se corre o risco de perder muito, na realidade, se corre o risco de perder tudo.

Se tomamos hoje o poder, o tomamos não contra os sovietes, mas em seu benefício.

A tomada do poder é obra da insurreição; sua finalidade política será clara, depois da tomada do poder.

Aguardar a incerta eleição de 25 de outubro será desastroso, ou pura formalidade; o povo tem o direito e o dever de decidir estes problemas, não por meio de votações, mas pela força; em momentos críticos da

revolução, o povo tem o direito e o dever de dar instruções aos seus representantes, inclusive aos seus melhores representantes, e não pode esperá-los. Assim, tem demonstrado a história de todas as revoluções, e os revolucionários cometeriam o maior dos crimes, se deixassem passar a oportunidade, sabendo que deles depende a salvação da revolução, o oferecimento da paz, a salvação de Petersburgo, livrar-se da fome, a entrega da terra aos camponeses.

O governo cambaleia. É necessário acabar com ele a qualquer preço! Retardar a ação é a morte.

AOS CIDADÃOS DA RÚSSIA!

Lênin, 25 de outubro de 1917

O governo provisório foi deposto. O poder do Estado passou para as mãos dos soviets de deputados, operários e soldados de Petrogrado, do Comitê Militar Revolucionário, que dirige o proletariado e a guarnição de Petrogrado.

Eis a causa pela qual o povo lutou: oferecimento imediato de uma paz democrática, abolição da propriedade latifundiária sobre a terra, o controle operário sobre a produção, e a criação de um governo soviético – essa causa está assegurada.

Viva a revolução dos operários, soldados, camponeses!

Comitê Militar Revolucionário adjunto ao soviete de deputados operários e soldados de Petrogrado – 25 de outubro, às 10 horas da manhã

IV. APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DO BOLCHEVISMO

Apontamentos sobre a história do bolchevismo

Na exposição de aspectos do pensamento de Lênin, que denominamos *“Assimilando o Leninismo”* e *“Lênin Estrategista”* verificamos que estávamos tratando da história do bolchevismo. A seção Argentina do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional, por sua vez, publicou em duas partes a história do bolchevismo. Essas duas iniciativas confluíram para a necessidade de continuar o levantamento e a explanação da luta heroica de Lênin para vencer adversários e aliados vacilantes no processo de construção do partido marxista. O II Congresso de 1903, evidentemente, ergueu-se como o marco dessa construção. Basta o estudo desse período para se entender por que utilizamos a qualificação heroica luta.

A história do bolchevismo se alicerça profundamente no heroísmo da classe operária russa, que em 1905 iniciou a primeira revolução democrática concluída em outubro de 1917 com a revolução proletária. O bolchevismo se formou precisamente no II Congresso e logo suas posições se entroncaram com a revolta de 1905, cuja grande conquista foi a constituição dos sovietes (conselhos) de operários. É certo que o bolchevismo é mais amplo que o leninismo. No entanto, todo o seu fundamento programático, teórico e político tem por base o rigoroso empenho de Lênin em separar o proletariado da política burguesa e pequeno-burguesa e elevar sua consciência socialista por meio do partido genuinamente marxista. Surgiu como uma fração majoritária, contra-

posta principalmente ao menchevismo. A luta entre essas duas tendências assumiu a altura de ferozes confrontos. As tentativas de manter o partido social-democrata russo unido fracassaram em razão de as divergências assumirem o caráter de princípio, de programa e de teoria. As divergências chegaram ao ponto em que não era possível evitar a separação. A posição que trabalhava pela conciliação entre as duas frações fortalecia os adversários do partido marxista. Lênin os combaterá como liquidacionistas. Durante nove anos, as duas frações permaneceram sob o manto da social-democracia. Em 1912, portanto, a separação definitiva se concretizou. Embora mantivesse o nome de partido social-democrata russo, o certo é que havia se transformado no partido bolchevique.

Devido às condições de formação do partido operário social-democrata, em 1898, imediatamente desbaratado pela repressão, que sobreviveu por meio de círculos descentralizados e em muitos casos isolados entre si, a primeira questão que se colocou foi a de como superar a dispersão estabelecendo uma estrutura orgânica. Lênin relata que uma das primeiras divergências se deu “*entre a tendência intelectual-opportunista e a proletária-revolucionária*”. A cisão a que se refere ocorreu entre os exilados, que tiveram de se refugiar devido à brutal perseguição. Lênin confrontava-se com a intelectualidade pequeno-burguesa que expressava o “*economicismo, menosprezava a importância da luta política e negava a existência de elementos democrático-burgueses na Rússia*”. A influência do revisionismo, que se processava no partido social-democrata alemão, se tornava visível entre aqueles que Lênin denominava “*críticos legais de Marx*”. Lênin constata que “*em nenhum país da Europa, vemos o bernsteinismo desembocar com tanta rapidez em seu final lógico na formação de uma fração liberal, como aconteceu na Rússia*”.

Estava claro que a constituição do partido revolucionário na Rússia era parte de um problema maior que dizia respeito ao revisionismo no seio da II Internacional, dirigida pela social-democracia alemã. Certamente, é a partir do II Congresso que se tornou mais visível a ofensiva geral das tendências reformistas, que, na Rússia, foi encarnada pelos mencheviques. É importante frisar que Lênin não apenas não desvinculou a construção do partido na Rússia das tarefas internacionais, como também travou o combate a posições externas, que não compreendiam e obstaculizavam transformar os círculos social-democratas em um partido centralizado, programático e vinculado às massas proletárias. Foram os casos de August Bebel e Rosa Luxemburgo.

Diante da configuração das duas tendências, a direção do Partido Social-democrata Alemão aprovou a proposta de constituir um tribunal de arbitragem, que decidiria sobre a luta renhida entre bolcheviques e mencheviques. Caberia a Bebel presidir o tribunal. Lênin, respeitosamente, rejeitou a proposta em uma carta datada de fevereiro de 1905.

Rosa Luxemburgo redigiu uma crítica ao livro de Lênin “Um passo a frente, dois passos atrás (a crise de nosso partido)”, escrito entre fevereiro e maio de 1904. Por sua vez, a reação de Gueorgui Plekhanov foi tal que propôs à direção do partido que impedisse a divulgação do livro.

É oportuno expor alguns aspectos da resposta de Lênin a Rosa Luxemburgo. Rejeita a acusação de pretender impor à social-democracia russa um “centralismo intransigente”. Vejamos esse argumento: *“Luxemburgo supõe que eu defendo um sistema de organização contra outro. Mas, na realidade, não é assim. O que defendo ao longo do livro (...) são os princípios elementares de qualquer organização de partido que se possa imaginar. Em meu livro não se examina o problema da diferença entre tal ou qual sistema de organização, mas sim o problema de como é necessário apoiar, criticar e corrigir o sistema que seja, sempre que não contradiga os princípios do partido”*.

Em continuidade, Lênin mostra o erro de Rosa Luxemburgo em achar que as divergências se davam “em torno da maior ou menor centralização”. Explica que a *“disputa se dá em torno de se o Comitê Central e o Comitê de Organização devem ou não representar a tendência da maioria do congresso do partido”* (...) *“O que assinalo é que se dão já todas as premissas necessárias para esperar que sejam acatadas as decisões do congresso, e que passou o tempo em que uma instituição do partido podia ser substituída por um círculo particular.”* De maneira que Lênin reclama da ausência de estudo dos *“fatos concretos da luta de nosso partido”*. A obra “Um passo à frente, dois passos atrás” está inteiramente marcada pelos acontecimentos, pelas posições de cada tendência, dos principais dirigentes e as respectivas votações. É bem provável que não haja em nenhum outro lugar dos escritos de Lênin a demonstração da importância das atas que expressam a vida do partido, no caso, o que se passou no II Congresso.

Lênin recorre a uma síntese da história da social-democracia russa, para evidenciar o percurso das divergências, que comparecerão concentradamente cinco anos depois, no congresso de 1903. O confronto em torno ao primeiro artigo dos estatutos foi de tal importância que expressou a divergência de concepção de partido. A formulação de Martov previa que para ser membro do partido não precisava pertencer a uma

de suas organizações. Bastaria que “*trabalhassem sob o controle de uma organização do partido*”. Assim, os mencheviques dissolviam a fronteira partidária entre os genuínos militantes dos simpatizantes. Lênin, finalmente, mostra a Rosa Luxemburgo que a minoria derrotada não admitiu “*trabalhar sob o controle das instituições centrais*”. Tentou impor condições à maioria quanto à composição dos redatores. Negou-se inclusive a aceitar a proposta de que “*expressassem seu ponto de vista nas páginas do Iskra*”. Estava, portanto, estabelecida a constituição de duas frações, a maioria (bolcheviques) e minoria (mencheviques).

II Congresso do POSDR

Iniciamos a exposição das formulações de Lênin em uma sequência de artigos e publicações de documentos que expressam a história do bolchevismo. É nas entranhas dessa história que melhor compreendemos o lugar de Lênin. Um de seus maiores adversários acabou sendo Plekhanov. Lembramos que se tratava de um intelectual que introduziu o marxismo na Rússia e iniciou a construção do Partido Operário Social-democrata Russo. Lênin, ainda muito jovem, se inspirou em Plekhanov. Mas os acontecimentos os levaram a uma separação definitiva. O II Congresso, de julho de 1903, foi apenas o seu marco. Plekhanov, que em vários aspectos da discussão se colocou ao lado de Lênin contra Martov, principal figura que lideraria a fração menchevique, revelou sua superficialidade como marxista, deslocando-se para o lado daqueles que combateram ferreiramente as posições de Lênin de transformar a social-democracia dispersa em um partido centralizado e coeso. Já havíamos discorrido sobre o livro “*Que Fazer?*”, de Lênin, obra que condicionou em grande medida as discussões do II Congresso. Plekhanov o atacou com um artigo, cujo título é típico de um trocadilho irônico: “*Que não Fazer?*”. Os ataques ao “*Que Fazer?*” serviram aos mencheviques, que não acataram as decisões do II Congresso e passaram a trabalhar como fração. Lênin, então, respondeu escrevendo “*Carta à redação de Iskra*”. Tratava-se da nova Iskra (Centelha). Entendemos que a resposta é importante para compreender que a luta política tem seus métodos. Lênin derrotará não apenas as posições programáticas, táticas e teóricas do menchevismo, como também o método oportunista e fracional de luta política. Passamos a reproduzir a resposta de Lênin.

Abaixo publicamos na íntegra uma carta de Lênin de 25 de novembro de 1903

CARTA À REDAÇÃO DE ISKRA

Carta à redação

O artigo intitulado “*Que não Fazer?*” coloca problemas muito importantes para a vida de nosso partido e muito candentes nos momentos atuais, em que é difícil resistir ao desejo de responder no ato a amável oferta da Redação de abrir hospitaleiramente as páginas de seu jornal. É um tanto mais difícil para quem foi um constante colaborador de Iskra, especialmente nos momentos em que não se pode atrasar nenhuma semana em expressar uma opinião, uma vez que pode significar a renúncia de ser ouvido.

Gostaria de contribuir com minha opinião, a fim de eliminar alguns possíveis e talvez inevitáveis mal-entendidos. Direi antes de tudo, a meu ver, que o autor do artigo tem mil vezes razão quando insiste na necessidade de resguardar a unidade do partido e de evitar novas cisões, sobretudo quando se trata de discrepâncias não tão importantes. Tudo o que for para apelar ao espírito de pacificação, a suavidade e a transigência por parte dos dirigentes é sumamente digno de elogio sempre e, sobretudo, nos momentos atuais. Compulsar ou expulsar do partido não só os antigos economistas, mas também os grupinhos de social-democratas que padecem de “certa inconseqüência” seria totalmente absurdo, a tal ponto que compreendemos perfeitamente o tom de irritação do autor do artigo a respeito do que ele considera rígidos, obstinados e tontos Sobakiévich capazes de recomendar a expulsão. Mas nós vamos além: quando tivermos um programa e uma organização partidária, não só devemos abrir hospitaleiramente as páginas do órgão do partido a uma troca de opiniões, mas inclusive possibilitar que se exponham de modo sistemático nossas discrepâncias, por pouco importante que sejam, a grupos – ou grupinhos, como o autor os chama –, que, inconsequentemente, defendam certos dogmas do revisionismo e que, devido a estas ou outras causas, insistem em sua existência à parte e individual como grupos. Precisamente, para evitar as atitudes rígidas e cortantes, do tipo Sobakiévich, a respeito do “individualismo anarquista”, há que fazer, a nosso juízo, todo possível – até chegar inclusive a nos afastar dos formosos esquemas do centralismo e da submissão incondicional à disciplina – para deixar a esses grupinhos a liberdade de se expressar; para dar a todo o partido a possibilidade de medir a profundidade ou a pouca importância das divergências; para poder determinar, concretamente, onde, como e por parte de quem se manifesta a inconseqüência.

É hora, portanto, de romper firmemente com a tradição do sectarismo de círculos e lançar – em um partido que se apoia nas massas – a consigna de mais luz!, a consigna de que o partido saiba de tudo, de que facilitem todos, absolutamente todos os elementos para avaliar todas e cada uma das divergências, do retorno ao revisionismo, do afastamento da disciplina, etc. É preciso ter mais confiança na capacidade própria de discernimento de toda militância do partido: eles e somente eles saberão moderar a paixão excessiva dos grupinhos propensos à cisão, saberão inculcar-lhes, com sua ação lenta, calada, mas nem por isso menos tenaz, a “boa vontade” necessária para acatar a disciplina do partido, saberão desfazer a ofuscação do individualismo anárquico, saberão documentar, demonstrar e pôr de relevo, pelo simples fato de sua indiferença, o caráter superficial das divergências, exageradas pelos elementos que tendem à cisão.

À pergunta “*que não fazer?*” (que não fazer em geral, e que fazer, em particular, para evitar a cisão), eu contestaria antes de tudo: não ocultar do partido os motivos potenciais da cisão que surgem e crescem, não ocultar nenhuma das circunstâncias e acontecimentos que constituem esses motivos. Não ocultar, sobretudo, ao partido, mas, dentro do possível, tampouco ao público em geral; e digo “dentro do possível”, levando em conta o que seja necessário ocultar pelas razões de clandestinidade, ainda que em nossas divergências os fatores deste tipo quase não desempenham papel algum. Uma ampla publicidade: tal é o meio mais eficaz e único seguro para evitar as cisões que possam ser evitadas e para reduzir ao mínimo as que sejam inevitáveis.

Em se tratando das massas e não mais de simples círculos, é preciso refletir sobre os deveres que o partido se impõe. Se não queremos ser um partido de massas somente em palavra, devemos incorporar a participação em todos os assuntos do partido as massas cada vez mais amplas, elevando-as constantemente da indiferença política ao protesto e à luta, do espírito geral de protesto à identificação consciente das ideias social-democratas, da identificação com essas ideias ao apoio do movimento, do apoio à participação organizada no partido. Por acaso, podemos obter tal resultado sem dar a mais ampla publicidade aos assuntos cuja solução depende que cheguemos a exercer tal ou qual ação sobre as massas? Os operários deixarão de nos compreender e nos abandonarão como um estado maior sem exército, se a cisão se produz por discrepâncias pouco importantes, diz o autor, com absoluta razão. Para que os operários

não deixem de nos compreender, para que sua experiência de luta e seu instinto proletário ensinem também alguma coisa a nós, os “dirigentes”, é necessário que os operários organizados aprendam a estar atentos aos motivos potenciais da cisão (motivos que sempre se dão e sempre ressurtem em todo partido de massas), que identifiquem conscientemente esses motivos, que possam analisar o que ocorre em qualquer Poshejonia da Rússia ou do estrangeiro, do ponto de vista dos interesses de todo o partido, dos interesses de todo o movimento.

O autor tem plena razão quando sublinha que a nossos organismos centrais foram concedidos muito, e é muito o que temos de exigir deles. Assim é, portanto. Por isso mesmo, todo partido, de maneira sistemática, constante, sem cessar, deve educar em seu seio os homens indicados para estarem nos organismos centrais, devem ver diante de si, como na palma da mão, todas as atividades de cada um dos candidatos a esses postos elevados, conhecer inclusive seus traços pessoais, seus lados fortes e lados débeis, suas vitórias e seus “fracassos”. O autor faz algumas observações muito perspicazes e, ao que parece, baseadas em uma ampla experiência acerca de algumas causas de tais fracassos. Justamente por ser tão perspicazes, todo partido deveria aproveitar essas observações, a fim de ver sempre todos e cada um dos “fracassos” ainda que parciais, de tal ou qual “dirigente”. Não há nenhum dirigente político, cuja trajetória esteja isenta de fracassos, e, se falamos seriamente de influir sobre as massas, de ganharmos a “boa vontade” das massas, devemos nos esforçar por todos os meios para que esses fracassos não permaneçam ocultos na atmosfera fechada dos círculos e dos grupinhos, mas que possam ser expostos ao julgamento de todos. Isso poderá parecer, à primeira vista, desconcertante e, às vezes, “humilhante”, para tal ou qual dirigente individual, mas devemos sobrepujar este falso sentimento de desconcerto; é nosso dever diante do partido e da classe operária. Assim, e somente assim, daremos ao conjunto dos militantes influentes no partido (e não a seleção casual de um círculo ou de um grupinho) a possibilidade de conhecer seus dirigentes e colocar cada qual no lugar que lhe corresponde. Somente uma ampla publicidade orientará todos os desvios intoleráveis, unilaterais e caprichosos, somente ela transformará as dissensões, às vezes estúpidas e ridículas, entre grupinhos em um material proveitoso e necessário para que o partido se eduque a si mesmo.

Luz, mais luz! O que necessitamos é uma grande orquestra; necessitamos adquirir experiência, para distribuir acertadamente os instru-

mentos, para dar a cada qual o que corresponde: o violino sentimental, o contrabaixo bronco, a batuta do diretor. Oxalá que tenha eco o magnífico chamado do autor, e que se brinde hospitalidade a todas as opiniões nas páginas do jornal e das publicações do partido! Oxalá que todos e cada um possam julgar nossas “disputas e querelas” sobre a base de cada “nota”, ainda que alguns a considerem muito aguda, outros desafinada e ainda outros, irritante! Somente por meio de uma série de discussões francas, chegará a se formar entre nós um conjunto realmente harmonioso de dirigentes: somente assim se conseguirá que os operários não deixem de nos compreender; somente então poderá nosso “estado maior” apoiar-se realmente na boa e consciente vontade de um exército que, marchando por trás do estado maior, ao mesmo tempo o dirige.

O programa

Temos dado muita importância ao II Congresso da social-democracia russa, realizado em 1903, em que concluiu com a divisão entre bolcheviques e mencheviques. É nesse Congresso que de fato se constituiu o partido operário revolucionário, identificado com o bolchevismo. A constituição das duas frações no seio do Partido Operário Social-democrata Russo, fundado em 1898, se deveu à concepção de partido. No entanto, no fundo, se encontravam divergências programáticas.

As discussões entre Lênin e Plekhanov em torno do programa somente na aparência foram resolvidas. Apesar das críticas duras ao projeto de programa de Plekhanov, feitas por Lênin, as posições foram se ajustando e tudo indicava que o II Congresso concluiria sem divisão. De maneira que, quando se estabeleceram duas posições diametralmente opostas quanto à concepção de partido, expressas na formulação dos estatutos, entre Lênin e Martov, o Congresso não as vinculou às formulações programáticas. Posteriormente, se verificará que a concepção marxista do partido e o programa são indissociáveis. Plekhanov, que sofreu duras restrições quanto ao projeto de programa, manteve-se ao lado de Lênin na questão do estatuto. Assim que terminou o Congresso, porém, uniu-se a Martov, que liderou a fração menchevique.

Estamos obrigados, para compreender de maneira mais acabada a cisão, a verificar a questão do programa. Por enquanto, procuramos esgotar a divergência sobre a concepção de partido. Já havíamos publicado um comentário à resposta de Lênin às críticas de Rosa Luxemburgo. Destaca que Rosa Luxemburgo não compreendeu o fato de a minoria

(menchevique) não acatar a decisão do Congresso ao não admitir que caberia à maioria (bolchevique) ter maior representação na direção partidária. Agora, publicamos um dos pronunciamentos de Lênin, em que responde à incorreção de Leon Trotsky, que se alinhou a Martov, sem responder concretamente ao fundamental da divergência, que era se *“o conceito de membro do partido”* deveria ser mais restrito ou mais amplo.

Nessa linha de argumentação, Lênin reclama da incompreensão de Trotsky sobre as posições expressas no livro *“Que Fazer?”*. O que certamente se refletiu nos embates distorcendo a real posição de Lênin. Destacamos três ideias fundamentais da resposta de Lênin a Trotsky e demais opositores: 1) *“(...) o partido deve ser somente o destacamento de vanguarda, o dirigente da imensa massa da classe operária (...)”*; 2) *“(...) não se pode esquecer que todo membro é responsável pelo partido e que o partido é responsável por cada um de seus membros”*; 3) *“O Comitê Central jamais disporá da força necessária para exercer um verdadeiro controle sobre todos aqueles que trabalham, mas que não façam parte de nenhuma organização. É nosso dever estabelecer um controle efetivo nas mãos do Comitê Central, proteger a solidez, coerência e pureza de nosso partido”*.

Em seu *“Informe da Delegação Siberiana sobre o Segundo Congresso do Partido Operário Social-democrata da Rússia”*, escrito logo após à cisão, Trotsky insistiu em seu erro, não respondendo aos três aspectos acima assinalados. Procurou dar a ideia de que Lênin, em última instância, travou uma luta pessoal pelo controle da direção do partido. Em sua crítica ao centralismo, defendido por Lênin, considerando-o puramente formal e burocrático, Trotsky aprofundou seu erro inicial de alinhar-se a Martov no ponto 1 do estatuto, que definia o caráter da militância. Ao romper a unidade do partido, juntando-se aos mencheviques que não acataram a decisão do Congresso, contribuiu para a confusão política que se instalou nas fileiras do partido. Na conclusão de seu Informe, Trotsky determinou que *“A tarefa imediata da ‘minoría’ é formular de maneira exata e caracterizar no detalhe, suas concepções organizativas”*. Tarefa essa que nunca foi realizada pelos mencheviques (minoría). Ao contrário, Lênin avançou imensamente a concepção marxista do partido.

Trotsky superará esse erro integrando-se em 1917 nas fileiras do bolchevismo. Essa atitude prática foi o reconhecimento de que Lênin estava com inteira razão no II Congresso. Era inevitável que Stalin e seus asseclas utilizassem desse erro para travar o combate às posições de Trotsky após a morte de Lênin. Em sua obra autobiográfica *“Minha Vida”*, no

capítulo “*O Congresso do Partido e a Cisão*”, Trotsky reconhece que “*Lênin aspirava a uma forma cerrada e a uma absoluta clareza nos assuntos do partido, enquanto que Martov, pelo contrário, pendia ao confusio-nismo*”. Essa diferença não foi observada por Trotsky no momento do confronto das duas posições no Congresso.

A resposta de Lênin, que publicamos abaixo, tem o extraordinário valor não apenas por sua demonstração histórica, mas pela vigência dos argumentos que sustentaram a concepção leninista do partido revolucionário.

Sobre os estatutos do partido

Lênin pronuncia, em 2 de agosto de 1903, algumas palavras em defesa de sua proposição e insiste, particularmente, que servirá de estímulo: “organizem-se!” Não há que pensar que as organizações do partido devam estar integradas somente por revolucionários profissionais. Necessitamos as mais diversas organizações de todo tipo, de todos os graus e matizes, desde as mais restritas e conspirativas até as mais amplas e livres, organização livre. Um requisito necessário de toda organização de partido é que seja confirmada pelo Comitê Central.

Em primeiro lugar, quero fazer duas observações de caráter pessoal. A primeira, a propósito da amável (não o digo com ironia) proposta de Axelrold de “chegar a um acordo”. De bom grado aceitaria essa oferta, pois não considero que nossas divergências sejam tão decisivas de maneira que delas dependam a vida ou a morte do partido. Não vamos afundar porque nos estatutos há um ponto mal formulado! Mas, como as coisas estão colocadas de tal modo que se trata de escolher entre duas fórmulas, não vejo que existam razões para renunciar ao meu firme convencimento de que a fórmula de Martov piora o projeto inicial, o qual, em certas e determinadas condições, pode causar não poucos danos ao partido. A segunda observação se refere ao camarada Brúker. É muito natural que, no desejo de aplicar em todas as partes o princípio eletivo, o camarada Brúker aceite minha formulação, a única que define com precisão o conceito de membro do partido. Por isso, não compreendo a satisfação que produziu no camarada Martov o fato de que o camarada Brúker se mostre de acordo comigo. É possível que, na prática, o camarada Martov tenha resolvido adotar pessoalmente, como norma, o contrário do que diga Brúker, sem verificar seus motivos e argumentos?

Para chegar ao fundo da questão, direi que o camarada Trotsky não

compreendeu, em absoluto, a ideia fundamental do camarada Plekhanov, razão pela qual contornou em sua consideração a essência do problema. Falou-nos de intelectuais e de operários, do ponto de vista de classe e do movimento de massas, mas não se referiu a um problema fundamental: o conceito de membro de partido restringe ou amplia nossa formulação? Se se perguntasse isso, daria conta com facilidade de que minha fórmula restringe esse conceito, enquanto que a de Martov o amplia, já que se distingue (segundo a expressão exata do próprio Martov) por sua “elasticidade”. E, em um período da vida do partido, como que nos toca viver, não há dúvida de que essa “elasticidade” abre as portas a todos os elementos de dispersão, vacilação e oportunismo. Para refutar uma conclusão tão simples e evidente como esta, teria de demonstrar que não existem tais elementos, e ao camarada Trotsky não ocorreu nem sequer tal coisa. Por outro lado, dificilmente poderia prová-lo, pois todo mundo sabe que esses elementos abundam, e que existem inclusive na própria classe operária. Nos momentos atuais, velar pela firmeza da linha e a pureza dos princípios do partido é algo tanto mais urgente quanto que o partido, ao restabelecer sua unidade, acolherá em suas fileiras muitos elementos instáveis, cujo número aumentará na medida em que o partido cresça. O camarada Trotsky demonstra ter compreendido mal a ideia central de meu livro “Que Fazer?”, quando diz que o partido não é uma organização conspirativa (essa é uma objeção que muitos outros já me fizeram). Esquece-se que, em meu livro, proponho toda uma série de diversos tipos de organização, desde as mais conspirativas e mais restritas até as relativamente mais amplas e “livres”. Esquece que o partido deve ser somente o destacamento de vanguarda, o dirigente da imensa massa da classe operária, que atua toda ela (ou quase toda) “sob o controle e a direção” das organizações do partido, mas que em seu conjunto não pertence nem pode pertencer ao “partido”. Basta fixar-se, portanto, em quais são as conclusões a que chega o camarada Trotsky, como consequência de seu erro básico. Aqui nos diz que, se fosse preso um destacamento depois de outro de operários, e todos os operários declarassem que não pertenciam ao nosso partido, isso seria algo muito estranho. Não será precisamente o contrário? O estranho não será o raciocínio do camarada Trotsky? Para ele, é deplorável o que alegraria qualquer revolucionário com certa experiência. Se milhares de operários que fossem presos por participar nas greves e manifestações provassem não serem membros das organizações do partido, isso somente demons-

traria que nossas organizações são boas e que cumprimos com nossa missão. Realizar um trabalho conspirativo dentro de um círculo mais ou menos reduzido de dirigentes, e incorporar ao movimento uma massa mais ampla possível.

A raiz dos erros daqueles que apoiam a fórmula de Martov consiste em que não só ignoram um dos males primordiais de nossa vida de partido, mas também que até o santificam. Trata-se de que, em uma atmosfera de descontentamento político quase geral, quando as condições exigem que o trabalho seja feito em absoluto segredo, e quando a maior parte de nossas atividades deve concentrar-se em círculos rigorosamente secretos e, ainda que em encontros puramente pessoais, nos torna muito difícil, para não dizer impossível, distinguir os charlatães daqueles que trabalham. E não acredito que haja outro país em que mescle essas duas categorias de pessoas seja tão comum e cause tamanha confusão e dano como na Rússia. Não só entre os intelectuais, mas também entre a classe operária, sofreremos gravemente deste mal, e a fórmula do camarada Martov dá-lhe força de lei. Essa fórmula tem de inevitavelmente tornar todo mundo membro do partido; o próprio camarada Martov teve de assim reconhecer, ainda que com uma reserva: “se, se querem”, disse. Precisamente isso é o que não queremos! É porque não queremos, nos rebelamos com tanta energia contra a fórmula de Martov. É preferível que dez operários que trabalhem não se identifiquem como membro do partido (quem de fato trabalha não busca títulos!) do que um charlatão que goze do direito e da possibilidade de ostentar esse nome. Eis aqui um princípio que me parece inquestionável e que me obriga a lutar contra Martov. Objetaram-me que nós não outorgamos nenhum direito aos membros do partido, motivo pelo qual não pode haver abusos. Mas essa objeção é insustentável: se não indicamos que direitos especiais adquirem um membro do partido, tampouco dizemos que exista alguma restrição a esses direitos. Isto em primeiro lugar. E, em segundo, e o mais importante, independentemente dos direitos, não se pode esquecer que todo membro é responsável pelo partido e que o partido é responsável por cada um de seus membros. Nestas condições de atividade política em que devemos trabalhar, dado o estado rudimentar da atual organização política, seria claramente perigoso e nocivo conceder os direitos de membro do partido àqueles que não são membros de uma organização do partido, responsabilizar a este pelas pessoas que não integram uma organização (e que talvez não se filiem deliberadamente). Ao camarada

Martov, espanta a ideia de que, ao não comparecer diante dos juízes, alguém que não fosse membro de uma organização partidária não tivesse o direito de declarar que é membro do partido, por mais que tivesse realizado sua tarefa com toda eficiência. A mim isso não assusta. O que causaria grave dano seria, pelo contrário, que pudesse chamar-se membro do partido, diante dos tribunais, uma pessoa de qualidade pouco recomendável e que não pertencesse a uma organização do partido. Seria impossível negar que tal pessoa trabalha sob a direção e o controle de uma organização, e seria impossível precisamente em virtude da mesma indefinição do termo. Nos fatos – e disso ninguém pode duvidar –, as palavras “sob o controle e a direção” significam que não haveria controle, nem direção. O Comitê Central jamais disporá da força necessária para exercer um verdadeiro controle sobre todos aqueles que trabalhem, mas não façam parte de nenhuma organização. É nosso dever estabelecer um controle efetivo nas mãos do Comitê Central, proteger a solidez, a coerência, a pureza de nosso partido. Devemos nos esforçar para elevar cada vez mais e mais o título de membro do partido e sua importância, e por tudo isso me oponho à fórmula proposta por Martov.

Lênin insiste em que se incluam algumas palavras sobre o apoio material, já que todos aceitam que o partido, para existir, necessita da contribuição de seus membros. Diante do problema de criar um partido político, é impossível basear-se em considerações morais.

A luta pela realização do III Congresso da Social-democracia Russa

Depois de mais de um ano e meio da cisão no II Congresso, em que se constituíram as duas tendências, bolchevismo e menchevismo, a crise da social-democracia não fez senão se agravar. Os mencheviques, que eram minoria, acabaram por se apossar dos principais organismos de direção. Lênin, para conservar as posições de princípio organizativo, teve de renunciar à comissão de redação do jornal *Iskra*. Durante esse período, se viu limitado pela ausência de um jornal que expressasse as posições do bolchevismo. Despontava na Rússia a luta dos explorados. Lênin identificava o desenvolvimento de uma tendência revolucionária já em 1904, que se confirmou com os levantes de 1905 contra a opressão monárquica. Estando confinado no exterior, Lênin se ressentia de um vínculo vivo com os acontecimentos da luta de classes na Rússia.

Entre o II e III Congressos, que será realizado em abril de 1905, em Londres, Lênin fortaleceu as posições políticas e organizativas dos bolcheviques, em constante combate ao divisionismo e ao método faccional dos mencheviques. Em maio de 1904, ainda supunha ser possível que a realização do III Congresso poderia reunificar o partido. Em sua *“Carta aos membros do Comitê Central”*, de 13 de maio de 1904, Lênin se contrapõe ao pessimismo de quem achava que a cisão permaneceria. Diz: *“Avalio que no III Congresso acabaremos, por meio de resoluções formais, com a fantasia do ‘estado de sítio’ e criaremos um clima em que as discussões se desenvolverão sem entorpecer o trabalho construtivo”*. Essa não era a vontade dos mencheviques, que faziam um trabalho de sabotagem e intriga, principalmente por meio de acusações contra Lênin. Em julho deste mesmo ano, Lênin escreve uma carta ao partido, *“O que pretendemos conseguir?”*. Nela, reafirma sua convicção de maio. Considera o Congresso um instrumento para dirimir as divergências. Diz: *“Apoiamos sem reservas os comitês que colocam a exigência de convocar imediatamente o III Congresso do partido”*. Novamente, rechaça o argumento de que *“o Congresso conduzirá a uma cisão”*. Opõe-se ao argumento negativista de uma parte dos opositores de que ainda era *“possível uma reconciliação sem necessidade do Congresso”*. E, finalmente, rejeita as colocações de que o Congresso pudesse ser manejado, de que as divergências ainda não estavam claras e que o Congresso desperdiçaria energias. Em agosto, Lênin retoma a discussão com os adversários, que resistiam a expor à luz do dia seu trabalho fracionista. Diz: *“Afirmamos que todas as objeções contra a convocação do Congresso são totalmente infundadas”*. Conclui: *“Para nós, a saída prática da crise está na imediata convocação do III Congresso do partido”*.

Lênin estabelece três pontos que demonstram a seriedade, a lealdade e a disposição dos bolcheviques em realizar um Congresso verdadeiramente revolucionário. Em síntese: 1) *“entregar a Redação do Comitê de Organização (CO) aos partidários da maioria. A necessidade disso está suficientemente demonstrada pela evidente falta de idoneidade da Redação atual para dirigir o CO tal como exige os interesses gerais do partido. O órgão de um círculo não pode, nem deve ser o órgão do partido”*; 2) *“definir com precisão as relações que devem existir entre a organização local do estrangeiro (a ‘Liga’) e o organismo central de toda a Rússia, o Comitê Central. A situação atual da ‘Liga’, que se transformou em um segundo centro do partido e dirige sem controle algum os grupos que a seguem, ao mesmo tempo que ignora por completo o Comitê Central, é evidentemente*

anômala, e deve cessar”; 3) “garantir nos estatutos que as lutas no partido se ajustem aos métodos de partido. A necessidade desta reforma está indicada por toda experiência da luta posterior ao Congresso. Os estatutos do partido devem garantir o direito de toda a minoria, para que as divergências, descontentamentos e irritações, que surgirão constante e inevitavelmente, sejam desviados dos velhos, mesquinhos e estreitos canais do escândalo e da querela e afastados dos canais impróprios, ainda que sirvam a uma luta legítima e digna pelas próprias convicções (...)”.

Lênin conclui fazendo um chamado: *“Ao apresentar esse programa de luta pela unidade do partido, convidamos os representantes de todos os demais matizes de opinião e a todas as organizações do partido a exporem com clareza seus próprios programas, para estabelecer assim a possibilidade de preparar o Congresso séria e sistematicamente, consciente e metódico”.*

Em outubro, agrava o choque entre os bolcheviques e mencheviques. Lênin reconhece: *“A crise do partido se amplia interminavelmente e sua solução se torna cada vez mais difícil (...) Os membros do Comitê Central, que passaram para o lado da minoria, não se detiveram nem diante das mais grosseiras violações dos direitos dos membros do CC que se mantiveram nas posições da maioria”.* Lênin acusa esse jogo dos mencheviques, que se utilizam do aparato partidário para falsear perante a militância com a ideia de que se estava procurando a reconciliação. De fato, os mencheviques se movimentavam para impossibilitar a realização do III Congresso. Lênin denuncia: *“Em nome da paz, o novo Comitê Central dissolve as organizações que ousam querer um Congresso. Em nome da paz, o novo Comitê Central proclama que as publicações da maioria não são publicações partidárias e se nega a entregá-las aos comitês (...)”.* Estava não apenas declarada a guerra dos mencheviques contra o III Congresso como passara a uma ofensiva burocrática e repressiva aos bolcheviques. Diante dessa situação, os bolcheviques criam o Birô de Comitês da maioria.

No Comunicado de 20 de outubro sobre a formação do bureau, Lênin convoca os bolcheviques para uma ofensiva em torno da convocação do III Congresso: *“Aos Comitês e organizações da maioria, não resta outro caminho a não ser unir-se para lutar pelo Congresso e contra as chamadas instituições centrais do partido, que nos fatos burlam descaradamente o partido”.* Nesse momento, como se pode constatar, concluía a etapa pós II Congresso em que ainda os bolcheviques aspiravam unir a social-democracia sobre a base de princípios organizativos e fundamentos programáticos.

A criação do jornal Vperiod (“Adiante”)

O controle dos órgãos de direção pela minoria (mencheviques), que havia sido derrotada no II Congresso, e a renúncia forçada de Lênin do Comitê de Redação do jornal Iskra deixaram a maioria (bolcheviques) desarmada organizativamente. A luta pela realização do III Congresso exigiu resolver essa questão. Lênin reúne seus camaradas em Genebra, em 23 de novembro de 1904, para fundar um novo jornal. Chamar-se-ia Vperiod (“Adiante”). O objetivo era o de travar o combate contra o divisionismo da minoria, que a partir do jornal Iskra sabotava a realização do III Congresso.

Em sua “*Carta aos Camaradas*”, Lênin explica a decisão: “*A publicação de um jornal do partido dedicado a defender e desenvolver os princípios da maioria contra a discórdia em matéria de organização e de tática, introduzida no partido pela minoria, e a serviço das necessidades do trabalho construtivo das organizações da Rússia, contra os agentes da minoria que, agora, travam uma furiosa luta, quase por todo o país, luta que desorganiza terrivelmente o partido no momento histórico tão importante como o atual, e que é levada inteiramente por meio dos mais desavergonhados métodos e procedimentos divisionistas (...)*”.

Lênin chama a militância a enfrentar o controle do aparato partidário pela minoria e a se organizar para derrotá-la com os métodos e princípios partidários opostos ao “espírito de círculo”. Assinala que durante um ano os bolcheviques fizeram enormes esforços para encontrar um caminho que levasse à superação da cisão, mas que agora não havia outra saída senão recorrer à organização dos bolcheviques. Para isso, era necessária a criação de um jornal.

Em tom de correspondência, Lênin conclama: “*Apelamos, agora, a todos os camaradas, para que nos prestem todo o apoio que possam. Dirigiremos nosso órgão como um órgão do movimento no interior da Rússia, e, de modo algum, de um círculo do estrangeiro. Para isso, necessitamos, antes de tudo, do mais enérgico apoio ‘literário’ ou, mais exatamente, a participação literária vinda da Rússia. Sublinho e coloco entre aspas a palavra ‘literário’ para chamar a atenção desde o início para o seu sentido especial e precaver contra um conceito errôneo muito frequente e tremendamente prejudicial para o trabalho. É o conceito segundo o qual somente os escritores (no sentido profissional da palavra) podem colaborar com êxito em um jornal. Pelo contrário, este será um órgão vivo e vital quando a cada cinco escritores destacados que trabalhem na redação e colaborem com regularidade nele, haja*

quinzentos ou cinco mil colaboradores do jornal que não sejam escritores. Um dos defeitos da velha Iskra, do qual sempre procurei me livrar (e que se desenvolveu até alcançar proporções monstruosas na nova Iskra), consistia em que se colaborava muito pouco com ela aí da Rússia. Tudo que recebíamos daí publicávamos, quase sem exceção. Um órgão inteiramente vivo deve publicar somente a décima parte do que recebe, e utilizar o restante como material de informação e orientação para os encarregados de redigir o jornal. É, portanto, necessário que mantenham correspondência conosco o maior número possível de militantes do partido; uma correspondência no sentido corrente e não jornalístico da palavra”.

Lênin continua a explicar o novo sentido que deveria ter o jornal Vperiod: “O isolamento da Rússia e a atmosfera do maldito pântano da emigração nos oprimem de tal modo que a nossa única salvação está no contato vivo com a Rússia. Que não se esqueçam aqueles que desejam, nos fatos, e não em palavras, considerar o nosso jornal como órgão de toda ‘maioria’ da massa de militantes da Rússia (e fazer com que realmente assim seja). E todo aquele que considere esse órgão como sendo seu e tenha consciência de seus deveres de membro do partido social-democrata deve superar, de uma vez por todas, o hábito burguês de pensar e de trabalhar como é usual a respeito dos jornais legais, o hábito de sentir assim: eles têm a obrigação de escrever e nós de ler. Todos os revolucionários devem trabalhar para um jornal marxista. Pedimos a todos que nos enviem correspondências e, especialmente, aos operários. É preciso dar aos operários a mais ampla possibilidade de escrever para nosso jornal, de escrever decididamente acerca de tudo, de escrever sobre tudo que diga respeito a sua vida cotidiana, ao seu trabalho e a aquilo que lhes interessa; um jornal social-democrata que não contenha materiais desse tipo não valerá de nada, nem merecerá esse nome. E pedimos, além disso, que nos escrevam cartas, não para serem publicadas como colaborações, mas no sentido de intercâmbio de camaradas com a redação e para manter esta informada não somente sobre os fatos e acontecimentos, mas também sobre o estado de ânimo predominante e os detalhes da vida diária ‘carentes de interesse’, das coisas monótonas e rotineiras que são a outra face do movimento. Quem não residiu no estrangeiro não pode se dar conta de quanto são necessárias tais cartas (...). Escrevamos sobre as discussões nos círculos operários do caráter destas discussões, dos temas tratados, das perguntas que fazem os operários; sobre a situação do trabalho de propaganda e agitação, dos vínculos com as massas em geral, com os soldados e com os jovens; escrevamos sobre tudo o que diga respeito ao descontentamento que os operários ma-

nifestam diante de nós, dos social-democratas, acerca de suas inquietações, suas aspirações, seus protestos, etc. São especialmente interessantes, agora, os problemas referentes à organização prática do trabalho, e não há outro meio de torná-lo conhecido da redação a não ser pelo envio de cartas vivas, não de caráter jornalístico, mas simplesmente entre camaradas; é certo que nem todo mundo tem disposição de escrever, nem sabe fazê-lo, mas... não digam 'não sei', mas sim 'não quero'; quando se quer, sempre é possível encontrar, em qualquer círculo, em qualquer grupo, inclusive nos mais pequenos e de menor importância (...), um ou dois camaradas capazes de escrever”.

Lênin pede encarecidamente que a sua carta seja lida nas reuniões, com maior amplitude possível, e que a militância responda avaliando como os operários receberam o chamado de criação do jornal. Em rápidas palavras, conclui: *“Somos céticos a respeito da ideia de publicar separadamente um órgão operário (‘popular’) e um órgão intelectual orientador, desejaríamos que o jornal social-democrata fosse o órgão de todo o movimento, que o jornal operário e o jornal social-democrata se fundissem em um único órgão. E isso somente pode se conseguir se contarmos com o mais ativo apoio da classe operária”.*

A necessidade do III Congresso

A criação do Jornal Vperiod evidenciou a convicção de Lênin de que era preciso organizar os bolcheviques, tendo em vista a impossibilidade dos mencheviques admitirem a constituição do partido centralizado e regido pelo programa. Nesse mesmo sentido, Lênin e seus camaradas criaram um Comitê de Organização, objetivando a convocação do III Congresso ordinário do Partido Operário Social-democrata da Rússia. Em um comunicado escrito em meados de dezembro de 1904, explica: *“A grave crise pela qual nosso partido atravessa, e que já vem se prolongando há mais de um ano e meio, desde o II Congresso, chegou a seu resultado inevitável e amplamente previsto – a total ruptura das instituições centrais com o partido”.*

Lênin diz que não pretendia recapitular no comunicado “a dolorosa história da crise”. A situação estava suficientemente clara. O divisionismo levado a cabo pelos mencheviques prejudicava sensivelmente, a luta dos revolucionários diante dos levantes operários contra a autocracia. Nas palavras de Lênin: *“Todos os social-democratas que trabalham na Rússia sabem perfeitamente que tremendo dano tem causado a divisão de nosso partido quanto à organização e à coesão das forças do proletariado, que prejuízo incalculável sofreu o trabalho de propaganda, agitação e unificação*

dos operários na Rússia, devido à deletéria influência exercida pelo espírito de círculo no estrangeiro”.

Estava claro em seu entendimento que, se não era possível romper esse “*espírito de círculo no estrangeiro*”, era possível superá-lo na Rússia. Essa era a via perseguida pela realização do III Congresso. O comunicado exalta a militância a combater o boicote dos mencheviques. Em defesa da unificação dos social-democratas russos, Lênin lançou as bandeiras: “*Viva a social-democracia revolucionária russa!*” “*Viva a social-democracia revolucionária internacional*”. O comunicado estabelece sete condições da convocação do Congresso. Determina que comitês e organizações tivessem o direito à delegação com voz e voto. No caso de divergência quanto à delegação, o próprio III Congresso decidiria. Frisa a importância da participação de toda militância que se reivindica da social-democracia.

Vemos que Lênin vincula a necessidade do III Congresso com as alterações na luta de classes em fins de 1904. No final de janeiro de 1905, redigiu um manifesto denominado “*Começo da revolução na Rússia*”. Analisou o momento da seguinte maneira: “*A revolução se estende. O governo começa a inquietar-se. Procura passar da política de sangrentas represálias à de concessões econômicas, e sair do impasse com esmolas ou com a promessa da jornada de 9 horas. Mas a lição do Domingo Sangrento não poderá ser esquecida (...)*”. À matança de 9 de janeiro (Domingo Sangrento), emergiu a tarefa de derrubar o governo czarista.

Lênin expressou o momento convulsivo com a bandeira “*Viva o proletariado revolucionário*” e explicou seu conteúdo: “*A greve geral coloca em pé e mobiliza a massa de operários e de pobres da cidade cada vez mais amplamente. Armar o povo se tornou uma das tarefas mais urgentes do momento revolucionário*”. Estabeleceu a tática da independência de classe do proletariado e da frente única durante a insurreição com os representantes da democracia burguesa e frisou a importância decisiva da estratégia: “*O proletariado deve seguir sempre seu caminho independente, estreitamente unido ao partido social-democrata, sem perder de vista sua grandiosa meta final, que é emancipar toda a humanidade de qualquer tipo de exploração*”.

No início de março, Lênin orientou o partido por meio de um chamado à militância no artigo “*Novas tarefas e novas forças*”. Acentuou a importância do trabalho partidário no seio das massas: “*Quanto mais se estende o movimento popular, mais se evidencia a verdadeira natureza das diversas classes, mais necessária se torna a tarefa do partido de guiar a classe, de ser seu organizador, em vez de marchar por trás dos acontecimentos*”. Está

claro nessa passagem a preocupação de Lênin quanto à capacidade da social-democracia russa em se colocar à frente dos levantes. É no momento insurrecional que os revolucionários são testados. Diz Lênin: *“Não se deve esquecer que nossa finalidade ‘doutrinária’ do marxismo se vê agora fortalecida pela marcha dos acontecimentos revolucionários, que proporciona às massas lições concretas em toda a parte e que todas essas lições confirmam nossa doutrina”*. O que mudava em meio aos combates era a exigência *“de novos métodos de ensino da doutrina, que um social-democrata jamais, em nenhuma circunstância, deve esquecer. Falamos da importância que é aproveitar agora os ensinamentos concretos dos grandes acontecimentos revolucionários para chegar não apenas aos círculos, mas também às massas as nossas velhas lições doutrinárias (...)”*.

Essa nova circunstância da luta de classes exigiu total atenção de Lênin. No final de março e início de abril, Lênin retomou a questão do III Congresso. Divulgou uma espécie de carta *“Ao Partido”*: *“Camaradas, vocês sabem o quanto grave é a crise pela qual atravessa nosso partido há mais de um ano e meio. Os organismos centrais de nosso partido, com sede no estrangeiro, a Redação do Órgão Central e o Conselho do Partido, se acham desde o II congresso, como resultado de uma série de lamentáveis acontecimentos, nas mãos de partidários da minoria do congresso do partido”*.

Como se vê, Lênin estava obrigado a lembrar à militância, que se encontrava profundamente envolvida na luta revolucionária, que os mencheviques (minoridade no II congresso) acabaram por romper a organicidade partidária, tomando conta dos principais órgãos de direção. Essa situação não poderia mais perdurar e somente o III congresso poderia dar a solução.

Confirmada a divisão no III Congresso

A cisão entre bolcheviques e mencheviques, que ocorreu após o II Congresso, se consolidou na convocação do III Congresso do POSDR. Não foi possível tornar o III Congresso em instrumento de unificação. Ao contrário, os mencheviques travaram um combate contra sua convocação. De maneira que, entre 12 e 27 de abril de 1905, realizou-se o III Congresso, em Londres. Os mencheviques, por sua vez, convocaram uma Conferência, em Genebra. Constituíam-se, portanto, definitivamente, o Partido Bolchevique. Desta vez, o III Congresso expressava a vitória completa do leninismo. Assumiu a concepção marxista do partido e assentou as suas bases programáticas, nas condições do levante revolucionário de 1905.

Participaram do III Congresso 38 delegados, 24 com direito a voto e 14 com direito a voz. A delegação representou inúmeros comitês do POSDR. Lênin foi eleito para presidir os trabalhos. Os estatutos foram modificados, constando o famoso primeiro artigo sobre a militância, que foi motivo da divisão entre bolcheviques e mencheviques no II Congresso. Estabeleceu uma direção centralizada, na forma de Comitê Central. Instituiu o fundamento organizativo do centralismo democrático. As resoluções estratégicas e táticas aprovadas respondiam ao levante revolucionário das massas contra o czarismo. O problema da insurreição armada esteve no centro das discussões.

Diante da revolução democrática burguesa, que caracterizava o choque dos oprimidos com a monarquia, o Congresso estabeleceu a diretriz do proletariado, que necessariamente deveria responder ao problema da aliança com o campesinato. Os delegados se viram diante da discussão sobre o caráter da revolução democrático-burguesa e sua transição para a socialista. Eis por que, do ponto de vista prático, a tática e o método de luta expunham o seu condicionamento estratégico. A política do proletariado, suas reivindicações e seu programa não se confundiam com as forças democráticas da burguesia e da pequena burguesia.

Vale a pena transcrever a rica pauta do III Congresso. Eis:

- “A) Problemas táticos: 1) insurreição armada; 2) preparação da social-democracia para a atuação política pública; 3) posição da social-democracia diante do governo na véspera, durante e depois da revolução; 4) atitude diante do movimento camponês.*
- B) Posição diante dos partidos e correntes: 5) posição diante da fração que se separou do Partido Operário Social-democrata da Rússia; 6) posição diante dos partidos social-democratas nacionais e organizações da Rússia; 7) posição diante dos liberais; 8) posição diante dos socialistas revolucionários.*
- C) Organização do partido: 9) estatuto do partido; 10) relação entre operários e intelectuais nas organizações do partido.*
- D) Trabalho interno do partido: 11) informe dos delegados; 12) aperfeiçoamento da propaganda e agitação; 13) 1º de Maio; 14) eleição dos funcionários; 15) regulamento para publicação das atas e incorporação de novas instituições”.*

Abaixo publicamos a posição do Congresso sobre o levante das massas.

“Projeto de resolução sobre a atitude do POSDR diante da insurreição armada”

“Considerando,

- 1) que o proletariado, que é, por sua situação, a classe mais avançada e mais conseqüentemente revolucionária, está chamada, por isso, a ser a direção do movimento revolucionário democrático geral da Rússia;
- 2) que somente o cumprimento desse papel dirigente na revolução garantirá ao proletariado a posição mais favorável para continuar lutando pelo socialismo e contra as classes possuidoras da nascente Rússia democrático-burguesa;
- 3) que o proletariado somente poderá cumprir tal papel dirigente se se organiza como força política independente sob a bandeira da social-democracia, e se atua com a máxima unidade possível nas greves e manifestações.

O III Congresso resolve que a tarefa de organizar as forças do proletariado, para a luta direta contra a autocracia, por meio da greve política de massas e da insurreição armada, e de criar com tal objetivo um aparato de informação e direção constitui uma das tarefas fundamentais do partido, no momento revolucionário atual. Por essa razão, o Congresso recomenda, tanto ao CC como aos comitês locais e aos agrupamentos, a preparação da greve política de massa e a organização de grupos especiais para a obtenção e distribuição de armas, para a elaboração de um plano objetivando a insurreição armada e para abordar sem demora os trabalhos destinados a dirigir a insurreição. A realização desta tarefa não deve, nem pode, de modo algum, prejudicar o trabalho geral dirigido a desenvolver a consciência de classe do proletariado, mas, ao contrário, deverá fazer com que esse trabalho seja ainda mais profundo e eficiente”.

Na sessão de 15 de abril – essa questão foi discutida em cinco sessões -, Lênin fez a defesa dessa resolução. Explicou que a questão da insurreição armada não é tão clara como se supõe. Referiu-se aos equívocos da posição de Axelrod, expostos no Iskra, que considerava se tratar de uma insurreição “da massa embrutecida do povo”. Lênin acentuou a importância da consciência política e da luta organizada. Disse: “*Mas a realidade demonstrou que não se trata de uma insurreição ‘da massa embrutecida’, mas de uma insurreição da massa politicamente consciente, capaz de uma luta organizada*”. E concluiu indicando a importância do “*aspect-*

to prático do assunto”. Recomendou que as experiências fossem trazidas para o partido, de forma a se livrar das discussões acadêmicas. Em suas últimas palavras: *“É imprescindível resumir a experiência coletiva, da qual não se extraíram até agora conclusões generalizadas”*.

Balanco do III Congresso

Expusemos a vitória do leninismo em relação à concepção marxista do partido. Publicamos, também, o Projeto de resolução sobre a atitude do POSDR diante da insurreição armada de 1905. Lênin tratou de colocar o III Congresso em estreita relação com o movimento revolucionário que se chocava com a monarquia e colocava a sua derrubada. O lugar da vanguarda marxista, portanto, era decisivo para organizar as forças do proletariado no campo da independência de classe e separadas das frações burguesas e pequeno-burguesas, que pretendiam circunscrever a revolução democrática à entrega do poder aos liberais e aliados. A decidida organização da insurreição é o que permitiria cumprir essa tarefa.

Lênin destaca três pontos fundamentais do III Congresso: 1) o enfrentamento à crise do partido; 2) a estrutura organizacional do partido; 3) a tática que correspondia à situação revolucionária. Esses três aspectos constam do balanço de maio de 1905, intitulado *“O III Congresso”*, publicado no 1º número do Jornal *Proletari*, aprovado como órgão central dos bolcheviques no III Congresso. Os três pontos assinalados acima foram considerados decisivos para o êxito do Congresso, mas as considerações sobre a revolução em marcha e a resolução sobre a insurreição armada se destacaram por se tratar de um problema novo e por exigir uma tática que correspondesse à estratégia do programa socialista. Nesse sentido, transcrevemos a seguinte passagem do balanço:

“As condições históricas objetivas se apresentam sob um sinal favorável à revolução russa. A insensata e vergonhosa guerra aperta cada vez mais o laço que prende o pescoço do governo czarista e cria uma situação sumamente favorável para o esmagamento revolucionário do militarismo, para uma ampla difusão da ideia do armamento do povo em vez do exército permanente, e para levar com rapidez à prática essas medidas, que contam com a simpatia da população. A longa e ilimitada dominação do absolutismo acumulou no povo reservas de energia revolucionária talvez nunca vistas na história; junto ao vasto movimento operário, crescem e se estendem os levantes dos camponeses e das forças democráticas pequeno-burguesas, sobretudo dos representantes das profissões liberais, se unem em uma aliança. (...) A

vitória será possível se o proletariado tencione todas as suas forças. Esse objetivo coloca para a social-democracia exigências que jamais, nem em parte alguma, a história colocou a um partido operário na época da revolução democrática. Não temos diante de nós os caminhos habituais de um lento trabalho de preparação, mas temos as colossais e grandiosas tarefas de organização da insurreição armada, de concentração das forças revolucionárias do proletariado, de sua coesão com as forças de todo o povo revolucionário, de assalto armado e de implantação de um governo revolucionário. Nas resoluções, que agora se tornam públicas, o III Congresso procurou levar em conta essas novas tarefas e estabelecer diretrizes de acordo com elas às organizações dos proletários com consciência de classe”.

A caracterização do momento e a definição da tática separam o III Congresso dos bolcheviques da Conferência dos mencheviques. Lênin dedicou atenção especial a essa divergência, uma vez que as novas condições por que passava a Rússia não permitiam discussões de princípios e fundamentos organizativos fora da prática revolucionária. A concepção de partido se manifestava com toda sua concretude nas tarefas da revolução, que se apresentavam em 1905. No artigo publicado no *Proletari* de julho desse mesmo ano, intitulado “*III passos atrás*”, Lênin mostrará a inconseqüência dos mencheviques diante do levante das massas. Eis suas observações:

“Do candente problema da insurreição não nos diz que se tornou em uma ‘necessidade’, que deve se discutir não só sua importância política, mas também seu ‘aspecto prático e organizativo’, e que, para isso, há que ‘organizar o proletariado’ e ‘criar, na medida necessária, grupos especiais’ (resolução do III Congresso). Ao contrário, nos diz que ‘está excluída’ a possibilidade de fixar a insurreição para um determinado prazo e de prepará-la por métodos conspirativos de organização; mais adiante afirma, em relação a isso, que, se se amplia a agitação e a organização, será possível transformar os movimentos espontâneos em ‘insurreições planejadas’. Pretende-se que essa embrulhada confusionista proporcione direção ideológica ao partido do proletariado.

O III Congresso do POSDR repete e confirma todas as antigas verdades acerca da propaganda, da agitação, do movimento democrático geral, etc., mas acrescenta a tudo isso a nova missão: organizar o proletariado para a insurreição, explicar o ‘aspecto prático e organizativo’ dos novos métodos de luta, da luta decisiva pela liberdade. A Conferência, ao contrário, somente fala da ‘preparação da insurreição’ em geral, repete as coisas arquiconhecidas

das em torno à agitação e à organização em termos gerais; não se atreve a colocar por sua conta nenhuma tarefa nova, não oferece nenhuma consigna orientadora acerca da necessidade de dar um passo à frente e, concretamente, passar da organização geral, daquela que vínhamos falando desde 1902, ao enfoque prático e organizativo do assunto. Exatamente igual aos velhos 'economicistas'. Quando apareceram na situação novos objetivos da luta política, foram subestimados, divididos em etapas, subordinados aos objetivos da luta econômica.

(...) Não basta a propaganda e a agitação em geral, dizem agora os revolucionários, não basta explicar a importância política da insurreição, é preciso começar, além disso, a criar grupos especiais, lançar-se imediatamente ao trabalho prático de organização, tomar as mais enérgicas medidas para armar o proletariado”.

Os acontecimentos de 1905, com o Domingo Sangrento, a rebelião dos explorados e a criação dos sovietes (conselhos operários) se encarregaram de dar inteira razão aos bolcheviques e, portanto, elevar o III Congresso a um ponto alto da história do partido revolucionário.

A revolução de 1905

Em junho de 1905, o levante das massas ganhou proporção insurrecional. Lênin analisou as mudanças que rapidamente ocorreram com a insurreição em Odesa e a adesão dos marinheiros do Encouraçado Potenkin à revolução. O que comprovava as teses do III Congresso. Em um artigo publicado no Proletari, de 10 de julho, assinalou que, pela primeira vez, os revolucionários se viram diante de um movimento que tomava a forma de guerra civil. E, também, pela primeira vez, se colocava concretamente a derrubada da monarquia e a constituição de um governo revolucionário. De maneira que o III Congresso dos bolcheviques emergia do fundo da tormenta, colocando assim as tarefas da revolução democrática e do desenvolvimento do objetivo histórico do proletariado, que era a de alcançar o socialismo.

A ruptura na marinha e a disposição dos soldados de combaterem ao lado das massas modificavam de tal sorte a situação que colocava para os bolcheviques a tarefa de ajudar os explorados a organizarem o exército revolucionário e, portanto, a combaterem por um governo revolucionário. Estava posta uma ação voltada a aproveitar a revolta dos marinheiros, e mesmo entre as tropas, para organizar o exército revolucionário e estabelecer uma direção militar à insurreição.

Lênin orientou o partido a intervir com a seguinte linha: *“Nossa tarefa é, agora, estimular com todas nossas forças essas tentativas, explicar às grandes massas proletárias e camponesas o que significa um exército revolucionário na luta pela liberdade de todo o povo, ajudar as unidades desse exército a levantar a bandeira popular, a bandeira da liberdade, capaz de atrair as massas e de unir as forças que esmagarão a autocracia czarista”*. Concluía: *“O exército revolucionário é imprescindível, porque os grandes problemas históricos somente podem se resolver pela força, e a organização da força é, na luta moderna, a organização militar”*.

Lênin, por outro lado, indicava que não se tratava de uma tarefa fácil e não comportava imediatismos. Mostrava a importância do *“trabalho paciente, lento e mesmo imperceptível de educação política, que desenvolveu e sempre desenvolverá a social-democracia”*.

Na luta política que se travava contra os adversários dessa posição, merece ainda transcrever a explicação de que o marxismo *“nunca considerou a guerra, e tampouco a considera agora, de um ponto de vista sentimental. Condena sem reservas as guerras como meio bestial para resolver os conflitos da humanidade, sabe que as guerras serão inevitáveis enquanto a sociedade estiver dividida em classes, enquanto existir a exploração do homem pelo homem. Mas, para acabar com essa exploração, não é possível prescindir da guerra, que desencadeia sempre em todo lugar as classes exploradoras, dominantes e opressoras”*.

O III Congresso havia estabelecido as linhas gerais para as condições da insurreição e os principais pontos programáticos. Havia, portanto, de passar à prática.

Dezesseis dias depois da publicação do artigo aqui comentado, Lênin retomou a questão da cisão com os mencheviques no artigo *“A revolução ensina”* (Proletari, 26 de julho). Diz: *“Não há melhor crítica de uma doutrina equivocada que o curso dos acontecimentos revolucionários”*. Referia-se ao erro dos mencheviques de não reconhecer a situação madura para a insurreição e a tarefa prática de sua preparação.

É exemplar a seguinte consideração sobre o método de condução da divergência. *“As divergências internas aos partidos políticos e entre eles se resolvem, habitualmente, não só com a polêmica em torno aos princípios, mas também no curso próprio da vida política, para ser mais preciso, não tanto pela primeira como pela última. Em particular, as divergências relativas à tática do partido, ou seja, à sua atividade política, acabam, frequentemente, fazendo com que aqueles que raciocinavam erroneamente se arrastassem*

atrás do justo caminho da luta, sob a ascendência dos ensinamentos da vida, sob a pressão dos acontecimentos, que obrigam a seguir o justo caminho, que, sensivelmente, fazem com que aqueles que tiveram os raciocínios equivocados ficassem sem base nem conteúdo, caducos e vazios de interesse. Isso não significa, certamente, que as divergências de princípio sobre questões táticas não tenham séria importância e não exijam esclarecimentos de princípio, única forma de manter o partido à altura de suas convicções teóricas. Não! Isso somente significa que é necessário verificar o mais detalhado possível as decisões táticas adotadas, à luz dos novos acontecimentos políticos. Tal verificação é necessária tanto teórica como praticamente: teoricamente, para comprovar se, nos fatos, as decisões tomadas foram justas, e que correções são necessariamente colocadas pelos acontecimentos políticos ocorridos depois que foram tomadas; praticamente, para aprender a nos guiar de maneira acertada por essas decisões, para aprender a considerá-las como diretrizes que devem ser postas em prática de imediato”.

Esse ensinamento extraído das divergências, da cisão, da negação do III Congresso pelos mencheviques, do movimento revolucionário de 1905 e da intervenção prática é de importância capital para o trabalho de construir o partido leninista. Sua vigência está na relação direta com a formulação do programa e das respostas ditas pela luta de classes.

IV Congresso

O IV Congresso se realizou em abril de 1906, em Estocolmo, Suécia. Ficou conhecido como o Congresso da unificação entre bolcheviques e mencheviques.

Os levantes de 1905 contra a monarquia, o despertar da classe operária e a constituição dos soviets fortaleceram tanto os bolcheviques quanto os mencheviques, em termos numéricos. Os bolcheviques tiveram a vantagem de ter suas teses e fundamentações elaboradas no segundo e terceiro Congressos confirmadas, o que potenciou o leninismo e impulsionou a coesão de suas fileiras. Os mencheviques passaram a ter a vantagem numérica, mas a desvantagem do aumento da frouxidão programática e teórica. Essa nova situação se refletiu na realização do IV Congresso. Cresceram as pressões nas bases mencheviques para superar a divisão.

Lênin pretendia a convocação do Congresso ainda no calor dos combates. Mas acabou ocorrendo no momento em que as massas, já cansadas e duramente golpeadas pela violência contrarrevolucionária,

voltavam ao leito normal. O último elo do movimento insurrecional havia sido rompido com a brutal repressão ao movimento operário de Moscou. Em certo sentido, o momento era favorável para os mencheviques, uma vez que podiam se apresentar como maioria dos delegados e se valer da retração das massas. Os bolcheviques, por sua vez, tinham a seu favor o fato da monarquia sair enfraquecida, de as massas aprofundarem sua oposição ao czarismo e de nenhuma reforma significativa ter sido posta em prática.

Em novembro de 1905, Lênin dava a seguinte explicação: *“A revolução ainda não terminou. Se o czarismo já não está em condições de vencer a revolução, a revolução ainda não está em condições de vencer o czarismo”*. Retoma a análise, nesse mesmo mês: *“O velho regime está quebrado, mas ainda não foi liquidado, e o novo regime livre existe sem que seja reconhecido, semiculto, perseguido a miúdo pelos esbirros do regime autocrático”*. Embora as dificuldades fossem muitas para o triunfo completo da revolução democrático-burguesa, Lênin orientava o partido a estar sempre à frente dos combates e sob a convicção de que a insurreição era invencível. Exortava: *“Os operários social-democratas devem se preparar para acontecimentos ainda mais grandiosos, que lhes imporão uma responsabilidade gigantesca!”*. E conclui: *“Não se deve esquecer que somente um partido social-democrata fortemente coeso pode conduzir o proletariado da Rússia à vitória, ombro a ombro com o proletariado social-democrata de todo o mundo”*.

No seio da revolução, travava-se a luta decisiva por tornar o partido revolucionário em dirigente das massas e capaz de encarnar o programa proletário em contraposição ao da burguesia e da pequena burguesia. Os bolcheviques enfrentam as forças que combatiam o partido com a política e a ideologia burguesa do apartidarismo. Também em novembro, Lênin responde a esse obstáculo: *“O apartidarismo sempre foi, em todo o lugar, instrumento e consigna da burguesia. Podemos e devemos marchar, em certas condições, junto aos proletários que não têm consciência de classe, junto com os proletários que aceitam doutrinas não proletárias (o programa dos ‘socialistas revolucionários’). Mas, em nenhum caso, em nenhum momento, devemos debilitar nosso rigor partidário, em nenhum caso, em nenhum momento, devemos esquecer, nem permitir que outros esqueçam que a hostilidade para com a social-democracia, nas fileiras do proletariado, é uma herança das concepções burguesas no seio do proletariado”*.

Os dois últimos meses de 1905 foram de intensos combates, con-

cluindo com a derrota do movimento em dezembro. Se, em novembro, havia um equilíbrio de forças, em dezembro, com o esmagamento do levante em Moscou, o prato da balança pendeu para a contrarrevolução. Lênin reconhece: *“A autocracia foi plenamente restabelecida e, inclusive, ‘intensificada’ com os direitos ditatoriais dos sátrapas locais, começando por Dubásov e terminando pelos postos inferiores da polícia”*. A derrota, no entanto, havia sido momentânea, circunstancial. O fundamental do balanço estava em que o proletariado e os camponeses saíram temperados e politicamente mais avançados da revolução abortada. Eis a conclusão: *“Olhemos de frente a realidade. Agora, estamos diante de uma nova tarefa que é a de estudar e utilizar as experiências das últimas formas de luta, a tarefa de preparar e organizar as forças nos principais centros do movimento”*.

Um novo problema surge nessa circunstância, que é a manobra do Czar de montar uma caricatura de parlamento (Duma). A burguesia impulsiona essa via, com o claro objetivo de submeter o proletariado à sua política e se desfazer das formas avançadas de combate, que chegou até a greve política e a insurreição. Lênin orientará os bolcheviques a intervir sob a bandeira *“Abaixo as ilusões constitucionalistas”*. Diz: *“Temos de colocar de maneira mais definida e mais prática as colossais tarefas da nova ação de combate, nos preparar para ela de uma maneira mais firme, mais sistemática, mais tenaz, preservando, na medida do possível, as forças do proletariado, esgotadas pela luta grevista”*.

Bolcheviques e mencheviques concordavam com a caracterização de que a Duma não passava de uma caricatura de representação popular. No entanto, divergiam quanto à tática. Os bolcheviques estavam pelo boicote e defendiam a continuidade da preparação de um novo levante, em torno da defesa da convocação de uma Assembleia Constituinte livremente eleita pelo povo. Os mencheviques estavam pela participação na Duma. O que expressava as pressões das ilusões constitucionais.

Essa foi uma divergência que surgiu no fogo dos acontecimentos e que ressurgirá com ímpeto no IV Congresso. A preocupação de Lênin para que o Congresso fosse antecipado de abril de 1906 para final de 1905 se justificou pelo ocorrido. Sem dúvida, realizado nas condições de descenso e de ofensiva da burguesia liberal, abraçada à monarquia em decomposição, seria mais favorável aos mencheviques.

As divergências programáticas

Lênin estima que participaram entre 120 a 140 delegados do IV Congresso, de abril de 1906. Com direito a voz e voto, 110. Os mencheviques detinham 62 delegados e os bolcheviques, 46. Nos dizeres de Lênin: *“O Congresso era menchevique. Os mencheviques contavam com uma sólida e garantida preponderância, que, inclusive, lhes permitia colocarem-se de acordo de antemão e pré-estabelecerem, assim, as decisões do Congresso”*. Observa-se, por outro lado, que os mencheviques eram heterogêneos, enquanto que os bolcheviques mais coesos. Essa diferença permitiu a Lênin e seus camaradas manterem os delegados mencheviques sob intensa pressão. E, assim, neutralizar a sua capacidade de esmagar os bolcheviques. Veremos que, de fato, o leninismo acabou triunfando no final das contas.

Certamente, a colocação dos bolcheviques na condição de minoria na direção do partido iria determinar o fracasso da unificação. Lênin relata que a direção foi constituída não pelo Congresso, mas por um acordo antecipado entre os mencheviques. Os bolcheviques não tiveram outra saída senão acatar. Lênin critica essa distorção, mas entende que isso ocorria devido ao fato do Congresso ter sido marcado pela divisão, que vinha desde o segundo Congresso. Conclui que não se tratava de lamentar e sim de reconhecer a inevitabilidade enquanto permanecessem *“as velhas divisões fracionárias”*.

A maior heterogeneidade de discussão e votação se deu em torno do programa agrário. Houve tanto divisão nas fileiras dos mencheviques, quanto nas dos bolcheviques. Entre os bolcheviques havia delegados que discordavam da nacionalização das terras e se colocavam por uma forma de repartição (reforma agrária). Entre os mencheviques, a divergência se dava em torno das diferenças de como seria realizada a municipalização das terras. Lênin via na municipalização o maior perigo. Tratava-se de uma forma de desapropriação da terra com indenização dos latifundiários, sob o controle da municipalidade eleita. Essa via defendida pelos mencheviques se contrapunha ao *“método revolucionário para transformar a organização do campo”*. E acabava por tornar os camponeses arrendatários dos grandes proprietários. Lênin responde: *“Os camponeses revolucionários não aceitarão. Dirão: repartiremos todas as terras entre nós; ou então que todas as terras sejam propriedade de todo o povo”*. Lênin preferiu se unir aos defensores da reforma agrária (repartição de todas as terras), para derrotar a resolução menchevique de municipalização.

A resposta correta à questão fundiária era decisiva para se obter a aliança operária e camponesa. A derrocada da monarquia e o triunfo da revolução democrática, segundo os bolcheviques, dependiam da unidade dessas duas classes oprimidas. Corresponhia à estratégia de poder daquele momento da ditadura democrática de operários e camponeses, elaborada por Lênin. O embate em torno dessa divergência iniciou a discussão programática do IV Congresso.

O segundo ponto foi o da avaliação da situação revolucionária e das tarefas do proletariado. Travou-se uma luta apaixonada sobre qual seria a estratégia e a tática da social-democracia. Lênin faz o seguinte resumo da exposição do menchevique Martinov: *“Falou da Duma como de um centro político; falou da prejudicial ideia da tomada de poder e da importância do desenvolvimento constitucional do País em uma época revolucionária. Criticou a insurreição de dezembro, chamou a reconhecer com franqueza nossa derrota e acusou nossa resolução de defesa ‘técnica’ do problema da greve e da insurreição”*. Lênin assinala a contradição das teses mencheviques. Essas reconheciam que a Rússia estava diante de um ascenso revolucionário, mas concluíam com a negação da luta das massas pelo poder e se colocavam por canalizar a revolta a um parlamento (Duma) montado pela própria monarquia, com o apoio da burguesia liberal. O palavreado revolucionário se desfazia com a defesa menchevique da democratização sob a própria monarquia. Dessa forma, os mencheviques condicionavam a revolução democrática ao desenvolvimento institucional, parlamentar.

Lênin os acusa de se adaptarem servilmente às circunstâncias, o que é típico do oportunismo. E as circunstâncias da situação eram de impulso às ilusões constitucionalistas. Nas palavras de Lênin: *“O problema das ilusões constitucionalistas serve, hoje, justamente para estabelecer, com maior facilidade e exatidão, a diferenciação entre o oportunista e o partidário do desenvolvimento posterior da revolução. O oportunista se abstém de desmascarar essas ilusões; o partidário da revolução denuncia implacavelmente o seu caráter enganoso”*. (...) *“As ilusões constitucionalistas afloram quando parece que há Constituição, mas na realidade não há; em outras palavras: quando os assuntos de Estado não se resolvem do modo como os parlamentos decidem. Quando a verdadeira vida política diverge de seu reflexo na luta parlamentar, então, e somente então, a luta contra as ilusões constitucionalistas se transforma em uma tarefa fundamental da classe revolucionária avançada: o proletariado. Os burgueses liberais, temerosos*

da luta extra-parlamentar, difundem as ilusões constitucionalistas também nos casos em que os parlamentos são impotentes. Os anarquistas negam a participação nos parlamentos, sejam quais forem as circunstâncias. Os social-democratas estão pela utilização da luta parlamentar, pela participação nela, mas desmascaram firmemente o 'cretinismo parlamentar', isto é, a fé na luta parlamentar como única forma de luta política ou como sua forma principal em quaisquer condições”.

A ferrenha discussão sobre a caracterização do momento, a estratégia e a tática acabou criando uma situação insólita no Congresso. Os mencheviques, que tinham a maioria, decidiram retirar sua resolução. Com o argumento de que não pretendiam usar sua maioria para impor aos bolcheviques sua posição, bateram em retirada. Lênin caracterizou a atitude menchevique como expressão máxima de oportunismo prático.

Tática eleitoral dos bolcheviques e mencheviques

Iniciamos a exposição do “*Informe sobre o Congresso de Unificação do POSDR*”, redigido por Lênin. Tratamos, inicialmente, apenas de dois pontos: 1) o problema agrário; 2) avaliação da situação revolucionária e das tarefas de classe do proletariado. O Informe de Lênin consta dos seguintes pontos: I) composição do Congresso; II) eleição da direção. Ordem do dia do Congresso; III) o problema agrário; IV) Informe sobre o Congresso de Unificação do POSDR; V) atitude diante da Duma do Estado; VI) a insurreição armada; VII) final do Congresso; VIII) balanço do Congresso.

Lênin assinala o caráter retórico e abstrato da exposição do menchevique Axelrod sobre a questão da Duma. Ocorre que sua posição pedia a realizar acordos eleitorais com o partido liberal dos Kadetes. As formulações sobre o parlamentarismo em geral e sobre o papel progressivo das instituições representativas escondiam a concretude da Duma, controlada pelo czarismo e seus aliados contrarrevolucionários. Axelrod pretendia que o Congresso aprovasse uma falsa caracterização da organização parlamentar montada pelas forças que se uniam para barrar o avanço da revolução democrática e, em consequência, uma tática de aliança com o principal partido da burguesia. Lênin ataca esses dois pilares da linha pretendida pelos

mencheviques. Mostra que a fundamentação de Axelrod era de que um bloco com os Kadetes era natural nas condições de existência do parlamento, desde que fosse exposto “*com franqueza às massas*”.

O período de fevereiro a abril de 1906 estava marcado pelo antagonismo do proletariado e do campesinato com a monarquia. O reconhecimento dessa situação era fundamental para estabelecer a tática diante da I Duma. Axelrod, segundo Lênin, atenuava as contradições de classe para desenvolver a tese “*de um ideal acordo público com os Kadetes*”. Lênin traz a discussão para o plano concreto da situação do início de 1906, que ainda refletia os profundos choques que se desenvolveram em 1905. Destacou quatro pontos básicos da divergência:

1) “*Os mencheviques não formularam nenhuma avaliação das eleições*”. Ocorre que, no momento em que se realizava o Congresso, as eleições já haviam se passado “*nas nove décimas partes da Rússia*”. Axelrod desconhece esse fato. Isso porque obrigaria os mencheviques a exporem sua conduta política concreta. Lênin, ao contrário, apresenta os dados que mostram “*que, em uma enorme quantidade de localidades da Rússia, participar nas eleições foi apoiar os Kadetes*”. Explica que, “*nos fatos, essa não foi uma política social-democrata*”. Axelrod desconheceu a análise de Lênin sobre as eleições, uma vez que testemunhava contra suas teses.

2) “*Os mencheviques, em todo texto de sua resolução, tomam ou interpretam a Duma somente como uma instituição jurídica, não como um órgão que expressa a vontade de determinados elementos da burguesia, nem como um órgão a serviço dos interesses de determinados partidos burgueses. Os mencheviques falam em sua resolução de uma Duma em geral, da Duma como ‘instituição’, da Duma como representação ‘pura’ do povo. Esse não é um método marxista de raciocínio (...) Não é materialista, mas sim idealista, no pior sentido da palavra; não é proletário, de classe, mas sim pequeno-burguês e diluído*”. Havia ainda que esclarecer que “*os Kadetes vacilam entre a tendência a se apoiar no povo e no temor da independência revolucionária do mesmo*”. Sua ação, em última instância, procura debilitar o ascenso revolucionário das massas.

3) “*A resolução dos mencheviques não estabeleceu uma clara diferenciação entre os democratas burgueses do ponto de vista da tática do proletariado. O proletariado deve marchar, em certa medida, com os democratas burgueses, ou melhor, ‘marchar em separado e golpear juntos’*”. Os mencheviques iam em direção aos Kadetes. Os bolcheviques viam nos camponeses os democratas revolucionários em luta contra o czarismo. Tratava-se da

aliança operária e camponesa. Era preciso, portanto, determinar que força social poderia ajudar, naquele momento, o proletariado a impulsionar a revolução democrático-burguesa. A resolução apresentada pelos bolcheviques não apenas tinha o camponês revolucionário como a força aliada, como postulava o *“desmascaramento socialista de toda a democracia burguesa”*, inclusive a concebida pelos *“democratas revolucionários e camponeses”*.

4) Nesse ponto, a divergência se deu em torno do controle do partido sobre as candidaturas. O que havia ocorrido é que *“a maior parte do proletariado com consciência de classe não havia participado nas eleições”*. Lênin pergunta: *“O partido pode garantir que a eleição dos candidatos foi realizada verdadeiramente pelas organizações do partido?”* O fato era que o partido não havia determinado candidaturas próprias. Não por acaso, os mencheviques votaram contra uma emenda que exigia que os candidatos social-democratas à Duma *“fossem designados pelas organizações operárias locais”*. Para os bolcheviques, a intervenção nas eleições exigia total controle sobre as candidaturas. Finalmente, Lênin chama a votar em uma emenda dos caucasianos, que determinava participar nas eleições nos lugares que ainda não tinham sido realizadas, *“mas sem constituir blocos com outros partidos”*. Avalia que *“a proibição de formar blocos, de contrair acordos com outros partidos, tinha, sem dúvida, uma importância política muito grande para o partido”*.

Como já expusemos anteriormente, as divergências em torno à insurreição armada, citaremos algumas passagens do balanço de Lênin. Eis: *“A emenda de Plekhanov pôs em evidência a linha fundamental dos mencheviques quanto à insurreição: encontrar pretextos para adiar a insurreição, renegar a insurreição de dezembro, descartar a ideia de uma segunda insurreição, invalidar seus objetivos ou defini-los de tal modo que, para cumpri-los não era necessário pensar em uma insurreição”*. (...) *“No Congresso, a resolução dos mencheviques sobre a insurreição foi denominada ‘resolução contra a insurreição armada’”*. Lênin conclui seu balanço exigindo a aplicação do centralismo democrático. Embora em minoria, os bolcheviques triunfaram quanto à *“tarefa imediata do movimento de arrancar o poder do governo autocrático”*.

II Conferência do POSDR

A convocação da I Duma (Câmara Parlamentar), como se vê, compareceu como fundamental para a tática e a estratégia. Tratava-se de um fenômeno novo, uma vez que imperava o regime monárquico. O levante insurrecional das massas e a constituição dos soviets de operários (conselhos) obrigaram o czar Nicolau II a manobrar as forças da reação por meio da caricatura parlamentar da Duma. A fração burguesa liberal, organizada pelos Kadetes, procurou alimentar as ilusões constitucionalistas. Incentivaram-se, assim, as teses em torno da possibilidade da revolução democrática legalista e pacífica. O proletariado e os camponeses, no entanto, avançavam no caminho da insurreição, em outras palavras, da derrubada revolucionária da monarquia.

A compreensão do que se passava no País e as formulações sobre a tática e a estratégia na revolução democrático-burguesa vinham dividindo a social-democracia entre a ala marxista (bolchevique) e a oportunista (menchevique). O equilíbrio de forças entre a revolução e a contrarrevolução em 1905 obrigou, de um lado, o czar a procurar apoio ao continuísmo nas fileiras dos partidos burgueses, oferecendo-lhes a Duma castrada de real poder, e o proletariado, de outro, a prosseguir no caminho da independência de classe, portanto, no da insurreição.

No IV Congresso, como analisamos anteriormente na Carta aos Operários de Petersburgo, maio de 1906, a divisão entre bolcheviques e mencheviques se aprofundou ainda mais diante da atitude da política a ser desenvolvida pelo partido. Perante a I Duma, convocada entre abril e junho de 1906, Lênin defendeu o boicote, por considerá-la uma farsa grotesca, em contraposição à participação defendida pelos mencheviques. Em 8 de julho, desse mesmo ano, o czar a dissolveu por decreto. Lênin aproveitou o fato para demonstrar a confirmação do acerto dos bolcheviques em não se deixarem arrastar pelas pressões da burguesia democratizante. Em seu balanço *“A dissolução da Duma e as tarefas do proletariado”* conclui: *“A lógica da vida é mais forte que a dos manuais de direito constitucional. A revolução ensina”*. (...) *“A dissolução da Duma marca uma clara virada para a autocracia. Cresce a possibilidade de uma ação simultânea em toda a Rússia. Eleva-se a possibilidade de que todas as insurreições parciais se fundam em uma só. Vastos setores da população sentem como nunca que a greve política e a insurreição, como formas de luta pelo poder, são inevitáveis”*.

A formulação de boicote a I Duma respondia estritamente à tática a ser aplicada quanto à intervenção na luta parlamentar nas condições concretas da luta de classes. No artigo “O Boicote”, publicado em agosto de 1906, Lênin esclarece: *“Na questão do boicote, a diferença principal entre a social-democracia revolucionária e a social-democracia oportunista é a seguinte: os oportunistas se limitam a aplicar em todos os casos um método estereotipado, copiando de um período específico da história o socialismo alemão”. (...)* *“Os social-democratas revolucionários, pelo contrário, colocam precisamente no centro de sua atenção o exame cuidadoso da situação política concreta”. (...)* *“Não podemos compreender nada da marcha de nossa revolução, se nos limitamos a opor pura e exclusivamente o boicote ‘anarquista’ à participação social-democrata nas eleições”*. Definia-se, portanto, que se tratava da tática e não de um princípio. Tática essa que se desprendia objetivamente da luta de classes e que correspondia à estratégia revolucionária estabelecida pelo bolchevismo.

Em particular, a divergência tática com os mencheviques tinha a ver com a posição deles de constituir um bloco com os liberais, o que comprometia a independência do proletariado e o desviava do curso da revolução. Diante da convocação da II Duma, realizou-se a II Conferência do POSDR (Primeira de Toda a Rússia), em novembro de 1906. Os bolcheviques estavam em minoria. A Conferência contava com cinco pontos de pauta, começando pela campanha eleitoral. Aí se travou a batalha contra a tática menchevique de integrar um bloco com os Kadetes. Lênin formula uma “opinião dissidente”, em que traça os aspectos fundamentais da tática de intervenção na campanha da II Duma. Como se vê, já não se colocava o boicote. Lênin, em sua nova formulação, não deixa de se referir à importância da tática do boicote da I Duma. Vejamos o essencial:

“Os social-democratas devem travar esta luta fora da Duma e dentro dela, para desenvolver a consciência de classe do proletariado, continuar desmascarando o caráter nocivo das ilusões constitucionalistas diante do povo e impulsionar a revolução. Diante de semelhante estado de coisas e com o objetivo indicado, o Partido Operário Social-democrata da Rússia deve participar de modo mais enérgico na atual campanha da Duma. Os objetivos mais importantes da social-democracia na campanha eleitoral e da Duma são os seguintes: em primeiro lugar, explicar ao povo que a Duma é completamente inefcaz como meio para satisfazer as reivindicações do proletariado e da pequena burguesia revolucionária, em particular do campesinato. Em segundo lugar, explicar ao povo que é impossível conquistar a liberdade

política pela via parlamentar, enquanto o poder efetivo se achar nas mãos do governo czarista; explicar a necessidade da insurreição armada, de um governo provisório revolucionário e de uma assembleia constituinte, eleita pelo sufrágio universal, igual, direto e secreto. Em terceiro lugar, criticar a I Duma e colocar de relevo a bancarrota do liberalismo russo, mostrando, em particular, quanto perigoso e funesto seria para a causa da revolução que o partido kadete monárquico-liberal chegasse a desempenhar o papel predominante e dirigente no movimento de libertação. Como partido de classe do proletariado, o partido social-democrata deve manter sua absoluta independência durante toda a campanha eleitoral e da Duma, sem mesclar, tampouco aqui, de modo algum, suas consignas ou sua tática com as de qualquer outro partido revolucionário ou de oposição. Por essa razão, deve, na primeira etapa da campanha eleitoral, isto é, diante das massas, apresentar-se, como norma geral, com absoluta independência e apresentar somente seus candidatos do partido”.

A aprovação da linha menchevique, que admitia o bloco com os Kadetes, comprova a tese leninista de que essa ala oportunista da social-democracia comprometia a independência de classe do proletariado e favorecia setores da burguesia que se vestiam de democrático e que acabavam conciliando com o poder monárquico.

V Congresso

O V Congresso realizou-se entre 30 de abril e 19 de maio de 1907, em Londres. As teses fundamentais aprovadas foram as defendidas por Lênin. O V Congresso se caracterizou, portanto, por uma virada a favor do bolchevismo.

A sua convocação resultou de uma rebelião interna à condução política dos mencheviques, que submetiam o partido às pressões da burguesia liberal e ao Parlamento czarista (Duma). A primeira manifestação ocorreu no comitê regional do partido em Petersburgo, agosto de 1906. Pleiteava a convocação do Congresso pelo Comitê Central, controlado pelos mencheviques. A exigência se espalhou pelos principais comitês, inclusive o de Moscou. Com o apoio do partido na Polônia e Lituânia, o Comitê Central não teve como negar o “Chamado ao Partido Operário Social-democrata da Rússia”, em que se dava um ultimato.

Apesar da proibição do governo dinamarquês à realização do Congresso em Copenhague – o mesmo se passando com os governos sueco e belga -, compareceram em Londres 336 delegados. Os bolcheviques

contaram com 105; os mencheviques, 97; os bundistas, 57; os polacos, 44; do território letão, 29 e, finalmente, 4 representantes que não pertenciam a nenhuma das organizações. Essa composição permitiu aos bolcheviques derrotar as principais proposições dos mencheviques. Os mais importantes centros operários estavam sob a direção esmagadora dos bolcheviques, a exemplo de Petersburgo e Moscou.

A força dos bolcheviques, apoiada por delegados poloneses e lituanos, deu a Lênin a presidência do Congresso, que o iniciou com o informe e o encerrou frisando a importância da maioria ter aprovado a resolução sobre a posição dos marxistas diante dos partidos burgueses e sobre a tática revolucionária perante o parlamento (Duma). A pauta do Congresso constou de doze pontos. O primeiro e o segundo foram dedicados ao informe do Comitê Central e da intervenção na Duma. No restante da pauta, os aspectos mais importantes diziam respeito à posição diante dos partidos burgueses, à tática de intervenção na Duma do Estado. No ponto *“problemas de organização”*, retomou-se a questão da estrutura da direção partidária. Outros aspectos foram: a relação do partido com os sindicatos, o Congresso operário e organizações operárias apartidárias, a tática de guerrilha, o trabalho no exército, a crise econômica e o desemprego e o Congresso da II Internacional em Stuttgart.

Observa-se que um ano depois da realização do IV Congresso, que foi de unificação, os bolcheviques e mencheviques mantiveram-se completamente divididos e sem perspectiva de superação. De fato, a unificação se deu apenas no plano formal. O V Congresso é convocado em meio a conflitos e choques irreconciliáveis. Na primeira metade de fevereiro de 1907, portanto, cerca de dois meses antes da realização do V Congresso, Lênin redigiu o *“Projeto de resoluções para o V Congresso do POSDR”*. Em 4 de março, foi publicado no *Jornal Proletari*, órgão da fração bolchevique. Explica-se que o documento foi discutido no Comitê de Petersburgo, no Comitê de Moscou e na direção regional do cinturão industrial central e na redação do próprio jornal *Proletari*.

Passamos a resumir os principais aspectos do Projeto. Consta das seguintes partes: 1) sobre o momento atual da revolução democrática; 2) posição diante dos partidos burgueses; 3) sobre a tática da social-democracia na Duma do Estado; 4) sobre o agravamento das necessidades econômicas das massas e da luta econômica; 5) sobre as organizações operárias apartidárias relacionadas com a corrente anarcossindicalista no proletariado. A estrutura do documento refletia os embates com os men-

cheviques, que se acabaram convertendo em motivos da convocação do V Congresso. Em síntese, o Projeto identifica a continuidade da crise econômica, o agravamento das condições de existência das massas e a tendência à agudização da luta de classes entre o proletariado e a burguesia, entre o campesinato e os latifundiários, bem como a burguesia agrária e os pobres do campo. Nesse aspecto geral, conclui: “*A crise política, cujo desenvolvimento observado não é uma crise constitucional, mas uma crise revolucionária, leva à luta direta das massas proletárias e camponesas contra o absolutismo*”. Nessas condições, “*a próxima campanha da Duma deve ser considerada apenas como um dos episódios da luta revolucionária do povo pelo poder e deve ser utilizada como tal*”. E determina: “*a social-democracia, em nenhuma circunstância, pode apoiar a política dos Kadetes em geral ou um ministério Kadete em particular*”. Essa introdução, por si só, se opunha diametralmente à política que vinha sendo desenvolvida pela direção menchevique.

Já no IV Congresso, Lênin se dedicou a expor o caráter de classe dos partidos na Rússia czarista. Retoma a caracterização no ponto dois do Projeto. Estabelece como premissa “*que os social-democratas têm o dever de fazer o impossível para que o proletariado atue como dirigente na revolução democrático-burguesa*”.

Em relação à tática a ser aplicada na Duma, o Projeto indica que já não era correto fazer o boicote como se fez na primeira Duma. A intervenção na campanha eleitoral exigia: “*Explicar ao povo a completa inoperância da Duma como meio de satisfazer as reivindicações do proletariado e da pequena burguesia revolucionária (...). Explicar a necessidade de uma insurreição armada, um governo provisório revolucionário e uma assembleia constituinte baseada no voto universal, direto, igual e secreto*”.

Sobre a crise econômica, diz o Projeto “*que toda a história da revolução russa mostra que todos os grandiosos ascensos do movimento revolucionário surgiram sobre a base dos movimentos econômicos de massa*”. O que exigia desenvolver amplamente a agitação econômica, como ponto de partida da luta revolucionária.

Finalmente, o Projeto rechaça a defesa que Axelrod fazia de um congresso operário apartidário. Essa posição é caracterizada como anarcossindicalista. Cabia intervir em todas as organizações de massa apartidárias, a exemplo dos soviets, mas não cabia ao partido se colocar pelo apartidarismo.

É notável como o V Congresso se baseou, em grande medida, nessas proposições.

Sobre a força motriz da revolução e o método

Lênin mostra a importância do método de análise histórica que evidenciava os elos anteriores ao levante revolucionário das massas. O partido está obrigado a verificar se suas teses, proposições, bandeiras e tática foram comprovadas pelos acontecimentos. Os mencheviques faziam justamente o contrário. Ao desvincular os elos da cadeia dos fatos e relações, se livravam da demonstração objetiva. O V Congresso nada mais era do que o desdobramento dos dois Congressos anteriores.

As divergências diante da nova etapa da luta de classes, após a revolução de 1905, tinham suas raízes no passado mais recente. Um dos pontos fundamentais da divergência que comparecia sedimentada no V Congresso era o de que classe social seria a força motriz da revolução democrática, que varreria o feudalismo e, conseqüentemente, a velha monarquia. Os bolcheviques estabeleceram, com toda precisão, que somente o proletariado poderia cumprir essa grandiosa transformação da Rússia czarista. O que se contrapunha aos mencheviques, que viam na burguesia liberal a força que ocuparia esse lugar histórico. Havia que se determinar o lugar do campesinato, que constituía uma classe oprimida, mas distinta do proletariado, pelo lugar que ocupava nas relações de produção e de propriedade.

A definição do proletariado ou da burguesia liberal como força motriz da revolução determinava, por sua vez, as relações de classe com o campesinato. Ou aliança operário-camponesa, ou aliança burguesa liberal-camponesa. O proletariado estaria obrigado a se colocar diante dessa aliança como classe subordinada, auxiliar da burguesia liberal.

A transformação agrária já havia sido posta como um dos problemas centrais da revolução democrática, desde a inconsequente reforma camponesa de 1861, que não tocou nas bases do domínio latifundiário, que sustentava as relações de servidão. Lênin retomou a importância da estratégia da ditadura revolucionária democrática do proletariado e do campesinato, rejeitada e combatida pelos mencheviques. Essa formulação consagrava a aliança operário-camponesa, contraposta a qualquer aliança com a burguesia liberal. Sabemos que, mais tarde, em abril de 1917, Lênin alterará essa forma de governo estabelecendo o conteúdo preciso da ditadura do proletariado. Ditadura revolucionária que, obrigatoriamente, se assentaria na aliança operário-camponesa.

O fundamental está em que, desde o III Congresso, a formulação de ditadura democrática do proletariado e camponato correspondia ao desenvolvimento concreto da revolução, que ainda se achava em um patamar inferior ao da revolução socialista. Está aí por que Lênin voltava a insistir no V Congresso que *“a vitória da atual revolução é possível na Rússia somente com a ditadura revolucionária democrática do proletariado e do camponato”*. Firme nessa defesa, conclui: *“Nossas deduções teóricas se confirmaram nos fatos no curso da luta revolucionária. No momento mais elevado do ascenso, em outubro de 1905, o proletariado marchava à cabeça, a burguesia vacilava e procurava pretextos e o camponato atacava as propriedades dos latifundiários. Nos órgãos embrionários de poder revolucionário (os soviets de deputados operários, os soviets de deputados camponeses e soldados, etc.) participavam, principalmente, os representantes do proletariado e depois os dirigentes do camponato insurreto. Durante a I Duma, o camponato constituiu, em seguida, o democrático ‘grupo do Trabalho’, mais esquerdista, isto é, mais revolucionário que os liberais, que os Kadetes. Durante as eleições para a II Duma, os camponeses derrotaram por completo os liberais. O proletariado marchava à frente e o camponato se movia por trás, mas mais ou menos decididamente contra o absolutismo e contra os liberais vacilantes”*. Essa síntese das posições do bolchevismo expunha o método analítico sobre o qual e com o qual se desenvolviam as posições programáticas, de princípio e tática do bolchevismo.

Tomemos mais uma síntese exemplar: *“Antes de tudo, é imprescindível definir o caráter de classe dos partidos. Em seguida, conhecer em geral a correlação fundamental das diferentes classes na atual revolução, isto é, explicar como afeta os interesses dessas classes a continuidade ou desenvolvimento da revolução. Depois, é preciso passar das classes em geral ao papel atual dos diferentes partidos ou grupos de partidos. Finalmente, há que se darem as indicações práticas a respeito da política do partido operário nessa questão”*.

Com essa clareza, o V Congresso poderia chegar às seguintes conclusões: *“A primeira consiste em que o proletariado, ao realizar uma política independente, deve combater tanto o oportunismo e as ilusões constitucionais de alguns como as ilusões revolucionárias e os projetos economicamente reacionários, de outros. A segunda: é necessário ‘combinar nossas ações com as desses partidos’.*” Nota-se pelas aspas de “combinar nossas ações...” que se tratava de uma formulação dos mencheviques. Lênin estabelece, assim, um claro divisor de águas entre o partido do proletariado e os demais partidos, imprescindível para determinar a tática.

Nota-se que essa discussão se dava nas condições em que o ascenso revolucionário de 1905 havia passado, e, no momento do V Congresso, colocava-se o problema da intervenção nas eleições para a II Duma. Lênin exigia que o partido tivesse claro que *“se situa de forma particular e independente fora da democracia burguesa”*. E que, portanto, se distingua da *“posição de um liberal que deseja ocupar o ‘centro’ no meio da democracia burguesa”*. Era com essa determinação que o V Congresso poderia mudar a posição de boicote à I Duma para o da intervenção na II Duma.

II Duma

A II Duma ocupou um importante lugar na discussão do V Congresso. O fato de a social-democracia ter conseguido eleger um número considerável de deputados intensificou o conflito entre as posições dos bolcheviques e mencheviques. O êxito alavancava as ilusões constitucionais. Os mencheviques as utilizavam a favor de sua política de aliança com os liberais. Esse era mais um motivo para Lênin se dedicar à análise das forças de classes que compunham a II Duma.

Em 7 de fevereiro de 1907, Lênin expõe os perigos da adaptação ao parlamentarismo. No artigo *“A II Duma e a II onda revolucionária”*, conclui que esta estava mais à esquerda que a Duma anterior. O que poderia incentivar as teses pequeno-burguesas da via pacífica e obscurecer a nova crise revolucionária que viria. Em suas palavras: *“Até os cegos terão de ver, agora, que estamos diante de uma crise precisamente revolucionária e não constitucional”*.

A linha dos mencheviques de constituir um bloco com os Kadetes (liberais) e uma unidade de toda a oposição era desastrosa para o desenvolvimento da política revolucionária do proletariado. Contrariamente, Lênin defendia que o partido deveria preparar as massas para uma nova onda revolucionária. Tinha muita importância realizar um bom trabalho de agitação e organização dos camponeses. Confiava que o proletariado voltaria a assumir a linha de frente dos combates.

No Projeto de Resolução para o V Congresso do POSDR, escrito em 15 de fevereiro de 1907, consta um tópico sobre a tática da social-democracia a ser aplicada na Duma. No ponto 4, coloca-se a necessidade de *“explicar ao povo a completa inoperância da Duma como meio de realizar as reivindicações do proletariado e da pequena burguesia revolucionária (...); explicar a necessidade de uma insurreição armada, um governo provisório revolucionário e uma assembleia constituinte baseada no voto uni-*

versal, direto, igual e secreto". Observa-se que a luta democrática contra a Duma fraudulenta é amparada no método revolucionário do proletariado (insurreição armada). O que era rechaçado terminantemente pelos mencheviques.

No momento da inauguração da II Duma do Estado, em 20 de fevereiro de 1907, Lênin publicou um editorial, no jornal Nova Luz, reafirmando as críticas ao desvio oportunista dos mencheviques. Conclui: *"A tarefa fundamental dos social-democratas que entrem na II Duma é libertar dos liberais os elementos democráticos que ainda se encontram sob sua influência; transformar-se em dirigentes desses democratas; ensinar-lhes a encontrar apoio no povo e estreitar laços com as massas, defender nossas próprias bandeiras diante da classe operária e das massas camponesas empobrecidas e famintas"*.

Na discussão do V Congresso, Lênin combateu as posições revisionistas de Tsereteli, quanto às formulações do marxismo sobre a democracia burguesa. O menchevique, referindo-se à revolução de 1848 na Europa, afirmava a necessidade do proletariado realizar *"uma ou outra aliança com a democracia burguesa"*, em sua luta pela liberdade. Aí estava o revisionismo, que Lênin contestou: *"(...) A democracia burguesa é cada vez mais inimiga do proletariado e que a luta pela liberdade se trava consequentemente somente ali onde o proletariado a dirige"*. E conclui: *"O ensinamento do ano de 1848 não é o de contrair alianças com a democracia burguesa, mas o ensinamento da necessidade de libertar as camadas das massas populares menos desenvolvidas da influência da democracia burguesa, que é incapaz de lutar sequer pela democracia"*.

A esse respeito, Lênin também rechaça a oposição de Trotsky à resolução bolchevique, que determinava que os parlamentares teriam de expressar a linha do partido. Exigiu-lhe que apresentasse outra resolução, afirmando assim o método de funcionamento partidário. Lênin reconhece, no entanto, que Trotsky, no decorrer da discussão, estava próximo de suas posições quanto à tática de *"bloco de esquerda contra a burguesia liberal"*. O que era inaceitável pelos mencheviques. Lênin declarou: *"Para mim, são suficientes esses fatos para reconhecer a aproximação de Trotsky de nosso ponto de vista. Independentemente do problema da 'revolução permanente', aqui existe solidariedade nos pontos fundamentais do problema da atitude diante dos partidos burgueses"*.

Referindo-se a uma emenda apresentada por Trotsky, que foi aprovada pelo Congresso, Lênin reconheceu: *"Não podemos deixar de admitir que a*

emenda de Trotsky não é menchevique, que reflete 'a mesma' ideia, ou seja, a ideia bolchevique. Mas não acreditamos que Trotsky a expresse melhor".

A vitória do bolchevismo-leninismo contra os mencheviques se concretizou, finalmente, na aprovação da resolução "*Tarefas do proletariado na etapa atual da revolução democrático-burguesa*". Consta de cinco pontos. Destaquemos alguns deles. O terceiro diz: "*que os interesses de classe do proletariado na revolução burguesa exigem a criação de condições que tornem possível uma ampla luta contra as classes possuidoras, pelo socialismo*". No quinto, afirma: "*que só o proletariado poderá levar até as últimas consequências a revolução democrática, contanto que, como única classe da sociedade atual revolucionária até o fim, arraste atrás de si a massa camponesa para a luta implacável contra o Estado feudal e os latifundiários*". A resolução conclui: "*a) que no atual momento histórico, a principal tarefa do proletariado é levar até as últimas consequências a revolução democrática na Rússia; b) que qualquer subestimação dessa tarefa conduz inevitavelmente a tornar a classe operária, de dirigente da revolução popular (...), em seguidora da burguesia liberal; c) que, ao impulsionar por todos os meios esta tarefa, o partido social-democrata não deve esquecer um só instante os objetivos independentes, socialistas, do proletariado*".

A revolução de outubro de 1917, que levou o proletariado ao poder em aliança com o campesinato, materializou essa diretriz leninista, assumida pela maioria do V Congresso, entre 30 de abril e 19 de maio e 1907.

VI Congresso

Dez anos depois, foi realizado o VI Congresso, em julho de 1917. Nesse espaço de tempo, agravaram-se os choques e a cisão entre bolcheviques e mencheviques. Estamos obrigados, para seguir passo a passo a luta de Lênin pelo programa e tática revolucionária, a expor os principais acontecimentos desse período.

Em outubro de 1907, realizou-se a "Conferência da Organização de São Petersburgo do POSDR". A resolução apresentada por Lênin sobre a tática de intervenção na III Duma foi aprovada por maioria contra a dos mencheviques, que pretendiam o apoio da social-democracia à ala esquerda dos outubristas, que disputavam a presidência desse parlamento monárquico. Lênin argumentará que tanto a ala "outubrista-ultrar-reacionária" quanto a "outubrista-democrático constitucionista" eram contrarrevolucionárias. Ao contrário de apoiar sua ala esquerda, era pre-

ciso desmascarar a farsa de que representava uma oposição autenticamente democrática. Em síntese, Lênin formula a tática revolucionária a ser aplicada diante da III Duma, defendendo que a social-democracia aproveitasse o momento para realizar uma ampla propaganda e agitação “*contra o governo ultrarreacionário, os latifundiários descaradamente feudais, os outubristas e, também, contra os democratas constitucionalistas*”. Explica que “*a tarefa da social-democracia continua sendo a de difundir entre as amplas massas populares a ideia da Assembleia Constituinte de todo o povo, eleita sobre a base do sufrágio universal*”. A Conferência de Petersburgo serviu de base para a preparação da IV Conferência do POSDR, que se realizou entre 5 e 12 de novembro de 1907. Nela, foi reafirmada a tática apresentada por Lênin.

Em sua luta para fundamentar as bases econômicas e sociais da revolução democrática, Lênin redige, entre novembro e dezembro de 1907, “*O programa agrário da Social-democracia na primeira revolução russa de 1905-1907*”. Faz um balanço do período revolucionário para propor a revisão do programa agrário. Apresenta uma ampla e profunda análise das condições históricas e econômicas da estrutura agrária da velha Rússia. Uma de suas principais críticas é dirigida aos populistas, cuja visão não ultrapassava “*os estreitos horizontes do pequeno proprietário*”, incapaz, portanto, de ver o “*caráter burguês das relações sociais nas quais participa o campesinato, ao se livrar das travas do feudalismo*”. Demonstra duas possibilidades de desenvolvimento agrário-capitalista: ou por meio de lentas reformas, ou por meio da revolução. O programa marxista da social-democracia se distingue por desenvolver a luta do campesinato em aliança com a classe operária, para realizar as transformações revolucionárias.

Lênin faz uma retrospectiva crítica ao primeiro programa agrário do POSDR, aprovado em 1903, no II Congresso. Conclui: “*O erro fundamental do programa agrário de 1903 era, em todo o caso, a ausência de uma ideia exata da finalidade pela qual pode e deve desenvolver-se a luta agrária no processo de revolução burguesa da Rússia, de quais são os tipos de evolução agrária capitalista objetivamente possível ao vencer nessa luta uma ou outra força social*”. Afirma a importância do programa agrário aprovado no IV Congresso de 1906, realizado em Estocolmo. Isso porque estabeleceu como tarefa “*o confisco das terras dos latifundiários*”, que implicou “*o reconhecimento da revolução agrária camponesa*”. Esse conteúdo programático, no entanto, não foi assimilado por todo o partido.

Lênin trava um duro combate à tese da municipalização agrária. E comprova duas variantes: “*Ou reforma agrária stolipiniana, ou nacionalização camponesa revolucionária*”. A primeira seria realizada pelos próprios latifundiários, e a segunda pela revolução agrária camponesa. A orientação voltada a criar a propriedade parcelaria camponesa era reacionária, diante da orientação voltada à nacionalização das terras. A revolução agrária nos marcos da Rússia atrasada abriria o caminho para o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas. Lênin conclui que “*a nacionalização não apenas é uma consequência, mas também uma condição para o rápido desenvolvimento do capitalismo*”. “*A nacionalização é a entrega de toda a terra em propriedade ao Estado. A propriedade significa o direito à renda e à fixação pelo poder estatal das normas comuns a todo o Estado da posse e usufruto da terra*”.

Obrigatoriamente, coloca-se em discussão a relação entre a revolução agrária e o poder do Estado. Eis a fundamentação de Lênin: “*Os camponeses não podem realizar a revolução agrária sem eliminar o velho poder, o exército permanente e a burocracia, que são seguros baluartes da propriedade latifundiária, à qual se acham ligados por mil laços. Por isso, carece de base científica a ideia da revolução camponesa, que somente democratize as instituições locais, sem destruir totalmente as instituições centrais*”. “*O importante é assinalar que deve existir congruência entre as transformações agrárias e as políticas*”. Conclui: “*O programa agrário da social-democracia russa é o programa proletário na revolução camponesa, dirigida contra os restos do regime de servidão, contra todo o medievalismo em nosso regime agrário*”. É nesse sentido que Lênin estabeleceu a estratégia da “ditadura democrática do proletariado e do campesinato”.

Dez anos depois, em setembro de 1917, Lênin agrega um epílogo ao programa agrário da social-democracia. As condições haviam amadurecido para transformar a revolução democrática em revolução proletária, socialista. Lênin assinala: “*No momento atual, a revolução colocou o problema agrário na Rússia de um modo incomparavelmente mais amplo, profundo e agudo que em 1905-1907. O conhecimento da história do programa de nosso partido na primeira revolução ajudará, assim espero, a orientar com maior acerto as tarefas da atual revolução*”. Reconhece que “*a nacionalização da terra não só é ‘a última palavra’ da revolução burguesa, mas também um passo para o socialismo*”.

Interregno entre o V e VI Congresso

Entre o V e VI Congresso, houve um interregno de dez anos. A realização da I, II e III Dumas (Parlamento) refletiu a discussão em torno dos caminhos que tomaria a revolução agrária. No seio da social-democracia, potencializou a divergência entre bolcheviques e mencheviques. O IV Congresso, ocorrido em Estocolmo, em 1906, aprovou uma linha – a da municipalização – diametralmente oposta à defendida por Lênin, que era a da nacionalização das terras. Esse embate se avivou diante das tendências de luta do campesinato contra as relações feudais no campo, e se projetou para o interior do parlamento (Duma). A derrota da revolução de 1905 permitiu a sobrevivência da monarquia, adaptada ao constitucionalismo, daí o funcionamento da Duma, mas não interrompeu as tendências objetivas que levavam, inevitavelmente, a velha Rússia à revolução democrático-burguesa.

Mostramos que Lênin observava e analisava o movimento da burguesia liberal (Kadetes) e das forças monárquicas (Outubristas), no sentido de realizar mudanças graduais nas relações de propriedade da terra, de forma a promover uma transição para o capitalismo. Distintamente, os camponeses marchavam por uma via que também conduzia às transformações capitalistas no campo. Os mencheviques se adaptavam cada vez mais às pressões da aliança monárquico-liberal, ocultando seu seguidismo por meio dos ataques ao programa definido por Lênin, que tinha por base o confisco e a nacionalização das terras. Opunham-se com o programa de municipalização. Admitiam o confisco, mas sob a forma municipal.

As divergências no interior da Duma exigiram de Lênin uma apresentação sistemática de todas as variantes da reforma no campo. O fundamental, porém, estava em reconhecer que havia apenas duas vias possíveis de liquidação das relações agrárias feudais. Lênin analisa a via monárquico-burguesa, identificando-a com a experiência das transformações agrárias na Prússia, que foram conduzidas gradualmente pela burguesia contra os interesses dos camponeses. E, por outro lado, a experiência da colonização norte-americana, que permitiu o acesso das massas camponesas à terra. Lênin explica que, sem que se definissem essas duas possibilidades da revolução burguesa, não era possível ao proletariado se apresentar como aliado dos camponeses contra a monarquia constitucional e os liberais, que agiam para sufocar o movimento revolucionário no campo. Estava claro para os bolcheviques que os men-

cheviques capitulavam diante da via apresentada pelos liberais e que, portanto, compareciam como uma fração contrarrevolucionária no seio do POSDR. Era preciso ir fundo na divergência em torno ao programa agrário. Quanto mais ficasse exposta, melhor seria para os bolcheviques cumprirem a tarefa que cabia aos marxistas no processo da revolução burguesa e no desenvolvimento da luta independente do proletariado. Eis por que Lênin concentrou atenção no programa agrário e o desenvolveu às últimas conseqüências.

Já em 1901, Lênin se viu na contingência de combater os adversários do marxismo, iniciando uma resposta denominada *“A Questão Agrária e os Críticos de Marx”*. Vários capítulos foram redigidos em momentos distintos, concluídos em fins de 1907. Entre novembro e dezembro de 1907, escreveu *“O Programa Agrário da Social-democracia na primeira revolução russa de 1905-1907”*. Essa obra foi apreendida quando ainda estava na gráfica e destruída. Restou apenas um volume, o que permitiu sua publicação em 1917. Anteriormente, expusemos as linhas gerais. É educativo compreender não só o conteúdo da revolução agrária, como parte da revolução democrático-burguesa na Rússia, que acabou dando lugar à revolução proletária, como também o método marxista de exposição das leis econômicas e históricas e sua materialização na forma de programa e de política revolucionária. Os acontecimentos confirmaram a tese leninista das duas variantes de transformação agrária na Rússia. Damos, assim, seqüência à sua análise.

No artigo *“Uma nova política agrária”*, fevereiro de 1908, Lênin se valeu da declaração de Nicolau II de que a III Duma poderia aprovar novas leis agrárias. O que indicava a iniciativa da monarquia em abrir *“um novo caminho em sua política agrária”*. Eis a explicação de Lênin: *“(…) Os destinos da revolução burguesa na Rússia – tanto da presente revolução como das possíveis revoluções democráticas no futuro – dependem mais do que nunca do êxito ou fracasso dessa política”*. Tal mudança de atitude da monarquia comprovava a presença de forças econômicas que levavam à irresistível ruptura nas relações agrárias e de classe.

Objetivando travar o combate à *“via prussiana”*, Lênin fundamenta: *“O capitalismo já socavou irremediavelmente as bases do velho regime agrário da Rússia. E não pode continuar desenvolvendo-se sem romper esse regime, que forçosamente haverá de destruir. Não há no mundo força capaz de impedi-lo. Mas, esse regime pode ser destruído pelos latifundiários ou pelos camponeses, de acordo com o desbravamento do caminho ao capitalismo la-*

tifundiário ou ao capitalismo camponês. A destruição do velho sistema pelo latifundiário implica o aniquilamento da comunidade agrária pela violência e a ruína acelerada e o extermínio em massa dos pequenos agricultores empobrecidos, em benefício de um punhado de kulaks (camponeses ricos). A destruição pelo campesinato significa o confisco das propriedades dos latifundiários e a entrega de todas as terras aos antigos camponeses, transformados em agricultores livres”.

Lênin chama a vanguarda revolucionária a responder a essa ofensiva latifundiária contra as massas camponesas. *“Ou um chamamento audaz à revolução camponesa – que há de chegar inclusive à república – e a mais completa preparação ideológica e organizativa dessa revolução em aliança com o proletariado, ou um vácuo do lamento e da impotência política e ideológica diante da arremetida stolipiniano-latifundiário-outubrista contra a comunidade”.* (...) *“Nossa resposta consiste em intensificar a agitação entre as massas populares, sobretudo entre as camadas do proletariado que estão ligadas aos camponeses”.*

Aliança operária e camponesa

A linha traçada por Lênin levava à aliança operária e camponesa; a dos mencheviques conduzia o campesinato a se subordinar à burguesia liberal, que se mantinha atada às reformas traçadas pela própria monarquia. Lênin insiste que a aplicação da tática marxista, no processo da revolução democrático-burguesa na Rússia, dependia da revelação científica da estrutura econômica agrária e das tendências históricas, que inevitavelmente resultariam na destruição das esgotadas relações feudais, e na sua substituição pelas relações capitalistas.

Dada a complexidade e a importância da questão agrária, nas condições concretas em que se desenvolvia a revolução, e a exposição do método marxista da análise, insistimos em sintetizar o desenvolvimento da elaboração leninista. O próprio Lênin se viu na contingência de despende o máximo de energia e concentração no estudo da revolução agrária, uma vez que esta estava na base da revolução democrático-burguesa, que levaria à destruição da monarquia e a constituição de uma república democrática. Evidentemente, compreendia que não era possível dar um salto para a revolução proletária, portanto socialista, sem que ocorresse a revolução democrática. O problema estava em como organizar o proletariado como dirigente das massas camponesas para garantir a independência de classe, e dar

continuidade à luta de classes, que levaria, finalmente, à consecução da estratégia socialista. Caberia ao proletariado encarnar o programa da revolução agrária, uma vez que o campesinato não podia fazê-lo por si próprio.

É instrutivo um resumo que faz para aproximar o máximo possível sua análise e suas teses da revolução agrária da compreensão da militância. Eis o que diz:

“Para satisfazer o pedido dos camaradas poloneses, tentarei expor brevemente o conteúdo de meu livro que tem o mesmo título, escrito em novembro de 1907, e não publicado até agora, devido a causas alheias à minha vontade”. Refere-se ao resumo do livro “O Programa Agrário da Social-democracia na Primeira Revolução Russa de 1905-1907”. Lênin constata a necessidade de rever os programas anteriores. Isso porque “não continham uma ideia suficientemente clara acerca de que tipo de evolução agrária capitalista podia se produzir na Rússia”. É com base nessa compreensão que indica o erro dos mencheviques ao responder à questão agrária. A consequência desse erro levou o IV Congresso da social-democracia a aprovar o programa de municipalização, tão rechaçado por Lênin. Conclui: “Em Estocolmo, não se examinou em absoluto, precisamente, o aspecto econômico da questão, isto é, o aspecto mais importante, prevalecendo as considerações ‘políticas’, a politicagem, e não a análise marxista” (...) “O argumento principal dos partidários da ‘municipalização’ mais influentes em Estocolmo se baseava em que os camponeses são inimigos da nacionalização das terras de nadiel [NT-de posse camponesa]”.

Lênin teve de recorrer às fundamentações de Marx, para combater os antimarxistas mencheviques. Eis: *“Por que os camponeses se pronunciaram pela nacionalização? Porque compreenderam, instintivamente, muito melhor que os pseudo marxistas pouco perspicazes, a necessidade de destruir toda a propriedade agrária medieval. A propriedade agrária medieval deve ser destruída para abrir caminho ao capitalismo na agricultura; e, em distintos países e graus diferentes, o capital destruiu a velha propriedade agrária medieval, submetendo-a às exigências do mercado e transformando-a de acordo com as condições da agricultura mercantil. No tomo III do O Capital, Marx já assinalava que, quando surge um modo capitalista de produção, encontra formas históricas de posse da terra, que não correspondem ao capitalismo (propriedade agrária gentílica, comunal, feudal, patriarcal, etc.) e cria outras novas em consonância com as novas exigências econômicas”. (...) “Tais são as condições para a mais*

rápida abolição das formas medievais e para o mais livre desenvolvimento do capitalismo: a abolição de todo o velho regime de propriedade da terra, abolição da propriedade privada da terra como um obstáculo que se levanta diante do capital. Também, na Rússia, é inevitável essa 'limpeza' revolucionária da propriedade agrária medieval, e não existe no mundo força capaz de impedi-la. A questão é apenas se essa 'limpeza' vai ser latifundiária ou camponesa. Esse é o único motivo da luta. A 'limpeza' do regime medieval de posse da terra, efetuada pelos latifundiários, significa o saque dos camponeses, em 1861; significa a reforma agrária de Stolipin, em 1906 (...). "A 'limpeza' camponesa da terra para o capitalismo é a nacionalização da terra". (...) "Os mencheviques 'passaram pelo alto' que, na Rússia, é medieval não apenas a propriedade latifundiária, mas também a propriedade das terras de nadiel camponesa. Fortalecer a propriedade das terras de nadiel, que não corresponde em absoluto às novas relações capitalistas, é uma medida reacionária, e a municipalização fortalece a propriedade da terra de nadiel, com a diferença de que não é nadiel, 'que deve ser municipalizada'. A posse da terra de nadiel divide os camponeses com mil barreiras medievais e, por meio da 'comunidade' fiscal medieval, freia o desenvolvimento das forças produtivas. A 'comunidade' e essa propriedade de nadiel estão destinadas a ser destruídas pelo capitalismo. Stolipin se dá conta disso e destrói ao estilo centúrio-negrista (NT. Fração reacionária da monarquia). Os camponeses também se dão conta disso, e querem destruir ao estilo camponês ou democrático-revolucionário. Mas os mencheviques exclamam: 'Não se pode tocar nas terras de nadiel'".

Constata-se, no desenvolvimento posterior da revolução russa, que a nacionalização das terras é uma medida democrática que abre caminho para as transformações socialistas. A monarquia, ajustada às novas condições criadas pela revolução de 1905, e a burguesia liberal estavam unidas por trilhar o caminho das reformas, sob a égide dos latifundiários. Combatiam, portanto, a revolução agrária que levava à nacionalização das terras. Que liquidava, tanto as relações feudais latifundiárias dominantes, quanto às feudais-camponesas (nadiel). Lênin encontra na revolução agrária a abertura de um curso para a luta proletária pelo socialismo. Eis: *"A tarefa do proletariado é organizar as massas (...) para a luta revolucionária pela democratização completa hoje; e pela revolução socialista amanhã."*

V Conferência

A V Conferência foi realizada entre 21 e 27 de dezembro de 1908, em Paris. Somente foi possível graças ao empenho dos bolcheviques. Lênin se apoia na constatação de que a vitória da contrarrevolução abria uma nova etapa política e que o partido tinha de compreendê-la a fundo e ajustar sua linha de intervenção. Em agosto de 1908, o Comitê Central do POSDR decidiu por sua preparação, a despeito da resistência dos mencheviques. Observa-se o pequeno número de delegados, 16 com direito a voz e voto, sendo 5 bolcheviques, 3 mencheviques, 5 social-democratas polacos e 3 bundistas. Embora os bolcheviques fossem minoria, sua representação correspondia ao trabalho operário no centro industrial da Rússia e a sua avançada organização em São Petersburgo. Na luta interna à Conferência, Lênin conseguiu convencer a maioria da justeza de sua análise e teses políticas. Os mencheviques, assim, foram derrotados em toda a linha.

Os principais pontos da pauta foram: 1) informes do Comitê Central, da social-democracia polaca e do Bund, da organização de Petersburgo, da de Moscou e da região industrial central, da dos Urais e do Cáucaso; 2) a situação política atual e as tarefas do partido; 3) a representação social-democrata da Duma; 4) problemas da organização vinculados às mudanças ocorridas nas condições políticas; 5) a unificação das organizações nacionais em cada local; 6) assuntos do estrangeiro. Desses pontos, ressaltaram a análise da mudança na situação política, o vínculo dos deputados social-democratas na Duma com o partido e a questão organizativa diante das novas condições políticas.

Lênin, em seu artigo “*A Caminho*”, 28 de janeiro de 1909, sintetiza o seu resultado: “*A análise marxista da atual correlação de classes e da nova política do czarismo; a indicação do objetivo imediato da luta, que continua sendo o que o nosso partido fixou; avaliação dos ensinamentos da revolução quanto à justeza da tática social-democrata revolucionária; explicação das causas da crise do partido e indicação do papel dos elementos proletários do partido na luta contra essa crise; solução do problema da correlação entre a organização ilegal e a organização legal; reconhecimento da necessidade de utilizar a tribuna da Duma e a elaboração de diretrizes corretas para nosso grupo na Duma, vinculado com a crítica direta aos erros desta: tal é o conteúdo principal das decisões da Conferência, que oferece uma resposta completa à questão do caminho concreto que o partido da classe operária deve seguir, nesses difíceis tempos em que vivemos*”.

A V Conferência se realizou em meio à derrota da revolução de 1905 e a retomada da iniciativa política da monarquia, em aliança com a burguesia liberal. O ano de 1908 esteve marcado pelo retrocesso da luta das massas e pelos impasses do partido social-democrata. A brutal repressão e a dispersão nas fileiras do partido exigiam um balanço da situação e a retomada das iniciativas em resposta à ofensiva da contrarrevolução. A deserção de uma importante parcela dos intelectuais refletiu a não assimilação do marxismo e do programa proletário nas condições concretas da luta de classes, que levaram à revolução e à contrarrevolução de 1905. Movidos por tamanho recuo das massas e pela ofensiva da burguesia liberal, reacendeu-se a discussão em torno da legalização do partido e abandono da concepção leninista do trabalho clandestino e legal. O que Lênin considerou como uma tentativa de “*renunciar abertamente ao programa, à tática e à organização do partido*”. Identificou que a crise organizativa ia muito além, convertendo-se em crise ideológica e política.

A Conferência se tornou uma exigência inadiável. Havia que responder à confusão instalada no partido e rearmá-lo para a nova etapa que se abria. Eis a conclusão de Lênin: “*A recente Conferência da POSDR marca o caminho do partido e, pelo visto, representa uma virada no desenvolvimento do movimento operário russo depois da vitória da contrarrevolução. (...) As decisões configuram uma resposta bem definida à questão relativa às causas e significado da crise, assim como os meios para superá-la. Se se trabalha de acordo com as resoluções da Conferência e se procura que todos os quadros compreendam de maneira clara e plena as atuais tarefas do partido, nossas organizações saberão temperar e coesionar suas forças para desprender uma atividade revolucionária social-democrata e frutífera*”.

Era preciso levar o partido à compreensão de que passava por uma seleção de seus quadros. Os seus componentes intelectuais e pequeno-burgueses, que se frustraram com a derrota da revolução democrático-burguesa, se mostraram vacilantes e incapazes de manter a firmeza diante do período de reação, que se abriu com a derrota da revolução de 1905. Serviram aos propósitos dos mencheviques e de aliados internos de liquidar o partido, dissolvendo-o na legalidade burguesa, que se promovia por meio do funcionamento parlamentar da Duma.

Lênin definirá os embates da seguinte maneira: “*A Conferência registrou a existência de duas tendências fundamentais no POSDR: uma coloca assento na organização ilegal do partido, e outra, —mais ou menos parecida com o liquidacionismo — nas organizações legais e semilegais*”.

A luta contra essa tendência triunfou na Conferência, porque essa esteve assentada no que Lênin classificou de “*elementos mais proletários do partido e intelectuais mais fieis aos princípios*”. De maneira que as deserções tinham seu lado positivo, uma vez que indicavam o processo de depuração daqueles mais instáveis e vacilantes, provenientes da pequena burguesia e que não conseguiram se transformar assimilando o marxismo e trabalhando no seio do proletariado pelo triunfo da revolução.

Tarefas e luta contra o liquidacionismo

Selecionamos e comentamos os principais aspectos do “*Projeto de resolução sobre o momento atual e as tarefas do partido*”. O documento inicia demonstrando a transformação do regime autocrático feudal em uma monarquia burguesa. Para evitar o triunfo da revolução democrática, impulsionada pela luta de classes de operários e camponeses contra o velho absolutismo, estabeleceu-se uma aliança do czarismo com os latifundiários e a burguesia comercial e industrial. A III Duma (Parlamento) foi instituída sob tal aliança contrarrevolucionária. Essa caracterização foi muito importante na luta do bolchevismo com o menchevismo e outras variantes do socialismo pequeno-burguês, que se adaptavam ao Parlamento da monarquia burguesa.

O novo regime manteve em suas mãos o processo de alteração nas relações de propriedade e economia agrárias. A monarquia burguesa se alia com os camponeses ricos contra a maioria dos camponeses pobres. Sua reforma se assentava no estabelecimento da grande propriedade privada da terra. A burguesia liberal, dirigida pelo partido Kadete, acabou por auxiliar a política agrária do absolutismo e dos latifundiários feudais. A política revolucionária, ao contrário, trabalha pelo levante camponês contra a propriedade latifundiária, que leva à nacionalização da terra. A resolução prevê o agravamento desse choque e a gestação de uma nova crise revolucionária, para a qual o POSDR deveria preparar-se.

Nesse sentido, se extraem as seguintes tarefas: “1) *explicar às amplas massas do povo o sentido e a importância da nova política da autocracia, e o papel do proletariado socialista que, ao mesmo tempo em que segue uma política classista independente, deve dirigir o campesinato democrático, na situação política atual e na futura luta revolucionária*; 2) *estudar em todos os seus aspectos e popularizar amplamente a experiência da luta de massa que, entre 1905 e 1907, proporcionou importantes lições de tática revolucionária*; 3) *fortalecer o POSDR tal e como se formou na época revolucionária*”

ria; manter as tradições de sua luta intransigente, tanto quanto à autocracia e às classes reacionárias, como contra o liberalismo burguês; lutar contra os desvios do marxismo revolucionário, contra as tentativas de cercear as consignas do POSDR e de liquidar a organização ilegal do POSDR, que se observa entre alguns elementos do partido que caíram sob a influência da desintegração; 4) apoiar por todos os meios a luta econômica da classe operária, de acordo com as resoluções dos Congressos de Londres e Stuttgart; 5) utilizar a Duma e sua tribuna para efetuar propaganda e agitação revolucionárias; 6) entre as tarefas urgentes, se coloca, antes de tudo, um amplo trabalho de educação, organização e coesão das massas proletárias com consciência de classe. Depois, e subordinada a essa tarefa, é necessário estender o trabalho de organização ao campesinato e ao exército, sobretudo por meio da propaganda e agitação escritas, dedicando especial atenção à educação socialista dos elementos proletários e semiproletários do campesinato e do exército”.

Citamos anteriormente o importante documento denominado “*A Caminho*”, escrito por Lênin logo após a Conferência. É dedicado à explicação e fundamentação da resolução que aqui comentamos. O ponto três da resolução foi concebido contra a tendência liquidacionista, que defendia a adaptação do POSDR ao parlamentarismo e à legalidade burguesa. Nesse particular, Lênin formula a concepção do partido construído sobre a base de células imersas no seio do proletariado e dos demais oprimidos. Transcrevemos a passagem:

“Dessa forma de apreciar o princípio de organização do partido, se desprende, logicamente, a forma de orientar a política de organização adotada pela Conferência. Reforçar a organização ilegal do partido, criar células em todas as esferas da atividade, constituir, principalmente, ‘comitês operários inteiramente do partido, ainda que seu número seja pequeno, em cada empresa industrial’, concentrar as tarefas de direção nas mãos de dirigentes do movimento social-democrata provenientes das fileiras dos próprios operários: essa é a ordem do dia (...) Cada célula e cada comitê operário do partido deve converter-se em ponto de apoio para o trabalho de agitação, propaganda e organização prática entre as massas, isto é, deve ir aonde vão as massas e se esforçar a cada passo por impulsionar a consciência das mesmas ao socialismo, ligar cada questão parcial com a tarefas gerais do proletariado, transformar toda medida de organização em fator que contribua à coesão de classe e conquistar com sua energia e sua influência ideológica o papel dirigente em todas as organizações proletárias legais. Mesmo que essas células e comitês sejam pouco numerosos, estarão vinculados pela tradição do

partido e pela organização do partido, por um programa de classe definido; dois ou três social-democratas, membros do partido, serão capazes, desse modo, de evitar serem dissolvidos em uma organização legal amorfa, saberão aplicar a linha do partido em todas as condições, circunstâncias e situações, influenciar sobre o ambiente com as posições do partido, e não permitir que o ambiente os absorva”.

As formulações acima sobre o partido não se circunscrevem à situação particular da Rússia revolucionária. Têm validade atual. Expressam os fundamentos do partido revolucionário, que se distingue completamente dos partidos burgueses e pequeno-burgueses. A experiência que advém da luta concreta de Lênin contra o liquidacionismo permite a elaboração da teoria marxista do partido. Nota-se que, em fins de 1901 e início de 1902, Lênin abre uma batalha contra os espontaneístas, o funcionamento federativo do partido e o legalismo pequeno-burguês. Agora, em 1908, enriquecido pelos acontecimentos da revolução de 1905 e da contrarrevolução de 1906, Lênin demonstra a validade de suas teses originais, as confirma e as amadurece.

No artigo *“A liquidação do liquidacionismo”*, de julho de 1909, Lênin conclui: *“Os bolcheviques devem, agora, construir o partido, construí-lo da fração, construí-lo com a ajuda das posições conquistadas na luta interna do partido”*. Essa decisão ocorre depois da Conferência da Redação Ampliada de *“Proletari”*, de junho de 1909. A separação entre bolchevismo e menchevismo e outras variantes do oportunismo e do sectarismo chegava à sua definição.

Vencer o ultraesquerdismo

Expusemos a luta de Lênin contra o liquidacionismo. Assim foi denominada a fração menchevique que se opunha à análise de que, com a vitória da contrarrevolução – confirmada pelo golpe de Estado de 3 de junho de 1907 –, o partido deveria combinar o trabalho ilegal (clandestino) com o legal (parlamentar, sindical, etc.). Em seu lugar, os liquidacionistas propunham transformar o partido social-democrata em puramente parlamentar, legalista. Acusavam Lênin de pretender um partido sectário. Em contraposição, Lênin, no artigo *“A Caminho”*, demonstrou que a legalização a todo custo implicava *“renunciar abertamente ao programa, à tática e à organização do partido”*. É bom retomar a definição de Lênin de liquidacionista do ponto de vista ideológico e organizativo. No artigo *“A liquidação do liquidacionismo”*, afirma: *“O liquidacionismo,*

no estrito sentido da palavra, o liquidacionismo dos mencheviques, consiste ideologicamente em negar a luta de classes revolucionária do proletariado socialista em geral, e a hegemonia do proletariado em nossa revolução democrático-burguesa, em particular.” (...) “Do ponto de vista da organização, o liquidacionismo nega a necessidade de um partido social-democrata ilegal e, portanto, renega o POSDR, abandona suas fileiras, luta contra ele nas páginas da imprensa legal, nas organizações operárias legais, nos sindicatos e cooperativas, nos congressos em que participam delegados operários, etc.”.

Concluimos, assim, a luta de Lênin contra o oportunismo parlamentar legalista, que constituía a fração menchevique de direita. Os obstáculos à transformação do partido social-democrata em um partido marxista pleno não se limitavam a essa fração. Surgiu também uma fração ultra esquerdista, que será denominada otzovistas ou ultimatas. Seus partidários defendiam a não participação nas eleições da Duma. Lembremos que, na I Duma, os bolcheviques se posicionaram pelo boicote, seguindo a análise de que permaneciam as tendências de luta das massas, em choque com a caricatura parlamentar da Duma como órgão consultivo da monarquia. A fração ultimata se negava a ver a mudança de situação, e as distintas possibilidades da intervenção legal do partido. Lênin chegou a ficar em minoria e praticamente isolado no seio dos bolcheviques, defendendo a tática de intervenção na III Duma, 1907. Teve, inclusive, de votar com os mencheviques na Conferência de julho de 1907. Permaneceu a divergência, e os ultimatas foram às últimas consequências no seu ultra esquerdismo, exigindo a saída dos deputados social-democratas da Duma. Isso quando haviam conseguido eleger 19 representantes. O combate aos otzovistas e liquidacionistas mostra a importância que Lênin dava ao trabalho legal, sem se desfazer do trabalho ilegal. A relação entre um e outro depende das condições da luta de classes.

Era evidente a filiação dos ultraesquerdistas com o anarquismo. Lênin estabelece o vínculo e responde à pergunta onde estaria o erro de raciocínio do anarquismo. *“No fato de que, devido às suas ideias radicalmente incorretas sobre o curso do desenvolvimento social, não conseguem levar em conta as particularidades de uma situação política (e econômica) concreta nos diversos países, que condicionam o significado específico de um ou de outro método de luta para determinado período de tempo”.* Referindo-se à situação concreta da Rússia, Lênin explica: *“A particularidade do momento é, precisamente, a tentativa (uma tentativa fracassada)*

da velha autocracia de resolver novos problemas históricos com a ajuda da Duma outubrista-centurio-negrista. Por isso, a tarefa tática específica dos social-democratas é aproveitar essa Duma para seus próprios objetivos, para divulgar as ideias da revolução e do socialismo. O essencial não é que essa tarefa específica seja particularmente elevada, que abra vastas perspectivas, que equivalha ou que, pelo menos, se aproxime em importância das tarefas que se colocaram ao proletariado, por exemplo, no período de 1905-1906. Não. O essencial é que constitui um aspecto especial da tática do momento presente, o que a diferencia do período passado e do que está por vir (...). Não podemos responder à situação atual, não podemos solucionar o conjunto de problemas com os quais se defrontam o partido social-democrata sem ter solucionado o problema específico do momento, sem ter transformado a Duma centúrio-negrista-outubrista em um instrumento para a propaganda social-democrata”.

Lênin fundamenta, com base na experiência da revolução de 1905, a possibilidade e a necessidade de defender “os ideais, os objetivos e os métodos da revolução de dentro da Duma”. A discussão com os otzovistas em torno à “forma superior do movimento” e “forma inferior do movimento” contém importantes formulações. Eis: “Que não se apague da memória (...): quando realmente existem condições de aguda e crescente reação, quando a força mecânica dessa reação destrói verdadeiramente o vínculo com as massas, dificulta um trabalho suficientemente amplo e debilita o partido, precisamente, então, é quando se transforma em tarefa específica do partido conquistar o instrumento parlamentar de luta. E isso não se deve a que a luta parlamentar seja superior a outras formas de luta; não, deve-se precisamente a que é inferior a elas; inferior, por exemplo, a uma luta como a que incorpora ao movimento de massas, inclusive, as forças armadas, que engendra greves de massas, insurreições, etc.”.

Referindo-se a Marx e Engels, Lênin indica que a experiência já havia confirmado a interrelação entre a forma inferior e superior de luta, dependendo das condições objetivas. O problema do partido está em conhecer profundamente as particularidades do momento e de seu desenvolvimento. Não se escolhem arbitrariamente as formas de luta. A posição de boicote e de retirada dos deputados bolcheviques da III Duma conduzia a uma “deformação absurda e uma vulgarização dos pontos de vista da social-democracia revolucionária”. Lênin conclui que “assim como os anarquistas manifestam um cretinismo parlamentar ao reverso, quando separam o problema do parlamento de todo o problema da sociedade

burguesa em geral, e procuram criar uma tendência com gritos contra o parlamentarismo burguês (...), os otzovistas, ultimativistas e boicotadores exibem exatamente na mesma forma um menchevismo ao reverso, quando formam uma tendência à parte em torno da atitude perante a Duma, do problema dos métodos de luta contra os desvios de parte do grupo social-democrata na Duma". Fica demonstrado que o ultimativismo é a outra face do oportunismo menchevique.

VI Conferência

A VI Conferência do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR) foi realizada de 5 a 7 de janeiro de 1912, em Praga, Polônia. Como se vê, ocorria após quatro anos da última Conferência. Isso se devia ao fato do partido ter sido duramente golpeado pelo governo czarista. Houve, assim, uma grande dispersão nas fileiras do POSDR. As divergências entre bolcheviques e mencheviques haviam se aprofundado. A ala ultraesquerdista dos otzovistas (ultimativistas), que se instalou no próprio bolchevismo, fora excluída. O refluxo do movimento operário e camponês dificultava a reestruturação do partido. De maneira que chegava à VI Conferência organizativamente muito debilitado e politicamente estilhaçado.

Durante esse período, Lênin insistiu na explicação de que o que se passava na Rússia outros países já tinham enfrentado. Referia-se a *“períodos de dispersão e abjuração”*. Mostra que *“houve casos em que não restaram sequer grupos, mas homens isolados que, durante dez ou mais anos, souberam em tal situação manter no alto a bandeira, velar pela continuidade das ideias e aplicar estas a uma situação político-social grandemente modificada”*. O que se passava na Rússia não era tão grave assim, isso porque o programa estava preservado. Os liquidacionistas haviam sido derrotados política e ideologicamente. Tratava-se de aproveitar as mudanças que despontavam no ânimo da classe operária, depois de quatro anos de repressão e de desorganização do partido.

É nessas condições que a VI Conferência é realizada praticamente por representação bolchevique. Houve uma rejeição à convocação da Conferência, inclusive sua sabotagem pelos agrupamentos que se colocaram no campo do liquidacionismo. Ao contrário, despendeu-se um grande esforço por parte das organizações locais, identificadas com o leninismo. As que não puderam comparecer, enviaram por escrito seu apoio. Desempenhou um importante papel a Comissão de Organização

da Rússia, para centralizar os esforços de preparação da Conferência.

Lênin presidiu os trabalhos da Conferência e apresentou o informe político. Dos trabalhos, resultaram várias resoluções. Todas elas convergiam para a tarefa de reestruturar o partido, e superar a dispersão. Essa tarefa consta do primeiro ponto do *“Projeto de Resolução sobre a Constituição da Conferência”*. A conclusão da *“Resolução sobre o Momento Atual e as Tarefas do Partido”* é resumida em três pontos: 1) realizar *“o trabalho permanente de educação socialista, organização e unificação das massas proletárias com consciência política”*; 2) *“desenvolver um intenso trabalho para restabelecer a organização ilegal do POSDR”*; 3) *“organizar e ampliar sistematicamente a agitação política. Dar especial importância à propaganda pela república contra a política da monarquia czarista”*.

Aprovou-se uma resolução de luta contra a fome. Orientou o partido a despender *“um grande esforço para ampliar a propaganda e agitação entre as amplas massas da população, sobretudo entre os camponeses, explicando a relação que existe entre a fome e o czarismo e toda sua política”*. Vinculada às tarefas da revolução democrática na Rússia, é assinalada a estratégia *“da tomada do poder pelo proletariado, que conduz através de si o campesinato”*.

Aprovou-se, também, uma resolução específica sobre as eleições da IV Duma. Determinou a participação do partido com candidaturas próprias. Diz: *“A principal tarefa do partido nas eleições, bem como a do futuro grupo social-democrata na própria Duma, tarefa essa que deve subordinar todas as demais, é a propaganda de classe, socialista e a organização da classe operária”*. A resolução ainda estabelece três consignas que devem guiar a agitação e a propaganda eleitoral: 1) república democrática; 2) jornada de oito horas; 3) confisco de todas as terras dos latifundiários. Orienta a travar *“uma guerra implacável contra a monarquia czarista”*, contra os partidos dos *“latifundiários e dos capitalistas”*. Destaca-se, ao seu lado, a resolução organizativa. Diante da retomada do movimento operário, a militância deve se dedicar à constituição de células clandestinas, cercadas por uma rede de organizações operárias legais de vários tipos.

Uma resolução de particular importância foi a do liquidacionismo. O rechaço dessa fração da social-democracia à Conferência acabou por confirmar a inevitável cisão entre bolchevismo e menchevismo. Diz o primeiro ponto: *“Considerando que faz quase quatro anos que o POSDR trava uma luta decidida contra a tendência liquidacionista, que, na Conferência do partido de dezembro e 1908, foi definida como uma tentativa, da parte de um grupo de intelectuais do partido, de liquidar a organização*

existente do POSDR e a substituir por um agrupamento indefinido, que seja legal a qualquer custo, ao preço da renúncia total do programa, da tática e das tradições do partido (...) – a Conferência declara que, com sua atitude, o grupo mencionado se colocou definitivamente ‘a margem do partido’”. Conclui: “A Conferência chama todos os membros do partido, sem distinção de tendências e matizes de opinião, a lutar contra o liquidacionismo, a explicar o quanto prejudica a causa da emancipação da classe operária e concentrar todas as forças para restabelecer e consolidar o POSDR ilegal”.

As decisões organizativas impuseram um limite claro ao funcionamento partidário, centralizado e oposto ao federativismo, que prevaleceu na existência do partido social-democrata russo. Aprovou-se como organizador coletivo a publicação do Rabóchaia Gazeta, que passou a ser dirigido pelo Comitê Central.

A formação de uma nova direção, alinhada com a luta de Lênin contra o menchevismo, o liquidacionismo e o ultimatismo otzovistas expressava a conquista programática do proletariado e a correspondente concepção leninista do partido.

Tática eleitoral

Anteriormente, mostramos a importância que Lênin deu à participação nas eleições da IV Duma (parlamento). O enfrentamento aos otzovistas (ultimatistas) acabou em sua exclusão do PSODR. Essa ala ultraesquerdista desenvolveu-se como uma fração no interior do bolchevismo. Indicamos o percurso da luta de Lênin contra o oportunismo menchevique, de se adaptar às instituições do czarismo, e contra o ultra esquerdismo em seu próprio interior, que negava por princípio participar das eleições e da Duma. O oportunismo liquidacionista e o ultraesquerdismo inconsequente evidenciaram duas faces da luta no interior do partido. Já expusemos, suficientemente, o embate de Lênin com o liquidacionismo. Cabe ainda destacar a extraordinária elaboração de Lênin quanto à tática eleitoral, que, nos seus aspectos de princípio e de tática, mantém sua validade.

Recordemos que, nas eleições da I Duma (1906), os bolcheviques se colocaram pelo boicote. O motivo dessa decisão estava em que as massas continuavam ainda procurando o caminho da revolução, que se havia aberto em 1905 e, por outro lado, a I Duma era extremamente restritiva, o que impossibilitava ao partido social-democrata apresentar sua política ao proletariado e aos camponeses. Na II Duma (fevereiro 1907), Lênin

teve seu primeiro enfrentamento com seus próprios camaradas bolcheviques sobre a participação ativa, com as candidaturas próprias. A experiência de como utilizar revolucionariamente o parlamento burguês nas condições concretas da Rússia ainda czarista despertou grandes conflitos nas fileiras da social-democracia, o que obrigou Lênin a formular uma linha marxista.

A II Duma foi dissolvida por um golpe de Estado, em 3 de junho de 1907. Um dos principais motivos de sua efêmera existência se deve ao fato da social-democracia ter conseguido eleger 55 deputados. A camarilha czarista não assimilou a presença de revolucionários, que estiveram à frente dos acontecimentos de 1905, no seu parlamento, que servia à manutenção do velho regime, sob a casca da monarquia constitucional. O golpe de Estado foi o meio utilizado para evitar o enfraquecimento do regime e, ao mesmo tempo, desfechar um brutal ataque sobre os social-democratas. Lênin relata no artigo *“O grupo social-democrata da II Duma”* como o general Guerásimov e o agente Brodski, infiltrado na organização militar do partido, planejaram uma farsa para acusar os deputados social-democratas de estarem planejando um levante armado. A comissão de inquérito da Duma não teve como comprovar a acusação do governo e se recusou a cassar os mandatos. Os parlamentares social-democratas foram presos e submetidos a trabalhos forçados, que levaram à morte de alguns e um deles à demência. A descoberta da farsa, comprovada pela III Duma, em 17 de outubro de 1911, potenciou a campanha internacional pela libertação dos presos políticos.

É por essa senda que Lênin amadureceu e aperfeiçoou a posição de princípio e de tática sobre a intervenção dos marxistas nas eleições. Um de seus trabalhos mais representativo, nesse sentido, é o que se denomina *“A campanha eleitoral e a plataforma eleitoral, de outubro de 1911, dedicada à intervenção na IV Duma, que ocorreria dentro de um ano”*. O momento era propício para reconstruir o partido e fortalecê-lo no seio do proletariado, constituindo as células. Assim explica a necessidade da urgência de abraçar essa tarefa: *“Significaria arriscar todo o trabalho, adiar a formação de células locais do POSDR, que tenham iniciativa própria, de células rigorosamente partidárias, clandestinas, que comecem sem demora o trabalho preparatório para as eleições, que deem sem perda de tempo todos os passos necessários para realizar propaganda e agitação (...)”*. *“Para a social-democracia, que*

considera antes de tudo as eleições como um meio de educação política do povo, o problema principal é, sem dúvida, o do conteúdo ideológico e político de toda a propaganda e toda agitação vinculada às eleições. Esse é o problema da plataforma eleitoral. Para todo o partido merecedor minimamente desse nome, a plataforma é algo que reveste muito antes das eleições, não algo especialmente idealizado 'para as eleições', mas o resultado inevitável de toda atuação do partido, da organização de seu trabalho, de toda sua orientação em um período histórico dado”.

Na passagem acima, Lênin expõe o método marxista, que consiste em não montar uma plataforma eleitoral simplesmente porque a burguesia está convocando as eleições. Eis por que Lênin explica que a plataforma do POSDR já existia, não se tratava de constituí-la, mas de desenvolver os princípios e a tática já adotados pelo partido, já aplicados e que se aplicam *“durante todo o período da vida política do povo, que em certo sentido as eleições sempre o ‘resumem”*.

Lênin destaca três aspectos: *“1) o programa do partido; 2) sua tática; 3) sua avaliação das tendências ideológicas e políticas dominantes no período dado (...)”*. Conclui: *“Sem um programa, um partido não pode existir como organismo político integral, capaz de não se desviar de sua linha diante de qualquer virada dos acontecimentos. Sem uma linha tática, baseada na avaliação do momento político e que dê respostas precisas aos ‘malditos problemas’ da atualidade, pode existir como um círculo teórico, mas não como uma organização política atuante”*.

Nas condições particulares da Rússia, destacavam-se três pontos essenciais. A permanência da monarquia, o problema da terra e a superexploração da classe operária. Assim, Lênin defende que a plataforma deveria ser guiada: *“1) república; 2) confisco de todas as fazendas dos latifundiários; 3) jornada de 8 horas”*. Rechaça a plataforma que pretende fazer da bandeira do sufrágio universal a reivindicação central. Explica, também, como método, que é preciso *“eleger um ponto central para que seja a consigna geral da campanha eleitoral, há que se colocar as distintas reivindicações democráticas em uma perspectiva e relação mais ou menos verossímil”*.

Lênin assinala como conclusão: *“Resumindo, a essência e o nervo vital da plataforma eleitoral social-democrata se expressam em duas palavras: pela revolução!”* A revolução em questão, nesse momento, era de caráter democrático. Lênin subordina a revolução à estratégia programática, cujos objetivos históricos, a meta final, são o socialismo.

Mudanças na situação política

A conquista de postos na IV Duma, em 1912, reascendeu as discussões entre bolcheviques e mencheviques, em torno à tática e às tarefas a serem desenvolvidas pelos parlamentares do POSDR. O problema estava em elaborar uma declaração que servisse de guia programático. Lênin participou com o escrito “*Sobre certos discursos dos deputados operários*”. As primeiras declarações na Duma deveriam expressar os principais problemas gerais do País e, em particular, do movimento operário.

Lênin enumerou nove pontos: 1) a continuidade das posições desenvolvidas nas Dumas anteriores; 2) defesa do socialismo; 3) sobre a guerra dos Bálcãs; 4) sobre a situação política da Rússia; 5) a opressão sobre os camponeses; 6) as três forças que compareceram nas eleições da IV Duma; 7) a importância das greves de 1912; 8) sobre a luta do proletariado pela hegemonia; 9) síntese das posições. Outros aspectos poderiam ser agregados.

Lênin recomendou que se retomassem as experiências que resultaram da intervenção revolucionária nas Dumas anteriores, principalmente as da II Duma, “*considerando o conhecido ataque de que foi objeto por parte da contrarrevolução*”. Distintamente dos partidos burgueses, os deputados marxistas mantiveram a linha revolucionária, sem interrompê-la diante das mudanças conjunturais. Em outras palavras, desenvolveram a política do proletariado em torno a objetivos invariáveis. Essa conduta somente foi possível porque os deputados social-democratas cumpriram a tarefa determinada pelo programa da revolução.

Era necessário, portanto, logo no primeiro pronunciamento, se colocarem como deputados comprometidos com o objetivo histórico do socialismo. Na III Duma, se afirmou que o POSDR “*é um destacamento do exército internacional do proletariado socialista*”. Deveria se reafirmar na IV Duma. Os deputados operários estavam obrigados a tratar de dois pontos da situação do momento. Eis: “*a) a extrema agudização da luta entre a classe operária e a burguesia; b) a aproximação da instauração do socialismo*”.

Era obrigatório fixar uma posição sobre a guerra dos Bálcãs, que se havia iniciado em outubro de 1912. Lênin formula a bandeira de “*República Federativa dos Bálcãs*”, como via para solucionar o conflito eslavo-turco. Diante da ameaça de intervenção das potências, desde a Duma,

os deputados deveriam rechaçar qualquer ingerência imperialista. Era preciso, também, denunciar e combater “*a política exterior do governo russo em geral, lembrando especialmente a ânsia de conquista (e do começo das conquistas) do Bósforo, da Armênia turca, Pérsia e Mongólia*”. Estava colocado enfrentar a política nacionalista do governo que levava à opressão nacional. A bandeira de “*Autodeterminação política de todas as nacionalidades*” estava na ordem do dia. Haveria também de demonstrar que o “*nacionalismo liberal*” dos Kadetes e seus discursos chauvinistas sobre a Grã-Rússia voltavam-se ao saque de outros países mais débeis.

A opressão política era uma decorrência da crise revolucionária, pela qual passava a Rússia. Está aí a importância da reivindicação de liberdade política (liberdade de imprensa, associação, reunião e greve). A luta democrática se dirigia contra as bases do regime. Era preciso “*evidenciar a fraude nas eleições-métodos bonapartistas*”, bem como mostrar aos explorados o vínculo dessas lutas com “*as mudanças radicais de todo o sistema político*”. Estava colocada a defesa das condições de existência das massas camponesas. A experiência da III Duma, que arquivou “*o modesto projeto agrário de camponeses de direita*”, comprovava a indisposição da aliança burguesa-monárquica, de livrar os camponeses do jugo dos latifundiários. Essa era uma tarefa do movimento revolucionário.

Quanto às forças políticas que marcaram as eleições da IV Duma, verificavam-se três campos. O do governo, que precisou da fraude eleitoral para se manter. O que refletia sua impotência. O campo do liberalismo, que encarnava a contrarrevolução. Tratava-se de um engano a esperança em uma reforma constitucional, que mantinha as bases do regime arcaico. E o terceiro, representado pela social-democracia revolucionária, que se apoiou em três pilares: “*1) república democrática; 2) jornada de oito horas; 3) confisco de todas as terras dos latifundiários em favor dos camponeses*”.

A greve de 1912 tinha uma importância especial. Isso por que se configurou como greve política, fixando objetivos que interessavam a todo o povo. Expôs o vínculo entre as reivindicações econômicas e políticas, principalmente em protesto contra a execução de marinheiros.

O oitavo ponto dizia respeito à “*hegemonia do proletariado*”. O proletariado cumpre um papel de dirigente das massas oprimidas. E, finalmente, o nono ponto correspondia à demonstração de consciência de classe e de firmeza de princípios.

Intervenção da direção da II Internacional na cisão do POSDR

Concluimos a exposição sobre a tática eleitoral desenvolvida por Lênin, por ocasião das eleições para a Duma, principalmente para IV Duma. Agora, verificaremos os motivos do fracasso da tentativa de unificação entre as várias tendências originadas do Partido Operário Social-democrata Russo (POSDR). A iniciativa foi tomada pelo Comitê Executivo da Direção Socialista Internacional (II Internacional). A reunião ocorreu entre 16 e 18 de julho de 1914, em Bruxelas. A direção da II Internacional, tendo à frente Karl Kautsky, jogou a última cartada como árbitro das divergências e cisões, que separaram, de um lado, os bolcheviques e, de outro, vários agrupamentos, que Lênin caracterizava de liquidacionistas ou oportunistas.

A bandeira de unificação, a essa altura, depois de cerca de onze anos de choques irreconciliáveis, que quase dizimou o POSDR, já não tinha sentido. Eis por que Lênin viu na iniciativa da II Internacional uma manobra voltada contra o bolchevismo e, em particular, contra sua própria liderança. Kautsky e seus aliados tinham claro que o partido de Lênin havia triunfado sobre todas as variantes do oportunismo, do liquidacionismo e do sectarismo. O bolchevismo, assim, se prenunciava como adversário das tendências revisionistas no seio da própria II Internacional. A manobra unificadora objetivava claramente conter o avanço do bolchevismo, cujos fundamentos internacionalistas confrontavam a adaptação da social-democracia alemã, principal força da II Internacional, ao capitalismo em decomposição.

Lênin não compareceu à reunião, mas elaborou um *“Informe do CC do POSDR à reunião de Bruxelas e instruções à delegação do CC”*. Com esse mandato, participaram Inessa Armand, M. F. Vladimirski e I. F. Popov. O ponto de partida foi o de refutar a posição de árbitro da II Internacional. Estava evidente para os bolcheviques a total impossibilidade da reunião de Bruxelas conduzir à unificação.

A Conferência de janeiro de 1912 havia criado as condições principistas, programáticas, táticas e organizativas para reconstituir o POSDR na forma do bolchevismo. E havia selado, definitivamente, a impossibilidade de recomposição com os divisionistas. Lênin recordou as etapas fundamentais desse embate, o enfrentamento ao economicismo de 1895 a 1902, ao menchevismo de 1903 a 1908, e ao liquidacionismo de 1908 a

1914. Mostra, como parte dessa experiência, o fracasso da unidade entre os próprios oportunistas e liquidacionistas, que criaram o Bloco de agosto de 1912 contra o bolchevismo. Essa unidade se espatifou rapidamente.

Lênin orientou a delegação bolchevique a demonstrar que vários agrupamentos (Comitê de Organização, formados de mencheviques; Comitê Regional do Cáucaso; Grupo de Plekanov; Bund; Grupo Borbá, identificados como trotskistas; Partido Socialista Polaco, etc.) tinham pouca presença na organização da classe operária russa ou nenhuma influência. Ao contrário, os bolcheviques apresentavam um balanço demonstrativo de sua organização e da penetração no proletariado. Ao mesmo tempo, o Informe do POSDR descrevia as divergências intransponíveis e a conduta dos liquidacionistas, que não apenas se uniam a posições burguesas no combate ao bolchevismo, como também se utilizavam das difamações.

A pauta da reunião permitia tratar dos problemas fundamentais do fracionamento do POSDR, constando de três pontos: 1) divergências programáticas, 2) divergências táticas; 3) problema de organização. No entanto, não poderia conduzir bem a reunião, uma vez que não passava de um reflexo da manobra montada pela direção da II Internacional em comum acordo com parte dos liquidacionistas.

Lênin previa que, no campo da discussão abstrata, se ocultaria a história das divergências, a importância das decisões das Conferências, e a conduta destrutiva dos adversários do leninismo. Inessa Armand pôde ler apenas uma parte do Informe da delegação bolchevique, uma vez que não foi autorizada a lê-lo em sua íntegra. A condição fundamental dos bolcheviques para a unidade, segundo o Informe, iniciava com a exigência de princípios, que se assentavam nos acontecimentos que levaram às divisões. Os oportunistas (Plekanov, Martov, etc.) pretendiam desconhecer o passado. Assim, rechaçaram o Informe. Kautsky se colocou inteiramente do lado dos oportunistas. A unidade dessa ala contra o leninismo pressupunha subordinar os bolcheviques a uma decisão de cúpula. O que era, evidentemente, impossível.

O partido de Lênin era o único que de fato expressava o proletariado russo e encarnava o programa revolucionário. As tendências revisionistas, oportunistas e liquidacionistas não tinham futuro. Estavam fadadas a se constituírem em auxiliares da política burguesa. A unificação levaria à destruição do partido que, em outubro de 1917, dirigiria o proletariado, os camponeses e os soldados a tomarem o poder do Estado.

Unidade principista

Da experiência realizada com a fracassada intervenção da II Internacional, Lênin aproveitou para diferenciar o princípio da unidade marxista da unidade sem princípio do oportunismo.

A pretensão de reunificar o Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), desconhecendo a trajetória das divergências, dos choques e das manobras aparelhistas, do bolchevismo com o menchevismo, bem como com outras tendências internas ao partido social-democrata, expunha o conteúdo da unificação oportunista. Ao contrário, as 14 condições do informe, redigido por Lênin à reunião de Bruxelas, apresentavam os motivos da divisão e a impossibilidade da unificação sem o seu reconhecimento pela própria direção da II Internacional, que promoveu o encontro, e pelos agrupamentos opositores ao bolchevismo. A manobra unificadora de Kautsky, Martov e companhia se realizava no momento em que a primeira guerra mundial ganhava corpo. Um acontecimento de tal dimensão exigia um claro posicionamento da II Internacional, e de todos os partidos que se reivindicavam do marxismo.

O bolchevismo, já identificado como corrente leninista, mais precisamente marxista-leninista, havia se levantado em oposição ao oportunismo da direção da II Internacional, comandada pelo kautskismo. Era visível a sua intervenção como uma fração identificada com o internacionalismo proletário. Lênin avaliava que a hegemonia do revisionismo no interior da II Internacional, que levava à política chauvinista, portanto, ao apoio a esta ou aquela fração burguesa imperialista em guerra, havia concluído em sua liquidação. Tinha em conta a inevitabilidade de constituir a III Internacional. A bandeira da unidade oportunista ocultava as diferenças estratégicas irreconciliáveis diante da guerra.

No final de agosto de 1914, Lênin redigiu *“As tarefas da social-democracia revolucionária na guerra europeia”*. Foram as primeiras teses que separaram em campos opostos o bolchevismo e o oportunismo. Constatam de 7 pontos. Depois de caracterizar como guerra europeia e mundial de conteúdo burguês e imperialista, as teses condenam a conduta da direção do partido social-democrata alemão e da II Internacional, por traírem o internacionalismo proletário e o socialismo. As teses serviram de base para o manifesto *“A Guerra Europeia e o Socialismo Internacional”*, assinado pelo Comitê Central do partido social-democrata da Rússia. Eis a formulação sobre a unidade revolucionária: *“As tarefas do socialismo*

na atualidade não podem ser cumpridas, e uma real unidade internacional dos operários não pode ser alcançada, sem uma decisiva ruptura com o oportunismo, sem explicar às massas o inevitável fracasso do oportunismo”.

Em janeiro de 1915, Lênin retornou à questão da unidade no artigo *“O que fazer agora? (As tarefas dos partidos operários em relação ao oportunismo e ao socialchauvinismo)”*. Inicia assim: *“A tremenda crise provocada no socialismo europeu pela guerra mundial originou primeiro (como ocorre durante as grandes crises) uma enorme confusão; depois esboçou uma série de novos agrupamentos entre os representantes das tendências, matizes e opiniões diversas do socialismo; por último, colocou com particular gravidade e insistência o problema de que mudanças específicas, no que toca às bases da política socialista, derivam da crise e impõem a crise”.*

Uma das confusões se dava, precisamente, em torno à bandeira da unidade. Lênin relata um encontro de um membro do Comitê Central dos bolcheviques com um representante do Comitê de Organização dos liquidacionistas. Momento em que este lamentou a divisão na Rússia, e recorreu à bandeira da “unidade”. Lênin refere-se ao episódio para explicar *“o problema de princípios da unidade”*. A questão estava em compreender *“a importância da consigna da ‘unidade’ à luz dos acontecimentos atuais”*. Expõe seu raciocínio: *“A arma mais poderosa do proletariado na luta pela revolução socialista é sua unidade. Desta verdade indiscutível, resulta, algo não menos indiscutível, que, quando ao partido do proletariado adere um grande número de elementos burgueses, que podem obstaculizar a luta pela revolução socialista, a unidade com esses elementos é prejudicial, arriscada para a causa do proletariado”.*

Essa observação se baseia em um problema histórico. O socialismo oportunista, que acabou degenerando a II Internacional, se forjou e se fortaleceu nas *“décadas da chamada época pacífica, em que se acumularam em todos os países da Europa uma grande quantidade de esterco pequeno-burguês, oportunista, no interior dos partidos socialistas”*. E conclui: *“Os oportunistas são inimigos burgueses da revolução proletária, aqueles que, nas épocas pacíficas, realizam furtivamente seu trabalho burguês, aninhando-se nos partidos operários, para aparecer repentinamente, nas épocas de crises, como franco aliados de toda a burguesia unificada, desde a conservadora até a mais radical e democrática, desde a livre pensadora até a religiosa e clerical”.*

Lênin assinala a questão da aliança temporária, às vezes necessária, com a pequena burguesia. Seria irracional renunciar a essa tática. Mas é obrigatório resultar de uma análise concreta da situação. Não se trata

de utilizar abstratamente a bandeira da unidade. Segundo as condições do momento no caso da guerra em curso, e dos alinhamentos de classe em torno dela, explica Lênin, *“Hoje somente podem defender a unidade com ela, a unidade com os oportunistas, os inimigos do proletariado, ou os impostores tradicionais de uma época caduca”*. Enfim, Lênin deduz: *“A unidade da luta proletária pela revolução socialista exige agora, depois de 1914, que os partidos operários realizem a sua separação incondicional dos partidos oportunistas”*.

Já nesse momento, Lênin assinala o caminho da total ruptura com a II Internacional e constituição da III Internacional.

Conferência de Londres, enfrentamento ao social-chauvinismo

Demos muita atenção à distinção entre a unidade principista e a unidade oportunista. A questão ganhava novas dimensões com a eclosão da 1ª Guerra Mundial. Lênin travará uma luta inflexível pela ruptura dos revolucionários com os social-chauvinistas. Colocava-se, em primeiro plano, o enfrentamento entre o internacionalismo e o nacionalismo imperialista. *“Hoje em dia, a unidade, como consigna do Partido Social Democrata, significa a unidade com os oportunistas e a subordinação a eles (ou ao bloco que formam com a burguesia). É uma consigna que, nos fatos, ajuda a polícia e os reacionários, que é funesta para o movimento operário”*. Nesses termos, atinge-se a ruptura no seio da social-democracia europeia. É o que Lênin expressa no título do artigo *“Como a polícia e os reacionários protegem a unidade da social-democracia alemã”*. Já não era possível se sentar na mesma mesa, uma vez que as diferenças não eram secundárias, mas inteiramente de princípio e programa de classe.

Um acontecimento retrata bem essa situação. A seção britânica da II Internacional organizou, em fevereiro de 1915, *“A Conferência de Londres”*. De última hora, Lênin recebeu o endereço de sua realização. Lênin relata que a sua presença ali somente teria a função de ler uma declaração, que estava em total oposição aos traidores do internacionalismo. O objetivo da reunião, apresentado em sua abertura pelo presidente da Conferência, era o de trocar opiniões, sem aprovar resoluções. Mas, se acabou admitindo que se redigisse, no final das discussões, uma resolução que expressasse a opinião da maioria. Três pontos de pauta foram aprovados: 1) os direitos das nações Bélgica e Polônia; 2) as colônias; 3) as garantias de paz.

Decidiu-se que, como introdução, os representantes de cada país dessem um breve informe sobre a atitude diante da guerra. Nesse momento, Lênin intervém e denuncia o fato do representante oficial dos bolcheviques no bureau da Internacional Socialista, o camarada Maximovich, não ter sido convidado. A denúncia serviu para mostrar que aquela Conferência não passava de um arranjo entre a camarilha oportunista. Refere-se ao manifesto “*A Guerra e a Social-democracia da Rússia*”, que havia sido enviado ao bureau da Internacional Socialista. Lênin pontua: “*Antes de falar das condições de paz, é preciso esclarecer com que meios trataremos de obtê-la, e, para isso, é necessário estabelecer se existe uma base social-democrata revolucionária comum, se discutiríamos como chauvinistas, pacifistas ou social-democratas*”. Em seguida, Lênin passa a fazer a leitura da declaração. Mas é interrompido pelo presidente da mesa, dizendo que a posição de Lênin como delegado ainda não estava clara, e que eles não tinham se reunido para criticar os diferentes partidos. Em resposta, Lênin concordou em continuar sua fala depois do informe da comissão de credenciamento. Discursaram Vaillant, Vandervelde, MacDonald, Rubanóvich e Maiski. Lênin, então, retoma a leitura da declaração, como condição para se manter ou não na Conferência. O presidente o interrompe, dizendo que não permitiria imposição de condições à Conferência. Lênin, em resposta, pede autorização para informar por que não participaria na Conferência. O que lhe foi negado. Assim Lênin descreve: “*Permitam-me, então, declarar que o POSDR não toma parte da Conferência, e que, quanto aos motivos, deixo nas mãos do presidente uma declaração escrita. Recolhi meu papeis e me retirei...*”.

Essa atitude foi de enorme importância para o desenvolvimento futuro da concepção marxista sobre a guerra imperialista e a política internacionalista correspondente. Em março de 1915, Lênin retomou o fato no artigo “*A Propósito da Conferência de Londres*”. A imprensa burguesa da França dela se valeu para reforçar as posições social-chauvinistas. Lênin evidenciou a “*manobra destinada a preparar o terreno para a conhecida declaração no parlamento do 1º ministro Viviani, inflamada de agressivo patriotismo*”. O “*Journal des Débats mostrou abertamente as cartas ao declarar que, no fundo, se tratava de conseguir que os socialistas ingleses, com Kair Hardie à frente, que até então estavam contra a guerra e o recrutamento, votassem pela continuidade da guerra até a vitória sobre a Alemanha*”. Assim, foi uma vitória da burguesia inglesa e francesa, que conseguiu subordinar os “socialistas” à sua política de guerra. Na prática,

se verificou o internacionalismo oco dos socialistas aburguesados.

Lênin conclui: *“Não há dúvida de que, aos inteligentes reacionários da burguesia francesa, lhes escapou a verdade crua. A burguesia anglo-francesa, mais a burguesia russa, travam a guerra para arruinar e saquear a Alemanha, Áustria e Turquia. Ela necessita recrutadores, necessita do acordo dos socialistas, de que é preciso combater até a vitória sobre a Alemanha; além disso, o que resta é vazia e indigna fraseologia, substituição de grandes palavras como socialismo, internacionalismo, etc. Na prática, é marchar por detrás da burguesia e ajudá-la a saquear outros países, em palavras, oferecer às massas a hipócrita aceitação do socialismo e da Internacional. Tal é, precisamente, a maior culpa do oportunismo e o motivo fundamental da bancarrota da II Internacional”*.

Lênin ressaltou, diante dos acontecimentos, a importância de ter se retirado da Conferência de Londres, em defesa dos *“princípios antichauvinistas, sem cair na germanofilia”*. Ficou claro, por outro lado, os motivos chauvinistas dos germanófilos condenarem a Conferência de Londres. Os *“socialistas”* franceses e ingleses agiam em apoio à burguesia de seus países. Para isso, convocaram a Conferência de Londres, o que tornava impossível a participação dos *“socialistas”* que defendiam a burguesia alemã. O máximo da estupidez se refletia na intenção dos oportunistas de conciliarem o chauvinista germanófilo e o francófilo.

Capitulação da II Internacional

Expusemos a intervenção de Lênin na Conferência de Londres, fevereiro de 1915. Denunciou-a como uma manobra da seção britânica, que estava pelo apoio à burguesia imperialista de seu país na guerra contra a Alemanha.

Nesse mesmo mês, realizou-se a *“Conferência das seções do POS-DR, no estrangeiro”*. A pauta constou de sete pontos: 1) informes das organizações locais; 2) a guerra e as tarefas do partido (atitude diante dos demais agrupamentos políticos); 3) tarefas das organizações no estrangeiro; 4) o Órgão Central e o novo jornal; 5) a posição diante dos problemas das *“colônias”* (problemas das *“colônias”* de imigrados); 6) eleição do Comitê das organizações no estrangeiro; 7) vários. O ponto fundamental foi o da guerra. Teve muita importância a reorganização centralizada do partido e a publicação de um jornal. Na reunião, se verificou a dificuldade de alguns delegados de compreenderem a colocação de Lênin sobre a transformação da guerra imperialista em guerra

civil contra a própria burguesia, em cada país beligerante. Esteve em discussão, também, a bandeira da paz, utilizada pelos chauvinistas da II Internacional. Aspecto esse que Lênin denunciou na Conferência de Londres. Um ponto que não foi concluído dizia respeito à bandeira “*Estados Unidos da Europa*”. Decidiu-se por amadurecer a sua compreensão.

A Conferência das seções do POSDR, como se vê, ocorreu em um momento decisivo. As resoluções, assim, se concentraram na resposta ao problema da guerra. As teses se iniciam com a sua caracterização, ao contrário, do oportunismo que procurava esconder a suas raízes. Eis: “*A guerra atual tem um caráter imperialista. É produto das condições da época em que o capitalismo alcançou a etapa superior de desenvolvimento; em que não apenas a exportação de mercadorias tem a mais essencial importância, mas também a exportação de capital; em que a cartelização da produção e a internacionalização da vida econômica assumiram proporções consideráveis; em que a política colonial conduziu à partilha de quase todo o globo terrestre; em que as forças produtivas do capitalismo mundial rebaixaram o estreito marco das divisões dos Estados nacionais, em que a condições objetivas para a realização do socialismo amadureceram por completo*”.

Nota-se o esforço de síntese da elaboração do fundamento das teses.

Em seguida, explana, também na forma de síntese, o choque entre Inglaterra, França e Alemanha. Indica que o principal objetivo das potências era o de estabelecer uma nova partilha das colônias e o saque. A Rússia, conduzida pela monarquia, aspirava entrar na guerra para ocupar a Pérsia, Mongólia, Turquia asiática, Constantinopla, Galícia, etc. A bandeira de defesa da pátria ocultava os objetivos de rapina. Conclui: “*Hoje são mais justas que nunca as palavras do Manifesto Comunista de que ‘os operários não têm pátria’. Somente a luta internacional do proletariado contra a burguesia pode preservar suas conquistas e abrir às massas oprimidas o caminho de um futuro melhor*”.

Passa, em seguida, à formulação da transformação da guerra imperialista em guerra civil. Afirma que é a “*única bandeira proletária correta, comprovada pela experiência da Comuna de Paris, proposta pela resolução de Basileia (1912) e que essa deriva de todas as condições da guerra imperialista entre os países burgueses altamente desenvolvidos*”. Estabelece, como primeiros passos, os seguintes pontos: “*1) a negação absoluta de votar os créditos de guerra e não integrar os governos burgueses; 2) a ruptura total com a política de ‘guerra nacional’; 3) a criação de uma organização ilegal*

onde quer que seja que os governos e a burguesia suprimam as liberdades constitucionais ao proclamar o estado de guerra; 4) o apoio à confraternização entre os soldados das nações beligerantes nas trincheiras e nos campos de operações em geral; 5) o apoio a qualquer tipo, em geral, de ações revolucionárias massivas do proletariado”.

A resolução ataca francamente a II Internacional. Explica que sua bancarrota é “a bancarrota do oportunismo socialista”, que se potenciou na época “pacífica” do desenvolvimento do movimento operário. Se, de um lado, permitiu à classe operária se utilizar dos métodos da luta parlamentar, de outro, favoreceu a tendência oportunista que nega a luta de classes e defende a paz social, negando a revolução socialista, e condenando a criação de organizações ilegais.

Ao reconhecer a falência da II Internacional, a Conferência das seções do POSDR se coloca pela constituição da III Internacional. Alerta: “A esperança de reconstituir uma Internacional socialista de verdade, sem desmontar completamente as posições dos oportunistas no plano orgânico, seria uma ilusão perigosa”.

A resolução condena a propaganda abstrata da paz. Defende: “No momento atual, a propaganda em favor da paz, que não contenha um chamado às ações revolucionárias de massa, serve não só para semear ilusões, corromper o proletariado, inculcando-lhe confiança no humanitarismo da burguesia e o transformando em joguete nas mãos da diplomacia secreta dos países beligerantes”. Nesse mesmo sentido, determina: “Em todos os países, a luta contra o próprio governo que trava a guerra imperialista não se deve deter diante da possibilidade de derrota do país como resultado da agitação revolucionária. A derrota do exército governamental debilita esse governo, favorece a libertação das nacionalidades que oprime, e facilita a guerra civil contra as classes dominante. Essa orientação também se aplica à Rússia”.

Finalmente, a resolução ataca os chauvinistas russos, incluindo os socialistas revolucionários, os mencheviques e demais variantes do nacionalismo.

Posição internacionalista diante da guerra

Expusemos as principais teses da Conferência das Seções do POSDR no estrangeiro, realizada em fevereiro de 1915. Estavam estabelecidas, completamente, as bases programáticas que separavam o internacionalismo proletário do social-chauvinismo.

Em maio desse ano, Lênin responde, em um breve artigo, *“Os sofismas dos social-chauvinista”*, ao folheto de Kautsky *“O internacionalismo e a guerra”*, publicado em novembro de 1914, e reproduzido em 1915. Combate a falsificação de que o internacionalismo proletário da época imperialista é compatível com a defesa da pátria. Recorre à resolução do Congresso de Basileia, da II Internacional, realizado em 1912. Sintetiza a essência de seu conteúdo: *“A guerra se faz pela partilha das colônias, e pelo saque de territórios alheios; os ladrões lutam entre si, e referir-se à derrota de qualquer um deles, no momento dado, para apresentar o interesse dos ladrões como sendo o interesse do povo ou da pátria, é uma descarada mentira burguesa. Ao ‘povo’, que sofre a consequência da guerra, devemos dizer a verdade, e essa verdade consiste em que é impossível colocar-se a salvo das calamidades da guerra sem derrubar os governos e a burguesia de cada país beligerante. Defender a Bélgica por meio da asfixia da Galícia ou Hungria não é ‘defender a pátria’.”*

Era necessário desmascarar a confusão criada por Kautsky, em torno da ideia de que Marx havia se colocado ao lado de uma das potências em guerra e que, assim, não fazia senão aplicar essa tática. A influência do folheto de Kautsky, por sua autoridade, levava outros representantes do revisionismo social-chauvinista a usar desse argumento, como o caso de A. Potrétsov. Esse senhor publicou um artigo intitulado *“Entre duas épocas”*, reproduzindo o argumento kautskista, contra a posição do bolchevismo. Lênin responde: *“O sofisma desse raciocínio consiste em substituir um período anterior da história pelo período presente. As características fundamentais das guerras anteriores, às quais Kautsky se refere, eram as seguintes: 1) as guerras anteriores eram feitas para resolver as transformações democrático-burguesas, e para derrotar o absolutismo ou a opressão estrangeira; 2) as condições objetivas da revolução socialista não estavam ainda maduras, e nenhum socialista podia falar, antes da guerra, de utilizá-la ‘para precipitar a derrocada do capitalismo’, como fazem as resoluções de Stuttgart (1907), e de Basileia (1912); 3) não havia, então, nos Estados de ambos os lados beligerantes, partidos socialistas em certa medida fortes, de massa e temperados em uma série de batalhas”.*

No manifesto *“A guerra e a social-democracia da Rússia”*, de setembro de 1914, portanto anterior ao artigo *“Os sofismas dos social-chauvinistas”*, maio de 1915, Lênin denuncia a falsificação ao marxismo. *“O método de Marx consiste, antes de tudo, em levar em conta o conteúdo objetivo do processo histórico, no momento concreto dado, e na situação concreta dada,*

a fim de compreender, antes de tudo, o movimento, de que tipo é a principal alavanca de um possível progresso na situação concreta. Naquele tempo, em 1859, o conteúdo objetivo do processo histórico da Europa continental não era o imperialismo, mas os movimentos burgueses de libertação nacional. A alavanca principal era o movimento da burguesia contra as forças feudais absolutistas”.

Confundiam-se duas épocas distintas do capitalismo, a que iam de 1789 a 1871 e a de 1871 a 1914. *“A primeira época que se estende da Grande Revolução Francesa à guerra franco-prussiana, é a época de ascenso da burguesia, de seu triunfo pleno; da burguesia em ascenso; é a época dos movimentos democráticos burgueses, em geral, e, em particular, dos movimentos nacionais burgueses; a época de quebra rápida das caducas instituições absolutistas feudais. A segunda é a época de domínio total e de declínio da burguesia, a época de transição da burguesia progressista ao capital financeiro e ultrarreacionário. É a época na qual uma nova classe prepara e reúne lentamente forças, a época da democracia atual”.* Lênin considera ainda que, a partir de 1914, se abria a terceira época, *“que acaba de começar, coloca a burguesia na mesma ‘situação’ em que se achavam os senhores feudais durante a primeira época. É a época do imperialismo e, além disso, das comoções imperialistas, derivadas do imperialismo”.*

Observa-se que os social-chauvinistas procuravam passar-se por marxistas, utilizando-se do fato de Marx ter se colocado pelo apoio à burguesia progressista, que enfrentava os senhores feudais. Lênin indica que o *“movimento popular nos principais países afetados pela guerra era então um movimento democrático geral, isto é, democrático-burguês, por seu conteúdo econômico e de classe”.* Bem distinto é o conteúdo social e de classe na terceira época, época do imperialismo, apesar dos *“conflitos internacionais serem idênticos aos da primeira época”.*

Lênin conclui: *“O marco nacional burguês dos Estados, que foram durante a primeira época um ponto de apoio para o desenvolvimento das forças produtivas da humanidade, que se libertavam do feudalismo, converteram-se, agora, na terceira época, em um obstáculo ao desenvolvimento posterior das forças produtivas.”* De maneira que a burguesia da época imperialista é uma classe completamente reacionária e decomposta.

As duas análises opostas levavam, portanto, a duas linhas políticas diante da guerra. A tática do marxismo revolucionário entrava em choque com a tática do reformismo oportunista da II Internacional.

A necessidade de constituir a III Internacional

Sintetizamos, anteriormente, os argumentos de Lênin que desmascaravam a falsificação de Marx, feita por Kautsky, para justificar a posição oportunista de apoio à burguesia nacional imperialista, diante da 1ª Guerra Mundial. A cisão entre o internacionalismo revolucionário e o social-chauvinismo que prevalecia na II Internacional exigia algumas conclusões de princípio e de diretriz prática. Em resumo, era preciso desmascarar o oportunismo, combater as vacilações centristas, caracterizar claramente a falência da II Internacional, rechaçar a tese sem princípio da unidade, avançar às últimas consequências a cisão, e constituir uma nova Internacional. No fundamental, Lênin se guiou por esses aspectos programáticos.

Nota-se uma progressão nas formulações de Lênin – alicerçada na caracterização de que se tratava de uma guerra imperialista, na tese de que o capitalismo havia chegado ao amadurecimento para a revolução mundial, e na necessidade do proletariado se valer da guerra civil para derrubar a burguesia putrefata do poder – que vai, da luta por separar a fração internacionalista marxista da fração majoritária oportunista, até o ponto em que necessariamente teria de levantar a bandeira de III Internacional.

Era imprescindível expor em todos os sentidos as raízes da degeneração da social-democracia alemã e da II Internacional, que acabavam arrastando a maioria dos social-democratas de outros países, e provocando cisões. O fato de o Partido Social-democrata Alemão ter votado no Parlamento o bônus de guerra resultou em uma traição ao internacionalismo. Esse passo foi decisivo para contaminar irreversivelmente a II Internacional.

No manifesto *“As tarefas da social-democracia revolucionária na guerra europeia”*, de setembro de 1914, é divulgada a caracterização da falência da II Internacional. Tem importância como marco histórico pelo fato de ser o primeiro documento, nesse sentido, dos bolcheviques, que acabou sendo conhecido como *“Teses sobre a guerra”*. O ponto quatro, diz: *“A traição ao socialismo da maioria dos dirigentes da II Internacional (1889-1914) revela a bancarrota ideológica e política dessa Internacional. A causa básica de sua bancarrota é a preponderância do oportunismo pequeno-burguês, cuja essência burguesa e o perigo que representa foram assinalados, há muito, pelos melhores representantes do proletariado revolucionário de todos*

os países. Os oportunistas – ao negarem a revolução socialista, para substituí-la pelo reformismo burguês; ao negarem a luta de classes e a necessidade de transformá-la, chegado o momento, em guerra civil; ao pregarem a colaboração de classes; ao preconizarem o chauvinismo burguês, escudando-se no patriotismo e na defesa da pátria; ao desconhecerem ou negarem a verdade fundamental, já exposta no Manifesto do Partido Comunista, de que os operários não têm pátria; ao se limitarem, na luta contra o militarismo, a um ponto de vista sentimental pequeno-burguês, em lugar de admitir a necessidade da guerra revolucionária dos proletários de todos os países contra a burguesia de todos os países; ao transformarem a necessária utilização do parlamentarismo burguês e da legalidade burguesa em um fetiche dessa legalidade, esquecendo que, em épocas de crise, é preciso recorrer a formas ilegais de organização e agitação – estavam preparando, há tempo, a bancarrota da II Internacional”.

A aplicação da política leninista assombrou o czarismo, que acionou seu tribunal para processar cinco deputados da IV Duma do Grupo Operário Social-democrata da Rússia (OSDR), em novembro de 1914, e prender seis militantes que participavam da Conferência clandestina do partido, em Ozerki, nas proximidades de Petrogrado, fevereiro de 1915. O tribunal czarista se apoiou no documento *“As tarefas da social-democracia revolucionária na guerra europeia”* e no Manifesto *“A guerra e a social-democracia da Rússia”* para condenar os deputados e desterrá-los a uma localidade da Sibéria.

Em resposta a esse ataque, o Jornal Golos (A Voz) publicou o artigo *“O que demonstrou o processo contra o grupo OSDR?”*, onde relata um pronunciamento de Lênin em uma reunião do partido. Interessa-nos, aqui, evidenciar a seguinte tese: *“(...) A noção de pátria, como categoria histórica, corresponde a determinada etapa do desenvolvimento da sociedade, e que logo se torna supérflua. O proletariado não pode amar o que não possui. O proletariado não tem pátria. (...) Uma vez que a guerra começou, é impossível sair dela. Há que participar nela e realizar a própria obra de socialista. Na guerra, a gente pensa e reflete, talvez, muito mais que ‘em casa’. Há que participar nela, e organizar ali o proletariado com vistas ao objetivo final, porque é uma utopia pensar que o proletariado marchará em direção ao objetivo final pelo caminho pacífico. É impossível passar do capitalismo ao socialismo sem quebrar os marcos nacionais, como se pudesse passar do feudalismo ao capitalismo sem ideias nacionais”.* Deparamo-nos com a persistência de Lênin de expor o conteúdo histórico do interna-

cionalismo proletário nas condições concretas da guerra imperialista.

No artigo *“A situação e as tarefas da Internacional socialista”*, novembro de 1914, Lênin retoma essa tese, que se acha bem definida no Manifesto do Partido Comunista. Diz: *“O movimento socialista não pode triunfar dentro dos velhos marcos da pátria; cria novas e superiores formas de sociedade humana, nas quais as legítimas necessidades e as aspirações progressistas das massas trabalhadoras de qualquer nacionalidade serão, pela primeira vez, satisfeitas na unidade internacional, desde que as barreiras nacionais atuais sejam derrubadas.(...) O imperialismo jogou uma carta sobre os destinos da civilização europeia: se não produz uma série de revoluções vitoriosas, depois desta guerra não tardarão outras; a história de que será a ‘última guerra’ é uma fábula vazia e perigosa ‘mitologia’ pequeno-burguesa (...). A II Internacional deu uma contribuição útil ao trabalho preparatório de organização prévia das massas proletárias, durante o período ‘pacífico’ da mais cruel escravidão capitalista, e do mais rápido progresso do capitalismo no último terço do século XIX e começo do XX. Diante da III Internacional, está a tarefa de organizar as forças do proletariado para a ofensiva revolucionária contra os governos capitalistas, para a guerra civil contra a burguesia de todos os países pela conquista do poder político, e pela vitória do socialismo”*.

Como se vê, Lênin anunciou a necessidade da fundação da III Internacional, com o conteúdo programático de luta pela derrocada do imperialismo.

Transformar a guerra imperialista em guerra civil

É nas entranhas da 1ª Guerra Mundial que amadurece o programa dos bolcheviques para a revolução proletária mundial e, em particular, para a Rússia. O capitalismo da fase imperialista manifesta, de forma mais abrangente e completa, suas contradições, não podendo desenvolver mundialmente as forças produtivas. A 1ª Guerra comparcia como um sintoma de sua desintegração, que recaia brutalmente sobre as massas e sobre as nações oprimidas (colônias e semicolônias). Essa conflagração se mostrava distinta das guerras do século XIX, impulsionadas pela necessidade histórica de constituição dos Estados nacionais e superação do velho feudalismo. As guerras voltadas a varrer os escombros do feudalismo cumpriam um papel progressivo, distintamente do papel reacionário da guerra imperialista, do início do século XX. Marx e Engels delimitaram a posição programática e a tática do proletariado diante das

guerras nacionais da época de consolidação do capitalismo, distinguindo o seu caráter progressivo. A 1ª Guerra exigiu uma nova caracterização e um novo programa marxista.

Lênin se distinguirá por compreender a transformação do capitalismo concorrencial em capitalismo monopolista, determinado pelo capital financeiro. Ao contrário das guerras do século XIX, a 1ª Guerra Mundial expressava, precisamente, o enclausuramento das forças produtivas nos Estados nacionais. As potências europeias lançaram-se à guerra pela necessidade de dominação e opressão nacionais. É nessas condições que o movimento socialista se dividirá entre marxistas e revisionistas que abraçam a causa nacionalista do imperialismo. Lênin dirigirá a luta dos marxistas contra os traidores do programa socialista. Chocar-se-á com as várias tendências que surgiram no processo de ruptura. Praticamente, tomou a frente de uma luta que o manteve, por todo um período, como expressão da fração revolucionária minoritária. Teve de combater os desvios e as confusões, não só no seio da II Internacional, como também no do Partido Operário Social-democrata Russo (POSDR). A revolução proletária na Rússia passou a depender, decisivamente, do programa leninista para a guerra imperialista. Nenhum outro dirigente bolchevique, ou à margem do bolchevismo, conseguiu compreender as leis históricas do capitalismo monopolista, que levavam à primeira grande conflagração mundial.

Do conjunto de suas formulações, destaca-se a tese da transformação da guerra imperialista em guerra civil contra seu próprio governo. Essa linha separou taxativamente o marxismo do revisionismo social-democrata, bem como se contrapôs às vacilações no campo dos próprios marxistas. O enfrentamento aos vacilantes, que assumiam uma feição centrada diante do problema da guerra imperialista, foi necessário para levar às últimas consequências a derrota dos social-chauvinistas, dos traidores encabeçados pela tendência de Karl Kautsky, na II Internacional. Lênin teve a clareza de separar em sua luta os social-chauvinistas dos marxistas vacilantes, indicando que qualquer concessão programática resultaria na derrota política e ideológica do proletariado diante das forças reacionárias imperialistas. Entre os vacilantes é importante verificar a crítica a Trotsky, que não compreendeu, em toda a extensão, a formulação de Lênin sobre a derrocada do próprio governo na guerra imperialista. Não era possível ser consequente com a política do proletariado diante da guerra, se não se trabalhasse pela derrota do próprio governo, nos

respectivos países em que os marxistas intervinham. Explica: “Durante uma guerra reacionária, uma classe revolucionária não pode senão desejar a derrota de seu governo”. (...) “A revolução em tempos de guerra significa a guerra civil e a transformação da guerra dos governos em guerra civil que, de um lado, é facilitada pelos reveses militares (derrotas) dos governos; e que, por outro lado, é impossível aspirar de verdade essa transformação se não se contribui, ao mesmo tempo, para a sua derrota”. (...) “Aqueles que querem refutar seriamente a ‘consigna’ da derrota de seu próprio governo na guerra imperialista devem demonstrar uma dessas três condições: 1) que a guerra de 1914-1915 não é reacionária; 2) que a revolução como consequência dela é impossível; 3) que o acordo e colaboração dos movimentos revolucionários de todos os países beligerantes são impossíveis”.

Lênin considera o terceiro ponto como fundamental para a Rússia, devido à sua condição de país atrasado, e que estava diante de uma revolução democrática, portanto, ainda não diretamente socialista. Sem dúvida, a luta das massas contra o czarismo “debilitava o ‘poderio militar’ da Rússia e contribuiu para a sua derrota”. Lênin conclui: “Os adversários da consigna da derrota têm medo, puro e simplesmente, de si mesmos, uma vez que não se atrevem a olhar cara a cara o evidentiíssimo fato de que a agitação revolucionária contra o governo está intimamente vinculada com a ajuda de sua derrota”. Assim, Lênin rechaça e critica a consigna “Nem vitória, nem derrota”. Fundamenta: “Se refletimos sobre essa consigna, veremos que significa a ‘trégua civil’, a renúncia da luta classista das massas oprimidas em todos os países beligerantes, pois, a luta classista é impossível se não se golpeia a própria burguesia e o próprio governo; ao mesmo tempo, golpear durante a guerra seu próprio governo é (para o conhecimento de Bukvoied!) delito de alta traição, é contribuir para a derrota do próprio país. Quem aceite a consigna ‘nem vitória, nem derrota’ só hipocritamente está pela luta classista, pela ‘ruptura da trégua civil’, e, nos fatos, renuncia à política independente, proletária, pois, subordina o proletariado de todos os países beligerantes a uma tarefa inteiramente burguesa: preservar da derrota determinados governos imperialistas”.

De maneira absolutamente clara, Lênin conclui esse raciocínio no artigo “A derrota de seu próprio governo na guerra imperialista”, junho de 1915, mostrando que o proletariado não tem como atacar o governo de seu país e dar as mãos aos proletários de outros países em guerra se não “cometer um ‘delito de alta traição’, sem contribuir para a derrota, e sem ajudar na desintegração de uma ‘grande’ potência imperialista (...)”.

Luta contra o defensismo e o pacifismo

Vimos a tese de Lênin sobre a luta do proletariado para derrotar o governo de seu próprio país, que travava a guerra imperialista. A negação dessa estratégia levava ao social-chauvinismo, que se traduzia na defesa do governo burguês. A orientação de transformar a guerra imperialista em guerra civil, e derrotar seu próprio governo, traçou uma linha divisória entre o internacionalismo proletário e o nacionalismo imperialista.

Como parte dessa posição programática, Lênin criticou o pacifismo. A campanha dos socialistas oportunistas por uma paz em abstrato servia de meio ideológico para enganar as massas. Opunha-se à formulação dos bolcheviques de utilizar os motivos e os horrores da guerra, protagonizada pelas potências, para organizar o movimento independente do proletariado, sob a estratégia própria de poder, com seus métodos e táticas revolucionários, bem como com suas próprias bandeiras.

Lênin se viu diante da necessidade, inclusive, de desmascarar a utilização da reivindicação de paz sem anexação e de autodeterminação das nações, que passaram a ser manejadas pelo pacifismo. A propaganda burguesa e pequeno-burguesa pela paz se contrapunha às ações revolucionárias das massas, defendidas e organizadas pelos bolcheviques. Era preciso, portanto, evidenciar os vínculos dessa política burguesa entre o defensismo (defesa dos governos em seus países), o social-chauvinismo e o pacifismo.

No artigo *“Paz sem anexações e a independência da Polônia, como consignas do dia na Rússia”*, de fevereiro de 1916, Lênin analisou o caráter pacifista, social-chauvinista e defensista das posições dos *“liquidacionistas-legalistas de Petrogrado, Rabócheie Utro”* em que é utilizada a bandeira de paz sem anexação para se colocar do lado do governo russo. A questão concreta aparecia em torno à disputa pela Polônia. Era conveniente ao czar se valer dela diante da Alemanha, que quebrava a ascendência da Rússia sobre a Polônia.

Eis a resposta de Lênin: *“Nicolau, o sanguinário, (...) Miliukov e aliados estão totalmente a favor da independência da Polônia somente agora, quando essa bandeira, colocada em prática, significa a vitória sobre a Alemanha, o país que arrancou a Polônia da Rússia”*. Ocorre que, antes da guerra, os mencheviques liquidacionistas se levantaram contra a bandeira da autodeterminação das nações e do direito da Polônia de se separar da Rússia. Faziam uma virada oportunista, diante da possibilidade de a

Alemanha anexar a Polônia. Conclui Lênin: “*Consequentemente, os marxistas russos devem denunciar ao povo que o czarismo agora engana, quando levanta na Rússia a bandeira da ‘paz sem anexação’ e ‘independência da Polônia’, porque na atual situação ambas bandeiras expressam e justificam o propósito de continuar a guerra. Devemos dizer: nada de guerra pela Polônia! O povo russo não quer voltar a ser o opressor da Polônia! (...) Não ‘paz sem anexação’, mas paz às choças e guerra aos palácios; paz ao proletariado e aos trabalhadores, e guerra à burguesia!*”

Ainda em fevereiro, Lênin retomou o embate contra o pacifismo pequeno-burguês no artigo “*O programa de paz*”. Tratava-se de responder à convocação da Segunda Conferência Internacional dos partidários de Zimmerwald, realizada de 24 a 30 de abril de 1916, em Kienthal, Suíça. Entre os pontos de pauta, constavam “*A luta pelo fim da guerra*”, e “*Atitude do proletariado diante do problema da paz*”. Lênin considerava como fundamental “*desmascarar a hipocrisia do programa kautskista de paz, que fortalece a influência burguesa no proletariado*”. Havia, portanto, que, não apenas formular um programa revolucionário, como também rejeitar o programa de paz dos social-chauvinistas e pacifistas. Tratava-se de explicar que a guerra e a paz estavam interligadas, e expressavam posições de classe. Em síntese: “*A paz é a continuidade da mesma política, acrescida das mudanças produzidas nas relações entre as forças adversárias, como consequência das ações militares. A guerra, por si só, não altera a diretriz da política anterior à guerra, apenas acelera seu desenvolvimento*”.

O proletariado estava diante da tarefa de combater, tanto a guerra, quanto a paz, que seria ditada pela potência imperialista vencedora. Os socialistas oportunistas, com seu programa de paz democrática, ajudavam “*a burguesia a enganar o povo e afastar o proletariado da revolução socialista*”. Lênin mostrou a relação intrínseca entre a bandeira de defesa da pátria e o programa da paz democrática dos pacifistas. Era fundamental à política do proletariado demonstrar que “*as potências imperialistas e a burguesia imperialista não podem conceder uma paz democrática*”. Não podem admitir a autodeterminação das nações oprimidas, que para ser real, é necessário admitir a liberdade para se separar.

Em outubro desse mesmo ano, Lênin criticou a bandeira de desarmamento. O conteúdo do desarmamento é pacifista. Tem como premissa a negação utópica da guerra em geral. Tanto o objetivo de redução ou supressão do armamento expressa o pacifismo burguês e pequeno-burguês, que é impotente diante das tendências objetivas das mais diversas

formas de guerras, inclusive, da guerra civil do proletariado para tomar o poder.

Não havia como permanecer no campo do marxismo, do internacionalismo proletário, sem rechaçar bandeiras como a do desarmamento. O contrário, afirma Lênin *“Nossa consigna deve ser: armar o proletariado para vencer, expropriar e desarmar a burguesia. Essa é a única tática possível para a classe revolucionária, tática que se extrai de todo o desenvolvimento objetivo do militarismo capitalista, e que é ditada por ele. Somente depois de desarmar a burguesia, o proletariado poderá, sem trair sua missão histórica universal, transformar em sucata todas as armas, e assim o proletariado o fará certamente, mas só quando tenha cumprido essas condições, e anteriormente de nenhum outro modo”*.

O programa de paz do proletariado, como se vê, é distinto e oposto ao programa de paz da burguesia. Emana do programa da revolução proletária e da construção do socialismo em direção ao comunismo. As guerras deixarão de ser necessárias, não haverá motivo para o armamento de uma nação contra a outra, de uma classe contra a outra. Mas, para isso, é necessária a revolução social e a ditadura do proletariado.

A guerra imperialista como continuidade da paz

Expusemos as críticas de Lênin ao pacifismo burguês e pequeno-burguês. Na medida em que passava o tempo, avançava a devastação, aumentava o rio de sangue, e crescia a miséria das massas, as potências imperialistas acenavam com a bandeira da paz. Os social-chauvinistas da II Internacional e as suas variantes nacionais da social-democracia passaram a se movimentar por trás dessa manobra, comportando-se como pacifistas capituladores. Lênin assinala uma mudança na situação mundial, que comparava como *“uma virada da guerra imperialista à paz imperialista”*.

Em janeiro de 1917, redige o artigo *“Pacifismo burguês e pacifismo socialista”*. Demonstra que era difícil saber com precisão se a guerra estava chegando ao fim. No entanto, estava claro que se iniciava um processo nesse sentido. Havia sinais de esgotamento das coalizões imperialistas em guerra. A conflagração já tinha destruído importante quantidade de forças produtivas, e o capital financeiro havia obtido altos lucros com a guerra. Destacam-se as vantagens dos países que se declararam neutros, principalmente os Estados Unidos.

A Alemanha e a Inglaterra tinham conquistado posições para realizar uma partilha. À essa altura, a Alemanha já alcançara importantes objetivos da guerra. Eis uma breve descrição de Lênin: *“Ambas as coalizões imperialistas se apoderaram de uma determinada quantidade de espólios. Os dois principais e mais fortes bandoleiros, Alemanha e Inglaterra, foram aqueles que mais conquistas obtiveram. A Inglaterra não perdeu um só palmo de seu território, nem de suas colônias; ‘adquiriu’ as colônias alemãs e parte da Turquia (Mesopotâmia). A Alemanha perdeu quase todas suas colônias, mas conquistou territórios imensamente mais valiosos na Europa, ao apoderar-se da Bélgica, Sérvia, Romênia, parte da França, parte da Rússia, etc. (...) Os aliados mais débeis perderam mais: na coligação inglesa, Bélgica, Sérvia, Montenegro, Romênia foram esmagados; na coligação alemã, a Turquia perdeu Armênia e parte da Mesopotâmia”.*

Esse é o quadro no momento em que começa a ser levantada a bandeira da paz pelo imperialismo. A II Internacional, por meio de sua fração centrista, dirigida por Karl Kautsky, lança a discussão sobre em que condições se deveria realizar a paz. O seu principal argumento era o de que os países beligerantes renunciassem às anexações e a qualquer submissão de povos. No fundo dessa boa intenção, estava a posição original do chauvinismo e do pacifismo pequeno-burguês. Lênin recorda que *“Kautsky não desmascara as intenções imperialistas concretas de seu próprio governo, senão que se limita a um desejo ou a uma proposição geral”.* Denuncia a omissão de Kautsky sobre a Turquia, que se encontrava na condição de *“vassalo financeiro e militar”* da Alemanha.

Lênin pergunta: *“Pode, por acaso, um governo burguês atual de um país rico renunciar realmente às anexações e à submissão econômica de povos estrangeiros, quando investiram milhões em ferrovias e outras empresas nas débeis nações? (...) Quem luta realmente contra as anexações, etc.? Aqueles que lançam frases generosas que, objetivamente, significam o mesmo que água benta cristã, com que se borrifam os ladrões coroados e capitalistas? Ou aqueles que explicam aos operários que, sem derrotar a burguesia imperialista e seus governos, é impossível pôr fim às anexações e ao estrangulamento financeiro? Os social-chauvinistas, que se negaram a organizar a luta do proletariado contra seus próprios governos, agora, se comportam como arautos de uma paz ditada pela própria burguesia.*

Lênin rechaça o cinismo e a hipocrisia dos kautskistas e toma como exemplo Karl Liebknecht . Eis *“Para não embelezar a guerra imperialista e não ajudar a burguesia a passá-la falsamente por uma*

guerra nacional, por uma guerra pela libertação dos povos, para não se deslizar para a posição do reformismo burguês, é preciso falar, não na linguagem de Kautsky e Durati, mas na linguagem de Karl Liebknecht: dizer que a burguesia é hipócrita, quando fala de libertação nacional, que esta guerra não pode acabar em uma paz democrática, a não ser que o proletariado 'volte suas armas' contra seus próprios governos (...) Essa é a única posição possível de um verdadeiro marxista, de um verdadeiro socialista, e não de um reformista burguês. Não trabalham realmente por uma paz democrática aqueles que repetem os bons e gerais desejos do pacifismo, que nada dizem e nada obrigam. Somente trabalha por essa paz quem desmascara o caráter imperialista da guerra atual e da paz imperialista que se está preparando, e que chama os povos a se rebelarem contra os governos criminosos”.

Em meio a essa movimentação dos governos imperialistas e dos socialistas capituladores, realizaram-se os congressos da CGT francesa e do Partido Socialista francês. A resolução da CGT, aprovada por unanimidade, simplesmente pede aos Estados Unidos a intervirem em favor do fim da guerra. E solicita ao governo francês a máxima atenção à resolução. Lênin analisa o absurdo do palavreado da burocracia sindical cegetista sobre uma “*federação de nações*” para garantir “*uma paz definitiva*”, “*a independência, a inviolabilidade territorial e a liberdade econômica de todas as nações, grandes e pequenas*”. Mostra que é ridículo falar em liberdade econômica de todas as nações, sem que se derrubem os governos burgueses, e sem que se exproprie a burguesia. A bandeira de liberdade econômica serve para enganar os povos.

Lênin refere-se à resolução do congresso do Partido Socialista francês como pior ainda que a da CGT. Limita-se a indicar que está cheia de “*frases afáveis e sentimentais sobre a paz, seguida imediatamente por declarações, afirmando estar dispostos a continuar apoiando a chamada 'defesa nacional' da França*”.

Referindo-se, finalmente, à encruzilhada em que se encontrava o grupo de Zimmerwald, que se arrastava por trás do kautskismo, Lênin conclui rechaçando a separação entre a guerra e a paz imperialista, e afirmando a tese marxista de que “*a guerra é a continuidade da política de paz, e a paz é a continuidade da política de guerra*”.

A III Internacional já nasceu

Em janeiro de 1917, havia o prenúncio da mudança da situação política na Rússia, tendo por base a continuidade da guerra e suas consequências. Era preciso combater as manobras dos países beligerantes em torno à bandeira da paz, o que também se passava na Rússia czarista. O oportunismo se utilizava da bandeira da paz para ocultar a colaboração com os governos de seus países. A experiência era suficiente para demonstrar que a política chauvinista havia degenerado completamente a II Internacional, e minado a esquerda de Zimmerwald.

Os Congressos da CGT francesa, que concluíram sob a bandeira do pacifismo burguês, e do Partido Socialista francês, realizados em fins de 1916, mostraram a Lênin a urgência de se lançar à construção da III Internacional. O Manifesto de fins de dezembro de 1916, publicado pela Comissão Socialista Internacional, órgão dirigente de Zimmerwald, critica a “*farsa da paz*” acenada pela Alemanha, Estados Unidos e outros países que se declararam neutros. No entanto, Lênin mostra que, na realidade, o Manifesto expressava “*duas linhas políticas fundamentalmente diferentes que, por assim dizer, conviveram até agora no grupo zimmerwaldista, mas que já se separaram definitivamente*”. Uma de suas frações se utilizava da ambiguidade entre condenar ou apoiar a linha da paz aventada pelos países acima citados.

Eis a conclusão de Lênin: “*Essa é agora a linha divisória entre a direita de Zimmerwald, que sempre se opôs energeticamente a um rompimento com o social-chauvinismo, e a esquerda que, na Conferência de Zimmerwald, teve o cuidado de se separar publicamente da direita e apresentar, na Conferência, e mais tarde, na imprensa, sua própria plataforma*”. E explica: “*Não é casual que a proximidade da paz, quanto mais intensa a discussão do problema da paz por alguns elementos burgueses, levasse a uma divergência expressa entre ambas linhas políticas. Para os pacifistas burgueses e seus imitadores, ou remendadores “socialistas” a paz sempre foi um conceito fundamentalmente distinto, pois, nem um, nem outro, nunca compreenderam que ‘a guerra é a continuidade da política de paz, e a paz a continuidade da política de guerra’*”. Assim, no artigo “*Pacifismo burguês e pacifismo socialista*”, Lênin demonstra que Zimmerwald se encontrava em uma encruzilhada, cuja convivência da sua ala esquerda com a direita havia se tornado insustentável.

Em uma carta de dezembro de 1916 a Boris Souvarine, socialista francês, que havia escrito uma carta aberta, intitulada *“A nossos amigos na Suíça”*, Lênin critica sua posição que considerava *“antipatrióticos”* aqueles que afirmavam que a *“defesa da pátria”* é incompatível com o socialismo. Depois de criticar argumento por argumento, chega ao ponto central que separa o internacionalismo revolucionário e o internacionalismo oportunista. Lênin vinha sendo acusado de divisionista, por diferenciar os dois campos em choque. Estava claro que a direção dos bolcheviques trabalhava abertamente pela fundação da III Internacional. Assim, Lênin responde ao ataque de Souvarine: *“Isso me leva ao problema de uma divisão, também colocada por Souvarine. Uma divisão! Esse é o espantoso com que os dirigentes socialistas procuram assustar os outros e a eles mesmos. Que utilidade poderia ter agora a criação de uma nova Internacional? – pergunta Souvarine. Sua atividade seria estéril, pois, seria débil numericamente”*.

Ao argumento de Souvarine sobre a debilidade numérica, Lênin pergunta: *“Desde quando os revolucionários subordinam sua política de se estão em maioria ou minoria? Em novembro de 1914, quando nosso partido disse que era necessário se separar dos oportunistas, declarando que a divisão era a única resposta correta e adequada à traição cometida por eles, em agosto de 1914, pareceu a muitos que isso era sectarismo insensato, proveniente de pessoas que tinham perdido completamente o contato com a vida real”*. Em seguida, Lênin descreve a enorme divisão ocorrida na Inglaterra, Alemanha e França, provocada pelos socialchauvinistas.

De fato, já existiam duas internacionais. *“Uma é a Internacional de Sembat-Südekum-Hyndmann-Plekanov e companhia; a outra é a Internacional de K.Liebknecht, de MacLean (...), de Höglund (...). Por um lado, está a Internacional daqueles que ajudam seus governos a travar a guerra imperialista; e por outro, a Internacional daqueles que travam uma luta revolucionária contra a guerra imperialista. (...) A II Internacional caducou. A III Internacional já nasceu. Se ainda não foi batizada pelos altos prelados e papa da II Internacional, mas sim excomungada, isso não a impede de adquirir dia a dia novas forças. A III Internacional permitirá ao proletariado se libertar dos oportunistas e dirigirá as massas ao triunfo da revolução social que amadurece e se aproxima”*.

Em maio de 1917, Lênin retomou a discussão sobre a criação da III Internacional. Concluiu: *“A Internacional de Zimmerwald adotou, desde o primeiro momento, uma atitude vacilante, kautskista, centrista, o que*

obrigou imediatamente a esquerda de Zimmerwald a se retirar, a se separar dos demais e a lançar seu próprio manifesto (...). Devemos romper imediatamente com essa Internacional (...). Nosso partido não deve esperar, mas fundar imediatamente uma Terceira Internacional” (“As tarefas do proletariado em nossa revolução”)

Revolução de fevereiro

Entre fevereiro e março de 1917, a Rússia foi tomada pelo movimento revolucionário, que derrubou a monarquia. As teses de Lênin sobre a guerra imperialista e a sua luta contra o social-chauvinismo que tomou conta da social-democracia assumiram uma força material até então questionada pelos revisionistas do internacionalismo marxista. O choque entre o pacifismo burguês e o proletário se fez presente no movimento das massas russas, que se lançaram contra a política de guerra da monarquia.

Assim que Lênin teve notícias sobre a revolução democrática de fevereiro e sua continuidade em março se pôs a escrever um “Projeto de Teses”, onde caracteriza o novo governo como burguês. Recomenda aos bolcheviques que não o apoiasse, mantendo-se *“fel ao internacionalismo e não sucumbir diante da falsa fraseologia burguesa, destinada a enganar o povo com discursos sobre ‘defesa da pátria’, da atual guerra imperialista e rapina”*.

Baseado na experiência da luta proletária na derrotada revolução de 1905, sublinha a necessidade de *“organizar soviets de deputados operários e armar o proletariado”*. E formula a estratégia programática: *“Somente um governo operário, que se apoie, primeiro, na esmagadora maioria da população camponesa, nos trabalhadores agrícolas e nos camponeses pobres; e segundo, na aliança com os operários revolucionários de todos os países em guerra, poderá dar ao povo paz, pão e plena liberdade.”*

Esse programa, tática e tarefas, sintetizados no Projeto de Teses, de 2 de março de 1917, guiarão os bolcheviques no seio do movimento revolucionário que culminará com a tomada do poder pelo proletariado, em outubro de 1917. O longo enfrentamento à fração oportunista no interior da social-democracia russa se combinou com a feroz batalha nos quadros da social-democracia europeia, em particular, contra a sua força mais potente que era a alemã.

No início desse ano, a guerra imperialista já havia demonstrado às massas a forma devastadora das potências disputarem os mercados, as

fontes de matérias-primas e as posições militares estratégicas. O proletariado, os camponeses e os soldados russos passaram a se mover no sentido do programa bolchevique. As análises, teses e críticas de Lênin ao socialismo burguês e pequeno-burguês se ergueram em meio às ruínas da guerra e à polarização da luta de classes. O pacifismo que servia à causa das potências desabava e a bandeira de transformar a guerra imperialista em guerra civil se edificava.

Lênin avaliou que chegava a hora de voltar à Rússia. Colocou-se a redigir as “Cartas de Longe”. O proletariado e as massas camponesas reatavam os elos das “*tremendas batalhas de classes de 1905 a 1907*”. A diferença estava em que desta vez a revolução democrática saiu vitoriosa. Não se podia desconhecer a influência decisiva da guerra imperialista, que havia inaugurado a 1ª Guerra Mundial. Confirmava, assim, as previsões de Lênin em sua luta contra o oportunismo social-democrata. Os revisionistas do marxismo vinham combatendo a premissa leninista de transformar a guerra imperialista em guerra civil, atacando-a como se fosse uma “quimera”.

As massas que pagavam um preço alto pela derrota do exército russo e os soldados que aprendiam no campo de batalha o que era a guerra imperialista assumiram a bandeira bolchevique de que a verdadeira paz somente poderia ser obtida caso o proletariado e os camponeses unidos tomassem o poder e constituíssem o governo operário. Ao contrário, a paz imperialista resultaria em maior opressão e prepararia novos conflitos entre as nações.

Lênin alerta que o governo burguês que saiu da revolução não podia cumprir a reivindicação do povo de paz, pão e liberdade. Afirma: “*Não pode dar a paz, porque é um governo belicista, um governo de continuidade da matança imperialista, um governo de rapina, empenhado em saquear a Armênia, Galícia e Turquia, em anexar Constantinopla, reconquistar a Polônia, Curlândia, Lituânia, etc*”.

As formulações do Projeto de Teses e as da primeira Carta de Longe (7 de março de 1917) foram fundamentais para combater as posições favoráveis ou propensas a apoiar o governo burguês e para desenvolver a estratégia da constituição de um governo operário em aliança com o campesinato pobre.

Teses de Abril

Mostramos a importância do “Projeto de Teses”, de 4 de março de 1917, e das “Cartas de Longe”, escritas entre 7 e 26 de março. Colocou-se em discussão, numa reunião de bolcheviques exilados, a redação da “*Carta de despedida aos operários suíços*”, em 26 de março. Na viagem de retorno à Rússia, Lênin escreveu as “*Teses de Abril*”. Ao chegar em Petrogrado, no dia 3 desse mês, procurou imediatamente reunir os bolcheviques, para expor a análise da nova situação, e determinar a linha do partido. O Comitê de Petrogrado, assim, convoca a Conferência de 14 e 22 de abril. Aprovam-se as diretrizes das “*Teses de Abril*”. Em seguida, se realiza, entre 24 e 29, a Sétima Conferência de Toda Rússia do POSDR (bolchevique). Armava-se a revolução, sob o programa marxista. Em sua essência, Lênin demonstra que a consigna de ditadura do proletariado e do campesinato estava superada pela revolução democrática burguesa de fevereiro. Tratava-se de desenvolver a estratégia da revolução proletária, portanto, da conquista do poder e estabelecimento da ditadura do proletariado. O problema estava em que a classe operária ainda não se encontrava suficientemente organizada e consciente da tarefa.

Esse passo na formulação estratégica na Conferência de Petrogrado possibilitará unir os bolcheviques como um todo na Sétima Conferência. Em seu informe, 24 de abril, Lênin insistirá na absoluta necessidade de determinar o “*caráter de classe do governo*”. Os mencheviques e aliados, ao contrário, tudo faziam para ocultar o conteúdo burguês do governo, que nasceu da revolução democrática. O oportunismo para desenvolver sua política de conciliação de classes necessita esconder dos explorados a natureza de classe do governo. Em seu informe, Lênin expõe a resolução aprovada na Conferência de Petrogrado. Nota-se que a explica didaticamente. Era preciso descrever as características concretas do governo provisório. Faz a leitura dos seguintes pontos:

- “1) *que o governo provisório é, por seu caráter de classe, o órgão de dominação dos latifundiários e da burguesia;*
- 2) *que o governo provisório e as classes por ele representadas se acham indissolúvelmente ligados, econômica e politicamente, ao imperialismo russo e anglo francês;*
- 3) *que o governo provisório realiza o programa, proclamado por ele mesmo, só parcialmente, e sob a pressão do proletariado revolucionário e, em parte, da pequena burguesia;*

- 4) *que as forças da contrarrevolução burguesa e latifundiária, que se organizam à sombra do governo provisório, e com evidente tolerância deste, já lançaram um ataque contra a democracia revolucionária;*
- 5) *que o governo provisório ilude com a data da eleição para a Assembleia Constituinte; impede o armamento geral do povo; se opõe a que toda terra passe para as mãos do povo, procurando impor-lhes a solução latifundiária do problema agrário; sabotagem a implantação da jornada de 8 horas; facilita a propaganda contrarrevolucionária (...) no exército, organiza os oficiais superiores contra os soldados; etc...”*

O outro aspecto decisivo era o de desmascarar a posição do governo provisório, diante da guerra. Assim, seria explicitada a relação entre o caráter burguês do governo e os interesses imperialistas da burguesia russa. Lênin passa a ler e explicar o projeto de resolução sobre a guerra. Destaquemos alguns aspectos:

“A guerra atual é, da parte de ambos os grupos de potências beligerantes, uma guerra imperialista, isto é, uma guerra que os capitalistas travam pelo domínio do mundo, pela repartição do espólio capitalista, pela conquista dos mercados mais vantajosos ao capital financeiro, e pela dominação das nacionalidades mais débeis”.

(...)

“O fato de que o novo governo prossiga com a mesma guerra imperialista, isto é, uma guerra de rapina, de conquista, mostrou que o governo, não só não tornou públicos os tratados secretos assinados pelo ex-czar Nicolau II com os governos capitalistas da Inglaterra, França, etc., senão que, inclusive formalmente, ratificou esses tratados. Isso foi realizado sem consultar a vontade do povo, e com a clara intenção de enganá-lo, uma vez que é bem conhecido que os tratados assinados pelo ex-czar são tratados ultrajantes, próprios de bandidos, que deixam as mãos livres dos capitalistas russos para saquearem a China, Pérsia, Turquia, Áustria, etc.”

“Por essa razão, um partido proletário que não queira romper completamente com o internacionalismo, isto é, com a solidariedade fraternal dos operários de todos os países em luta contra o jugo do capital, não pode apoiar a guerra atual ou o governo atual, ou seus empréstimos, sejam quais forem os termos pomposos que se utilizem para anunciar esses empréstimos”.

Lênin ressalta a importância de denunciar as manobras do governo que, em palavras, diz *“renunciar às anexações, à conquista de países estrangeiros, ou à retenção pela força de qualquer nacionalidade, dentro das*

fronteiras da Rússia”. Com esse programa, os bolcheviques teriam de travar a luta contra a política hegemônica nos soviets, que o amarravam ao governo burguês e à sua política de guerra. Estrategicamente, era preciso criar as condições para que os soviets tomassem o poder, e assim avançar no sentido da transição ao socialismo.

A VII Conferência estabelece a tática diante da situação revolucionária

A VII Conferência de Abril de toda a Rússia foi decisiva para constituir a unidade programática dos bolcheviques. Diante da revolução democrático-burguesa, de fevereiro de 1917, se tornou imprescindível determinar o caráter de classe do governo; caso contrário, permaneceria a confusão em torno da posição se deveria ser apoiado ou não. Para Lênin, estava claro que o governo de Guchkov mantinha a Rússia vinculada ao imperialismo inglês e francês, e que não iria cumprir as tarefas democráticas da revolução.

A diretriz do novo governo sobre a guerra comparecia mascarada pela bandeira de *“paz democrática”*, desfraldada pelas próprias potências em guerra. Essa nova circunstância exigia absoluta clareza sobre os objetivos da burguesia no poder e os do proletariado, que em sua luta caminhava no sentido contrário. A política do *“defensismo revolucionário”*, dos mencheviques, socialistas revolucionários, populistas, etc., levava ao apoio ao governo burguês. Seu conteúdo era o de defesa da pátria, cuja concretude correspondia ao apoio à continuidade da guerra imperialista e à *“paz democrática”*, que seria ditada pelos países beligerantes. Assim, se manifestava objetivamente o social-chauvinismo no interior do movimento das massas, que havia derrubado a monarquia, e estabelecido o governo burguês, que, no entanto, mantinha seus laços com as velhas classes monárquicas. A manutenção dos acordos secretos com os aliados na guerra refletia a incapacidade da burguesia de levar adiante o cumprimento das tarefas democráticas da Revolução de Fevereiro. Lênin concluiria que a revolução se encontrava em sua etapa proletária. O problema estava em como organizar a classe operária no campo da independência de classe para marchar rumo ao poder. Os soviets se achavam controlados pelos *“defensistas”* e apoiadores do governo. A primeira tarefa consistia em cercar as fileiras dos bolcheviques em torno a uma compreensão comum da situação revolucionária. A VII Conferência cumpriria esse objetivo.

Esclarecido o caráter burguês e contrarrevolucionário do governo e estabelecido que somente o proletariado, conquistando o poder, poderia concretizar o programa internacionalista frente à guerra, os bolcheviques se deparavam com o problema de como explicar e convencer a classe operária da correção de seu programa. Consolidava-se a tese leninista da transformação da guerra imperialista em guerra civil contra a burguesia e os governos dos países conflagrados. A materialização dessa linha dependia da evolução política e organizativa do proletariado e das massas oprimidas em geral. A guerra civil não podia ser confundida como se fosse um levante armado limitado à vanguarda revolucionária. Um vínculo sólido entre a vanguarda e as massas decidiria o futuro da revolução.

Lênin explica a importância de não incorrer em erros que levassem a uma aventura. Afirma: *“Somos partidários da guerra civil, mas somente de uma guerra civil travada pela classe politicamente consciente”*. A primeira guerra civil já havia ocorrido com o levante proletário que derrubou a monarquia. A segunda guerra civil estava a caminho contra o imperialismo. A particularidade da nova situação, que Lênin denomina de *“período de transição”*, era a de que os soldados se encontravam intimamente entranhados no seio das massas, mas as circunstâncias não estavam amadurecidas para a derrubada do governo e instalação da ditadura do proletariado. Era preciso convencer as massas *“da verdade de que sua confiança cega no governo dos capitalistas, os piores inimigos da paz e do socialismo, é, na atual situação da Rússia, o principal obstáculo para um rápido fim da guerra”*.

Lênin mostra, na Conferência, que era preciso superar essa cegueira, o que exigia uma tática correta e precisa. Assim, expõe: *“O governo gostaria que o primeiro passo impensado para a ação revolucionária partisse de nós: isso lhe seria conveniente. Está furioso porque nosso partido lançou a consigna de demonstrações pacíficas. Não temos de ceder nenhum milímetro de nossos princípios à pequena burguesia que hoje está na expectativa. O partido proletário cometeria um grave erro se baseasse sua tática nos desejos subjetivos onde falta organização. Não podemos dizer que a maioria está conosco; necessitamos na situação atual de cautela, cautela, cautela. Basear a tática proletária em desejos subjetivos significa condená-la ao fracasso”*.

Assim, Lênin demonstrava que o governo burguês não controlava os soldados, no entanto, a situação não estava madura para o levante armado. As manifestações pacíficas, organizadas e dirigidas pelo partido, cumpririam o objetivo transitório de evidenciar o caráter contrarrevolu-

cionário do governo, e preparar as condições políticas para o momento da guerra civil. Seria um erro subjetivo contrapor abstratamente as manifestações pacíficas e a guerra civil. A tática de uma e de outra era determinada pelas condições objetivas. Repetimos a formulação de Lênin: *“Temos de ser capazes de sustentar o ponto de vista do marxismo, o qual diz que a transformação da guerra imperialista em guerra civil deve-se basear em condições objetivas, e não em condições subjetivas”*.

Todo poder aos soviets

A VII Conferência dos bolcheviques foi importante para ajustar o programa nas condições da crise revolucionária, em que se exigia completa precisão tática. Lênin explica que ainda não estavam dadas plenamente as condições para a insurreição e tomada do poder do Estado, sob a direção dos bolcheviques. Os operários, camponeses e soldados não haviam superado completamente as ilusões no governo burguês, constituído na revolução de Fevereiro. Todo o cuidado era pouco, para não se precipitar qualquer ação armada que servisse de justificativa para o contra-ataque da reação. Os mencheviques e os socialistas revolucionários estavam com força suficiente para manter o apoio dos soviets ao governo. Aumentavam os ataques aos bolcheviques, preparando o seu esmagamento. Lênin orientou o partido a intensificar as manifestações pacíficas em defesa do programa marxista para a guerra imperialista e preservação da vida dos explorados.

É nessas condições que, em 18 de julho de 1917, Lênin levanta a bandeira *“Todo o Poder aos Soviets”*. O que significava concretamente que os mencheviques e socialistas revolucionários constituíssem um novo governo revolucionário. Cada vez se tornava mais claro que se havia mascarado de democrático o governo de burgueses contrarrevolucionários. A farsa da democracia pequeno-burguesa dos mencheviques e socialistas revolucionários se esgotava diante da contradição do duplo poder, que se instaurou desde a revolução de Fevereiro. Havia levado os soviets, criados pelo proletariado, a sustentar o governo burguês, que preparava a sua destruição.

Em julho, Lênin avalia que não se poderia sustentar por mais tempo o disfarce democrático do governo que abria caminho para as forças da contrarrevolução. Explica o sentido da bandeira *“Todo Poder aos Soviets”*: *“Durante os meses transcorridos desde 27 de fevereiro, a vontade dos operários e camponeses, da imensa maioria do país, se aclarou, e não*

de forma geral. Sua vontade se expressou nas organizações de massa, nos Sovietes de deputados, operários, soldados e camponeses". Era inexplicável, portanto, a oposição dos mencheviques e socialistas revolucionários à tarefa de se desfazer do governo contrarrevolucionário e se ocupar do poder estatal. Lênin conclui: "*Os elementos de instabilidade, por um ou outro motivo, são inevitáveis em uma situação como a atual. Subestimar, no entanto, não é precisamente uma política muito inteligente. Ainda que aos empurrões e saltos, as coisas caminham para a passagem do poder aos soviets, proclamado por nosso partido há algum tempo*".

De fato, em junho, Lênin participou do I Congresso dos Sovietes de Deputados Operários de Toda a Rússia. Na sessão de 4 de junho, desenvolveu a tese de "*Todo o Poder aos Sovietes*". Depois de demonstrar a particularidade do fenômeno da constituição dos soviets na Rússia, mostrando que esse tipo de duplo poder não existia "*em nenhum dos Estados burgueses parlamentares de tipo corrente*", nem poderia "*coexistir com um governo burguês*", Lênin explica que, "*nas resoluções de nosso partido, o chamamos de república democrática proletária-camponesa, em que o poder pertence exclusivamente aos soviets de deputados operários e soldados*". Alerta que não se trata de um problema teórico. A coexistência dos soviets com instituições burguesas não poderia subsistir por muito tempo. A questão prática se colocava clara e urgentemente: ou a revolução avançava, ou a contrarrevolução triunfava. Atribui aos soviets o objetivo de derrotar a reação, que vinha sendo preparada pelos generais. Lênin, assim, fundamenta: "*Uma instituição dessa natureza constitui a transição para uma república que instaurará um poder estável sem polícia nem exército regular, não de palavras somente, mas nos fatos, um poder que na Europa ocidental não pode ainda existir, e sem o qual a revolução russa não pode triunfar, entendendo isso como triunfo sobre os latifundiários, bem como sobre os imperialistas*".

As condições especiais criadas pela guerra imperialista e a organização de operários, camponeses e soldados nos soviets, bem como a existência de um governo destituído de poder, favoreciam um desfecho revolucionário distinto das revoluções sangrentas, que marcam a história das revoluções. Assim, era urgente que os soviets se ocupassem do poder. Lênin conclui: "*Na Rússia, essa revolução, como exceção, pode ser pacífica*". Essa excepcionalidade só se verificava nas condições particularíssimas criadas pela guerra e pelo desenvolvimento da luta de classes. Como se vê, tratava-se de uma possibilidade, e não de uma diretriz pacifista, combatida a ferro e fogo por Lênin.

Esgotada a possibilidade dos soviets alcançar o poder pela via pacífica

Lênin concebia a possibilidade da tomada do poder pelos soviets sem que fosse pela via da insurreição. No escrito da primeira metade de setembro de 1917, *“A Revolução Russa e a Guerra Civil”*, analisou o fracasso da conspiração contrarrevolucionária do general Kornilov, no final de agosto, e as condições favoráveis para os soviets se desfazerem do governo de Kerensky. Eis: *“Se existe um ensinamento absolutamente indiscutível da revolução, absolutamente comprovado pelos fatos, é que só uma aliança dos bolcheviques com os socialistas revolucionários e os mencheviques, somente a passagem imediata de todo o poder aos soviets, evitará a guerra civil na Rússia”*. Lênin assinala que as experiências mostram que *“o desenvolvimento pacífico de qualquer revolução é, em geral, algo muito raro e difícil, porque a revolução é o agravamento máximo das contradições de classe mais agudas”*. O que quer dizer que se isso viesse a ocorrer na Rússia seria uma excepcionalidade, devido ao duplo poder instaurado pelos soviets, e o seu controle sobre os soldados, que se encontravam em estado de rebelião diante da oficialidade. A premissa histórica de que as revoluções se resolvem pela derrota violenta da contrarrevolução acabou se impondo também na Revolução Russa.

Ainda em fins de julho, no artigo *“O Começo do Bonapartismo”*, Lênin chamou a atenção da vanguarda revolucionária sobre os perigos que corria a revolução, sob o governo de Kerenski. Os mencheviques e os socialistas revolucionários faziam apologia sobre o caráter democrático da nova aliança governamental. Ao contrário, Lênin explica: *“Estamos diante do sintoma histórico fundamental do bonapartismo: um poder estatal apoiado na camarilha militar (...), que manobra entre duas classes, duas forças hostis, mais ou menos equilibradas entre si”*. (...) *“O bonapartismo na Rússia não é um fenômeno casual, mas produto natural do desenvolvimento da luta de classes em um país pequeno-burguês, com um capitalismo relativamente desenvolvido e um proletariado revolucionário. Etapas históricas, como o 20 e 21 de abril, 6 de maio, 9 e 10 de junho, 18 e 19 de junho, 3 e 5 de julho, são elas que evidenciam como se realizou a preparação do bonapartismo. Seria um grave erro acreditar que uma situação de democracia exclui o bonapartismo. Pelo contrário, justamente em uma situação como essa (a história da França assim confirmou duas vezes), o bonapartismo surge, dadas certas relações entre as classes e sua luta”*.

No início de setembro, Lênin retomou a formulação sobre a possibilidade dos soviets se desfazerem do apoio ao governo de Kerenski e a assumirem o poder. A crise se agravava, e era inevitável um confronto final entre a revolução e a contrarrevolução. A situação excepcional, a que se Lênin se referia antes, se esgotava. Como último esforço, os bolcheviques reafirmam a proposta de “*um compromisso voluntário*” (...) “*aos partidos ‘dirigentes’ democráticos pequeno-burgueses, os socialistas revolucionários e mencheviques*”. Eis a formulação: “*O compromisso de nossa parte é o de retornar a nossa exigência anterior a julho - todo poder aos soviets e um governo de socialistas revolucionários e mencheviques, responsáveis diante dos soviets. Agora, somente agora, e talvez durante alguns poucos dias, ou por uma ou duas semanas, um governo desse tipo poderia ser criado e consolidado de um modo pacífico*”.

É necessário expor o conteúdo dessa formulação. “*O compromisso consiste em que os bolcheviques, sem pretender uma participação no governo (impossível para os internacionalistas, se não se realiza a ditadura do proletariado e do campesinato pobre), se absterão de exigir a imediata entrega do poder ao proletariado e aos camponeses pobres, e de empregar métodos revolucionários de luta por esta exigência. A condição, por si mesma evidente, e que não é nova para os socialistas revolucionários e mencheviques, seria a plena liberdade de propaganda e de convocação da Assembleia Constituinte, sem novos adiamentos, ou ainda em um prazo mais breve*”.

Dessa caracterização desprendia o objetivo tático de demonstrar aos operários, camponeses e soldados, que mencheviques e socialistas revolucionários não romperiam com Kerenski. Observa-se que, nesse mesmo momento, Lênin redigiu o “*Projeto de Resolução sobre a Situação Política Atual*”, a ser apresentado ao Comitê Central do Partido Bolchevique. O documento consta de 17 teses. De conjunto, demonstram que, no período de 3 de julho a 3 de setembro, houve uma virada na revolução. Refere-se o acerto do partido de ter apoiado o movimento de 3 e 4 de julho, que eclodiu espontaneamente, quando os bolcheviques procuravam evitar qualquer precipitação, que servisse à contrarrevolução. Assinala que seria um erro lançar-se ao objetivo da tomada do poder, quando a maioria dos explorados ainda não marchava sob a direção dos bolcheviques. Admitiu que houve uma avaliação equivocada de achar que a “*situação geral do país menos revolucionária do que na realidade demonstrou ser*”. E, ao mesmo tempo, um erro a “*consideração que ainda era possível um desenvolvimento pacífico das transformações políticas, por meio de uma*

mudança na política dos soviets, quando, na prática, os mencheviques e socialistas revolucionários tinham se enredado e atado tanto em sua conciliação com a burguesia, e quando a burguesia havia se tornado a tal ponto contrarrevolucionária, que já não era possível o desenvolvimento pacífico”.

Foi importante o acerto de levantar a bandeira de *Todo Poder aos Sovietes* no movimento de 3 e 4 de julho, tendo por “*objetivo outorgar ao movimento um caráter pacífico e organizado*”. A importância está em que não havia possibilidade dos bolcheviques convocarem os manifestantes a tomarem o poder, de um lado, e apresentarem a via da solução do poder expressando-a na bandeira *Todo Poder aos Sovietes*, de outro.

Em seguida, Lênin, na clandestinidade, uma vez que se encontrava perseguido, elabora a programa da revolução, no documento “A catástrofe que nos ameaça e como lutar contra ela”, escrito entre 10 e 14 de setembro de 1917. Nele, concebe o caráter de transição da revolução democrática para o socialismo. Critica aqueles que temem dar passos ao socialismo, “*alegando que nossa revolução é uma revolução burguesa, que não se pode implantar o socialismo*”. Fundamenta com a teoria marxista do imperialismo. “*A dialética da história é tal que a guerra, ao acelerar extraordinariamente a transformação do capitalismo monopolista em capitalismo monopolista de Estado, com isso, impulsiona extraordinariamente a humanidade ao socialismo*”. Notamos a importância decisiva de Lênin orientar os bolcheviques no momento crucial em que se aproximava o desfecho entre a revolução e a contrarrevolução.

Rejeição à Conferência Democrática

Lênin reconhece que a possibilidade dos mencheviques e socialistas revolucionários levarem os soviets a destituírem o governo de Kerenski, portanto, darem curso à revolução de forma pacífica, estava esgotada. Em meados de setembro, a crise revolucionária havia se agravado. O desfecho entre revolução e contrarrevolução se aproximava rapidamente. Mencheviques e socialistas revolucionários manobravam em torno à realização do que denominavam “Conferência Democrática”. Era o que restava aos oportunistas para conservar o governo bonapartista de Kerenski, que visivelmente estava acabado, e que daria lugar à retomada da ofensiva dos generais para acabar com o duplo poder, e esmagar os bolcheviques.

Lênin se achava oculto na clandestinidade, o que dificultava seu trabalho na direção dos bolcheviques. Não havia nítida compreensão

comum de que o partido deveria preparar a insurreição, à margem da “Conferência Democrática”. Um fato que revelava uma mudança qualitativa na situação era que os bolcheviques haviam conseguido conquistar a maioria dos soviets de deputados, operários e soldados em Petersburgo e Moscou. A perda da direção dos soviets pelos mencheviques e socialistas revolucionários correspondia a um deslocamento das massas, em luta contra a política de guerra e a miséria que devastava a Rússia.

O dirigente bolchevique escreveu duas cartas ao Comitê Central – “Os bolcheviques devem tomar o poder” e “O marxismo e a insurreição” –, que foram decisivas para enfileirar o partido rumo à derrubada do governo de Kerenski. Em ambas, transparece o temor de que a “Conferência Democrática” sirva de instrumento para desviar o curso da revolução, e facilitar a investida das forças burguesas contrarrevolucionárias. Na primeira, de 12 de setembro de 1917, Lênin mostra que o partido não podia fechar os olhos para a rápida mudança da situação e a confluência das massas para as bandeiras e a política dos bolcheviques. Eis: *“A maioria do povo está conosco. É o que demonstra o amplo e difícil curso dos acontecimentos, desde 6 de maio até 31 de agosto, e os de 12 de setembro – a maioria conquistada nos soviets das capitais é o fruto da evolução do povo em nossa direção. As vacilações dos socialistas revolucionários e os mencheviques, e o aumento da quantidade de internacionalistas em suas filas, também o confirma”*.

Em relação às manobras dos oportunistas, Lênin explica: *“A Conferência Democrática não representa a maioria do povo revolucionário, mas somente a camada superior conciliadora da pequena burguesia. Não se pode deixar enganar pelos números eleitorais; as eleições não provam nada – comparem-se as eleições das Dumas de Petersburgo e Moscou com as eleições dos soviets. Comparem-se as eleições em Moscou com a greve de 12 de agosto em Moscou – esses dados são objetivos, a respeito dessa maioria de elementos revolucionários que conduzem as massas”*. Conclui: *“Somente o governo bolchevique cumprirá as reivindicações do campesinato”*. Nesse mesmo sentido, Lênin alerta para o perigo de se manter à espera da convocação da Assembleia Constituinte, tão prometida quanto adiada pelos oportunistas. A tarefa urgente era de preparar *“uma insurreição armada em Petersburgo e Moscou (e sua região), a conquista do poder e a derrubada do governo”*.

Na carta “O marxismo e a insurreição”, de 14 de setembro, Lênin desenvolveu os fundamentos marxistas da revolução proletária. Viu-se obrigado a responder às acusações de que a insurreição naquele mo-

mento era uma aventura. No interior do Comitê Central, Kamenev já havia se colocado contra a posição de Lênin ao discutir a primeira carta. Lênin retoma a constatação de que a situação havia amadurecido para a tomada do poder, uma vez que Kerenski já não governava, e as massas em luta não mais atendiam à direção conciliadora, reconhecendo, portanto, a diretriz dos bolcheviques. Para os marxistas, em primeiro lugar, *“a insurreição deve se apoiar no ascenso revolucionário do povo”*, em segundo, *“a insurreição deve ser apoiar nesse momento de virada na história da revolução em ascenso, em que a atividade da vanguarda do povo está em seu apogeu, em que são maiores as vacilações nas fileiras do inimigo e nas fileiras dos débeis, frios, indecisos amigos da revolução”*.

Em seguida às duas cartas, Lênin desenvolveu a orientação sobre a insurreição no documento *“A Revolução Russa e a Guerra Civil”*, com o subtítulo *“Assustam-se com a Guerra Civil”*. Argumentou com os fatos de que a guerra civil já havia sido prenunciada pela conspiração e rebelião militar de Kornilov, *“apoiadas pelos latifundiários e capitalistas, dirigidos pelo partido Kadete...”*.

A possibilidade do desenvolvimento pacífico da revolução, que dependia da aliança dos bolcheviques com os mencheviques e socialistas revolucionários, estava superada. Haveria, portanto, de combater as vacilações e assumir plenamente a tarefa de organizar a insurreição.

Crítica à participação dos bolcheviques na Conferência Democrática

Expusemos os principais aspectos de duas cartas em que Lênin coloca a discussão sobre a necessidade dos bolcheviques prepararem a insurreição. Indicamos a sua posição contrária de participação e de reconhecimento da “Conferência Democrática”, convocada pelos mencheviques e socialistas revolucionários. Havia o perigo de desviar o curso do levante de operários, camponeses e soldados para o campo das ilusões democráticas burguesas e pequeno-burguesas.

Concluída a “Conferência Democrática”, Lênin escreveu um artigo crítico, denominado “Os heróis da fraude e os erros dos bolcheviques”. Foi dirigido, principalmente, para o combate a posições que resistiam à organização da insurreição, e que apostaram na “Conferência Democrática”. Está aí por que a publicação no Jornal, em 7 de outubro, constou de alterações que se referiam a críticas internas, especialmente a Kamenev e

Zinoviev. A “Conferência Democrática” foi convocada no momento em que os mencheviques e socialistas revolucionários perderam a maioria dos soviets para os bolcheviques. A manobra consistia em esvaziar o poder dos soviets. Lênin viu e denunciou como uma fraude, na qual os bolcheviques não deveriam participar, e tinham de rechaçá-la. Por meio da “Conferência Democrática”, os oportunistas abriam as portas a forças que nunca puderam penetrar nos soviets. Isso quando Kerenski agia no sentido de fortalecer os traços de um governo bonapartista.

Era importante revelar o conteúdo de classe da manobra que se realizava em torno à “Conferência Democrática”. Eis a explicação de Lênin: *“A diferenciação de classes progride. Nos partidos dos socialistas revolucionários e mencheviques, cresce o protesto e amadurece uma divisão aberta, porque os ‘dirigentes’ traem os interesses da maioria da população. Os dirigentes se apoiam na minoria, apesar dos princípios da democracia. Quanto a isso, a fraude é inevitável”*. (...) *“Pactos secretos com os kornilovistas, entendendo secreto com os ‘aliados’ imperialistas (...), entorpecimento e sabotagem secretos da Assembleia Constituinte, engano secreto aos camponeses para favorecer a Rodzianko, isto é, aos latifundiários (...): isto é o que realmente está fazendo Kerenski. Essa é sua política de classe. Nisto consiste seu bonapartismo”*. Com essa explicação, Lênin concluiu que os dirigentes mencheviques e socialistas revolucionários recorriam à “Conferência Democrática” para ocultar o movimento da contrarrevolução. Os bolcheviques, portanto, tinham o dever de desmascarar a fraude.

A intervenção dos bolcheviques na “Conferência Democrática” foi considerada um erro. Lênin, assim, demonstrou: *“Os bolcheviques participaram nesta abominável fraude, nesta farsa, pelo mesmo motivo que participaram na III Duma; até no ‘chiqueiro’ devemos defender nossa linha, desde um ‘chiqueiro’ devemos desmascarar o inimigo para o conhecimento do povo. A diferença, no entanto, é que a III Duma foi convocada quando a revolução evidentemente refluiu, enquanto que hoje existe evidente ascenso de uma nova revolução, ainda que, desgraçadamente, muito pouco sabemos do alcance e rapidez desse ascenso”*. Essa crítica se baseou em uma fundamentação marxista muito valiosa e decisiva para o curso dos acontecimentos. Em distintas situações, intervir nas instituições parlamentares da burguesia (‘chiqueiro’) exige táticas distintas.

Lênin considerou um erro dos bolcheviques permanecer na “Conferência Democrática”. Defendeu que o correto seria se retirar, em protesto à comédia dos oportunistas. Denunciar que se tratava de uma distra-

ção dos explorados diante das tarefas da revolução. E não permanecer na Conferência, ao lado daqueles que trabalhavam por separar as massas revolucionárias dos bolcheviques. Dos 136 deputados bolcheviques, deveriam permanecer 2 ou 3 para informar o partido sobre as conclusões dos adversários da revolução. Apesar de um pouco extensa, é conveniente transcrever a seguinte passagem: *“Os 99% dos delegados bolcheviques deveriam ir às fábricas e aos quartéis. Esse era o lugar adequado para os delegados que vieram de todos os rincões da Rússia, e que, depois do discurso de Zarudni, puderam ver toda a podridão dos socialistas revolucionários e mencheviques. Ali, junto às massas, em centenas de atos e comícios, deveriam discutir os ensinamentos dessa cômica reunião, cujo propósito evidente era o de somente dar um respiro ao kornilovista Kerenski, e facilitar-lhe a tentativa de novas variações do jogo do ‘carrossel ministerial’.* Os bolcheviques tiveram uma atitude errônea diante do parlamentarismo em momentos de crise revolucionária (e não ‘constitucional’), uma atitude errônea diante dos socialistas revolucionários e mencheviques. É compreensível como isso ocorreu: a história deu uma virada muito brusca com a kornilovada. O partido não pôde se colocar à altura do ritmo incrivelmente acelerado da história, nesta virada. O partido se deixou atrair, momentaneamente, para a armadilha da comédia desprezível”.

Dessa crítica geral, Lênin passou a responsabilizar Zinoviev e Kamenev pelo entusiasmo com a Conferência. Zinoviev chegou ao ponto de considerar um acerto a proposta de uma representação proporcional do Presidium do Soviete de Petrogrado a governistas do tipo Tsereteli. Kamenev errou ao fazer *“o primeiro discurso da Conferência em um espírito puramente ‘constitucional, quando defendeu a ridícula questão de confiança ou ‘desconfiança no governo”*. Lênin concluiu a crítica explicando que *“o parlamentarismo, sobretudo nos momentos revolucionários, deve ser utilizado não para perder um tempo precioso com os representantes daquilo que está apodrecido, mas sim para utilizar o exemplo do que está apodrecido para educar as massas”*.

A dualidade de poder teria de ser resolvida

Expusemos a crítica de Lênin à Conferência Democrática, convocada pelos socialistas revolucionários e mencheviques. O oportunismo pequeno-burguês agia, com todos os meios possíveis, para combater a posição dos bolcheviques, que se empenhavam em organizar a insurreição para derrubar o governo de Kerenski, e constituir um governo operário e camponês. Entre as campanhas desses adversários da revolu-

ção, se destacou a tese de que não havia possibilidade da classe operária constituir um governo próprio e garantir o seu poder.

Em resposta, Lênin escreveu, em fins de setembro e início de outubro de 1917, um folheto intitulado “Poderão os bolcheviques manter o poder?”. A ideia principal era a de que não havia como os bolcheviques sozinhos tomarem o poder do Estado e conservá-lo. Esse argumento desembocava na defesa de um novo governo de coalizão, portanto, burgues. Lênin iniciou recorrendo à votação que se passou no interior dos Sovietes de deputados operários, soldados e camponeses, em que a tese em favor do governo de coalizão obteve 185 votos, e a contrária, 262. Concluiu: *“Vemos assim que a maioria, em seu conjunto, está a favor da consigna proletária: contra a coalizão com a burguesia”*. Essa maioria nos soviets expressava a maioria do povo. Um traço distintivo favorável à revolução era o de que a maioria camponesa estava contra a coalizão. O que desmentia o argumento dos oportunistas, de que o proletariado se achava isolado. O vínculo dos camponeses com a classe operária se devia à questão concreta do problema nacional e agrário, que somente o programa dos bolcheviques respondia. Um governo de coalizão com a burguesia significava, como a experiência da Revolução de Fevereiro havia demonstrado, manter *“a impiedosa opressão dos camponeses pelos latifundiários, dos ucranianos pelos grão-russos, como ocorria sob o czarismo”*. Sob a república burguesa, os camponeses não teriam como resolver a velha opressão latifundiária.

O problema da paz era sensível às massas e, em particular, aos soldados. A experiência havia demonstrado que *“somente o proletariado, ao conquistar o poder, oferecerá imediatamente a todos os povos beligerantes uma paz justa, uma vez que somente o proletariado se disporá a tomar medidas verdadeiramente revolucionárias (publicação dos tratados secretos, etc.), para conseguir a paz mais rápida e mais justa possível”*. Lênin concluiu: *“A situação objetiva na Rússia é, sem dúvida, tal que precisamente agora o proletariado não está ‘isolado’ da maioria da pequena burguesia, precisamente agora, depois da triste experiência da ‘coalizão’, quando o proletariado conta com a simpatia da maioria do povo”*.

Um outro argumento falacioso era o de que o proletariado *“não poderia, tecnicamente, se apossar do aparato do Estado”*. Lênin recorreu à teoria do Estado de Marx e Engels, que se valeram da experiência da Comuna de Paris, para fundamentar que, com a revolução, o proletariado não simplesmente se apossaria do Estado e o colocaria em funcionamento. De

fato, destruiria *“tudo que há de opressor, de rotineiro, de incorrigivelmente burguês no velho aparato do Estado, e o substituiria por um novo aparato, próprio. Esse aparato é, precisamente, os Sovietes de deputados operários, soldados e camponeses”*. Lênin revelou a incompreensão dos socialistas revolucionários e mencheviques do lugar dos Sovietes na constituição do Estado operário, que, como tal, se ergueria sobre as cinzas do Estado burguês. Essa cegueira decorria de suas políticas antimarxistas.

É extraordinário como Lênin analisou concretamente as particularidades da Revolução Russa, tendo por base a criação dos soviets pelo proletariado e demais oprimidos. Eis: *“Os Sovietes são um novo aparato de Estado que, em primeiro lugar, possibilita uma força armada de operários e camponeses, e essa força não está divorciada do povo, como estava a do velho exército regular, ao contrário, está estreitamente ligada ao povo. Do ponto de vista militar, essa força é incomparavelmente mais poderosa que as anteriores; do ponto de vista revolucionário, nada pode substituí-la. Em segundo lugar, esse aparato estabelece um vínculo com as massas, com a maioria do povo, tão estreito, tão indissolúvel, tão fácil de verificar e renovar, que não encontramos nada remotamente parecido no anterior aparato do Estado. Em terceiro lugar, este aparato, por seus integrantes eleitos e sujeitos à revogação do mandato pela vontade do povo, sem nenhuma formalidade burocrática, é muito mais democrático que qualquer aparato anterior. Em quarto lugar, permite contato com as profissões mais diversas, facilitando assim a adoção das reformas mais diversas e mais radicais sem burocracia. Em quinto lugar, permite uma forma de organização à vanguarda, isto é, ao setor das classes oprimidas, mais enérgico e mais progressista, os operários e os camponeses com maior consciência de classe, e constitui assim um aparato por meio do qual a vanguarda das classes oprimidas pode elevar, preparar, educar e dirigir a gigantesca massa dessas classes, que até hoje permanecia completamente à margem da vida política, à margem da história. Em sexto lugar, cria a possibilidade de combinar as vantagens do parlamentarismo com as da democracia imediata e direta, isto é, de reunir, entre os representantes eleitos pelo povo, as funções legislativas e executivas. Comparado com o parlamentarismo burguês, é um avanço de transcendência histórica mundial no desenvolvimento da democracia”*.

Lênin mostrou que os soviets de 1917 se distinguiam dos da Revolução de 1905, pelo fato de não serem embrionários. Haviam alcançado tal desenvolvimento que se constituíam em organismos de poder da classe operária. Mas que não poderiam ir mais além das propriedades

já alcançadas, sem que o proletariado e os camponeses não tomassem o poder. Chegava-se à situação limite, em que a dualidade de poder teria de ser resolvida em favor da revolução, caso contrário, não poderia desenvolver as suas faculdades embrionárias.

Autogoverno do povo

Damos continuidade à exposição do folheto “Poderão os bolcheviques manter o poder?”. Lembremos que esse escrito resultou da resposta de Lênin aos mencheviques e socialistas revolucionários, que questionaram a possibilidade dos bolcheviques dirigirem a revolução e, caso conquistassem o poder, não conseguiriam mantê-lo. Na exposição anterior, destacamos seis pontos, com os quais Lênin mostra o caráter proletário da revolução, e a capacidade da maioria oprimida de, não só impor a derrota à burguesia, como tomar em suas mãos a condução da economia. Entre eles, nos deparamos com uma profunda análise da natureza histórica dos soviets, como base do novo poder socialista. Passamos, agora, a outras fundamentações.

Lênin destaca a importância de a revolução ter avançado no terreno do controle operário da produção e distribuição. Mostra a inconsistência do argumento dos adversários, que diziam que a bandeira do controle operário era sindicalista. Em absoluto, respondeu Lênin: *“O sindicalismo, ou rechaça a ditadura revolucionária do proletariado, ou a relega ao último plano, da mesma forma que faz com o poder político em geral. Ao contrário, nós a colocamos em primeiro plano”*.

A conquista do poder colocaria imediatamente inúmeras dificuldades. Uma delas seria precisamente desenvolver o controle operário, com o qual tornar-se-ia possível a *“instauração, em escala nacional, de um sistema mais preciso, metódico, de registro e controle sobre a produção e distribuição de produtos”*. Sob o Estado operário, portanto, sob a ditadura do proletariado, o controle operário da produção se potencia, de maneira que pode cumprir essa tarefa, de *“registro da produção e distribuição dos produtos por todo o povo, universal, onipresente, mais preciso e escrupuloso”*.

Lênin mostrou que, além do aparato de opressão, como o exército, a polícia e a burocracia, que deverão ser destruídos, a burguesia constituía outro aparato *“intimamente vinculado com os bancos e os consórcios, um aparato que realiza, um vasto trabalho de contabilidade e registro”*. E concluiu: *“Este aparato não pode nem deve ser destruído. O que há de se fazer é arrancá-lo do controle dos capitalistas; há que separar, bloquear a comu-*

nicação, isolar os capitalistas, e os elos que eles manejam, deste aparato; há que subordiná-lo aos soviets proletários; há que torná-los mais vasto, mais universal, mais popular. Isso se pode conseguir, apoiando-se nas conquistas já realizadas pelo grande capitalismo (assim como a revolução proletária pode, em geral, conseguir seu objetivo, somente se apoiando nessas conquistas). O capitalismo criou um aparato de registro em forma de bancos, consórcios, serviços postais, sociedades de consumidores e sindicatos de empregados públicos. Sem grandes bancos, o socialismo seria irrealizável”.

Lênin indicou que a expropriação do capital financeiro e a formação de um só banco do Estado “constituirá a nona décima parte do aparato socialista”. Estabelecida uma “contabilidade nacional, um registro nacional de produção e distribuição”, o Estado operário teria, por assim dizer, “o esqueleto da sociedade socialista”. Nas condições em que se encontrava o andamento da revolução, Lênin via o controle operário da produção e estatização do sistema bancário anteriores à própria expropriação geral da burguesia.

Uma vez que a classe operária constituísse o seu poder assentado nos soviets, a capacidade criadora das massas se potencializaria ainda mais. O oportunismo pequeno-burguês cegava os mencheviques e socialistas revolucionários, quanto à capacidade do proletariado e demais camadas dos oprimidos exercerem as suas faculdades criadoras. A democracia proletária já havia demonstrado ser um fator histórico das transformações do capitalismo em socialismo. Lênin frisou que “*é importante introduzir mais democracia no governo de um Estado proletário*”.

Estabelecidos esses controles, regidos pela organização soviética e pela democracia proletária, se tornava possível utilizar tudo aquilo que o capitalismo havia construído como fator de progresso das forças produtivas. Certamente, a classe operária no poder, em aliança com o campesinato pobre, teria de quebrar, não só a resistência ativa da burguesia, mas também a passiva. O princípio de que “*quem não trabalha não come*” passaria a ser aplicado rigorosamente, inclusive para os membros da burguesia. Lênin argumentou que não basta “*eliminar*” os capitalistas. É preciso “*colocá-los a serviço do novo Estado*”. Evidentemente, “*depois de eliminar os ‘resistentes’, indesejáveis e incorrigíveis*”. O que seria “*aplicável, tanto aos capitalistas, como ao setor superior dos intelectuais burgueses, empregados públicos, etc.*” Lênin se antecipa, mostrando que não há nada de utopia nessa transformação, uma vez que se sabe, que “*um trabalhador não qualificado ou uma cozinheira não são capazes de dirigir imediata-*

mente o Estado". Ao lado dessa movimentação, se constituía uma milícia operária, que gradualmente se transformaria *"em uma milícia de todo o povo"*. Lênin concluiu: *"Os operários com consciência de classe devem dirigir, mas, para o trabalho de administração, podem envolver as amplas massas de trabalhadores e oprimidos"*. Estava claro que não havia outro caminho, senão aprender a governar. Em outras palavras, estava colocada a tarefa de *"implantar imediatamente um verdadeiro autogoverno do povo"*.

Teoria marxista do Estado

Concluimos a exposição do folheto *"Poderão os bolcheviques manter o poder?"*. Lênin se viu obrigado a desenvolver a teoria marxista do Estado, nas condições concretas da revolução que se avizinhava. Explicou que não se tratava do proletariado destituir a burguesia do poder e simplesmente ocupar o aparato do Estado. A revolução destruiria o velho Estado e constituiria em seu lugar um novo Estado. Eis: *"O Estado, estimados senhores, é um conceito de classe. O Estado é um órgão ou instrumento de violência exercido por uma classe contra a outra. Enquanto for um instrumento de violência exercida pela burguesia contra o proletariado, o proletariado não pode ter mais do que uma consigna: a destruição desse Estado. Quando o Estado for um Estado proletário, quando for um instrumento de violência exercida pelo proletariado contra a burguesia, seremos partidários, íntegra e incondicionalmente, de um poder forte e do centralismo"*.

Nesse sentido, Lênin explicou o conteúdo da bandeira *"Todo poder aos soviets"*. O governo da classe operária passa a ter o poder sobre as terras, os bancos e as fábricas. Nisso consistia a relação entre a política e a economia. A burguesia, ao ser destituída do poder político, perderia o poder econômico. Como se vê, não se trata de reformar o Estado burguês, mas de destruí-lo. A tese reformista defendida pelos mencheviques e socialistas revolucionários era um obstáculo para o proletariado derrubar a burguesia do poder. Lênin definiu: *"O reformismo não é mais que uma série de concessões por parte da classe governante, e não sua derrocada; faz concessões, mas conservam o poder para si"*.

O proletariado ao se apossar do poder estabelece um plano centralizado de transformação da produção e da distribuição. As organizações operárias farão o controle dos métodos de centralização do funcionamento econômico. Lênin conclui: *"Somos partidários do centralismo e de um plano, mas do centralismo e do plano do Estado proletário, de uma regulação proletária da produção e da distribuição de acordo com o interesse"*

dos pobres, dos trabalhadores, dos explorados, contra os exploradores”.

A questão que antecede ao problema da possibilidade dos bolcheviques manterem o poder é a de como chegar até ele. Em outras palavras, em que condições o proletariado triunfará sobre a burguesia. É disso que se tratava na situação concreta porque passava a Rússia. Os explorados e os exploradores estavam em posição de guerra civil. Era necessário compreender que as grandes transformações, na história, passaram pela guerra civil. As condições objetivas que se formaram, principalmente, desde o levante de 3 e 4 de julho, evidenciaram que amadureciam as premissas da guerra civil. A conquista da maioria dos soviets pelos bolcheviques, depois desse acontecimento, resolvia a questão direção. Lênin detalha: *“Se o partido revolucionário não conta com a maioria nos contingentes avançados das classes revolucionárias e no país não pode nem pensar na insurreição. Além disso, é necessário: 1) a marcha ascendente da revolução em escala nacional; 2) a total quebra moral e política do velho governo, por exemplo, o governo de coalizão; 3) grandes vacilações nos grupos intermediários, isto é, naqueles que não apoiam totalmente o governo, ainda que até ontem o apoiavam totalmente”.*

As jornadas de julho, segundo a análise de Lênin, indicavam que se aproximava o desfecho da revolução. A correlação de forças, desde o final de abril, comprovava que a burguesia já não podia conservar todo o seu poder. Lênin constata que *“a pequena burguesia não quer e não pode tomar o poder sozinha e de forma independente”.* Era o que demonstrava *“a experiência de todas as revoluções, e como demonstra a economia política, que explica que em um país capitalista se pode estar do lado do capital e se pode estar do lado do trabalho, mas é impossível estar durante muito tempo no meio”.* Os reformistas constituíam uma coalizão entre a pequena burguesia e a burguesia. De forma que os mencheviques e socialistas revolucionários teriam de estar contra a tomada do poder pelo proletariado, dirigido pelos bolcheviques. O argumento de que não era possível o proletariado conservar o poder, portanto, se dirigia contra a organização e os preparativos para o desfecho da guerra civil.

Preparar a insurreição

Dedicamos a expor a análise da situação revolucionária e da insurreição que se aproximava. Vimos a enorme importância do folheto “Poderão os bolcheviques manter o poder?”. A confiança de Lênin, de que a classe operária e os camponeses estavam preparados para derrubar o go-

verno de Kerensky, e constituir um governo próprio. Em 30 de setembro de 1917, Lênin redigiu o manifesto “Aos operários, camponeses e soldados”, exortando as massas e os soldados a olharem o que se passava no campo e na cidade. O governo cambaleante procurava tomar a iniciativa política, reprimindo duramente os levantes camponeses. No entanto, os soldados, cansados da guerra, já vinham se deslocando para o campo da revolução. A classe operária, dirigida pelos bolcheviques, estava diante de uma situação extremamente favorável para concretizar a aliança com os pobres do campo, e marchar rumo ao poder.

A passagem seguinte revela a certeza de que não havia que vacilar um só segundo na preparação da insurreição. *“Se o poder está nas mãos dos sovietses, então, no mais tardar, 25 de outubro (se o Congresso dos Sovietes se inaugura em 20 de outubro), se oferecerá a todos os povos beligerantes uma paz justa. Teremos na Rússia um governo de operários e camponeses, que, imediatamente, sem perder um só dia, proporá uma paz justa a todos os povos em guerra. E, então, o povo saberá quem deseja uma guerra injusta. Então o povo decidirá sobre a Assembleia Constituinte”.* (...) *“Camaradas! Lembrem que Kerensky já enganou uma vez o povo, quando prometeu convocar a Assembleia Constituinte!” Em 8 de julho, prometeu solenemente convocá-la, no mais tardar, em 17 de setembro, e enganou o povo. Camaradas! Quem acredita no governo de Kerensky, trai seus irmãos, camponeses e soldados!”* (...) *“Abaixo o governo de Kerensky, que se alia aos generais latifundiários para reprimir os camponeses, para metralhar os camponeses, para prolongar a guerra! Todo poder aos sovietses de deputados, operários e soldados!”*

Em 1º de outubro, Lênin chegou à conclusão de que a insurreição não poderia depender da realização do Congresso dos Sovietes. Na “Carta ao CC, CM, CP e aos membros bolcheviques dos sovietses de Petersburgo e Moscou”, afirma essa posição. Em 5 de outubro, realizou-se a reunião do Comitê de Petersburgo, na qual alguns dirigentes se opuseram, com o argumento de que não se deveria forçar os acontecimentos, e que cabia aguardar o Congresso dos Sovietes. A maioria apoiou Lênin. No Comitê de Moscou, de 7 de outubro, colocou-se pela imediata preparação da luta pelo poder. Em seguida, em 10 de outubro, a Conferência dos bolcheviques de Moscou confirmou essa posição.

Em 4 de outubro, Lênin apresentou *“Teses para o informe diante da Conferência da organização de Petersburgo, em 8 de outubro, e também para uma resolução e instruções aos delegados do Congresso do partido”.* A III Conferência da cidade de Petersburgo se realizou entre 7 e 11 de

outubro. Mostrou firmeza na aprovação da linha defendida por Lênin. O fundamental das Teses se encontra na bandeira “Todo poder aos soviets”. Lênin insistiu em que o partido se empenhe em agitar nas fábricas e quartéis o objetivo de derrubar o governo de Kerensky. As Teses também respondiam à Assembleia Constituinte. O partido deveria ter sua lista definida – Lênin fez a defesa do nome de Trotsky, em particular. No entanto, assinalou que era preciso *“lutar contra as ilusões constitucionistas e as esperanças depositadas no Congresso dos Sovietes, abandonar a ideia pré-concebida de que obrigatoriamente devemos ‘esperar’ até que se reúna, e centrar todos nossos esforços em explicar às massas que a insurreição é inevitável e em prepará-la”*. Conclui: *“com os soviets das duas capitais em suas mãos, se os bolcheviques renunciarem a cumprir essa tarefa e se resignarem com a convocação da Assembleia Constituinte (isto é, de uma Assembleia Constituinte falsificada) pelo governo Kerensky, reduziriam a uma frase vazia toda a propaganda em favor da consigna ‘Todo o poder aos soviets’ e, politicamente, se cobririam de vergonha como partido do proletariado revolucionário”*. Como se vê, estava claro para Lênin que não haveria Assembleia Constituinte, a não ser com a tomada do poder pelo proletariado. Era preciso combater as ilusões constitucionistas no seio do próprio bolchevismo.

Apreensivo por não poder participar, pois, estava perseguido pela polícia, Lênin enviou a *“Carta à Conferência da cidade de Petersburgo”*. Alerta para o fato recente de Kerensky dar sinal de que poderia entregar Petersburgo aos alemães. É o que mostrava a ocupação de Ösel pelos alemães, e a passividade da frota inglesa. Defendeu a máxima urgência nos preparativos da insurreição. Eis: *“Devemos reconhecer que a revolução sucumbirá, se o governo de Kerensky não for derrotado nos próximos dias pelos proletários e soldados. O problema da insurreição está na ordem do dia”*. A Carta orienta a Conferência a estabelecer um plano de ação.

Resolução sobre a insurreição

Cobrimos o período de fins de setembro à primeira semana de outubro de 1917. Lênin se achava apreensivo, diante da falta de decisão e morosidade da preparação da insurreição. Já havia respondido às pressões dos mencheviques e socialistas revolucionários, que atacavam os bolcheviques com o argumento de que o levante armado para tomar o poder seria uma aventura. O problema não se limitava aos adversários. Manifestava-se também no interior do partido, na forma de proteção e vacilação.

Em 10 de outubro, Lênin compareceu à reunião do Comitê Central. Conseguiu se deslocar clandestinamente, de Viborg a Petersburgo. Essa reunião foi decisiva. Aprovou a resolução apresentada por Lênin, que orientava os bolcheviques a preparar urgentemente a insurreição. É nessa reunião que ficou patente a oposição de dois mais importantes dirigentes. Kamenev e Zinoviev se opuseram aos argumentos de Lênin, e votaram contra a resolução. Trotsky colocou-se de acordo com a análise de que as condições estavam maduras para os operários, camponeses e soldados tomarem o poder. Fortaleceu as críticas de Lênin à resistência de Kamenev e Zinoviev. A diferença com Lênin foi a de que considerava importante para o levante armado o II Congresso dos Sovietes, que se realizaria logo mais. Em função desse argumento, se absteve na votação. Os demais membros apoiaram a resolução.

A ata da reunião de 10 de outubro se destacou como um documento de enorme valor histórico. Eis as principais passagens: *“O camarada Lênin afirma que desde o começo de setembro se observa certa indiferença ao problema da insurreição. Mas isso é inadmissível se lançamos seriamente a consigna de tomada do poder pelos soviets. É hora, portanto, de prestar atenção aos aspectos técnicos do problema. Pelo visto, já se perdeu muito tempo” (...)* *“A situação política influencia também consideravelmente nesse sentido. Se em 3 e 5 de julho tivéssemos pretendido realizar ações decisivas, teríamos fracassado porque não contávamos com o apoio da maioria. Desde então, realizamos imensos progressos” (...)* *“Esperar a Assembleia Constituinte, que evidentemente não estará de nosso lado, é absurdo, pois, não fará mais do que complicar nossa tarefa”.*

A essência da breve resolução consistiu: *“Ao considerar, portanto, que é inevitável a insurreição armada e que a situação para isso está plenamente madura, o CC ordena a todas as organizações do partido a se guiar de acordo com isso, discutir e resolver, de acordo com esse ponto de vista, todos os problemas práticos (...)”.*

Em 16 de outubro, em sequência, se realizou a reunião do Comitê Central. Lênin retomou a resolução votada anteriormente e fez considerações sobre a importância do ritmo dos acontecimentos. Os mencheviques e socialistas revolucionários, ao contrário de romperem com sua política de conciliação, se colocaram ainda mais firmemente pela sustentação do governo Kerenski. Assim, não foi possível estabelecer um acordo em torno à tomada do poder pelos soviets. Lembremos que Lênin havia proposto uma frente com esses partidos para que o

poder fosse tomado e constituído um governo apoiado nos soviets. Esgotada essa via, os bolcheviques deveriam se encarregar da insurreição. O que garantia a possibilidade de vitória era o fato dos bolcheviques terem conquistado a maioria nos soviets e quebrado a manobra dos conciliadores em torno à Conferência Democrática. Conclusão: *“Ou a ditadura de Kornilov, ou a ditadura do proletariado e das camadas mais pobres do campesinato”*. Lênin chamou a atenção para o método materialista: *“O partido não pode se guiar pelo estado de ânimo das massas, porque é variável e não se pode medir; o partido deve se guiar pela análise objetiva e uma avaliação da revolução”*. Fundamenta: *“As massas depositaram sua confiança nos bolcheviques, exigem deles fatos e não palavras, uma política decidida, tanto na luta contra a guerra, como na luta contra o desastre econômico. Se se tomar como base a análise política da revolução, se verá claramente que até as explosões anárquicas confirmam isso”* (...) *“Da análise política da luta de classes na Rússia e na Europa, surgiu a necessidade de seguir a política mais decidida e mais ativa, que somente pode consistir na insurreição armada”*.

Lênin demonstrou o erro de Zinoviev, cuja posição levava a “abandonar a consigna do poder aos soviets e a pressionar o governo. Essa posição desconhecia a análise concreta que demonstrava que a insurreição estava amadurecida, não existindo, portanto, uma atitude conspirativa. Depois de criticar o erro de Zinoviev em comparar a presente revolução com a de fevereiro, Lênin propõe a seguinte resolução: *“A reunião saúda e apoia totalmente a resolução do CC, e chama todas as organizações, todos os operários e soldados a prepararem em todos os seus aspectos e de maneira mais decidida a insurreição armada e a apoiar o centro criado com esse objetivo pelo Comitê Central; a reunião expressa sua plena convicção de que o CC e o Soviete indicaram oportunamente o momento propício e os métodos mais convenientes para a ofensiva”*.

Observa-se que esse foi o momento decisivo para os bolcheviques cumprirem a função do partido revolucionário de dirigir operários, camponeses e soldados a tomarem o poder. A experiência desses dias de outubro contém a valiosa lição sobre a firmeza programática, analítica e tática de Lênin diante das pressões que se manifestavam no interior dos bolcheviques, encarnadas por Kamenev e Zinoviev. A derrota dessa posição decidiu o curso da revolução.

Reação interna

Mostramos a resposta de Lênin a dois dos principais dirigentes dos bolcheviques, Kamenev e Zinoviev, que passaram a fazer a oposição à necessidade do partido preparar imediatamente a insurreição. O choque de posição transbordou em uma perigosa crise interna. Kamenev e Zinoviev não se limitaram a desenvolver a divergência no seio do partido, passaram a expor a divergência externamente, publicando uma declaração contrária à insurreição no jornal *Nóvaia Zhizn*, em 18 de outubro de 1917. Poucos dias antes, no dia 11, divulgaram uma carta “Sobre a situação atual, aos comitês do POSDR de Petersburgo, Moscou, regional de Moscou, regional da Finlândia, e aos grupos bolcheviques do CEC dos Sovietes, e ao Congresso dos Sovietes da Região do Norte”, incitando a militância a se insurgir contra a resolução do Comitê Central, de 10 de outubro.

A divulgação da resolução sobre a preparação da insurreição pôs em perigo a ação revolucionária dos bolcheviques. Nesse mesmo dia, Lênin enviou à direção a “Carta aos membros do partido dos bolcheviques”, caracterizando a atitude política dos dois camaradas como um crime. O acontecimento evidenciou a violação da democracia interna e, assim, o método de funcionamento do partido marxista. Eis a formulação de Lênin: *“Incrível! Nas células do partido, sabe-se que o partido vem discutindo o problema da insurreição, desde setembro. Ninguém ouviu jamais falar de nenhuma carta ou circular das pessoas nomeadas. E hoje, na véspera poderia dizer-se, do Congresso dos Sovietes, dois destacados bolcheviques se levantam contra a maioria e, evidentemente, contra o CC. Isso não é dito abertamente, mas o dano à causa é tanto maior, pois, falar com insinuações é mais perigoso ainda”*.

A surpreendente atitude dos dois dirigentes expressou as pressões externas, exercidas pelos mencheviques e socialistas revolucionários, principalmente. É bom lembrar que, como demonstramos anteriormente, Lênin teve de travar um combate às forças que se opunham à organização da insurreição e, portanto, que sustentavam o governo de Kerenski, quando este estava completamente isolado da classe operária, dos camponeses e dos soldados. Em nenhum momento, Kamenev e Zinoviev expuseram suas divergências às posições de Lênin. Ficaram calados, como se tratasse apenas de uma reação teórica de Lênin aos mencheviques e socialistas revolucionários. No momento em que o Comitê Central aprovou a resolução orientando o partido a preparar o levante armado, Kamenev e Zinoviev, que haviam votado contra, reagem prontamente

como sabotadores e delatores da decisão. Essa tarefa exigia absoluta disciplina, planejamento e sigilo.

Essa lição desse importante episódio da Revolução Russa passou a fazer parte da concepção e do método leninista de construção do partido. Diante da grave violação do centralismo democrático, Lênin conclui: *“Consideraria vergonhoso, de minha parte, vacilar em condenar esses camaradas devido às minhas estreitas relações anteriores com eles. Declaro, abertamente, que já não considero camaradas nenhum dos dois, e que lutarei com todas minhas forças, tanto no CC como no Congresso, para conseguir sua expulsão do partido”*. E argumenta: *“Um partido operário, que, no curso dos acontecimentos, enfrenta, cada vez com mais frequência, a necessidade da insurreição, não pode cumprir essa difícil tarefa se, depois de serem aprovadas as resoluções não publicadas por sua direção central, são discutidas na imprensa alheia ao partido, e se introduzem, nas fileiras dos combatentes, vacilações e confusão. Que os senhores Zinoviev e Kamenev fundem seu próprio partido, com dezenas de indivíduos que perderam a cabeça, ou com candidatos à Assembleia Constituinte. Os operários não se incorporarão nesse partido, pois, a primeira consigna dele será: ‘Os membros do CC, que, em uma reunião do CC, foram derrotados no problema do combate decisivo, estão autorizados a usar a imprensa alheia do partido para atacar as resoluções não publicadas do partido’”*. De forma didática, Lênin mostrou a grave e completa inconsequência dos dois antigos dirigentes quanto à compreensão do funcionamento do partido marxista. No dia 19, Lênin retomou a questão na “Carta ao Comitê Central do POSDR-B”.

Zinoviev e Kamenev recorreram a justificativas evasivas. Zinoviev, em uma carta, afirmou que não havia senão exposto uma opinião dissidente. A leviandade salta aos olhos. Lênin utilizou o exemplo da decisão sobre uma greve, explicou que *“se pode fazer propaganda em pró e contra; mas que, depois de uma resolução em favor de uma greve (com a resolução complementar de ocultá-la do inimigo), fazer propaganda contra a greve é uma atitude de fura-greve!”*.

Lênin insistiu na obrigatoriedade de se ter uma decisão sobre o acontecido. *“Não me é fácil escrever isto sobre velhos camaradas íntimos, mas consideraria como um crime toda vacilação a respeito, pois, um partido revolucionário que não pune os fura-greves notórios está perdido”*.

Em 22 de outubro, Lênin enviou uma “Carta a I.M.Sverdlov”, exigindo uma resposta à questão Zinoviev e Kamenev. Assinalou que a direção estava protelando a decisão com a proposta de levar a questão

ao tribunal do partido. Lênin se achava em clandestinidade absoluta. Segundo a nota nº 24, das Obras Completas, tomo XXVII, Sverdlov admitiu a gravidade da violação, mas se colocou contra a expulsão. Stalin também se opôs. Assim, Kamenev e Zinoviev ficaram proibidos de fazer qualquer declaração contra as resoluções do Comitê Central, em particular, Kamenev foi destituído do Comitê Central. Lênin manteve sua posição, expressa na carta a Sverdlov.

Bolcheviques no poder

Concluimos a exposição das principais formulações programáticas, principistas e táticas de Lênin, que antecederam a tomada do poder em 25 de outubro de 1917. Os comentários daqui para frente correspondem à fase da constituição do Estado Operário, e construção das bases socialistas da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, até a sua morte, em 1924.

Destacamos, para iniciar esta sequência, a importância da discussão em torno à Constituinte. A sua instalação e fechamento, em janeiro de 1918, representaram a derrocada da tentativa dos socialistas revolucionários de direita e os mencheviques, de recuperarem o poder da burguesia.

É bem conhecida a posição dos bolcheviques em favor da convocação de uma Constituinte soberana, expressão da vontade do povo, como instrumento da revolução democrática na Rússia, semifeudal e czarista. A Constituinte deveria, portanto, expressar a derrubada da monarquia, e a instalação da república. Os mencheviques lutavam pela constituição de um governo de aliança operária e camponesa, que correspondia a uma ditadura democrática de operários e camponeses. A Revolução de Fevereiro de 1917 derrubou a monarquia, mas não deu lugar a uma Constituinte. O governo burguês conservou os interesses dos feudais, e passou a constituir uma reação em toda a linha. Na situação de guerra, a classe operária e os camponeses continuaram a se chocar com os interesses econômicos da aliança burguesa, que passou a controlar o Estado. Em poucos meses, o governo contrarrevolucionário foi empurrado para um precipício, e a luta de classes avançou. Os soviets, dominados pelos socialistas revolucionários e mencheviques, passaram a servir à política de colaboração e sustentação do governo Kerenski, que sucedeu o governo de Chernov, Kadetes. As forças burguesas e pequeno-burguesas adiaram constantemente a convocação da Constituinte.

Lênin denunciou as manobras dessas forças, empenhadas em deter o avanço da revolução. Observa-se que mencheviques e socialistas revolucionários passaram a se utilizar da Constituinte como instrumento de promoção das ilusões constitucionalistas, voltadas a desviar as massas da luta pelo poder. Lênin orientará os bolcheviques a se guiar pela bandeira de “Todo poder aos Sovietes”. Não se tratava de convocar uma Constituinte sob o governo contrarrevolucionário, mas de o proletariado, camponeses e soldados tomarem o poder, apoiados na democracia soviética.

No início de setembro de 1917, Lênin redigiu o “Projeto de resolução sobre a situação política atual”. No ponto 14 das teses, condiciona a convocação da Assembleia Constituinte à tomada do poder pelas massas. Opõe-se, portanto, à Constituinte como instrumento de constituição do poder. Eis: *“A classe operária, quando conquistar o poder, será a única capaz de garantir a entrega imediata e sem indenização de todas as terras dos latifundiários aos camponeses. Isso não se deve postergar. A Assembleia Constituinte legitimará a entrega, mas os camponeses não são culpados de que a Assembleia Constituinte se atrase. Os camponeses estão cada vez mais convencidos de que por meio de um acordo com os latifundiários e os capitalistas é impossível conseguir a terra. A terra somente pode ser conquistada pela aliança fraternal e muito estreita, entre os camponeses pobres e os operários”*.

Ainda em setembro, Lênin publicou o artigo “Como garantir o êxito da Assembleia Constituinte (Sobre a liberdade de imprensa)”. Relatou que, no começo de abril, defendeu a possibilidade de convocar a Constituinte. O problema estava em como garantir a convocatória e sua realização. Indicou que a única garantia estava em *“aumentar o número e a força dos soviets de deputados, operários, soldados, camponeses, etc.; organizar e armar as massas operárias”*. Se dependesse das forças burguesas, não seria possível uma Assembleia Constituinte que representasse as reais necessidades da revolução democrática, e a soberania do povo. Demonstrou o poder dos capitalistas em mobilizar a imprensa para enganar as massas camponesas. Uma Constituinte de fato soberana, para ser convocada, exigia o poder operário-camponês, sob a forma de soviets, que confiscaria a imprensa. Somente assim, seria possível uma distribuição equitativa às forças políticas que de fato estão vinculadas aos explorados. Concluiu: *“Essa seria uma preparação ‘democrática revolucionária’ das eleições à Assembleia Constituinte; seria uma ajuda ao campo por parte dos*

operários e soldados de vanguarda. Seria uma ajuda do Estado ao esclarecimento, e não ao embrutecimento e ao engano do povo; seria a verdadeira liberdade de imprensa para todos, e não para os ricos. Seria romper com o passado servil e maldito que nos obriga a suportar que os ricos usurpem a grande causa de informar e instruir os camponeses”.

Esse precedente é importante para constatar a atenção de Lênin com a utilização da Constituinte, pelos adversários da revolução. As forças que estiveram no poder, controlaram os soviets, e adiaram todo o tempo a convocação da Constituinte, agora passaram a utilizá-la contra o poder soviético. A confiança da classe operária e dos camponeses no governo revolucionário possibilitou a vitória das teses de Lênin sobre a Assembleia Constituinte.

Dissolução da Assembleia Constituinte

Damos continuidade à questão da Assembleia Constituinte. Era necessário quebrar a manobra dos socialistas revolucionários de direita e dos mencheviques, que passaram a usá-la para se contrapor e combater o poder dos soviets.

Em 3 de janeiro de 1918, Lênin elaborou uma resolução, que denominou “*Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado*”, publicada no dia seguinte, no Pravda. Foi apresentada na reunião do Comitê Executivo Central (CEC) de toda Rússia, no mesmo dia 3, e aprovada por maioria. Em seguida, I. M. Sverdlov a apresentou, como representante do CEC, na primeira reunião da Assembleia Constituinte. A maioria, encabeçada pelos socialistas revolucionários de direita, a reprovou. No dia 12 de janeiro, os bolcheviques a submeteram ao III Congresso de toda a Rússia de Soviéticos, que a aprovou. Posteriormente, a Declaração foi incorporada à Constituição Soviética.

As forças contrarrevolucionárias, encasteladas na Constituinte, não poderiam aceitar a “*Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado*”, uma vez que fundava a “*República dos Soviéticos de Deputados Operários, Soldados e Camponeses*”. Admitindo que “*Todo o Poder, central e localmente, pertence aos soviets*”, os deputados da Constituinte não poderiam aprovar nenhuma lei que contrariasse o fundamento do Estado operário. O segundo ponto da Declaração estabelece que o objetivo básico é o da “*abolição de toda a exploração do homem pelo homem, completa supressão da divisão da sociedade em classes, esmagamento implacável da resistência dos exploradores, estabelecimento de uma organização*

socialista da sociedade e a vitória do socialismo em todos os países”.

A Constituinte era controlada pelas forças que lutaram contra a revolução proletária, e ficaram acantonadas, diante das premissas que aboliam a propriedade privada da terra, estatizavam os bancos, e determinavam o armamento dos trabalhadores, e formação de um exército socialista de operários e camponeses, bem como o desarmamento dos exploradores. Bastavam esses preceitos iniciais da Declaração para provocar a ira dos contrarrevolucionários.

O passo seguinte, dado por Lênin, foi o de redigir a “Declaração do Grupo do POSDR (dos bolcheviques) na reunião da Assembleia Constituinte”. Eis a introdução: *“Uma enorme maioria da Rússia trabalhadora – operários, camponeses, soldados – exigiu da Assembleia Constituinte que reconhecesse as conquistas da Grande Revolução de Outubro: os decretos soviéticos sobre a terra, a paz e o controle operário e, sobretudo, o poder dos soviets de deputados operários, soldados e camponeses. O Comitê Executivo Central da Rússia, cumprindo a vontade da enorme maioria das classes trabalhadoras da Rússia, propôs que a Assembleia Constituinte deve declarar que se submete a essa vontade. No entanto, a maioria da Assembleia Constituinte, de acordo com as pretensões da burguesia, rechaçou a proposição, lançando um desafio a toda a Rússia trabalhadora”.*

Explica: *“A Assembleia Constituinte, por sua composição atual, é o resultado da correlação de forças existentes antes da Grande Revolução de Outubro. A atual maioria contrarrevolucionária da Assembleia Constituinte, eleita de acordo com velhas listas partidárias, reflete um período anterior da revolução, e procura obstaculizar o caminho do movimento operário e camponês”.*

E conclui: *“Não desejando encobrir, nem por um minuto, os crimes dos inimigos do povo, anunciamos que nos retiramos da Assembleia Constituinte, para que o poder soviético tome a decisão definitiva acerca da atitude diante do setor contrarrevolucionário da Assembleia Constituinte”.*

A retirada dos bolcheviques da Assembleia Constituinte indicou que esse organismo da democracia burguesa nasceu morto. Alimentá-lo, significava dar vida aos inimigos da revolução, que expropriava os latifúndios, impunha a nacionalização das terras, estatizava o capital financeiro, e estabelecia o controle operário da produção. Esses primeiros passos tinham de ser firmados por meio da democracia soviética, para avançar a luta pela expropriação geral da burguesia e constituição das bases socialistas.

O “*Projeto de Decreto sobre a Dissolução da Assembleia Constituinte*” foi publicado no Pravda, em 22 de janeiro de 1918. Lênin o apresentou na reunião do CCP, em 6 de janeiro. Na mesma noite desse dia, foi aprovado no CEC. Principais aspectos: *“A revolução na Rússia, desde o seu início, colocou em primeiro plano os soviets de deputados operários, soldados e camponeses, como a única organização de massa, de todas as classes trabalhadoras e exploradas, capaz de dirigir a luta destas classes por sua completa emancipação política e econômica. (...) A Assembleia Constituinte, portanto, que devia ser a culminação da república parlamentar burguesa, forçosamente ia se transformar em um obstáculo no caminho da Revolução de Outubro e do poder soviético”*.

A Assembleia Constituinte, ao rejeitar a “Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado” se contrapôs à República Soviética da Rússia. Por esse motivo, o Comitê Executivo Central (CEC) decidiu pela dissolução da Assembleia Constituinte. *“A Assembleia Constituinte é dissolvida e a República revolucionária soviética triunfará a qualquer preço”* – são as últimas palavras de Lênin, pronunciadas no “*Discurso sobre a dissolução da Assembleia Constituinte na reunião do CEC de toda a Rússia*”.

II Congresso dos Sovietes de toda a Rússia

Concluímos a exposição sobre a Assembleia Constituinte. A sua dissolução foi consequência lógica da revolução proletária. Não havia lugar para um organismo da democracia burguesa. Nesse mesmo embate com mencheviques e socialistas revolucionários de direita, Lênin e a direção revolucionária do novo poder se viram diante da tarefa de firmar o governo de aliança operária e camponesa, portanto, o Estado operário. Derrubada a burguesia do poder, abria-se o processo de expropriação da grande propriedade, e sua transformação em propriedade social. Esse passo exigia dar início à reorganização da economia em novas bases. Imperavam as necessidades mais elementares e a fome.

Os capitalistas, que continuavam manejando parte dos negócios, especulavam, sabotavam as transformações, e procuravam meios para derrotar a revolução. A guerra civil não havia ainda terminado. A guerra imperialista continuava destroçando a Europa. A pequena burguesia proprietária resistia alargar a ruptura entre o velho regime, que morria, e o novo, que nascia. A vanguarda revolucionária e o destacamento mais avançado do proletariado, no entanto, haviam elevado sua compreen-

são do momento histórico. Os sovietes e novos organismos de controle econômico constituíam pilares da democracia operária, sobre os quais se assentava a ditadura do proletariado, o governo operário e camponês e o embrião do Estado operário.

Os inimigos declarados da revolução tinham de ser firmemente reprimidos. Não podia ser tolerada a liberdade para as forças da reação, que encarnavam a guerra civil contrarrevolucionária. O Conselho de Comissários do Povo “*declara o Partido dos Cadetes como um partido dos inimigos do povo, e determina a prisão dos membros dos organismos dirigentes desse partido e a vigilância dos Sovietes sobre o partido em seu conjunto, o CEC confirma a necessidade de combater de maneira mais resoluta a contrarrevolução burguesa, encabeçada pelo partido Cadete, que iniciou uma encarnizada guerra civil contra as bases da revolução operária e camponesa*”. Essa resolução, de 3 de dezembro de 1917, foi um importante marco na firme disposição de enfrentar os inimigos burgueses com todas as armas, expressando a existência da ditadura do proletariado.

Assinalamos, também, a ação decisiva do II Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia e do Conselho de Comissários do Povo, que reconheceram a República Popular da Ucrânia e o seu direito à autodeterminação. Diz o “Manifesto ao Povo da Ucrânia, com um ultimato à Rada Ucrâniana”: “*Nós, do Conselho de Comissários do Povo, reconhecemos, desde já, sem restrição, nem reservas, tudo quanto se refira aos direitos nacionais e à independência nacional do Partido Ucrâniano*”. A Rada Central da Ucrânia organizava as forças burguesas por detrás do nacionalismo, fundada em abril de 1917, se alinhou com o governo provisório, ainda que soubesse que este se opunha ao direito à autodeterminação da Ucrânia. Com a vitória da revolução, tentou-se transformar em governo de uma “*República Popular da Ucrânia*”, passou a organizar a contrarrevolução, e concluiu como instrumento do imperialismo alemão. Acabou sendo esmagada na guerra civil, em janeiro de 1918, pelas tropas soviéticas. Com essa decisão, Lênin aplicava coerentemente a diretriz marxista do direito à autodeterminação da nação oprimida.

O ponto de partida de todos os problemas estava em dirigir a classe operária, no sentido de controlar a produção, e elevá-la à condição de dirigente do novo Estado. O partido, como vanguarda revolucionária, concentra o programa e a teoria das transformações socialistas, que devem ser encarnados pelos explorados em luta por sua emancipação. Essa premissa, que norteou o bolchevismo, havia se comprovado com

a derrubada do poder burguês. Agora, tinha de se firmar implantando a sua ditadura de maioria oprimida, e erguendo o Estado operário. Já não se tratava mais do triunfo da revolução, mas de sua defesa diante da contrarrevolução.

Nesse sentido estratégico, é de grande transcendência um breve comunicado à imprensa, de 4 de dezembro de 1917, intitulado “*Informe sobre a situação econômica dos operários de Petrogrado e as tarefas da classe operária, pronunciado na reunião da Sessão operária do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado*”. Eis suas primeiras palavras: “*A revolução de 25 de outubro mostrou a extraordinária maturidade política do proletariado, e sua capacidade para enfrentar com firmeza a burguesia. Mas, a vitória completa do socialismo exige um esforço colossal de organização, impregnado da consciência de que o proletariado deve ser a classe dominante*”. Em síntese, Lênin demonstra que somente é possível sustentar o governo operário e camponês tendo por base o controle do proletariado sobre a economia e seu Estado. Afirma, sob a nova situação, o fundamento de que o partido é um instrumento do proletariado.

Para vencer, e não ser vencido, Lênin formula a essência da resposta: “*(...) Quanto mais profunda é a revolução, tanto mais se exigem trabalhadores ativos, que levem a cabo a substituição do capitalismo pelo aparato do socialismo. Para isso, é insuficiente a força da pequena burguesia, inclusive quando não haja sabotagem. A tarefa só pode ser cumprida, apoiando-se nas massas populares, com sua iniciativa. Por isso, não se deve pensar em melhorar, neste momento, a própria situação; há que pensar em se transformar em classe dominante. Não se pode esperar que o proletariado rural seja consciente, clara e firmemente de seus interesses. Isso unicamente pode fazer a classe operária, e cada proletário, consciente da grande perspectiva, deve sentir-se dirigente, e levar por trás de si as massas. O proletariado deve chegar a ser a classe dominante, no sentido de ser o dirigente de todos os trabalhadores e a classe que domina politicamente. É preciso lutar contra a falsa ideia de que somente a burguesia pode dirigir o Estado. O proletariado deve assumir a direção do Estado*”.

Para que a classe operária se constituísse em “*classe dominante*”, era imprescindível iniciar imediatamente a “*batalha decisiva no plano econômico*”. Lênin reconhece, assim, que “*as tarefas de organizar a produção*”, recaíam, inteiramente, “*sobre a classe operária*”. Conclui que “*as massas operárias devem organizar o controle e a produção em mais ampla escala, em todo o país*”.

A ditadura do proletariado

Expusemos a tese central de Lênin sobre a derrubada da burguesia do poder do Estado, e a tarefa do proletariado de se tornar a classe dominante. Ou seja, constituir a ditadura do proletariado. A revolução resolve o primeiro objetivo programático, que é o de vencer a burguesia, depois de inúmeras batalhas entre as duas classes antagônicas. A estratégia da ditadura do proletariado tão somente guia o partido, de maneira a não se desviar do caminho, e garantir a vitória da maioria oprimida. Determina, portanto, a tática por todo um período histórico, e expressa a concepção marxista da luta de classes. A única experiência anterior da luta de classes, que resultou na derrocada da burguesia, foi a Comuna de Paris, de 1871. Lênin foi quem mais assimilou, entre os bolcheviques, a fundamentação de Marx e Engels sobre a ditadura de classe em geral e a ditadura de classe do proletariado, em particular.

Com a tomada do poder, o proletariado, aliado aos camponeses, desintegrou a ditadura de classe da burguesia. A constituição do governo operário e camponês se deu sobre os escombros do Estado burguês. Sem esse aparato de dominação – seu principal pilar são as Forças Armadas e a polícia –, a burguesia perde o controle do funcionamento econômico. No entanto, somente deixará de ser uma ameaça à revolução, se a classe operária erguer um novo Estado, que lhe permita exercer transitoriamente a sua ditadura de classe. O partido do proletariado, que foi a vanguarda da revolução, tem à sua frente a tarefa de desenvolver a capacidade dos ex-escravos assalariados em senhores da construção do socialismo. Somente a classe operária organizada, assentada na democracia coletiva, no caso, a democracia soviética, tem como passar ao seu controle as relações de produção, impulsionando a transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social.

Em dezembro de 1917, a classe operária apenas engatinhava nesse sentido. A burguesia, que ainda conservava capacidade de resistir, por meio de determinados grupos, contando com a indisposição de camadas da pequena burguesia, apostava no prejuízo de que os explorados não seriam capazes de dirigir o Estado, e de se ocupar da produção e distribuição. Observamos o esforço de Lênin para derrotar ideológica e praticamente essa resistência, que, se não fosse quebrada, potencializaria a contrarrevolução. As vozes burguesas e pequeno-burguesas disseminavam a ideia de que já se passavam dois meses da revolução e reinava a desordem.

Lênin responde, no breve artigo *“Aqueles que temem a derrubada do velho, e aqueles que lutam pelo novo”*, que, no curto espaço de tempo, já se havia dado os primeiros passos ao socialismo. Eis: *“Não vê quem não quer, ou quem é incapaz de avaliar o vínculo dos acontecimentos históricos. Não querem ver que, em poucas semanas, foram quase totalmente destruídas as instituições não democráticas no exército, nas aldeias e nas fábricas. Não há outro caminho – não pode haver outro caminho – para o socialismo, que não seja por meio dessa destruição. Não querem ver que, em poucas semanas, em lugar da mentirosa política exterior imperialista, que prolongava a guerra e encobria o saque e as conquistas com tratados secretos, há uma política verdadeiramente revolucionária e democrática, que se esforça por alcançar uma paz realmente democrática, uma política que já alcançou um grande êxito prático, como é o armistício, e aumentado cem vezes o poder de propaganda de nossa revolução. Não querem ver que o controle operário e a nacionalização dos bancos começaram a pôr em prática, e que são os primeiros passos ao socialismo”*.

E continua: *“Não podem compreender a perspectiva histórica, aqueles que se acham esmagados pela rotina do capitalismo, estremecidos pela derrubada estrondosa do velho, pelo rugido, pelo ruído, pelo ‘caos’ (aparente caos) das estruturas seculares do czarismo e da burguesia, que se destroçam e afundam; atemorizados pela extrema agudização da luta de classes e sua transformação em guerra civil, a única guerra legítima, a única justa, a única sagrada – não no sentido clerical, mas humano –, a guerra sagrada dos oprimidos, para derrubar os opressores e libertar os trabalhadores de toda opressão. Em essência, todos esses derrotados, estremecidos e atemorizados burgueses, pequeno-burgueses e ‘servidores da burguesia’, frequentemente, estão submetidos, sem perceber, por aquela velha, absurda, sentimental e vulgar ideia intelectualóide de ‘implantar o socialismo’, que adquiriram de ‘ouvido’, aos pedaços da teoria socialista, repetindo as tergiversações dessa teoria confeccionada por ignorantes e semieruditos, e atribuindo, aos marxistas, a ideia e até o plano de ‘implantar’ o socialismo”*.

E continua: *“A nós, marxistas, estas ideias, para não falar dos planos, são alheias. Sempre soubemos, falamos e destacamos, que não é possível ‘implantar’ o socialismo, que este se desenvolve no curso da mais intensa, da mais aguda luta de classes – que atinge o ápice da impaciência e do desespero – e da guerra civil; que entre o capitalismo e o socialismo há um longo processo de ‘dores do parto’; que a violência sempre é a parteira da velha sociedade; que o período de transição da sociedade burguesa à sociedade*

socialista corresponde a um estado especial (isto é, a um sistema especial de coerção organizada contra uma classe determinada), isto é, a ditadura do proletariado. E a ditadura pressupõe, e significa, um estado de guerra latente, um estado de medidas militares de luta contra os inimigos do poder proletário. A Comuna de Paris foi uma ditadura do proletariado, e Marx e Engels reprovaram aquilo que consideravam como uma das causas de sua derrota, isto é, que a Comuna não havia utilizado com suficiente energia sua força armada para esmagar a resistência dos exploradores”.

O novo que se abria com a revolução aturdiu e amedrontou os “socialistas”, que se negaram a reconhecer a ditadura do proletariado como estratégia histórica. No período revolucionário, a combateram com a política oportunista de conciliação de classes. No período que se abria pós-revolução, continuaram a combatê-la. Lênin, ao contrário, dirigiu os bolcheviques, expondo e explicando que, sem a estratégia da ditadura do proletariado, não era possível concluir a revolução, e, agora, não era possível construir o socialismo.

III Congresso dos Sovietes de toda a Rússia

Relatamos a posição confiante de Lênin sobre a capacidade de a classe operária controlar a produção e a distribuição, pondo em marcha os primeiros passos da construção socialista. Nesse mesmo sentido, relatamos a luta de Lênin para pôr em pé o Estado operário e, conseqüentemente, colocar para os explorados a tarefa de constituir a ditadura do proletariado.

Na seqüência desses acontecimentos, realizou-se, em janeiro de 1918, o III Congresso dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses de Toda a Rússia, em Petrogrado. Participaram 317 soviets, 110 comitês do exército e outras organizações militares. No início de seus trabalhos, contavam-se 707 delegados, entre eles 441 bolcheviques. Logo mais, foram recebidos delegados do III Congresso de Sovietes de Deputados Camponeses de Toda a Rússia. No final, o congresso estava composto de 1.587 delegados. A mesa foi constituída por 10 bolcheviques, 3 socialistas revolucionários de esquerda, e um representando os socialistas de direita e mencheviques. Como convidados, participaram membros do Partido Social-democrata da Suíça, Romênia, Suécia e Noruega, bem como o Partido Socialista Britânico, e o Partido Socialista Operário dos Estados Unidos. O socialista John Reed, jornalista de relatou os momentos decisivos da revolução, refletidos na obra “Os 10 dias que abalaram

o mundo”, saudou o III Congresso dos Sovietes. Esse fato indicou os reflexos internacionais da tomada do poder pelos bolcheviques.

Depois do informe de I. M. Sverdlov, encarregado de apresentar as atividades do Comitê Executivo Central (CEC) de toda a Rússia, Lênin dissertou sobre os trabalhos do Conselho de Comissários do Povo (CCP). As críticas partiram dos mencheviques e socialistas de direita. Os informes do CEC e do CCP foram aprovados por ampla maioria. O Congresso se encarregou da Declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado, apresentada por Lênin. Os opositores foram amplamente rechaçados. As discussões se deram em torno à questão das nacionalidades, do sistema federativo das repúblicas soviéticas, da paz e lei sobre a socialização da terra. Foi eleito o novo CEC de toda a Rússia, com a seguinte composição: 160 bolcheviques, 125 socialistas de esquerda, 2 social-democratas internacionalistas, 3 anarquistas, 7 socialistas revolucionários maximalistas, 7 socialistas revolucionários de direita e 2 mencheviques.

Reproduzimos em detalhe essas informações, devido à importância histórica do III Congresso dos Sovietes de Deputados operários, soldados e camponeses de toda a Rússia. Nele, se formalizou a fundação da República Socialista, sob a forma de uma federação de repúblicas soviéticas. Eis por que a “Declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado” serviu de fundamento para a posterior aprovação da Constituição do Estado soviético.

Destacamos algumas passagens do discurso de Lênin de encerramento do congresso, em 18 de janeiro. *“Camaradas: antes do encerramento do III Congresso dos Sovietes, devemos afirmar com toda a imparcialidade o papel histórico que desempenha este Congresso na história da revolução internacional, na história da humanidade. Pode dizer-se, com incontestável fundamento, que o III Congresso dos Sovietes abre uma nova época da história mundial, e que cresce a consciência de seu significado nestes tempos de revolução mundial. Este Congresso consolidou a organização do novo poder estatal criado pela Revolução de Outubro, e marcou o caminho da futura construção socialista para todo o mundo, para os trabalhadores de todos os países”*.

“Aqui, na Rússia, na esfera da política interna, está definitivamente reconhecido o novo sistema da República Socialista Soviética, como federação de repúblicas livres das diferentes nações que povoam a Rússia. E, agora, é evidente para todos, e estou seguro, que até para nossos inimigos, que o novo sistema, o poder dos soviets, não é uma invenção, nem uma manipulação

do partido, mas sim o resultado do desenvolvimento da própria vida, o resultado da revolução mundial, que está tomando forma espontaneamente. Recordem que todas as grandes revoluções tenderam, invariavelmente, a destruir, até os alicerces, o velho sistema capitalista, e não somente tenderam a conquistar direitos políticos, mas também arrancar a própria direção do Estado das mãos da classe dominante, de todos os exploradores e opressores dos trabalhadores, para pôr fim para sempre a toda exploração e opressão. As grandes revoluções aspiram destruir o velho aparato estatal explorador, mas isso até agora não foi conseguido. A Rússia, em virtude das particularidades de sua situação econômica e política, foi a primeira em conseguir a passagem do poder estatal para as mãos dos próprios trabalhadores. Agora, sobre um caminho cheio de obstáculos históricos, construímos o sólido e luminoso edifício da sociedade socialista. Pela primeira vez na história, se criou um novo tipo de poder estatal, destinado, pela vontade da revolução, a eliminar do mundo a exploração, a opressão e a escravidão”.

Dois aspectos se ressaltam no III Congresso dos Sovietes. Primeiro, quanto à representação partidária. A democracia soviética expressou as forças políticas que, de uma maneira ou de outra, guardavam relações com o proletariado e camponeses. A constituição do novo CEC deu a dimensão da importância da presença de posições contrárias ao bolchevismo, mas que se identificaram com o processo geral da revolução. Os bolcheviques puderam rechaçar as críticas pequeno-burguesas e pró-burguesas, por meio da autoridade política e da democracia proletária. Segundo, as resoluções que estabeleceram os fundamentos iniciais do Estado operário e das transformações socialistas.

A importância do II e III Congressos dos Sovietes de toda a Rússia

Vimos a importância estratégica do III Congresso dos Sovietes de toda a Rússia. É necessário, porém, retroceder ao II Congresso de Toda Rússia dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados. A sua realização se deu no mesmo dia da revolução, 25 de outubro, concluindo-se no dia seguinte. Teve início às 22h40min, e encerrado no dia 26, por volta das 6h da manhã. O anfiteatro do Smolni, em Petrogrado, foi tomado por 649 delegados, 390 bolcheviques, 160 socialistas revolucionários, 72 mencheviques e 14 mencheviques internacionalistas. A fração direita dos mencheviques e socialistas revolucionários defenderam a constituição de um governo de coalizão, caracterizando a revolução como um

golpe. A oposição renhida começou por não aceitar compor a mesa dos trabalhos, indicando o não reconhecimento dos soviets como órgão da democracia operária e da revolução. O fato dos bolcheviques deterem a maioria dos delegados, e a sua defesa de constituição de um governo revolucionário, fizeram com que mencheviques e socialistas revolucionários se retirassem do Congresso. Essa posição contrarrevolucionária foi abafada e escorraçada por volta das 4h da manhã, do dia 26 de outubro, com a notícia de que o Palácio de Inverno e o que restava do governo provisório caíram.

Triunfava a revolução, e se erguia, no II Congresso dos Sovietes, o novo governo. Aprovou-se o Manifesto, redigido por Lênin, “Aos operários, soldados e camponeses!”. Formou-se o Conselho de Comissários do Povo (CCP), e o Comitê Executivo Central de toda a Rússia (CEC). Lênin assumiu a presidência do CCP. Esses dois organismos de direção, assentados nos soviets, deram início à formação do governo operário e camponês, expressão governamental da ditadura do proletariado. Como se vê, a impossibilidade dos mencheviques e socialistas revolucionários de integrarem o governo se deveu ao fato de se colocarem contra a tomada do poder, e defenderem um governo burguês de coalizão.

Lênin expôs as tarefas iniciais: 1) paz democrática a ser proposta às nações envolvidas na guerra mundial, começando por um armistício. Veremos que a questão da paz ganhará um enorme vulto nas discussões internas, aos bolcheviques e ao novo governo; 2) expropriação sem indenização das terras dos latifundiários, e sua entrega aos comitês camponeses; 3) controle operário da produção; 4) abastecimento do País; 5) garantia do direito de autodeterminação; 6) convocação da Assembleia Constituinte, a ser marcada; 7) implantação total da democracia no exército. Essas tarefas constam do Manifesto “Aos Operários, Soldados e Camponeses”.

Em seu informe sobre a paz, Lênin expõe, na forma de decreto, “O governo operário e camponês, surgido da revolução de 24 e 25 de outubro, e que se apoia nos soviets de deputados operários, soldados e camponeses, chama todos os povos beligerantes e seus governos a iniciarem negociações imediatas para uma paz justa e democrática”. Uma paz justa e democrática tinha por conteúdo uma “paz imediata, sem anexações, isto é, sem conquistas de territórios alheios, sem incorporação violenta de nações estrangeiras, e sem indenização”. (...) “O governo considera que continuar essa guerra pela partilha, entre as nações fortes e ricas, das nacionalidades débeis,

por elas conquistadas, é o maior crime contra a humanidade, e proclama solenemente sua resolução de firmar imediatamente as condições de paz que ponham fim a esta guerra, nas condições indicadas, que são justas igualmente para todas as nacionalidades, sem exceção”. (...) “O governo declara, ao mesmo tempo, que, de modo algum, considera como ultimatum as condições de paz anteriormente mencionadas, em outras palavras, que está disposto a considerar quaisquer outras condições de paz, e insiste somente que sejam apresentadas o mais rapidamente possível, por qualquer país beligerante, e que, nas proposições de paz, deve haver absoluta clareza, e a total ausência de ambiguidades e segredo” (...) “O governo suprime a diplomacia secreta, e manifesta sua firme intenção de pôr em prática todas as negociações abertamente, à vista de todo o povo; imediatamente, começará a publicar integralmente os tratados secretos, apoiados ou negociados pelo governo dos latifundiários e capitalistas, desde fevereiro, até 25 de outubro de 1917. O governo decide pela anulação incondicional e imediata de todas as cláusulas desses tratados secretos, que tendam – como acontece na maioria dos casos – a proporcionar vantagens e privilégios aos latifundiários e capitalistas russos, e à retenção ou ampliação das anexações realizadas pelos grão russos”.

Entre suas considerações sobre a questão da paz, depois de ouvir o debate, Lênin explica a importância da parte da resolução que se refere ao não condicionamento ultimata da proposição de paz pelo governo revolucionário. Argumenta que os governos poderiam se valer do caráter do ultimato para se negar a discutir a paz. O importante era tornar conhecida, ao povo, todas as condições que viessem a ser colocadas na mesa de negociação. Fundamenta seu raciocínio na necessidade de enfrentar os governos beligerantes com as condições propostas pelo governo proletário, e que esses justificassem suas posições, diante de seus próprios povos. Todas as cláusulas que pressupõem saques e violência devem ser rejeitadas, mas se deve “*aceitar com satisfação tudo que contenha disposições para o estabelecimento de relações de boa vizinhança e todos os tratados econômicos*”. Por meio de um armistício de três meses, seria possível constituir um ambiente de discussão da paz. Era importante que não apenas o povo russo fizesse sua discussão, mas também o povo dos demais países. Mesmo o tempo estipulado para o armistício não deveria ser um ultimato. Na luta para trazer os governos à mesa de negociação, era importante evidenciar o caráter criminoso daqueles que não aceitassem o armistício. Não era correta a objeção de que seria um sinal de debilidade não apresentar a posição como um ultimato.

Nesse ponto, Lênin faz uma consideração decisiva. *“A burguesia não reconhece como forte um Estado a não ser quando este possa, fazendo uso de todo o poder do aparato governamental, lançar o povo aonde os governos burgueses desejam lançá-lo. Nossa concepção de força é distinta. Acreditamos que um Estado é forte quando o povo tem consciência política. É forte quando as massas estejam inteiradas de tudo, possam formar opinião sobre tudo, e fazê-lo conscientemente”*. De fato, o Estado capitalista se apoia inteiramente na burguesia, perante a qual respondem todas as instituições; o Estado operário se apoia integralmente nas massas trabalhadoras, perante as quais as instituições criadas pela revolução têm de responder.

Paz de Brest-Litovsk

Lênin fez, no II Congresso dos Sovietes, a defesa veemente de que era preciso chegar a um acordo com a Alemanha, como condição para evitar o avanço das tropas inimigas, e o esmagamento da revolução russa. Abriu-se uma importante divergência na direção dos bolcheviques, e com as demais correntes. Lênin saiu vitorioso, mas teve de superar seu isolamento inicial. Conseguiu a maioria diante dos acontecimentos, que lhe foram dando razão.

A Conferência de Paz de Brest-Litovsk teve início em 9 de dezembro de 1917. Do lado da aliança imperialista, participaram Alemanha, Áustria-Hungria, Bulgária e Turquia. A delegação da Rússia soviética apresentou uma declaração sobre a proposta de paz, orientada por Lênin. Logo se verificou que a Alemanha manobrou diplomaticamente nessa primeira sessão, para, em janeiro de 1918, exigir condições de entrega territorial da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e da Polônia. Essa ofensiva era esperada por Lênin, que reconhecia a extrema dificuldade do recém-criado Estado operário de se manter na guerra. O que potenciou a divergência interna e externa ao bolchevismo. As *“Teses sobre o problema da imediata negociação de uma paz em separado e anexionista”*, escrita por Lênin, definiu, com absoluta clareza, os fundamentos tático e estratégico, que seriam decisivos aos passos seguintes para a negociação da paz.

Em 17 de janeiro, a delegação russa, liderada por Trotsky, reiniciou as discussões em Brest-Litovsk. Mais uma vez, as negociações se frustraram, e a delegação russa não teve como assinar o tratado de paz. Lênin manteve a posição de que era imperativo continuar insistindo nas nego-

ciações. Nesse momento, suas Teses se mostravam inequivocamente de acordo com a marcha dos acontecimentos. Em 19 de fevereiro, o governo revolucionário concordou em assinar o tratado de paz, aceitando as condições anexionistas. Somente em 23 de fevereiro, o governo alemão respondeu, depois de suas tropas avançarem sobre o território russo, impondo mais exigências. A prepotência das forças imperialistas elevou os embates no interior do partido bolchevique. Lênin tinha consolidado uma maioria, que lhe permitiu convencer o Comitê Executivo Central (CEC) e Conselho de Comissários do Povo (CCP) a aceitarem as exigências da Alemanha. Em 3 de março, foi assinado o acordo de paz. O IV Congresso Extraordinário dos Sovietes, realizado entre 14 e 16 de março, aprovou o acordo de Brest-Litovsk, depois de o Partido Bolchevique ter aprovado a linha de Lênin, no VII Congresso. Em novembro de 1918, caiu Guilherme II, Kaiser da Alemanha, o que possibilitou a anulação do acordo. Esse desfecho expôs, definitivamente, a grandeza de Lênin como dirigente máximo do Partido Bolchevique, da revolução e da constituição do Estado operário.

Em meio às negociações com a Alemanha e ao embate interno com a oposição, encabeçada por Bukharin, que fincou o pé contra concessões e defendia resistir com a *“guerra revolucionária”*, Lênin publicou o artigo *“A fraseologia revolucionária”*, Pravda, 21 de fevereiro de 1918. Assim é definida: *“A fraseologia revolucionária é a repetição de consignas revolucionárias, sem levar em conta as circunstâncias objetivas em um dado momento, em um estado de coisas existente nesse momento. As consignas são excelentes, brilhantes, exaltam os ânimos, mas carecem de fundamento, essa é a essência da fraseologia revolucionária”*. Lênin ressalta que, se a fraseologia revolucionária fosse posta em prática, levaria à derrocada da revolução. A definição dessa conduta política vem acompanhada de uma explicação de sua origem. Eis: *“A fraseologia revolucionária, com maior frequência, é uma enfermidade de que padecem os partidos revolucionários, em momentos quando constituem, direta ou indiretamente, uma combinação, aliança ou entrelaçamento de elementos proletários e pequeno-burgueses, e quando o curso dos acontecimentos revolucionários está marcado por bruscas e grandes mudanças”*.

Não havia como o Estado operário travar a guerra revolucionária contra a Alemanha e aliados, na situação em que o exército se desmobilizava e o exército vermelho, criação da revolução, ainda era embrionário, estando regido pelo *“princípio da voluntariedade”*. Assim, Lênin

concluiu que “*o velho exército não existe; e o novo exército apenas começa a se formar*”. Não sendo possível pôr em prática a “*guerra revolucionária*”, a consigna se mostra vazia, retórica e, puramente, proselitista. Recorre ao exemplo histórico da revolução burguesa na França, em que as condições materiais estavam maduras, enquanto na revolução proletária na Rússia se dava apenas um passo para erguer “*o novo sistema econômico, superior ao organizado capitalismo de Estado da Alemanha, tecnicamente bem equipada*”.

Um argumento sensível diz respeito ao internacionalismo proletário. Bukarin e seus partidários acreditavam que, somente com a “*guerra revolucionária*”, se estaria “*ajudando a revolução alemã a resistir ao imperialismo*”. Lênin responde: “*Qualquer tipo de ‘resistência’ ao imperialismo alemão ajuda a revolução alemã? Qualquer um que se preocupe em pensar um pouco, ou então recordar a história do movimento revolucionário na Rússia, compreenderá facilmente que somente uma adequada resistência à reação ajuda a revolução. Durante meio século do movimento revolucionário na Rússia, presenciamos e conhecemos inúmeros exemplos de inadequada resistência à reação. Nós, os marxistas, nos orgulhamos sempre de saber determinar, por meio de uma rigorosa análise da força das massas e da relação de classes, se tal ou qual forma de luta é adequada. Temos dito que uma insurreição nem sempre é adequada; se não existem entre as massas as necessárias condições prévias, é uma aventura. A miúdo, temos condenado as formas mais heroicas de resistência individual, como inadequadas e prejudiciais, do ponto de vista da revolução. Em 1907, sobre a base de uma amarga experiência, rechaçamos como inadequada a resistência em participar da III Duma, etc.*”.

Lênin explica que, enquanto não se reunirem forças para desenvolver “*um choque militar ou insurrecional aberto*”, a maneira de ajudar a revolução alemã se limitava à propaganda, agitação e confraternização. O contrário, uma aventura da Rússia revolucionária não ajudaria os operários alemães e favoreceria os seus inimigos. Estava claro que aceitar um tratado desvantajoso de paz decorria da consciência de que ainda não estavam dadas as condições para lançar a “*guerra revolucionária*”. No caso de se tornar impossível a paz em separado, estará colocada imediatamente a continuidade da luta, “*não porque será uma tática justa, mas porque não teremos outra saída*”.

Rejeição à fraseologia revolucionária

Expusemos a crítica de Lênin a Bukharin e seus partidários, que não aceitavam a proposição de paz em separado com a Alemanha, e advogavam a tese de reagir com a “guerra revolucionária”. Mostramos a importância do princípio marxista sobre a tática, desenvolvido em seu artigo “A Fraseologia Revolucionária”. Teve importância também a resistência de Trotsky à proposição de Lênin sobre a paz. Ocupou um lugar intermediário entre Lênin e Bukharin. Trotsky acreditava que a melhor atitude seria a de não assinar um tratado de paz nas condições exigidas pela Alemanha, e declarar o fim da guerra por parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

No “*Discursos sobre a guerra e a paz na reunião do CC do POSDR(b)*”, de 11 de janeiro de 1918, Lênin assim resume as distintas posições. Eis o relato da ata: “*Lênin começa por expor os três pontos de vista que se colocaram na reunião anterior: 1) firmar uma paz por separado anexionista; 2) travar uma guerra revolucionária, e 3) declarar que a guerra terminou, desmobilizar o exército, mas não assinar a paz. Nessa reunião, o primeiro ponto de vista obteve 15 votos; o segundo, 32 e o terceiro, 16*”. Observa-se a vitória estrondosa dos ultraesquerdistas. A proposição de um acordo, inclusive, foi derrotada pela proposição de não assinar nenhum acordo. Lênin, portanto, tinha pela frente um duro embate contra as duas proposições adversárias. O desenvolvimento das discussões indicou que o maior obstáculo estava na resistência de Bukharin e seus partidários. A tese da “guerra revolucionária” não condizia, absolutamente, com a capacidade do recém-nascido Estado operário, de combater a Alemanha por essa via. A posição de Trotsky, de fato, não ameaçava a de Lênin. O problema é que sua inconsequência poderia ser prejudicial para uma paz em condições ainda mais difíceis. Essa era a explicação de Lênin. Diz: “*O que propõe o camarada Trotsky – terminar a guerra, negarmos a firmar a paz, desmobilizar o exército – é uma demonstração política internacional. (...) Se os alemães iniciam a ofensiva, nos veremos obrigados a firmar qualquer tratado de paz, então, como é natural, esse será pior*”.

A mesma ata relata “*O camarada Lênin indica que em certos pontos não está de acordo com Stalin e Zinoviev, com cujo pensamento coincide em geral. É evidente que, no Ocidente, existe um movimento de massa, mas a revolução ali ainda não começou. No entanto, se modificássemos nossa tática por esse motivo, trairíamos o socialismo internacional. Não está de acordo*”.

com Zinoviev quando afirma que um acordo de paz debilitaria por um tempo o movimento no Ocidente. Se estivéssemos seguros de que, no caso de ruptura das conversações de paz, o movimento alemão pudesse se desenvolver imediatamente, teríamos de nos sacrificar, porque a revolução alemã seria muito mais poderosa que a nossa”.

No “*Discurso na sessão vespertina do CC do POSDR (b)*”, de 18 de fevereiro de 1918, Lênin voltou a insistir contra a tática de retardar a assinatura de um acordo, e a rechaçar a tese da “guerra revolucionária”. Reafirma: “*Proponho declarar que estamos dispostos a aceitar a paz que os alemães nos ofereceram ontem. Se a isso eles agregam agora a não intervenção nos assuntos da Ucrânia, Finlândia (...), também aceitaremos inquestionavelmente*”. Observa-se que Lênin vai às últimas consequências na tese de que um acordo que sacrificasse, inclusive a autodeterminação da Polônia, era a única possibilidade de evitar a ofensiva alemã, e a derroca da do Estado operário pela contrarrevolução imperialista.

No artigo “*Para uma história de uma paz infortunada*”, de 7 de janeiro de 1918, Lênin faz a seguinte consideração: “*(...) nenhum marxista, sem renunciar aos princípios do marxismo e do socialismo em geral, pode negar que os interesses do socialismo estão acima dos interesses do direito das nações à autodeterminação. Ao impedir que a Alemanha esmagasse a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, se garantiria a continuidade da luta pela autodeterminação*”. Nesse mesmo artigo, Lênin mostra que, no período da revolução, diante da guerra imperialista, o bolchevismo desenvolveu a linha do “derrotismo” contra a própria burguesia imperialista. E que a vitória do proletariado mudou as condições. Tratava-se de assumir o defensismo revolucionário, perante a guerra imperialista, voltada contra o Estado soviético e o socialismo.

As dificuldades e protelação de um acordo em Brest-Litovsk, que davam margens à Alemanha para impor condições mais duras a URSS, potenciavam os conflitos entre as três posições, principalmente, as de Lênin e Bukharin. Em 23 de fevereiro de 1918, se realizou uma reunião do Comitê Central, justamente para discutir as novas exigências da Alemanha. Abria-se nova oportunidade para a arremetida dos ultraesquerdistas, e ensejava o desacordo de Trotsky. Segundo a ata, Lênin considerou que estava esgotada “*a política da fraseologia revolucionária*”. Não se podia alterar a posição, agora, majoritária, em favor de um acordo, mesmo em condições terríveis, como as concretamente apresentadas pelo imperialismo alemão. O relato dessa ata informa que Lênin se colocou

pela sua retirada do governo e do CC, se não se mantivesse a proposição do acordo. Em referência à oscilação de Stalin, Lênin diz que: *“se equivoca quando diz que pode não se firmar”*. E conclui: *“é preciso firmar nessas condições. Se não as firmarmos, firmaremos a sentença de morte do poder soviético, de agora a três semanas”*. Na reunião do dia seguinte, a ata relata que Trotsky se colocou por renunciar ao cargo do Comissariado do Povo de Relações Exteriores. Lênin se opôs. Finalmente, venceu a posição de Lênin. Trotsky conservou a confiança de Lênin e deu sequência às negociações em Brest-Litovsk. Essa ata indica a profundidade que alcançou a crise no seio da direção do partido.

Entre 6 e 8 de março de 1918, realizou-se o VII Congresso do Partido Comunista da Rússia (PC(d)R). Foi ratificado o acordo de paz com a Alemanha, qualificado de “duro e humilhante”. Trotsky propôs uma emenda *“que proibia o governo soviético de firmar a paz com a Rada Central da Ucrânia, e com o governo burguês da Finlândia”*. Foi rechaçada por Lênin, com o argumento de que *“nestes momentos, não devemos atar as mãos de nenhum modo”*. A emenda, segundo Lênin, expressava a divergência, tanto dos *“partidários de um curso intermediário, quanto aqueles que não aceitavam de maneira alguma o acordo”*. Assim se concluía a divergência.

VII Congresso do PC(b)R

O VII Congresso se realizou entre 6 e 8 de março de 1918. Foi o primeiro, depois da revolução Outubro de 1917. Sua convocação, quatro meses após a tomada do poder pelos bolcheviques, estava repleta de comoções. As divergências em torno à paz de Brest-Litovsk, que se iniciaram na segunda metade de dezembro de 1917, percorreram janeiro e fevereiro de 1918, cujo acordo foi assinado em 3 de março, desembocaram no VII Congresso. Foi o primeiro embate pós-revolução que estremeceu o partido bolchevique. A posição de Lênin, que, no início do processo de negociação com as forças militares do imperialismo, esteve em minoria, e que passou a ser maioria no transcurso do acirrado embate com Bukharin e Trotsky, chegou ao Congresso triunfante. A importância de sua discussão e aprovação dos fundamentos táticos elaborados por Lênin passavam, assim, a constituir um fator fundamental na nova etapa de constituição do programa bolchevique. Eis por que constaram do Congresso, a revisão do programa e a mudança do nome do partido.

No *Informe Político do Comitê Central*, Lênin assenta o marco dos novos problemas programáticos que o partido e o recém-nascido Estado soviético teriam de enfrentar. Eis: *“A revolução socialista está em uma situação completamente distinta. Quanto mais atrasado é o país que, devido aos vaivéns da história, foi o que começou a revolução socialista, mais difícil é para esse país passar das velhas relações capitalistas às relações socialistas”*. Esse marco consta de dois problemas fundamentais, de um lado, o caráter da revolução em um país de capitalismo atrasado; de outro, o cerco imperialista. Em síntese: 1) *“A diferença entre uma revolução socialista e uma revolução burguesa está em que, no segundo caso, existem formas estabelecidas de relações capitalistas, enquanto que o poder soviético, proletário, não herda essas relações estabelecidas, assim não conta com as formas mais desenvolvidas do capitalismo, que, estritamente falando, abarcavam apenas uma pequena camada superior da indústria, e chegavam insignificadamente na agricultura”*; 2) *“Se conseguimos acabar tão facilmente com os bandos de Kerenski, se instauramos com tanta facilidade o poder em nosso país, se obtivemos sem a menor dificuldade decretos sobre a socialização da terra e o controle operário, se tudo isso foi tão fácil, se deveu somente a uma afortunada combinação de circunstâncias, que nos protegeu do imperialismo internacional por pouco tempo. O imperialismo internacional, o poderio de seu capital, com sua máquina militar altamente organizada, que representa uma verdadeira força, um verdadeiro baluarte do capital internacional, em nenhum caso, em nenhuma situação, pode viver ao lado da República Soviética, tanto pela sua situação objetiva, como pelos interesses econômicos da classe capitalista que o encarnava (...). Aqui, o conflito era inevitável. Aqui reside a maior dificuldade da revolução russa, seu maior problema histórico: a necessidade de resolver os problemas internacionais, a necessidade de defender a revolução mundial, a necessidade de passar nossa revolução, como revolução limitadamente nacional, à revolução mundial”*.

As formulações dirigidas às tarefas imediatas, como início do processo de transição do capitalismo ao socialismo, nas condições de país atrasado, e às estratégicas, voltadas à luta mundial do proletariado, constituíam a base para a reformulação do programa original, que levou os bolcheviques ao poder. A transformação qualitativa da situação e as grandiosas tarefas internas e externas impunham também mudanças no próprio partido. As divergências assumiam outras características, distintas do período pré-revolucionário. Havia, portanto, que observar a relação entre a revisão do programa e o funcionamento partidário.

Explica Lênin: *“A garantia de que não nos destroçamos em torno aos problemas está em que, em vez de aplicar os velhos métodos de resolver as velhas diferenças entre grupos, o velho método de editar uma quantidade enorme de escritos, de ter muitas discussões e cisões, em lugar desse velho método, os acontecimentos nos deram um novo método de aprender esse método. Esse método é o de submeter tudo à prova dos fatos, dos acontecimentos, das lições da história mundial (...). Devemos estar preparados para dificuldades extraordinárias, para derrotas extraordinariamente graves, que são inevitáveis, porque a revolução na Europa ainda não começou, ainda que possa começar amanhã; e, quando começar, então, naturalmente, não estaremos atormentados por dúvidas, já não se colocará o problema de uma guerra revolucionária, somente haverá uma ininterrupta marcha triunfal (...). O que agora ocorre não se parece com as velhas discussões pré-revolucionárias, que ficaram dentro dos estreitos círculos partidários, agora, todas as resoluções são submetidas à discussão das massas, que pedem que sejam comprovadas pela experiência, pelos fatos, que nunca se deixam levar por frases fáceis, nem se deixam desviar do caminho traçado pelo curso objetivo dos acontecimentos”.*

Revisão do programa

Concluímos, aqui, a exposição do VII Congresso. Foram discutidas e aprovadas as mudanças no nome do partido e no programa. Lênin lembrou que, desde abril de 1917, havia colocado em discussão a substituição do nome Partido Operário Social Democrata Russo (POS DR) para Partido Comunista da Rússia, considerando que era *“cientificamente incorreto o nome de Partido Social Democrata”*. Retomava a questão no Congresso, agregando entre parênteses o nome bolchevique, ficando PC(b)R. Explica: (...) *“Ao iniciar as transformações socialistas, devemos ter uma clara concepção do objetivo para o qual estas transformações estão, finalmente, dirigidas, isto é, a criação de uma sociedade comunista, que não se limita à expropriação das fábricas, da terra e dos meios de produção, nem a estabelecer um restrito registro e controle da produção e distribuição dos produtos, mas que vá mais longe, para a realização do princípio: de cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo suas necessidades”*.

A discussão sobre o programa se deu, principalmente, entre Lênin e Bukharin, que propunha a retirada da parte teórica que correspondia ao programa anterior. E substituí-la por uma que não analisasse o desenvolvimento da produção mercantil e do capitalismo. Bukharin ad-

vogava que apenas se considerasse a etapa do capitalismo imperialista e a transição para a época da revolução social. Lênin refuta: *“Parece-me que seria teoricamente incorreto eliminar o velho programa, que analisa o desenvolvimento desde a produção mercantil até o capitalismo. Não há nada de incorreto nisso. Assim foram as coisas, e assim são agora, pois, a produção mercantil engendrou o capitalismo, e o capitalismo conduziu ao imperialismo”*.

Essa divergência dizia respeito à compreensão da própria revolução em um país de capitalismo atrasado, como a Rússia. Eis: *“Hoje, em nosso país, na Rússia, nos achamos apenas na primeira etapa de transição do capitalismo ao socialismo. (...) Somente demos os primeiros passos, para nos livrar do capitalismo e começar a transição ao socialismo. Não sabemos e não podemos saber quantas etapas de transição ao socialismo haverá. Isso depende de que comece a revolução socialista europeia, e que derrote seus inimigos, e ingresse no caminho aplainado do desenvolvimento socialista, fácil e rapidamente, ou com lentidão. Não sabemos isso, e o programa de um partido marxista deve fundamentar-se nos fatos estabelecidos com absoluta precisão. (...) Também é um fato evidente (...) que o imperialismo inicia a etapa da revolução social. Ao assinalar esse fato em nosso programa, levantamos, diante do mundo inteiro, a bandeira da revolução social, não como um discurso de agitação, mas como um programa novo (...)”*.

Em síntese, Lênin contesta a tentativa de Bukharin, de abandonar os fundamentos do programa anterior que mantinham sua validade, mas que deveriam ser atualizados, com o ingresso do capitalismo na época do imperialismo. Lênin continua sua explicação: *“Tal é a base, que considero como a única teoricamente correta, para estruturar um programa. Deixar de lado, como se se tratasse de resíduos, a análise da produção mercantil e do capitalismo, é algo que não pode decorrer do caráter histórico dos acontecimentos atuais, porque não fomos mais além dos primeiros passos, na transição do capitalismo ao socialismo, e em nosso caso, isso se complica, devido a certas particularidades da Rússia, e que não existem na maioria dos países civilizados. Assim, não só é possível, senão inevitável, que, na Europa, essas etapas de transição sejam diferentes; e seria teoricamente incorreto fixar toda a atenção nas etapas nacionais e específicas de transição, que, para nós, são essenciais, mas, na Europa, podem não ser. Devemos começar com a base geral do desenvolvimento da produção mercantil, da transição ao capitalismo e da transformação do capitalismo em imperialismo. Dessa forma, ocuparemos e consolidaremos uma posição teórica, da qual ninguém, sem*

trair o socialismo, pode desviar-nos. Daqui surge uma conclusão, também inevitável: inicia-se a era da revolução social”.

Desse aspecto geral da discussão, Lênin passa a explicar a questão do Estado, tendo em vista que a revolução havia instituído o Estado soviético. A Comuna de Paris assentou o marco inicial dessa discussão. Os revisionistas haviam deturpado a teoria marxista do Estado, cujas confusões deveriam ser desfeitas. Distintamente do que se passou com a Comuna de Paris, a revolução russa estabeleceu uma base sólida da edificação de um novo Estado. Era preciso uma fundamentação mais rigorosa da caracterização do Estado: *“Portanto, isso é a prova do que é considerado teoricamente indiscutível: que o poder soviético é um novo tipo de Estado, sem burocracia, polícia e exército regular, um Estado em que a democracia burguesa foi substituída por uma nova democracia, uma democracia que coloca em primeiro plano a vanguarda das massas trabalhadoras, que legisla, executa e responde pela defesa militar, e cria um aparato que pode reeducar as massas”.*

Teoricamente, assim, estava colocada, mas, na *“Rússia esse processo apenas começou e começou mal. Se somos conscientes do que está mal naquilo que começamos, podemos superar, sempre que a história nos permita trabalhar um tempo conveniente, nesse poder soviético. Por isso, me parece que a definição de novo tipo de Estado deve ocupar, em nosso programa, um lugar de destaque. (...) O Estado é um aparato repressivo. É necessário reprimir os exploradores, mas não é possível fazê-lo com a polícia; as próprias massas devem realizar essa tarefa. O aparato deve estar ligado às massas, deve representá-las, como fazem os soviets. (...) O poder soviético é o aparato que permitirá às massas começar imediatamente a aprender a governar o Estado, e a organizar a produção em escala nacional. (...) É uma tarefa gigantesca e difícil. Mas, o socialismo não pode ser realizado por uma minoria, pelo partido. Pode ser realizado somente por milhões, quando tenham aprendido a fazê-lo”.*

Observa-se o empenho de Lênin em lançar luz sobre o problema fundamental do Estado soviético, que é o seu controle pelas massas, e a utilização de suas funções no processo de transição do capitalismo ao socialismo. Era preciso deixar claro a tese de que *“o socialismo não pode ser realizado por uma minoria, pelo partido”.*

Como Lênin não teve condições de redigir uma proposta de programa, defendeu que os fundamentos, por ele expostos no VII Congresso, fossem aprovados em suas linhas gerais, e conduzidos a uma comissão de redação.

A luta contra o ultraesquerdismo

Demonstramos a derrota final das posições de Bukharin e Trotsky sobre o acordo de Brest-Litovsk. Indicamos, a diferenciação que Lênin fazia de um e outro oponente, bem como a importância de Trotsky na condução das negociações com a Alemanha e aliados imperialistas. Tínhamos, também, mostrado a aprovação final do acordo pelo IV Congresso Extraordinário de Toda a Rússia dos Sovietes, realizado entre 14 e 16 de março de 1918. O IV Congresso dos Sovietes confirmou a direção incontestável dos bolcheviques e, em particular, a liderança de Lênin.

O embate se deu não só contra os delegados dos socialistas revolucionários, mencheviques e outros agrupamentos opositores, como também com os “comunistas” de esquerda, constituídos como uma fração no interior da direção do partido bolchevique. Em princípio, essa fração não poderia se opor uma vez que foi minoria e tinha de seguir a linha da maioria. Seus delegados apresentaram um documento a parte denunciando que a paz defendida por Lênin comprometia a revolução. Os socialistas revolucionários de esquerda - esse partido se dividia em três frações, de esquerda, centro, direita - fizeram um informe, depois do apresentado por Lênin. A delegação bolchevique obteve 784 votos, a frente opositora, 261, e se abstiveram, 115. Terminada a votação, os socialistas revolucionários de esquerda se demitiram do Conselho de Comissários do Povo.

O enfrentamento ao ultraesquerdismo deixou importantes lições partidárias. Lênin se viu obrigado a emitir uma “*Nota sobre a conduta dos comunistas de esquerda*”, que provavelmente foi escrita entre 8 e 18 de março de 1918, segundo informa as Obras Completas. Diz: “*Alguns camaradas que se auto intitulam ‘comunistas de esquerda’, assim que se confirmou a paz de Brest, se colocaram na oposição no partido e, conseqüentemente, sua atividade adentra cada vez mais em uma violação totalmente desleal e inadmissível da disciplina partidária. (...) O camarada Bukarin recusou aceitar o cargo de membro do CC para o qual foi designado pelo congresso partidário. Os camaradas Smirnov, Obolenski e Iákoyleva abandonaram seus postos de comissários do povo e administrador do Conselho Superior de Economia Nacional. (...) Esse procedimento é totalmente desleal, não corresponde a camaradas e viola a disciplina partidária; semelhante conduta foi e será um passo à cisão, da parte dos camaradas nomeados (...).*”

Na introdução de seu informe, Lênin fundamenta a tática sobre a base dos acontecimentos que levaram à revolução proletária. Explica: *“Parece-me que a principal fonte do desacordo sobre esse assunto entre os partidos soviéticos é que algumas pessoas se deixam levar facilmente pelo sentimento de uma justa e legítima indignação com a derrota da República Soviética pelo imperialismo, que se deixam levar facilmente, às vezes, pelo desespero e em vez de considerar as condições históricas do desenvolvimento da revolução, tal como se deram até o momento da paz atual, e como se perfilaram depois da paz, em vez disso, procuram responder aos problemas relativos à tática da revolução, baseando-se em um sentimento intuitivo. No entanto, toda a história das revoluções nos ensinam que, quando se trata de um movimento de massa ou da luta de classes, especialmente, como a que se desenvolve na atualidade, não unicamente em um só país - ainda que seja um país enorme -, mas que abarca todas as relações internacionais, em tal caso, devemos basear nossa tática, primeiro e antes de tudo, na avaliação da situação objetiva, devemos examinar de maneira analítica o curso da revolução até o momento, e o motivo pelo qual se tornou tão ameaçador, tão agudo e tão desvantajoso para nós”*.

Lênin, então, passa a demonstrar que a questão de Brest-Litovsk faz parte de todo um processo. Indica *“que o caminho percorrido pela revolução, desde fins de fevereiro de 1917 até 11 de fevereiro do ano em curso, quando se inicia a ofensiva alemã, foi em geral, um caminho de êxitos fáceis e rápidos”*. E conclui: *“Se estudássemos o desenvolvimento dessa revolução em escala internacional, mas somente do ponto de vista da revolução russa, veremos que no último ano passamos por três períodos”*. Em síntese, no primeiro período, *“a classe operária da Rússia, juntamente com os camponeses avançados (...), apoiados não só pela pequena burguesia, mas também pela grande burguesia, varreu, em poucos dias, a monarquia”*. No segundo período, *“inclui a derrota de julho e o levante de Kornilov, e só mediante a experiência da luta de massas, só quando as massas operárias e camponesas se convenceram (...) da total inutilidade da conciliação pequeno-burguesa, somente então estava preparado o terreno para a Revolução de Outubro; só então a revolução russa entrou no terceiro período de sua etapa inicial, uma etapa de isolamento, de separação transitória da revolução mundial”*.

O terceiro período comparecia como o mais difícil, precisamente, devido ao isolamento mundial da revolução e à ofensiva do imperialismo alemão contra a Rússia soviética. O acordo de Brest-Litovsk constituía a primeira derrota significativa. No entanto, era a única possibilidade real

de ganhar tempo para reordenar as forças proletárias e camponesas para enfrentar a contrarrevolução, encarnada pelo imperialismo. Os acontecimentos posteriores deram inteira razão a Lênin.

Desdobramentos da crítica ao ultra esquerdismo

Concluimos as formulações de Lênin sobre a paz forçada de Brest-Litovsk. Nos dias 9, 10 e 11 de maio de 1918, Lênin publicou, no Pravda, o folheto *“Infantilismo ‘de esquerda’ e a mentalidade pequeno-burguesa”*. Respondia ao lançamento da revista *“Kommunist”*, de 20 de abril de 1918, órgão do grupo de ‘comunistas de esquerda’, que havia combatido suas posições em torno à questão da paz de Brest. Lênin analisa de conjunto a publicação, expondo a forte presença do subjetivismo e a ausência de análise baseada na realidade. Inicia o folheto indicando que *“é um bom costume marxista fazer uma exposição coerente e completa dos princípios que fundamentam as ideias e a tática próprias”*. A dispersão da revista *“Kommunist”* refletia a ausência de sólida argumentação sobre o acordo de Brest, e as tarefas da construção do socialismo. Não havia dúvida de que o acordo de Brest foi realizado sob a forte pressão de uma situação completamente desfavorável ao recém-constituído Estado soviético.

Não se pode formular uma posição desconhecendo as forças em choque. Refutando o subjetivismo e palavreado esquerdista, Lênin conclui: *“No entanto, nossos comunistas ‘de esquerda’, que também gostam de se chamar comunistas ‘proletários’, porque têm pouco de proletários, e têm muito de pequeno-burgueses, são incapazes de pensar na correlação de forças, de calculá-la. Esta é a essência do marxismo e da tática marxista, mas eles, depreciativamente, põem de lado a ‘chave’ com ‘altissonantes’ frases como a seguinte: ... ‘A raiz da inoperante ‘mentalidade de paz’ nas massas é um fato objetivo da situação política...’*. Lênin insiste no perigo da fraseologia, das ideias pré-concebidas. O que indica a ausência de política própria. Diz Lênin: *“Explicarei, estimados amigos, por que lhes ocorre esta desgraça: porque vocês dedicam mais esforços em aprender de memória as consignas revolucionárias que a compreendê-las”*. Exemplifica com a posição do derrotismo da própria burguesia em meio à guerra imperialista, que guiou a linha dos bolcheviques em oposição ao defensismo chauvinista. A revolução proletária modifica completamente a linha do partido diante da guerra. Agora se justifica o defensismo revolucionário. Os esquerdistas não conseguiam observar a mudança de uma situação para outra.

A questão de Brest, porém, estava suficientemente resolvida, Lênin se viu obrigado a retomá-la, em função da divergência sobre as tarefas imediatas da economia. Os “comunistas de esquerda” criticavam a condução de Lênin quanto à política interna, afirmando que era preciso *“a mais decidida política de socialização”*. Consideravam que havia um desvio para “o capitalismo de Estado”. Assim, não analisavam e, portanto, não compreendiam, que a expropriação da burguesia e a socialização não se davam de maneira automática, mecânica. Lênin afirma que, nas condições em que se encontrava a República Soviética, *“o capitalismo de Estado seria um passo adiante”*. Consolidaria o processo de transição ao socialismo.

Três aspectos ressaltam na crítica de Lênin aos erros econômicos de seus opositores. Primeiro, não compreendem a natureza da transição do capitalismo ao socialismo; segundo, não reconhecem a pequena burguesia como a principal inimiga do socialismo, uma vez que a burguesia estava derrotada; terceiro, não conseguem notar a diferença econômica entre o Estado Soviético e o Estado burguês. Eis a argumentação de Lênin: *“Provavelmente, nenhuma pessoa, ao estudar o problema do sistema econômico da Rússia, negou seu caráter transitório. Provavelmente, nenhum comunista negou que a expressão República Socialista Soviética pressupõe a decisão do poder soviético de realizar a transição ao socialismo, e de nenhum modo que o novo sistema econômico pudesse ser considerado socialista”*. Era necessário, portanto, considerar o processo de transição baseado no entrelaçamento de *“diferentes tipos de estrutura econômico-social”*.

A realidade indicava a composição entre elementos como a economia camponesa natural (patriarcal), a pequena produção mercantil, o capitalismo privado, o capitalismo de Estado e o socialismo. Nessas condições da estrutura econômica, predominava o elemento pequeno-burguês. O capitalismo de Estado se manifestava na existência de determinados monopólios exercidos pelo poder estatal, entre eles o monopólio dos cereais. A poderosa presença dos pequenos produtores de mercadorias, portanto, de pequenos agricultores, se destacava diante dos demais fatores. Dessa análise, Lênin chega à seguinte premissa: *“Não é o capitalismo de Estado que luta contra o socialismo, mas a pequena burguesia e o capitalismo privado, que lutam tanto contra o capitalismo de Estado como contra o socialismo”*.

A especulação com cereais e a sabotagem do capital privado compareciam como uma trava à organização da economia em transição. A pequena propriedade, pequena produção, especulação e sabotagem constituíam a principal força de resistência às medidas econômicas do Estado Soviético.

A questão se colocava nos seguintes termos: *“Ou submetemos a pequena burguesia ao nosso controle e registro (e podemos fazê-lo, se organizarmos os pobres, ou seja, a maioria da população, os semiproletários, em torno à vanguarda proletária politicamente consciente), ou será inevitável que eles derrotem nosso poder operário, tal como afundaram a revolução os Napoleão e os Cavaignac, que surgem justamente neste terreno de pequenos proprietários”*.

Nota-se que a aplicação da política econômica da fase de transição se processaria por meio da luta de classes. A posição dos esquerdistas levava água no moinho das forças contrárias às transformações socialistas.

Discussão sobre o capitalismo de Estado

Apresentamos parte do documento *“Infantilismo de Esquerda”*. Como se tratava de divergências em torno à política econômica, às considerações sobre as classes sociais, à necessidade de a classe operária assumir o comando do Estado e da economia, e que passos deveriam ser dados no impulso ao socialismo, concluiremos a sua exposição.

Lênin insistia na necessidade de se ter o recenseamento e o controle das atividades econômicas exercidas pelos pequenos proprietários e por grupos capitalistas, que sobreviveram à expropriação dos meios de produção. O mais preocupante era a existência de milhões de camponeses, que compunham a pequena burguesia agrária. A sua tendência era a de potenciar a economia de mercado e, assim, forçar caminho no sentido contrário ao das forças produtivas condicionadas pelas relações de propriedade social. Os conflitos do Estado operário com a vasta massa camponesa —, que controlava a produção agrária, carregando em seu seio o camponês rico (kulaks), em meio à economia de guerra, em que a produção industrial se encontrava profundamente debilitada — evidenciaram a capacidade dos pequenos proprietários de sabotarem as novas relações de produção e, assim, fortalecerem os proprietários ricos.

Lênin, portanto, caracterizava as contradições do momento: *“Sabemos, perfeitamente, que a base econômica da especulação é a camada dos pequenos proprietários, extraordinariamente vasta na Rússia, e o capitalismo privado, que tem um agente em cada pequeno burguês. Sabemos que milhões de tentáculos dessa hidra pequeno-burguesa se agarram, aqui ou ali, a diversos setores operários, e que a especulação penetra em todos os poros de nossa vida econômica-social, no lugar do monopólio do Estado”*. Essa formulação sofreu resistência dos esquerdistas, que acusavam Lênin de recorrer ao capitalismo de Estado. Lênin explicava que os comunistas de esquerda se

colocavam em palavras como “*inimigos implacáveis da pequena burguesia*”, mas que, na prática, não só auxiliavam a pequena burguesia, como também as forças do capitalismo privado a condenarem e a combaterem o “*capitalismo de Estado*”. Nessa empreitada, criavam obstáculos para se impor o controle e o registro sobre essa classe, que não aceitava o avanço da economia coletiva, e caminhava no sentido do capitalismo privado.

Lênin concluía: “*O pequeno burguês que entesoura suas posses é um inimigo do capitalismo de Estado. Quer empregar seus recursos exclusivamente para si, contra os pobres, contra a todo o controle estatal; a soma de dinheiro em sua posse constitui a multimilionária base da especulação, que socava nossa edificação socialista*”. (...) “*O poder estatal se encontra nas mãos dos operários, eles têm a completa possibilidade jurídica de ‘tomar’ integralmente essa riqueza, sem entregar nenhum só kopek que não seja para uma finalidade socialista. Essa possibilidade legal, apoiada em passos efetivos do poder aos operários, constitui um elemento de socialismo*”.

Nota-se que não se tratava de uma discussão abstrata sobre capitalismo de Estado e socialismo. De um lado, a classe operária, por meio de seu partido e dos soviets, estava com o poder do Estado em suas mãos, Estado esse que já não era capitalista, e sim Estado operário. O problema estava em que nas condições concretas da economia arruinada pela guerra e pelo enorme peso das atividades econômicas agrárias, sob o controle da pequena burguesia, se tornava inevitável a utilização de medidas típicas de Estado capitalista.

Vejamos essa fundamentação: “*Os pequenos proprietários e o capitalismo privado socavam por muitos meios essa posição legal, introduzem a especulação, entorpecem o cumprimento dos decretos soviéticos. O capitalismo de Estado seria um gigantesco passo adiante, inclusive se (...) pagamos mais que agora, porque vale a pena pagar pela ‘aprendizagem’, porque é útil para os operários, porque o mais importante é a vitória sobre a desordem, a ruína econômica e a inércia; porque, caso continue a anarquia do pequeno-proprietário, é o maior e o mais sério perigo, que, inquestionavelmente, nos fará sucumbir (se nós não o vencemos), enquanto que o pagamento de um tributo maior ao capitalismo de Estado, não só não nos fará sucumbir, senão que nos levará ao socialismo pelo caminho mais seguro. Quando a classe operária tiver aprendido a defender o sistema estatal contra a anarquia do pequeno proprietário, quando aprender a organizar a grande produção em escala nacional, tomando como base os princípios do capitalismo do Estado, terá em suas mãos – perdoem a expressão – todos os triunfos e a consolidação*”.

do socialismo estarão assegurados”.

A divergência e as explicações de Lênin colocavam às claras as enormes dificuldades em desenvolver as forças produtivas socialistas em um país atrasado, como a Rússia. Distintamente seria, se o proletariado tivesse tomado o poder na Alemanha e transformado a sua base econômica. O desenvolvimento capitalista alemão não seria possível sem o capitalismo de Estado. Nessa potência, predominava a “*moderna técnica capitalista e a organização planificada, subordinada ao imperialismo junker-burguês*”. A revolução proletária na Alemanha, portanto, contaria com o extremo avanço das forças produtivas e do capitalismo de Estado. O que não era possível na Rússia, que conservava vários modos de produção, e um Estado monárquico.

Economia de guerra

Concluimos a discussão em torno às medidas econômicas de capitalismo de Estado. Em meados de 1918, agravava a crise econômica e alastrava a fome. O acordo de Brest-Litovsk havia dado um fôlego ao governo soviético, uma vez que não tinha de responder à invasão do imperialismo alemão. Assim, poderia se dedicar mais às questões internas, embora não pudesse se descuidar das externas. A miséria e a fome serviam às forças burguesas que resistiam à consolidação da revolução. A fração dos “comunistas de esquerda”, mencheviques, socialistas de esquerda e anarcossindicalistas faziam oposição à política econômica elaborada por Lênin, como fizeram quanto ao acordo de Brest-Litovsk.

A retenção dos excedentes de cereais e alimentos pelos camponeses ricos resultava em mais miséria e fome nos centros urbanos, amplamente sentidos em Petersburgo e Moscou. O que exigia não apenas romper o boicote do camponês rico como estabelecer um monopólio de reservas estatais de cereais e alimentos. Sem que se abastecesse a população das necessidades primárias de existência não era possível estabilizar a situação interna e vencer a guerra defensiva. Não havia outro meio senão enviar destacamentos militares ao campo para quebrar a barreira de resistência montada pela burguesia camponesa. E cobrar os impostos que sonegavam. Tratava-se, evidentemente, de medidas emergenciais, nas condições em que ainda persistiam a guerra civil e o imperialismo mantinha o cerco a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O fundamental estava em travar o combate para unir os pobres do campo por detrás das diretrizes do governo socialista e derrotar o camponês rico (kulaks).

Na discussão “*Sobre os armazenamentos de víveres autônomos*”, Lênin formula a questão de fundo: “*Todos os operários e camponeses famintos devem compreender que unicamente mediante o esforço comum, organizando milhares dos melhores operários em destacamentos de abastecimentos comuns, unicamente pondo em movimento as forças unidas, combinadas, comuns, de massa, dos operários para combater pela ordem, pelo pão, se pode vencer a fome e a desordem, e derrotar os especuladores e kulaks*”.

A proposta de se fazer armazenamentos autônomos e separados se opunha à orientação centralista de Lênin, que considerava o autonomismo um perigo para o abastecimento e a própria revolução, cujos resultados seriam “*a desorganização e a desagregação*”. O projeto de Lênin, discutido com representantes das organizações ferroviárias, transporte por água, e os representantes dos operários das fábricas metalúrgicas e do sindicato dos operários ferroviários, foi no sentido contrário ao do autonomismo. Conclui: “*Recrutar os melhores e mais fiéis operários, de cada mil operários e empregados, em destacamentos para constituir uma força combatente de toda classe operária, para restabelecer a ordem, para ajudar a vigilância, para armazenar os excedentes de cereais, para a vitória completa sobre os especuladores: unicamente nisto está a salvação*”. Esse projeto foi aprovado em 29 de maio de 1918, pelo Conselho de Comissários do Povo (CCP). A sabotagem dos kulaks, a miséria e a fome exigiam medidas circunstanciais de estado de exceção, próprias de uma situação de guerra.

Em um esboço “*Teses sobre a situação atual*”, Lênin estabelece 12 pontos que deveriam ser aplicados emergencialmente por três meses. Entre eles, declarar estado de sítio, mobilizar o exército, implantar o fuzilamento por indisciplina, organizar a campanha militar pelo armazenamento de cereais e alimentos, implantar responsabilidade coletiva de todo o destacamento, condenando qualquer caso de pilhagem, utilizar o monopólio dos cereais, para desenvolver ajuda aos pobres do campo, implacável repressão aos kulaks que retenham excedentes de cereais. No ponto 12, consta a seguinte orientação: “*Aprovar no Conselho de Comissários do Povo e no Comitê Executivo Central o seguinte: a) reconhecimento do estado de greve período do país quanto ao abastecimento de víveres; b) estado de sítio; c) mobilização do exército, junto com sua reorganização no sentido anterior indicado, para a campanha pelos cereais; d) elaborar em seguida, em cada distrito e subdistrito onde existem excedentes de cereais, uma lista de ricos proprietários de terras (kulaks), de comerciantes de cereais, etc. tornando-os pessoalmente responsáveis pela recoleta de todos os excedentes de*

cereais ; e) designar para cada destacamento militar - ainda que não seja mais de um para cada dez homens, aproximadamente, - as pessoas recomendadas pelo PCR, socialistas revolucionários de esquerda ou sindicatos”.

Essas medidas de guerra emergiam, como se nota, das ameaças que ofereciam a resistência dos kulaks em abastecer os centros urbanos. Caso se prolongassem a sabotagem, a miséria e a fome, levariam, inevitavelmente, ao levante das massas e ao descrédito no governo revolucionário. Lênin expõe cruamente a condições concretas, econômicas e sociais, extrai um diagnóstico de classe, propõe medidas duras e centralizadoras e apresenta o método da ação política. Evidencia aos organismos dirigentes do Estado operário, aos soviets, às organizações sindicais, ao partido bolchevique e às demais forças políticas, que se tratavam de medidas transitórias da ditadura do proletariado contra os kulaks e todos aqueles que se negavam a derrotar os sabotadores e inimigos do socialismo.

Tática diante do campesinato

Expusemos as “Teses sobre a situação atual”, em que Lênin apresenta 12 pontos emergenciais de combate à fome. As forças contrarrevolucionárias se apoiavam no desespero dos camponeses pobres e da classe operária urbana, para promover as sabotagens e enfraquecer o governo revolucionário. Não havia outro caminho, a não ser impor medidas de guerra civil.

Em novembro de 1918, a direção do Partido Comunista Bolchevique Russo (PC(b)R) organizou uma reunião de militantes partidários, para discutir, compreender e pôr em prática a linha de defesa da revolução. Lênin apresentou um informe sobre a tática do proletariado diante dos democratas pequeno-burgueses, que haviam se afastado dos bolcheviques, devido ao acordo de Brest-Litovsk, em março de 1918, o que favorecia a oposição anticomunista. Nove meses depois, ocorria uma importante mudança na situação internacional, com a abertura de um processo revolucionário na Alemanha, em que se deu a anulação do tratado de Brest-Litovsk. Lênin avalia, por outro lado, como positivo para a União Soviética o enfraquecimento da capacidade do imperialismo anglo-francês-norte-americano de manter sua ofensiva contrarrevolucionária. O que evidenciava o caráter do imperialismo anglo-francês-americano ser *“tão repulsivo quanto o imperialismo alemão”*. Era importante desmascarar as ilusões pequeno-burguesas que distinguiam um imperialismo do outro, como se um fosse militarista, e o outro, democrático-pacifista.

Os acontecimentos na Alemanha possibilitaram romper o mais completo isolamento da revolução proletária, o que dava um respiro ao governo soviético. A nova conjuntura, portanto, facultava uma mudança na tática, e colocava novas tarefas. Vejamos essa síntese: *“O curso posterior dos acontecimentos nos colocou diante do problema da paz e da concertação da paz de Brest. Vocês sabem que a paz de Brest separou a pequena-burguesia de nós. Os democratas pequeno-burgueses se afastaram bruscamente de nós, devido a estas duas circunstâncias: nossa política exterior, que levou ao acordo de paz de Brest, por um lado, e nossa luta implacável contra as ilusões democráticas de um setor dos democratas pequeno-burgueses, em nossa luta implacável pelo poder soviético, por outro. Vocês sabem que, depois da paz de Brest, os socialistas revolucionários de esquerda começaram a vacilar; alguns se lançaram à aventura; outros se dividiram e continuam se dividindo. Mas, os fatos continuam sendo fatos. Naturalmente, não podemos duvidar, nem por um momento, nem por um segundo, que nossa política foi absolutamente justa”*.

Lênin se baseia no acerto da previsão de que não tardaria a se pôr em pé um movimento revolucionário na Alemanha, de um lado; e na confirmação da justeza da decisão de dissolver a Constituinte, por meio da qual os democratas pequeno-burgueses procuravam reunir forças contra a ditadura do proletariado, de outro. Diante da guerra imperialista, os bolcheviques tiveram de travar uma grande batalha contra o patriotismo. E o mesmo se passou diante da paz de Brest-Litovsk. Estava em questão a Revolução Russa, como parte da revolução mundial. Quanto à Constituinte, os democratas procuravam deter o exercício da ditadura do proletariado, em sua forma rigorosa. De maneira que o patriotismo e as ilusões democráticas pequeno-burguesas levariam algum tempo para serem dissolvidos.

Lênin observa uma mudança na conduta dos democratas pequeno-burgueses, que procuram uma reaproximação com o governo revolucionário. Entende que essa mudança pode ser favorável à solução das novas tarefas econômicas, e de construção do socialismo. Evidentemente, sem alimentar qualquer perspectiva nessa mudança, havia de se chegar a um acordo bem determinado e condicionado por princípios. Uma relação de *“boa vizinhança”* com as massas pequeno-burguesas, sob a ditadura do proletariado, favorecia o combate aos camponeses ricos (Kulaks), que agiam contra o triunfo da revolução. Era preciso, no entanto, uma clareza absoluta na aplicação da nova tática. Lênin explica que as relações de boa vizinhança e a neutralidade eram velharias, que não serviam à luta

pelo comunismo. Conclui: *“São trastes velhos e nada mais, mas devemos considerar esses trastes do ponto de vista prático. O único interesse se resumia às tarefas práticas da situação, sabendo que os democratas pequeno-burgueses não se tornariam comunistas”*.

A revolução abriu o caminho para a expropriação da burguesia e dos latifundiários. No entanto, se deparava com os pequenos e médios camponeses, que não podiam ser dissolvidos, transformando, por decreto, a pequena produção em grande produção socialista. O processo seria distinto daquele que expropriou e expropria pela violência revolucionária os grandes proprietários. Assim formula Lênin: *“Somente na medida em que triunfe o movimento proletário no campo, iremos passando, sistematicamente, à propriedade comum, coletiva, da terra, e à agricultura coletiva. Isso somente se pode realizar com respaldo do movimento puramente proletário no campo, e, neste sentido, há muito ainda o que fazer. É indubitável que somente a experiência prática, somente a realidade, nos mostrará como atuar de forma correta”*.

Transição do capitalismo para o socialismo e a estratégia internacional

Expusemos as considerações de Lênin, que constam do texto *“Reunião de ativistas do partido de Moscou”*, 27 de novembro de 1918. Em sua essência, se encontram as formulações da tática para a situação em que se transita, da guerra civil e dos perigos do intervencionismo imperialista, para as tarefas de edificação das bases socialistas da república soviética. Do período extenuante da guerra imperialista e da guerra civil, era preciso unificar em torno do proletariado os camponeses pobres, e, para isso, o governo soviético e o partido bolchevique teriam de dar passos no sentido de superar o maior de todos os perigos, que era a miséria e a fome. O que implicava, inicialmente, reconstituir as bases econômicas em grande medida comprometidas pela guerra.

Lênin dirigia inteira atenção às questões práticas, voltadas a movimentar a produção e a vida social, sob a perspectiva do socialismo. Mas, não descuidava da luta internacional do proletariado, em particular, na Europa. Insistia que a revolução mundial condicionava o desenvolvimento da revolução socialista na Rússia, que padecia do atraso econômico e social. Lênin repete a importância fundamental que foi a aplicação da tática de ganhar tempo, obtido com o acordo de Brest-Litovsk. O

fato de a pequena-burguesia, que tinha por expressão o menchevismo e o socialismo revolucionário, não mais poder se agarrar na *“ilusão de que os ingleses, os franceses e os norte-americanos representavam a verdadeira democracia”*, demonstrava que o regime soviético havia obtido uma importante vitória, que lhe permitia uma mudança tática, não mais apoiada, em grande medida, nos *“métodos da guerra”*.

Derrotados a burguesia e os latifundiários, bem como afastado o perigo imediato da ofensiva imperialista, tratava-se de unificar os pobres do campo em torno à política do proletariado, e deslocar os democratas pequeno-burgueses para as tarefas de reconstrução da economia. Diz Lênin: *“Seria melhor se não tivéssemos de construir o socialismo com os elementos que nos foram legados pelo capitalismo. Mas, essa é a dificuldade da construção socialista – temos de construir o socialismo com elementos completamente corrompidos pelo capitalismo. A dificuldade de transição é que está vinculada à ditadura que somente pode exercer uma classe: o proletariado. Por isso, dizemos que o proletariado dará o exemplo, quando tenha sido preparado e transformado em uma força de combate capaz de esmagar a burguesia. Entre a burguesia e o proletariado há uma grande quantidade de grupos transitórios, com os quais nossa política deve continuar agora os caminhos previstos em nossa teoria, e que agora estamos em condições de levar à prática. Temos de resolver uma série de problemas, chegar a uma série de acordos e indicar tarefas técnicas que nós, como poder proletário dominante, devemos saber estabelecer. Devemos saber demonstrar ao camponês médio uma tarefa: ajudar no intercâmbio de mercadorias e no desmascaramento do kulak; e outra, aos cooperativistas: eles dispõem do aparato para distribuir os produtos de forma massiva; portanto, devemos tomar posse desse aparato. Aos intelectuais, há que indicar outra tarefa completamente distinta; não podem continuar com sua sabotagem, e seu estado de ânimo é tal que, agora, adotam uma posição de boa vizinhança em relação a nós”*.

Explica: *“Estamos construindo nosso Estado com os elementos que o capitalismo nos deixou. Não podemos construí-lo, sem utilizar essa herança da cultura capitalista, que são os intelectuais. Agora, estamos em condições de tratar a pequena-burguesia como um bom vizinho, que se encontra sob o estrito controle do Estado. A tarefa do proletariado com consciência de classe é compreender que sua dominação não significa que seja ele mesmo quem deve realizar todas as tarefas. Quem pensa assim, não tem a menor noção de construção socialista, não aprenderam nada em um ano de revolução e de ditadura. Gente assim, ou melhor, que poderia fazer é ir à escola e aprender*

algo; mas quem aprendeu algo durante este período, dirá a si mesmo: esses intelectuais são pessoas que utilizaremos agora para a construção. Pois, tenho suficiente apoio no campesinato. E devemos recordar que somente nessa luta, em uma série de acordos e de acordos de prova, entre o proletariado e os democratas pequeno-burgueses, elaboraremos a série de acordos e de acordos de prova entre o proletariado e os democratas pequeno-burgueses, elaboraremos a forma de construção que conduzirá o socialismo”.

Lênin retorna a situação da revolução na Europa, para mostrar que a construção do socialismo, no período de transição, que predominava objetivamente na república dos soviets, dependia do desenvolvimento da luta de classes mundial. Argumenta: *“A revolução na Europa Ocidental, revolução que segue nosso exemplo, nos fortalecerá ... A revolução alemã se desenvolve da mesma forma que a nossa, mas em um passo mais veloz. Em todo o caso, nossa tarefa consiste em travar uma luta tenaz contra o imperialismo anglo-norte-americano. Precisamente, por que sente que o bolchevismo se tornou uma força mundial, trata de nos estrangular o mais rápido possível, com a esperança de combater primeiro os bolcheviques russos, e depois, aos próprios aliados”.*

Era, portanto, necessário fortalecer as bases da construção socialista, que se originaram da revolução de outubro de 1917. O êxito dependia também do acerto da política interna e da nova tática a ser aplicada.

Vimos a importância que Lênin dava à revolução proletária na Europa, para desenvolver a transição do capitalismo ao socialismo na República Soviética. De forma que assinala as novas condições favoráveis ao proletariado mundial, principalmente ao europeu, no pós-guerra.

Em março de 1919, redige o folheto *“Êxitos e Dificuldades do Poder Soviético”*, publicado, em Petrogrado, pelo Soviete de deputados operários e do Exército Vermelho. Lênin o introduz, referindo-se ao grande feito que foi a fundação da III Internacional. Assinala o significado histórico, tanto das conquistas teóricas como práticas, que se materializava no programa internacionalista. Parte da avaliação de que os soviets, que foram uma criação dos explorados na revolução russa, se haviam projetado mundialmente. Essa organização coletiva permitiu a conquista do poder e a constituição da ditadura do proletariado. Lênin alerta para o fato de se *“dedicar demasiada atenção aos pequenos detalhes da administração, e se esquecer da trajetória geral do desenvolvimento mundial de toda a ditadura proletária, sua evolução por meio do poder dos soviets, ou, mais exatamente, por meio do movimento soviético, em que as massas proletárias*

tateiam a busca dos soviets (...) e por meio da tentativa de conseguir a ditadura no interior dos soviets”.

Não há possibilidade de um triunfo definitivo do socialismo nos marcos da Rússia

A seguinte conclusão é de máxima importância, para se entender a profundidade da compreensão de Lênin sobre o caráter mundial da revolução socialista, que recém ocorria na Rússia. *“Não se pode alcançar um triunfo total e definitivo em escala mundial somente na Rússia. Isso unicamente poderá ser alcançado, quando o proletariado triunfar em todos os países adiantados, pelo menos, ou em alguns dos maiores e mais adiantados países. Somente então poderemos afirmar, com plena segurança, que a causa do proletariado triunfou, que nossa primeira meta – a derrocada do capitalismo – foi alcançada. Alcançamos esse objetivo em um só país e isso nos coloca uma segunda tarefa. Instaurado o poder soviético, derrubada a burguesia em um só país, a segunda tarefa é travar a luta em escala mundial, em outro plano: a luta do Estado Operário cercado por Estados capitalistas.*

Nota-se que Lênin se esforça para que os soviets e demais organizações, sobre as quais se assentava o governo revolucionário, sejam dirigidos pela vanguarda marxista com plena consciência de que a revolução de Outubro tão somente rompia um elo da cadeia mundial do capitalismo. A transição do capitalismo ao socialismo, portanto, não poderia triunfar, à margem da luta de classes e da revolução mundiais. A possibilidade da revolução em um determinado país estava comprovada, mas a construção do socialismo não seria possível no interior das fronteiras nacionais. As vitórias obtidas em um curto espaço de tempo não deveriam obscurecer a compreensão das tarefas internacionais, que condicionavam o desenvolvimento do socialismo na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

O fôlego obtido com a paz de Brest-Litovsk era passageiro. Havia que aproveitá-lo ao máximo, para fortalecer as organizações soviéticas, o que incluía a constituição de um novo exército, o Exército Vermelho. Passa à seguinte consideração: *“Enquanto existir o velho capitalismo, não é possível sair desta paz, porque a guerra acumulou tal quantidade de dívidas capitalistas, tal pilha de ruínas em todo o mundo capitalista, que não é possível sair sem desmoronar toda a pilha, iniciando assim uma avalanche”.*

O fato de se popularizar entre as massas a experiência dos soviets e da classe operária fazia com que a retomada da ofensiva no pós-guerra comparecesse como um perigo para a aliança imperialista vencedora. A União Soviética acirrava as contradições do capitalismo esgotado e em decomposição. Os países da Entente (aliança vencedora) estavam obrigados a *“descarregar sobre a Rússia suas dívidas, sua miséria, sua ruína; de saquear e estrangular a Rússia, para desviar, assim, a crescente indignação de suas massas trabalhadoras”*. Não havia dúvidas de que o poderio econômico e militar da aliança imperialista, que se denominava democrática, seria suficiente para vencer. No entanto, a União Soviética contava a seu favor com a poderosa força do proletariado europeu e mundial, que combatia as brutais consequências da guerra. Tratava-se de fortalecer as condições econômicas internas e impulsionar o internacionalismo proletário.

Lênin se mostrava confiante, mas sabia perfeitamente das fraquezas internas, que ainda persistiam no processo recém-iniciado de transição ao socialismo. Era preciso avaliar, com método, a correlação de forças, e agir com precisão, em função da previsão de que avançava a revolução mundial. As tarefas de política internacional ganhavam, cada vez mais, importância decisiva. No momento, o inimigo mais importante não era tanto a Alemanha derrotada, mas a aliança vencedora. Eis: *“O imperialismo alemão se desmascarou por completo como saqueador. Mas, o mais importante é que, também na América do Norte e na França, nestas famosas democracias (...), as mais avançadas do mundo, nestas repúblicas, o imperialismo, dia a dia, se torna mais insolente, e encontramos ali aves de rapina mais ferozes que em nenhuma outra parte. Saqueiam o mundo, disputam entre si, e se armam uns contra os outros”*.

Depois de desenvolver as teses e explicações sobre as tarefas internas, típicas de um país atrasado, que deveriam ser assumidas pelas organizações soviéticas, Lênin retoma a formulação inicial sobre a fundação da III Internacional. Essa fortaleza do proletariado, centralizado e organizado sobre a base do programa da revolução mundial, tinha condições de incentivar os explorados a erguerem sua democracia revolucionária, por meio dos soviets. Relata: *“Em Paris, Londres, Nova York, as massas operárias traduzem em seus próprios idiomas a palavra ‘soviete’, a tornaram compreensível para todo operário, porque sabem que a velha república burguesa não pode ajudar em sua causa, que somente o poder operário pode ajudá-los”*. Conclui com uma tese avançada do internacionalismo mar-

xista: *“O movimento soviético está surgindo em todas as partes, e, como vimos nascer a República Soviética de 25 de outubro de 1917, e há alguns dias vimos nascer em Moscou a III Internacional Comunista, logo veremos nascer a República Soviética Mundial”.*

Congresso de fundação da III Internacional

Expusemos o folheto *“Êxitos e Dificuldades do Poder Soviético”*, em que Lênin evidencia a ligação entre as tarefas de construção do socialismo e a importância de se ter fundado a III Internacional. Entre os dias 2 e 6 de março de 1919, em Moscou, se realizou o Congresso que respondia à falência da II Internacional. A nova organização se erguia sobre os pilares da Revolução Russa. Concretizavam-se as teses de Lênin, de agosto-setembro de 1914, sobre a caracterização de que a direção da II Internacional havia se submetido à política de guerra do imperialismo, cuja conclusão foi a de que soava a hora da vanguarda revolucionária trabalhar pela constituição de uma nova Internacional.

Essa posição foi expressa nas teses *“As tarefas da social-democracia revolucionária na guerra europeia”*, e no Manifesto *“A guerra e a social-democracia russa”*. Em meio à destruição provocada pela 1ª Guerra Mundial, não só emergiu o movimento revolucionário na Rússia, como em outros países da Europa. Mas foi o triunfo do proletariado russo que possibilitou o surgimento de uma vigorosa internacional, capaz de jogar uma pá de cal sobre a velha e corrompida II Internacional social-democrata.

Em dezembro de 1918, pouco mais de um ano da Revolução de Outubro, Lênin fixou a tarefa da realização de uma conferência internacional, demonstrando que poderia se basear na teoria e prática do bolchevismo, bem como no programa da Liga Espartaquista da Alemanha, cuja posição diante da guerra esteve em consonância com a dos bolcheviques. Elaborou-se uma convocação, denominada *“Ao 1º Congresso da Internacional Comunista”*. Em janeiro de 1919, Lênin a colocou em consideração em uma Conferência de representantes de vários partidos comunistas e grupos socialistas de esquerda, que se reuniram com o objetivo de discutir a fundação da III Internacional. A posição de Lênin foi aprovada. O chamado, distribuído em vários países, despertou a atenção da vanguarda revolucionária, que não seguiu os passos da direção traidora da II Internacional.

Assim, em 2 de março de 1919, se iniciava a *“Conferência Comunista Internacional”*, que se tornou no 1º Congresso, contando com a

presença de 52 delegados. Lênin apresentou as teses sobre a ditadura do proletariado, na terceira sessão, de 4 de março. Leu e explicou os pontos fundamentais, que foram finalmente aprovados. Nesse mesmo dia, se aprovou uma plataforma, que estabelecia a tese da inevitabilidade da substituição do sistema capitalista pelo comunista, o que expressava a necessidade do proletariado lutar pela derrubada dos governos burgueses, e destruição do Estado capitalista e edificação do Estado soviético, que tinha a função de garantir a transição para a sociedade comunista. Aprovou-se, também, um Manifesto à classe operária de todo o mundo, chamando a sua atenção para o internacionalismo e o apoio à República dos Sovietes, contra seus inimigos.

Na abertura do Congresso, Lênin iniciou apresentando uma homenagem à memória dos melhores representantes da III Internacional, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, que haviam sido assassinados em 15 de janeiro de 1919. Em seguida, depois que todos se puseram em pé em defesa da firmeza dos revolucionários alemães, Lênin passou a expor o significado do Congresso. Eis: *“Camaradas, esta reunião tem grande importância histórica mundial. É uma prova de que as ilusões que abrigavam os democratas burgueses fracassaram, porque a guerra civil é um fato, não só na Rússia, mas também nos países capitalistas mais desenvolvidos da Europa. (...) A burguesia sente verdadeiro horror, diante do desenvolvimento do movimento revolucionário do proletariado. Isso é compreensível, se levarmos em conta que o desenvolvimento dos acontecimentos, depois da guerra imperialista, favorece inevitavelmente o movimento revolucionário do proletariado, que a revolução mundial se iniciou, e se intensifica em todos os países. (...) O povo tem consciência da magnitude e importância que adquire a luta nesses momentos. Somente é indispensável encontrar a forma prática que permitirá o proletariado implantar o seu poder. Essa forma é o sistema soviético, com a ditadura do proletariado. Ditadura do Proletariado! Até a pouco, essas palavras eram latim para as massas. Graças à divulgação que alcançou no mundo inteiro o sistema dos soviets, esse latim foi traduzido em todos os idiomas contemporâneos, as massas operárias encontraram a forma prática da ditadura. As amplas massas operárias a entendem agora, graças ao poder soviético na Rússia, graças à Liga Espartaquista, na Alemanha, e às organizações semelhantes de outros países, como, por exemplo, os Shop Stewards Committees (Comitês de delegados de fábricas), na Inglaterra. Todos esses fatos demonstram que a ditadura do proletariado encontrou a forma revolucionária, que o proletariado já está em condições de exercer o poder”*.

E continua: *“Camaradas, acredito que, depois dos acontecimentos que tiveram lugar na Rússia, depois da luta de janeiro na Alemanha, é particularmente importante assinalar que a nova forma do movimento do proletariado se está afirmando, e se impõe também em outros países. (...) A burguesia pode ainda atuar com crueldade, pode ainda assassinar milhares de operários, mas a vitória será nossa; a vitória da revolução comunista mundial está assegurada. Camaradas, saúdo cordialmente este Congresso, em nome do Comitê Central do Partido Comunista da Rússia, e proponho que passemos à eleição do presidium. Peço-lhes que apresentem os nomes”.*

Observamos, pela ideia central da abertura do Congresso, que Lênin se empenhava em formular para a nova Internacional a estratégia da ditadura do proletariado, que ganhava concretude com a constituição da democracia soviética e da tomada do poder na Rússia. A estratégia da revolução e ditadura proletárias foi sedimentada como a base da construção do Partido Mundial da Revolução Socialista, que se formava com a III Internacional.

Teses ao I Congresso da III Internacional

Lênin ficou encarregado de inaugurar o Congresso, e apresentar as *“Teses e Informes sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado”*. Tratava-se de expressar a experiência da Revolução Russa, e as conquistas práticas e teóricas. Esse era o 1º Congresso internacional que se assentava na derrocada da burguesia e conquista do poder pelo proletariado.

O princípio da ditadura do proletariado foi elaborado de forma mais precisa por Marx e Engels, tendo como experiência o triunfo da classe operária francesa, na Comuna de Paris de 1871, e a sua derrota. Esse princípio histórico completou a concepção marxista da luta de classes, e deu precisão à teoria da revolução proletária. O bolchevismo demonstrou a sua aplicabilidade programática. Na luta entre tendências no interior da social-democracia russa, a estratégia e a tática desenvolvidas por Lênin separaram o marxismo do oportunismo. O mesmo se passou, concomitantemente, no interior da II Internacional. Tornaram-se indissociáveis o triunfo da revolução na Rússia e o desmoronamento da II Internacional. Na medida em que se aprofundava a cisão na social-democracia internacional, mais claro ficava o conteúdo programático da divergência. A constituição do governo operário e camponês na Rússia deu concretude ao princípio da ditadura do proletariado.

A cada passo da luta do governo revolucionário contra as forças burguesas e pequeno-burguesas, que insistiam em manter o regime de classe, que passou pela encarniçada guerra civil, mais os adversários dos bolcheviques atacavam a ditadura do proletariado. Velhos marxistas, que passaram para o campo do oportunismo, a exemplo de Kautsky e Plekhanov, se esmeraram a dar uma versão democratizante pequeno-burguesa à ditadura do proletariado. Lênin se viu obrigado a combatê-los, tendo em vista a defesa do fundamento marxista da ditadura do proletariado como parte essencial do socialismo científico.

Em outubro de 1918, o dirigente dos bolcheviques se debruçou na redação do livro “A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky”. Fez uma detalhada exposição do desenvolvimento da revolução, para mostrar a justeza do princípio marxista da ditadura do proletariado. Conclui: “*O kautskismo não é acidental, é o produto social das contradições na II Internacional, uma combinação de fidelidade em palavras ao marxismo com a subordinação, nos fatos, ao oportunismo*”. A renúncia à violência revolucionária do proletariado contra a burguesia conduzia os revisionistas ao pacifismo vulgar.

A Revolução Russa abrigou, em suas entranhas, a democracia proletária mais avançada, que se conhecia até então. O proletariado criou os soviets, que permitiram aos bolcheviques aplicarem milimetricamente a estratégia e a tática da tomada do poder. E, em seguida, estabelecer o Estado operário. Lênin explica: “*A democracia proletária, cuja uma das formas é o poder soviético, produziu um desenvolvimento e uma expansão da democracia, sem precedentes no mundo, precisamente para a imensa maioria da população, para os explorados e trabalhadores*”. (...) “*Os soviets são organizações diretas dos próprios trabalhadores e exploradas, que os ajudam, em todas as formas possíveis, a organizar e governar seu próprio Estado*”. Esse embate de Lênin, que ocorre entre outubro e novembro de 1918, irá se expressar na fundação da III Internacional.

Em seguida à exposição das Teses que constam de 22 pontos, Lênin apresenta uma resolução, que as sintetiza e estabelece o curso da ação prática.

“Sobre a base dessas teses correspondentes e do informe dos delegados de diversos países, o Congresso da Internacional Comunista declara que a tarefa principal dos partidos comunistas de todos os países, onde ainda não se implantou o poder soviético, é a seguinte:

1. *Esclarecer diante das massas da classe operária o significado histórico e a necessidade histórica e política de uma nova democracia, proletária, que deve substituir a democracia burguesa e o sistema parlamentar;*
2. *Difundir a organização dos sovietes entre os operários de todos os ramos da indústria, entre os soldados do exército e da frota, assim como também entre os operários e os pobres do campo;*
3. *Formar uma maioria comunista sólida dentro dos sovietes”.*

A decisão de Lênin de constituir a III Internacional sobre as bases da experiência da Revolução Russa e da teoria da ditadura do proletariado se deveu a que se dava continuidade ao internacionalismo marxista, cuja fundação organizativa remonta a I Internacional, dirigida por Marx e Engels.

A luta ideológica contra os revisionistas da II Internacional

A experiência histórica da Revolução Russa demonstrava, na prática, os fundamentos marxistas da ditadura do proletariado, como necessária para a tomada do poder, e para o longo período de transição do capitalismo ao socialismo, que depende da revolução mundial. Ao lado desse objetivo, também se colocava a obrigatoriedade de manter a luta ideológica contra os revisionistas da II Internacional, que atacavam o bolchevismo, precisamente na doutrina da luta de classes, da derrubada violenta do poder burguês, e dos métodos da ditadura revolucionária para derrotar a contrarrevolução. De forma que as Teses constituíam a base programática da III Internacional comunista, que a diferenciava da II Internacional social-democrata.

Os partidos que deram vida à nova Internacional, portanto, tinham sua coesão e centralização mundiais determinadas pela concepção da revolução proletária, e do princípio da ditadura do proletariado. Eis por que Lênin inicia as Teses referindo-se ao ascenso do movimento operário em vários países, e o lugar dos agentes da burguesia nas organizações operárias, para desviá-lo de seu curso natural, e submetê-lo à democracia burguesa. Os revisionistas da II Internacional se esmeraram em deformar, mentir e atacar o princípio da ditadura do proletariado, e a falsificar o real fundamento da democracia parlamentar, que é o domínio da minoria burguesa sobre a maioria explorada, por meio de sua ditadura de classe.

Lênin rechaça e desmascara o “argumento que emprega os conceitos de ‘democracia em geral’ e ‘ditadura em geral’”, abstraindo o seu caráter de classe. Esse tipo de abstração serve à burguesia, para ocultar sua própria ditadura de classe. Basta se recorrer à história, para se constatar “que nenhuma classe oprimida implantou, nem poderia implantar, sua dominação, sem atravessar um período de ditadura, isto é, de conquista do poder político e repressão violenta à resistência sempre oferecida pelos exploradores, uma resistência que é a mais desesperada, a mais furiosa, que não se detém diante de nada”. Conclui: “(...) *a defesa da democracia burguesa na forma de discurso sobre a ‘democracia em geral’ e os atuais gritos e alaridos contra a ditadura do proletariado na forma de gritos sobre a ‘ditadura em geral’, são uma traição direta ao socialismo, são, na realidade, a negação do direito do proletariado à revolução proletária, e a defesa do reformismo burguês, precisamente no momento histórico em que o reformismo burguês fracassou em todo o mundo, e quando a guerra criou uma situação revolucionária*”.

Lênin demonstra que os bolcheviques só fizeram aplicar o “rigor científico de Marx e Engels”, os que demonstraram “que a república burguesa mais democrática não é senão uma máquina de repressão à classe operária pela burguesia”. Os criadores do socialismo científico chegaram a essa definitiva conclusão com os acontecimentos da Comuna de Paris, em que o governo revolucionário não esmagou a burguesia, e esta recuperou o seu poder, esmagando os proletários insurretos.

As bandeiras de “liberdade de reunião e liberdade de imprensa”, utilizadas para atacar o governo soviético e a ditadura de classe do proletariado, escondem que, no capitalismo, jamais os explorados contaram com tais liberdades. Tratava-se, portanto, de rechaçar as manobras dos inimigos da revolução e do comunismo, que manejavam a “democracia pura”. O certo é que, “para conquistar a igualdade efetiva e a verdadeira democracia para os trabalhadores, para os operários e camponeses, é necessário começar privando o capital da possibilidade de alugar escritores, comprar editoriais, e subornar publicações; mas, para isso, é necessário derrubar os capitalistas, derrubar os exploradores, e vencer sua resistência”.

Os marxistas, para defenderem a revolução e a ditadura do proletariado, precisam demonstrar à classe operária que “quanto mais desenvolvida e ‘pura’ é a democracia, tanto mais aberta, aguda e implacável será a luta de classes, tanto mais ‘puras’ serão as opressões do capital e da ditadura da burguesia”. A brutal repressão às manifestações e greves são

evidências claríssimas de que a burguesia sustenta seu poder como uma ditadura de classe. A experiência da guerra imperialista de 1914-1918 retrata, sem atenuantes, como, do interior da democracia, se implanta a “ditadura militar da burguesia”. Lênin explica: “Precisamente a guerra é que mais abriu os olhos dos trabalhadores, despojando a democracia burguesa de seu disfarce, mostrando ao povo o profundo abismo da especulação e do lucro, durante a guerra. (...) Em nome da ‘liberdade’ e ‘igualdade’, a burguesia fez a guerra; em nome da ‘liberdade’ e ‘igualdade’, os negociantes da guerra acumularam fortunas fabulosas. Nenhum esforço da Internacional amarela de Berna poderá ocultar das massas o caráter explorador, hoje totalmente desmascarado, da liberdade, da igualdade e da democracia burguesa”.

Fundamentos históricos da ditadura do proletariado

Concluiremos a síntese das “Teses e Informes sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado”. Lênin dedicou uma parte das Teses para evidenciar a falsa posição dos revisionistas que opunham, abstratamente, a ditadura e a democracia em geral, destituindo-as de seu conteúdo de classe. Recorreu às experiências para demonstrar que toda sociedade dividida em classes, historicamente, é regida por uma ditadura de classe. No capitalismo, a violência contrarrevolucionária decorre da dominação da minoria exploradora sobre a maioria explorada.

A abertura do Congresso de fundação da III Internacional, no dia 2 de março de 1919, foi dedicada a dois mártires da revolução socialista, assassinados em 15 de janeiro de 1919, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Transcrevemos parte da Tese 11. “Na Alemanha, o país capitalista mais desenvolvido do continente europeu, os primeiros meses de plena liberdade republicana, implantada como consequência da derrota da Alemanha imperialista, mostraram aos operários alemães e a todo o mundo a verdadeira natureza de classe da república democrática burguesa. O assassinato de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo é um acontecimento de alcance histórico mundial, não só porque morreram tragicamente os melhores lutadores e dirigentes da verdadeira Internacional proletária, da Internacional Comunista, mas também porque colocou, definitivamente, às claras, a natureza de classe de um Estado europeu avançado (pode-se deduzir, sem exagerar: de um Estado avançado em escala mundial). Se prisioneiros, sob a proteção do poder do

Estado, podem ser assassinados impunemente por oficiais e capitalistas, sob um governo dirigido por social-patriotas, se deduz que, se em uma república democrática é permitido ocorrer tais fatos, é porque está sob uma ditadura da burguesia. Aqueles que expressam sua indignação pelo assassinato de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, mas não compreende este fato, não fazem senão expor sua estupidez ou sua hipocrisia. A 'liberdade', em uma das repúblicas mais livres e avançadas do mundo, na república alemã, é a liberdade de assassinar impunemente os dirigentes do proletariado, que se encontravam presos. E não pode ser de outro modo, enquanto subsistir o capitalismo, pois, o desenvolvimento da democracia, não apenas não atenua, como também agudiza a luta de classes, que, em virtude de todos os resultados e influências da guerra e suas consequências, chegou ao seu ponto de ebulição”.

Essa formulação, baseada nos acontecimentos contrarrevolucionários da Alemanha, se voltava frontalmente contra os revisionistas, lacaios da burguesia, que condenavam a ditadura do proletariado, em nome da defesa da democracia em abstrato. As ilusões na possibilidade de um terceiro caminho entre a ditadura da burguesia e a ditadura do proletariado resultavam em cobertura da violência contrarrevolucionária da minoria exploradora contra a maioria explorada.

Lênin tomou os acontecimentos e exemplos da situação, para demonstrar que “a ditadura do proletariado é similar à ditadura das demais classes, uma vez que está determinada pela necessidade, como ocorre com toda ditadura, de esmagar com violência a resistência da classe que perde sua dominação política”. Mas, há diferenças essenciais: “(...) a ditadura do proletariado é a repressão violenta da resistência dos exploradores, isto é, de uma insignificante minoria da população; dos latifundiários e capitalistas”; a ditadura da burguesia se reveste da democracia parlamentar formal, enquanto a ditadura do proletariado se assenta na democracia dos soviets, criados pelo proletariado no processo da revolução. A igualdade que a burguesia aventou, mas que nunca pôde cumprir, “o poder soviético ou a ditadura do proletariado” se realiza pondo fim às “distinções, de sexo, religião, raça ou nacionalidade”.

Os revisionistas foram em busca da Assembleia Constituinte, para questionar a democracia soviética. Diz a Tese 21: “É ridícula a tentativa de unir o sistema dos soviets, isto é, a ditadura do proletariado, com a Assembleia Nacional, ou seja, com a ditadura da burguesia, isso desmascara por completo a indigência mental dos socialistas e social-demo-

cratas amarelos, sua perspectiva política reacionária pequeno-burguesa e suas covardes concessões à irresistível e crescente força da nova democracia, da democracia proletária”. E completa a crítica: “Mas, praticamente – do ponto de vista político, o fato de que estes independentes, que no plano teórico e no dos princípios sempre se opuseram a estas organizações estatais, tragam bruscamente a estúpida proposição de unir pacificamente a Assembleia Nacional com o sistema dos soviets, isto é, de unir a ditadura da burguesia com a ditadura do proletariado – se observa que entre as massas está ocorrendo uma grande mudança”.

Nesse embate, Lênin fez uma observação, que no fundo é uma autocrítica. “(...) Em nossa revolução, avançamos pela via prática. E não pela teórica. Por exemplo, antes não tratamos teoricamente o problema da Assembleia Constituinte, e não dissemos que não a reconhecíamos. Somente mais tarde, quando as organizações soviéticas se espalharam por todo o país e conquistaram o poder político, somente então resolvemos dissolver a Assembleia Constituinte”. Essa breve exposição sobre o ressurgimento dos soviets e a enorme extensão alcançada entre as massas insurretas permite compreender que os novos fenômenos da luta de classes exigem novas formulações teóricas. Os revisionistas do marxismo se apegavam à Assembleia Constituinte, para combater a ditadura do proletariado, desconhecendo a obra criadora do proletariado, que era a democracia revolucionária na forma dos soviets.

No dia 2 março, Lênin apresentou, na abertura do Congresso, a homenagem a Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Dois dias depois, no dia 4, expôs as “Teses e Informes sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado”. No dia 5, enviou o artigo “Conquistado e Anotado”, ao jornal Pravda, no qual expressou sua profunda convicção histórica: “O marxismo, iluminado pelos raios brilhantes da nova experiência dos operários revolucionários – experiência de riqueza universal –, nos ajudou a compreender as leis que regem o desenvolvimento dos acontecimentos. Ajudará os proletários de todo o mundo, que combatem pelo fim da escravidão assalariada capitalista, a adquirir uma consciência mais clara dos objetivos de sua luta, a marchar com passos mais firmes no caminho traçado, a conquistar e a confiar na vitória com maior segurança e firmeza. A fundação da III Internacional, da Internacional Comunista, significa que chegamos aos umbrais da República Internacional dos soviets, aos umbrais da vitória internacional do comunismo”.

VIII Congresso

O VIII Congresso do PC(b)R se realizou entre 18 e 23 de março de 1919, em Moscou. Os delegados com direito a voz e voto perfizeram 301; e 102, com direito apenas a voz. Coube a esse Congresso concluir a reformulação do programa, iniciada no VII Congresso. Como questões específicas, estiveram na pauta a criação do Exército Vermelho; as diretrizes voltadas aos camponeses; e questões organizativas. Também esteve em consideração a fundação da III Internacional, ocorrida em 2 de março. Como se vê, o VIII Congresso refletia a projeção da Revolução Russa no plano mundial. Lênin resume a importância desse acontecimento, no discurso de abertura do Congresso.

“Umás palavras sobre nossa situação internacional. Camaradas, todos vocês, certamente, sabem que a fundação, em Moscou, da III Internacional, da Internacional Comunista, é, diante de nossa situação no mundo, um acontecimento de grande importância. Temos ainda de enfrentar uma tremenda força militar, real e efetiva, bem apetrechada: todas as potências mais poderosas do mundo. No entanto, podemos dizer, com convicção, que o que exteriormente parece uma força gigantesca e incomparavelmente mais poderosa que a nossa, do ponto de vista físico, se encontra estremecida. Não é já uma força. Não tem já a anterior estabilidade. Por isso, o objetivo e a tarefa que fixamos – sair vitoriosos na luta contra esse gigante – não são utópicos. Pelo contrário, ainda que, neste momento, estejamos forçosamente isolados de todo o mundo, não passa um dia, sem que os jornais tragam notícias sobre o crescimento do movimento revolucionário em todos os países. Mais ainda, sabemos e vemos que esse crescente movimento adquire a forma soviética. E isso é uma garantia de que, ao instaurar o poder soviético, descobrimos a forma internacional, mundial, da ditadura do proletariado. E estamos firmemente convencidos de que o proletariado de todo o mundo tomou esse caminho de luta, a criação destas formas do poder proletário: o poder dos operários e dos trabalhadores em geral, e de que nenhuma força da terra será capaz de conter a marcha da revolução comunista mundial, até a república soviética mundial”.

Essa resumida formulação contém os fundamentos internacionalistas da revolução proletária, que se inicia em um país, e se projeta mundialmente. A derrota do imperialismo, apesar de seu poderio esmagador, se deveu, não só à encarniçada luta de classes interna à Rússia, como também aos levantes do proletariado, em inúmeros países. A primeira revolução proletária vitoriosa se deu na Rússia, devido a

determinadas injunções históricas, porém, em sua base, esteve a luta de classes mundial e, a sua consolidação, portanto, também dependia, não só das transformações dirigidas pelo Estado soviético, mas também pelo avanço da revolução mundial. Há que se destacar a observação de Lênin, de que *“ao instaurar o poder soviético, descobrimos a forma internacional, mundial, da ditadura do proletariado”*, e de que *“o proletariado de todo o mundo tomou esse caminho de luta, a criação destas formas do poder proletário: o poder dos operários e dos trabalhadores em geral”*. A constituição da III Internacional aumentava a responsabilidade do PC(b)R e do Estado soviético, diante do proletariado mundial, que passava a assimilar suas conquistas, e se guiar pelas transformações que se realizavam na base da transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social.

O VIII Congresso coincidia com um acontecimento decisivo para a consolidação da revolução, que era a fundação da Internacional Comunista, ao mesmo tempo que se via diante de um turbilhão de problemas e conflitos, que emergiam da marcha que iniciava a transição do capitalismo ao socialismo. O programa de 1903 já não dava conta, e tinha de ser reformulado, em função das tarefas concretas que se colocavam para uma revolução ocorrida em um país de economia atrasada, e que ainda conservava traços patriarcais. Determinadas contradições passavam a ditar o caminho a ser tomado. Dois anos e cinco meses da conquista do poder, do enfrentamento ao cerco imperialista e da guerra civil, portanto, diante de uma economia arruinada e de camponeses desesperados, a vanguarda comunista estava obrigada a estabelecer um curso geral, para reconstituir as forças produtivas, sem o que a revolução não teria como se consolidar.

Cabia ao VIII Congresso concluir o programa elaborado no VII Congresso, avançar no sentido da direção operária da indústria, dar conta do atraso na formação do proletariado, que colocava a necessidade de se utilizar dos especialistas e de determinadas heranças da cultura capitalista, atentar para as condições particulares do desenvolvimento regional, responder ao direito à autodeterminação das nações oprimidas, manter a aliança operária e camponesa, equacionar o problema da burocratização, e fortalecer militarmente a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, diante das ameaças imperialistas. Essa extraordinária quantidade de problemas, obstáculos, contradições e divergências se concentrava no VIII Congresso.

Lênin, ao mesmo tempo em que trata em separado cada uma das questões, procura caracterizá-las e explicá-las nos marcos do programa marxista. Nota-se que as divergências em torno à reformulação do programa, principalmente com Bukharin, foram sendo desenvolvidas sobre a base das tarefas concretas. A passagem abaixo exemplifica bem a aplicação do método materialista histórico:

“Esse trabalho de organização passou por duas fases principais. Em outubro de 1917, tomamos o poder, juntamente com o campesinato em seu conjunto. Era uma revolução burguesa, já que ainda não se havia estendido a luta de classes no campo. Como tenho dito, a verdadeira revolução proletária no campo não começou, até o verão de 1918. E se não tivéssemos conseguido desencadear essa revolução, nosso trabalho não teria sido completo. A primeira etapa foi a tomada do poder na cidade, a instalação da forma soviética de governo. A segunda etapa consistiu em algo fundamental para os socialistas, em algo sem o qual os socialistas não são socialistas: a separação dos elementos proletários e semiproletários do campo, e sua aliança com o proletariado urbano, para lutar contra a burguesia russa. Também essa etapa, no fundamental, não foi concluída. As organizações inicialmente criadas por nós para isso, os comitês de pobres, se afiançaram de tal modo, que temos considerado a possibilidade de substituí-los por soviets devidamente eleitos, isto é, reorganizar os soviets rurais, para que se convertam em órgãos de dominação de classe, em órgãos do poder proletário no campo. Medidas tais como a lei sobre o regime socialista da terra, e as medidas de transição para a agricultura socialista – aprovadas não faz muito pelo Comitê Executivo Central e que, certamente, todo mundo conhece – sintetizam nossas experiências, do ponto de vista de nossa revolução proletária”.

As condições objetivas da economia e a mecânica das classes obrigatoriamente tinham de estar na base da discussão programática e das medidas a serem tomadas. Assim, Lênin discute no Congresso qual era atitude diante do campesinato médio que, por sua condição, não explorava a força de trabalho. Não poderia ser confundido com os latifundiários e capitalistas. Ao contrário de responder às suas atitudes com a repressão, o poder soviético deveria submetê-lo à política do proletariado, por meio de medidas que lhe favoreciam, e pelo convencimento. A questão camponesa, portanto, figurou como decisiva para a manutenção da aliança operária e camponesa.

Outros aspectos

Dedicamos, anteriormente, a exposição a demonstrar a relação entre a reforma do programa, as tarefas particulares da situação, o método analítico de Lênin, e a constituição da III Internacional. Agora, comentaremos alguns aspectos específicos. Começamos pela constituição do Exército Vermelho. Não estava prevista tal possibilidade no programa e elaborações anteriores à revolução. Era inevitável que causasse muita discussão. Tratava-se de mais uma decisão que não constava *“de doutrinas pré-concebidas, mas ditada pela necessidade real”*. No final da guerra, o exército precipitou-se à desagregação. Fenômeno este que também se passou com o exército de outros países. A primeira tentativa de reagir à dissolução do exército russo foi a de *“criar um exército voluntário”*. O objetivo era o de garantir *“a defesa armada da república socialista”*, sem a qual não era possível manter-se em pé.

As ameaças de guerra permaneciam. Lênin faz a seguinte consideração programática: *“Condenamos a guerra imperialista, mas não negamos a guerra em geral (...) Não vivemos somente em um Estado, mas dentro de um sistema de Estados, e é inconcebível que a república soviética possa existir, durante muito tempo, ao lado dos Estados imperialistas. No final das contas, deverá triunfar um ou outro. E, enquanto esse desenlace não ocorra, é inevitável que se produza uma série de terríveis choques entre a República Soviética e os Estados burgueses. Se a classe dominante, o proletariado, quer manter o poder, deve demonstrar capacidade para isso, por meio de sua organização militar”*. Daí decorria a necessidade de como se valer dos especialistas e militares que vinham do velho regime. Essa questão, na realidade, era mais geral, uma vez que abrangia todas as esferas fundamentais da produção e da organização do Estado.

Lênin, então, passa a demonstrar a importância da constituição e aperfeiçoamento da *“direção operária da indústria”*. Explica: *“Basta lembrar quão impotentes, espontâneos e fortuitos foram nossos primeiros decretos e resoluções, sobre o controle operário da indústria. Parecia-nos que era fácil implantá-los; a prática demonstrou a necessidade de construir, mas não demos, de modo algum, uma resposta à pergunta de como construir. Cada fábrica nacionalizada, cada ramo da indústria nacionalizada, o transporte, principalmente o transporte ferroviário (...), tudo encarnava a experiência concreta do capitalismo, e nos ocasionava imensas dificuldades”*. Assim, a estruturação da direção operária da indústria surgia, no VIII Congresso, como um dos problemas mais difíceis de resolver. Tinha a seu favor

um grau de experiência adquirido pelas massas proletárias, que se viram obrigadas a pôr em funcionamento a indústria arruinada. Era chegada a hora de passar, do controle operário inicial, para a direção operária da indústria. O que implicava valer-se dos especialistas, que deveriam ser colocados sob a direção operária da indústria. Lênin expõe seu raciocínio: *“Não é possível construir o socialismo, sem utilizar a herança da cultura capitalista. O único material que temos para construir o comunismo é o que nos deixou o capitalismo. (...) É um problema muito importante, no período de transição do capitalismo ao comunismo. Para que possamos construir o comunismo, é necessário tornar mais acessível, às massas, os meios que proporcionam a ciência e a tecnologia burguesas. De outro modo, não será possível construir a sociedade comunista. E, para poder construí-la, devemos arrancar o aparato das mãos da burguesia, devemos incorporar, ao trabalho, todos os especialistas”*.

Outra discussão se deu em torno à autodeterminação das nações. A implicação prática desse ponto programático era imediata no processo de edificação do Estado soviético. Bukharin propunha que, no lugar do princípio da autodeterminação das nações oprimidas, se colocasse a autodeterminação dos trabalhadores. Lênin se contrapõe: *“Colocar autodeterminação dos trabalhadores onde se diz autodeterminação das nações seria completamente falso, já que semelhante maneira de resolver o problema não considera as grandes dificuldades, nem o caminho tão sinuoso que percorre a diferenciação das classes nas nações. (...) Cada nação deve alcançar o direito à autodeterminação, e isto facilitará a autodeterminação dos trabalhadores”*.

O problema da burocracia e a incorporação das amplas massas ao trabalho soviético foram tratados por Lênin como parte do conjunto das discussões. Eis a formulação: *“Somente poderemos lutar contra a burocracia sem tréguas, até a vitória total, quando toda a população participar no governo. Nas repúblicas burguesas, isso não só é impossível, senão que as próprias leis o impedem. Até as melhores repúblicas burguesas, por mais democráticas que sejam, têm milhares de obstáculos legais, que impedem a participação dos trabalhadores no governo. Nós eliminamos esses obstáculos, mas, até agora, não conseguimos que as massas trabalhadoras participem no governo, pois, além das leis, está o problema do nível cultural, que não é possível superar por nenhuma lei. E o baixo nível cultural faz com que os soviets, que são, por seu programa, órgãos de governo dos trabalhadores, sejam, na realidade, órgãos de governo para os trabalhadores, por meio do setor*

avançado do proletariado, mas não por meio das massas trabalhadoras”.

Essa última formulação tem um lugar especial no programa e nas respostas concretas às tarefas de estabelecer a direção operária da indústria, e de possibilitar às massas dirigir o próprio Estado. Estava colocado, pelo VIII Congresso, o objetivo de trabalhar pela elevação cultural da classe operária, e de toda a população, de maneira que os sovietes passassem de governo para os trabalhadores a órgão de governo dos trabalhadores, como está previsto no programa.

IX Congresso do PC(b)R

O IX Congresso do Partido Comunista Bolchevique da Rússia (PC(b)R) se realizou entre 29 de março e 5 de abril de 1920, em Moscou.

O seu ponto fundamental foi *“Tarefas imediatas da construção econômica”*, discutido em seguida ao *“Informe do Comitê Central”*, dado por Lênin. Outros pontos: *“O movimento sindical; Problemas de organização; Tarefas da Internacional Comunista; Atitude diante do cooperativismo; Passagem ao sistema de milícias; Eleição do Comitê Central; Problemas do momento”*

O IX Congresso expressou o avanço numérico do partido: 553 delegados com direito a voz e voto, e 162, apenas a voz. Pela primeira vez, foi possível estabelecer um plano geral de reconstrução econômica e, fundamentalmente, de reerguimento das bases industriais. Havia que fortalecer o transporte, o armazenamento de cereais, combustíveis e matérias-primas, e fabricação de máquinas, para transporte e bens de consumo. Esse plano foi elaborado nas condições em que o pior da intervenção militar alemã e, em seguida, da guerra civil, impulsionada pela Inglaterra e França (Entente) havia passado, apesar de novos perigos que se avistavam. Era chegado o momento do poder soviético se dedicar à construção econômica pacífica. Assim, o IX Congresso refletia um certo alívio, cujas condições de fim da guerra civil e derrota da contrarrevolução eram absolutamente necessárias para estabilizar as relações internas, e afrouxar as pressões externas, que passaram a favorecer a luta do proletariado mundial contra o imperialismo.

Vinculadas às questões das *“Tarefas imediatas da construção econômica”*, foram tratadas as divergências em torno ao lugar do sindicato e os problemas de organização. A primeira etapa do plano econômico consistia em restabelecer o funcionamento da indústria, e suprir as necessida-

des básicas da população, que se via esgotada pelas guerras imperialista e civil. Em particular, era preciso superar as tremendas dificuldades, que levaram a classe operária a enormes sacrifícios.

Lênin expôs o ponto estratégico da situação, que era o de reorganizar o proletariado como um exército do trabalho, para movimentar a indústria e os transportes. Essa tarefa seria cumprida com a ação centralizada do governo soviético, do partido e dos sindicatos. Medidas de força deveriam ser tomadas como o trabalho obrigatório, o aproveitamento dos operários qualificados, e a utilização do exército para objetivos econômicos. Essas ações se colocavam de forma transitória, ditadas pelas circunstâncias.

Essa formulação abriu uma grande discussão no Congresso, fundamentalmente em torno do entendimento de como se estruturaria uma direção responsável pela ativação da indústria. Um bloco opositor se colocou contra a utilização de técnicos e especialistas à frente de determinadas tarefas. Evocou o centralismo democrático, em contraposição à direção estatal centralizada, à direção pessoal e à responsabilização individual dos dirigentes das empresas. Estabeleceu uma contradição absoluta entre o princípio da direção coletiva e da direção pessoal. Nesse quadro conflituoso, se colocou a discussão sobre a função dos sindicatos sob o Estado soviético, bem como sua relação com o partido comunista.

A revolução havia constituído o Estado soviético, e expropriado a burguesia e os latifundiários. Estava implantada a ditadura do proletariado, cuja vitória sobre a contrarrevolução possibilitava cumprir a função de reerguer a economia e desenvolver suas bases socialistas. As transformações exigiam passar da disciplina capitalista do trabalho para uma nova disciplina, orientada a impulsionar a transição do capitalismo ao socialismo. E isso não se faria simplesmente apelando à consciência revolucionária. Obrigatoriamente, a direção centralizada teria de usar métodos e formas coercitivas.

Nas palavras de Lênin: *“Passo agora a importantes considerações de princípio, que nos levaram a orientar decididamente as massas trabalhadoras à utilização do exército para solucionar certos problemas fundamentais e urgentes. A velha fonte de disciplina, o capital, se debilitou: a velha fonte de unidade desapareceu. Devemos criar outra disciplina, outra fonte de disciplina e unidade. A coerção provoca indignação, gritos, tumultos e lamentos dos democratas burgueses, que esgrimem as palavras ‘liberdade’ e ‘igualdade’, sem dizer que a liberdade de que goza o capital é um crime*

contra os operários, que a igualdade entre o saciado e o faminto é um crime contra os trabalhadores. Em nossa luta contra a mentira, implantamos o trabalho obrigatório, e começamos a unir os trabalhadores, sem vacilar e recorrer à coerção, pois, nenhuma revolução saiu vitoriosa sem coerção, e o proletariado tem o direito a exercer a coerção para manter a sua conquista, a todo o custo”.

O outro lado da divergência se deu em torno à direção coletiva contraposta à direção pessoal. Lênin considerou que se tratava de uma confusão teórica do bloco opositor, que conduzia a erros práticos. Uma vez que o proletariado havia conquistado o poder e estabelecido sua dominação de classe, tinha pela frente o objetivo de solucionar na prática as transformações que se operavam nas relações de propriedade. Por essa via, seria assegurada a dominação de classe. Não se poderia desconhecer, portanto, que a existência do campesinato indicava que a revolução ainda precisava resolver a difícil tarefa de superar as tendências contraditórias da produção mercantil camponesa com a economia socialista, que dava seus primeiros passos com o domínio do proletariado.

A reconstrução da indústria e a elevação de sua capacidade produtiva se tornava a condição imperante do momento para fortalecer o proletariado como classe dirigente. Lênin recorreu à história para mostrar que uma classe que substituiu outra, necessariamente, tem de se apossar dos conhecimentos anteriores construídos pela classe que caducou. Demonstrou: *“A burguesia recorria à velha classe, e nossa tarefa atual é a mesma; saber tomar, submeter, aproveitar os conhecimentos (...) e utilizar tudo isso para o triunfo de nossa classe”.* Tratava-se de recorrer à experiência histórica, para entender o percurso que o proletariado tinha pela frente como classe revolucionária, que acabava de transformar a propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. A resistência daqueles que usavam o escudo da *“direção coletiva”* para rechaçar a utilização de especialistas indicava profunda incompreensão histórica e teórica.

A arte de governar

Sintetizamos a discussão em torno à direção coletiva e pessoal, que surgiu da necessidade do poder soviético tomar medidas que disciplinassem o trabalho, elevassem a capacidade produtiva, e reestruturassem a economia sobre as novas bases resultantes da revolução. Há algumas formulações de extrema importância para se verificar a relação entre as condições objetivas das transformações, da prática e da teoria. De forma

que, para concluir a exposição do IX Congresso do Partido Comunista Bolchevique Russo, transcreveremos algumas passagens.

“Se pensamos em qual foi, depois de tudo, a causa mais profunda que determinou (...) a vitória de um país débil, extenuado, atrasado, sobre os países mais poderosos do mundo, veremos que se trata de uma centralização, disciplina e abnegação jamais vistas. Sobre que base? Milhões de trabalhadores, em um país dos menos educados, puderam chegar a essa organização, a esta disciplina e a esta centralização, somente porque os operários passaram pela escola do capitalismo, e foram unidos pelo capitalismo, porque o proletariado de todos os países avançados se uniu, tanto mais quanto mais avançado era o país; e, por outro lado, porque a propriedade capitalista, a pequena propriedade sob o regime da produção mercantil divide. A propriedade divide, enquanto a classe operária se une, e se une em quantidade cada vez maior, milhões de trabalhadores em todo o mundo. Agora isso fica claro, pode-se dizer, até para os cegos (...). Quanto mais tempo passa, mais os inimigos do proletariado se dividem. A grande propriedade os divide, a propriedade privada sob o regime de produção mercantil, sejam os pequenos proprietários, que especulam com a venda dos excedentes de cereais e lucram às custas dos operários famintos, sejam os capitalistas de diversos países, ainda que sejam donos de um grande poderio militar, e criadores da ‘Liga da Nações’, a ‘grande liga única’ de todas as nações avançadas do mundo. Semelhante unidade é uma completa fraude, um completo engano, uma completa mentira. Vimos – e foi um grande exemplo – que a famosa Liga das Nações, que pretendia determinar o direito a governar os Estados, e a repartir o mundo, que essa famosa liga não passou de uma bolha de sabão, que se desfez em seguida, porque era uma aliança baseada na propriedade capitalista. Vimos, em grande escala histórica, a confirmação da verdade essencial que dizia que nossa causa era justa, que a vitória da Revolução de Outubro era absolutamente segura, e que à causa que empreendemos, apesar de todas as dificuldades, de todos os obstáculos, se uniram milhões de trabalhadores de todos os países. Sabíamos que tínhamos aliados, e que era preciso dar exemplo de abnegação em cada país em que a história havia imposto uma honrosa e difícil tarefa, para que os incríveis sacrifícios fossem recompensados em dobro, porque cada novo mês que nos mantínhamos em nosso país nos daria milhões e milhões de aliados em todo o mundo (...).”

“O bolchevismo se tornou um fenômeno mundial, a revolução operária levantou a cabeça. O sistema soviético, que criamos em Outubro, dando continuidade aos legados da revolução de 1905, elaborando nossa própria

experiência, se tornou um fenômeno de importância histórica mundial (...). Nestes dois anos, nossa influência cresceu consideravelmente. A III Internacional, a Internacional Comunista, conseguiu vitórias sem precedentes (...).

No momento em que os países capitalistas e a classe capitalista estão se desintegrando, no momento de desespero e crise, unicamente o fator político é decisivo. As frases sobre a minoria e a maioria, sobre a democracia e a liberdade, nada decidem, por mais que se recorra aos heróis do período histórico passado. O que conta aqui é a consciência de classe e a firmeza da classe operária (...). A decisão da classe operária, sua vontade inquebrantável de cumprir a consigna 'Morreremos antes de nos render!' (...).

Não, camaradas, a arte de governar não cai do céu, nem é inspirada pelo Espírito Santo, e pelo fato de que uma classe seja a classe dirigente não se torna de imediato capaz de governar. Vemos o exemplo citado: enquanto a burguesia triunfava, trazia para o trabalho do governo representantes de outra classe, da classe feudal (...). É preciso observar as coisas com sensatez: a burguesia recorria à velha classe, e nossa tarefa atual é a mesma, saber tomar, submeter, aproveitar os conhecimentos, a preparação da velha classe, e utilizar tudo isso para o triunfo de nossa classe. Por isso, dizemos que a classe vitoriosa deve estar madura, e a maturidade não se prova por meio de um documento ou um certificado, mas pela experiência, pela prática (...)

As opiniões sobre a direção coletiva estão impregnadas, frequentemente, de um espírito de total ignorância, um espírito de rejeição aos especialistas. Com esse espírito, nunca venceremos. Para vencer, é preciso compreender, em toda a sua profundidade, a história do velho mundo burguês; e, para construir o comunismo, é preciso assimilar a técnica e a ciência, e colocá-las a serviço dos círculos mais amplos; mas a ciência e a técnica somente podemos tomá-las da burguesia. É preciso destacar este problema fundamental, encará-lo como um dos problemas essenciais da construção econômica. Devemos administrar com a ajuda de homens pertencentes à classe que derrotamos, homens cheios de preconceitos de sua classe, aos quais temos de reeducar. Ao mesmo tempo, devemos recrutar os administradores de nossa própria classe. Devemos usar todo o aparato do Estado, para que as escolas, a educação dos adultos, e toda a preparação prática estejam sob a direção dos comunistas, a serviço dos proletários, dos operários, dos camponeses trabalhadores”.

No IX Congresso, as divergências em torno ao aproveitamento dos especialistas, que vinham da classe derrotada, e o processo de capacitação da classe operária em construir as novas bases econômicas se deram no quadro em que se colocava o lugar dos sindicatos, diante da tarefa

de erguer a economia, arruinada pela guerra mundial e pela guerra civil. Esse ponto não ganhou projeção no IX Congresso, mas será motivo posterior de duros embates.

Congresso de operários mineiros e o lugar dos sindicatos na reconstrução econômica

Concluimos a exposição dos posicionamentos de Lênin no IX Congresso do Partido Comunista bolchevique Russo, em que se discutem as medidas necessárias para reerguer a indústria, arruinada pelos anos de guerra, e conter as tendências restauracionistas, que se expressavam na preservação da economia camponesa. A divergência em torno à direção coletiva e pessoal expunha a incompreensão dos adversários da tese de Lênin, de que não era possível a classe operária se ocupar da economia e da direção do Estado de uma hora para outra, e que precisava assimilar os conhecimentos deixados pela velha classe derrotada.

O IX Congresso deu maioria às formulações de Lênin. No entanto, tratava-se de levá-las à prática. O que exigia convencer a vanguarda organizada da justeza da linha sobre a função dos sindicatos das novas condições, diante da tarefa de estabelecer uma firme disciplina do trabalho, e a batalha pela elevação da produtividade. Nota-se que as divergências e diferenças precisavam ser esclarecidas por meio da continuidade da luta política contra aqueles que se opunham à utilização dos especialistas, e que recorriam à fórmula de direção coletiva.

Lênin se utiliza da organização do trabalho aos sábados, para determinar os seguintes objetivos: *“a) Elevar a produtividade do trabalho; b) Elevar a disciplina do trabalho; c) Realizar a ditadura do proletariado; d) Dirigir os camponeses; e) Salvar da fome e do caos”*.

Entre os dias 1 a 6 de abril de 1920, se realizou o I Congresso Constituinte de Toda a Rússia de Operários Mineiros, representando 200 mil operários da indústria mineira. Os principais pontos foram: tarefas dos sindicatos, problemas da organização e dos salários, formas de participação dos sindicatos na organização e direção da indústria, situação da indústria mineira e de carvão. Esse Congresso tinha uma particular importância, devido ao seu papel estrutural para o reerguimento da indústria e o desenvolvimento geral da economia. O sindicato mineiro, portanto, deveria ser um poderoso instrumento de organização e elevação da consciência de classe, diante das tarefas de consolidar a República Soviética.

Depois de dois anos de guerra externa e interna, era preciso reorganizar sobre novas bases a economia. Não bastou vencer a guerra contra as potências e os inimigos internos, estava colocado o imperativo de vencer a guerra econômica. Havia-se passado um ano da fundação da III Internacional, o que representava o fortalecimento do internacionalismo proletário, fundamental para a realização das tarefas internas. Houve uma enorme influência do poder soviético sobre os explorados de todo o mundo. Mas, o avanço dessa influência dependia de a classe operária estabelecer uma nova disciplina do trabalho, elevar a produtividade, e resolver as contradições que permaneciam, devido à economia camponesa. Os operários mineiros deviam ocupar seu lugar de vanguarda na guerra econômica.

Eis a defesa objetiva de Lênin: *“Agora é preciso lutar justamente contra os especuladores alimentícios e contra esse punhado de operários, corrompidos pelo velho regime capitalista, que dizem: ‘para mim, tem de aumentar o meu salário; e o diabo com os demais’. ‘Quero um salário dobrado, quero duas ou três libras de pão por dia’. Dizem isso e não pensam que estão trabalhando para defender os operários e camponeses, para derrotar os capitalistas. É preciso combater esses operários, por meio da educação de camaradas, com a influência de camaradas; para isso, nada é melhor que os sindicatos. É preciso explicar a esses operários que se colocam do lado dos especuladores alimentícios e dos grandes especuladores, do lado dos camponeses ricos, que dizem – ‘quanto mais cereais tenho, mais ganharei’, e ‘cada um por si e deus por todos’ – que seguirão os preceitos dos senhores capitalistas e de todos aqueles que conservam as velhas tradições capitalistas. É preciso dizer a eles que aqueles que procedem segundo os velhos preceitos, consideraremos como renegados e traidores, que a classe operária deve censurar duramente, e cobrir de vergonha. Estamos cercados pela maioria dos países capitalistas, que em todo o mundo se unem contra nós, se alinham com nossos especuladores alimentícios, querem abater-nos pela força, e acreditam que são mais fortes do que nós. Continuamos sendo uma fortaleza sitiada, para a qual olham os operários do mundo todo, pois, sabem que sua liberdade fluirá daqui. De dentro dessa fortaleza sitiada, devemos atuar com severidade militar, com disciplina militar, e abnegação. Os egoístas, que não querem combinar os interesses de seu grupo com os interesses dos operários e camponeses em geral, não podem ser tolerados nas fileiras operárias. (...) Com a ajuda dos sindicatos, há que se criar a disciplina de camaradas, como a que existia no Exército Vermelho, disciplina que os melhores sindicatos estão forjando*

agora. Estou convencido de que vocês também saberão estabelecer, ao criar o sindicato dos operários mineiros”.

Lênin conclui: *“Camaradas, essa é a gigantesca tarefa que se coloca a todos os operários com consciência de classe, aos operários que compreendem que o que se trata é de conservar e reforçar o poder soviético e o socialismo, para libertar para sempre todas as gerações futuras do jugo dos latifundiários e capitalistas. Aqueles que não querem compreender devem ser expulsos das fileiras operárias. Os sindicatos, com sua educação, sua influência e sua propaganda, e com sua profunda dedicação à produção e disciplina, se ocuparão daqueles que não compreendem suficientemente. Essa é a via para o fortalecimento do poder operário e camponês, e, por meio deste trabalho, que ainda que lento, é o mais importante, vocês obterão, devem obter, vitórias mais importantes que as conquistas que nosso Exército Vermelho na frente de combate”.*

III Congresso de Sindicatos de toda a Rússia

Expusemos as principais considerações de Lênin sobre o lugar dos sindicatos, nas condições em que a economia estava arruinada pelos anos de guerra. E que se tratava de aproveitar a nova situação, que não exigia tanto esforço de guerra, para erguer um movimento disciplinado da classe operária para reestruturar a grande indústria sobre as bases das transformações socialistas. Tornou-se inevitável o surgimento de divergências em torno às medidas de disciplina no trabalho, e o lugar dos sindicatos na reconstrução econômica.

Entre 6 e 13 de abril de 1920, se realizou o Terceiro Congresso de Sindicatos de toda a Rússia. Participaram cerca de 1.600 delegados, representando mais de 4 milhões de associados. A maioria era de bolcheviques, que contaram com 1.180 delegados. A base das discussões se deu em torno às resoluções do IX Congresso do PC(b)R, exposto anteriormente no jornal Massas. Foram dados informes do Conselho Central de Sindicatos de toda a Rússia, e do Comissariado do Povo do Trabalho. No temário, constavam as tarefas dos sindicatos; os sindicatos e a economia nacional; o movimento sindical internacional; a atividade cultural e educacional; o problema de organização; a política de salários; a distribuição de mercadorias aos operários. Lênin fez um pronunciamento em nome do Conselho do Comissariado do Povo. O Congresso finalizou aprovando as orientações do IX Congresso do partido.

O problema central era o de não perder as condições favoráveis para o que Lênin definiu como *“as tarefas da construção econômica pacífica”.*

Lembrou que, no início de 1918, com a paz de Brest Litovsk, surgiram pela primeira vez tais condições. Mas, logo reascenderam os choques internos com a reação, e externos, com o imperialismo. Naquele momento, se colocou a necessidade da disciplina do trabalho, sem a qual não era possível superar o caos reinante na economia. Essa tarefa suscitou as divergências, que retornavam, nas novas condições para a construção econômica pacífica. Diz Lênin: *“Asseguro-lhes que também hoje se concentra a nossa atenção nas disputas e divergências que surgiram no movimento sindical há dois anos”. (...)* *“Naquele tempo, depois de uma breve trégua da guerra contra o imperialismo alemão, as tarefas da construção pacífica estavam em primeiro plano”. (...)* *“Toda a atenção do partido comunista e do poder soviético se concentra, agora, no problema da construção pacífica, nos problemas da ditadura e da direção pessoal. Não apenas a experiência que tivemos em dois anos de persistente guerra civil nos leva a tal solução desses problemas”.*

Havia um claro vínculo entre a estabilização da economia regida pela propriedade social e pelo Estado soviético com o que se passava na luta internacional do proletariado. A consolidação do domínio operário sobre a produção e o Estado era a condição para a marcha da revolução avançar na transição interna do capitalismo ao socialismo, apoiada na revolução mundial. Explica Lênin: *“O significado da ditadura do proletariado e suas condições práticas efetivas emergem diante de nós quando, depois de ter conquistado o poder, começamos a exercê-la na prática. Vimos que a luta de classes não cessa, e que a vitória sobre os capitalistas e latifundiários não significou o aniquilamento dessas classes. O proletariado as derrotou, mas não as suprimiu definitivamente. Basta observar os vínculos internacionais do capital, muito mais duradouros e firmes, do que aqueles que no presente unem a classe operária”.*

A tese sobre as tarefas concretas colocadas diante da classe operária, que ainda não havia forjado uma nova disciplina do trabalho, apoiada na propriedade social, não eram alheias às tarefas do internacionalismo. Eis o raciocínio leninista: *“Se considerarmos o capital em escala internacional, continua sendo mais forte que o poder e o regime soviético, não só do ponto de vista militar, mas também econômico. É preciso partir dessa premissa fundamental e nunca esquecê-la. As formas de luta contra o capital mudam; algumas vezes tomam a forma de um franco caráter internacional, e outras se concentram em um país. As formas mudam, mas, seja no âmbito militar, econômico ou de qualquer outro do regime social, a luta continua. Nossa*

resolução confirma a lei fundamental da luta de classes. Quanto maior a coesão do proletariado ao derrubar a classe burguesa, tanto mais aprende. A revolução se desenvolve no processo da luta. E a luta não cessa depois da derrubada dos capitalistas. Somente depois de ter consolidado essa conquista em um país, adquire um significado prático para o mundo inteiro. (...) Para que a ditadura do proletariado adquirisse um significado mundial, foi necessário que se consolidasse na prática em um país. Somente então, os capitalistas - e não só os capitalistas russos - que imediatamente se puseram a procurar a ajuda de outros capitalistas e também nos demais países, se convenceram de que este problema adquiriria um significado internacional. Somente então, a resistência dos capitalistas em escala mundial atingiu a intensidade que teve. Somente então, se desenvolveu na Rússia uma guerra civil, e todos os países vencedores correram como um só homem para ajudar os capitalistas e latifundiários russos na guerra civil. (...) A luta de classes tomou forma plenamente na Rússia até 1900, no entanto, a vitória da revolução socialista teve lugar em 1917. Mas, há ainda mais, a resistência da classe derrotada continuou se desenvolvendo depois de sua derrota, e encontrou uma nova fonte de força nas relações mútuas entre o proletariado e o campesinato. Quem estudou um pouco o marxismo sabe disso. Sabe que o socialismo é o movimento internacional da classe operária, e tem nele seu único fundamento científico. Todo mundo sabe que o marxismo se fundamenta teoricamente na abolição das classes. O que isso significa? Significa que, para a vitória do socialismo, não basta derrotar os capitalistas, é preciso abolir a diferença entre o proletariado e o campesinato. (...) Sobre isso não há discussão. Mas, nas condições da propriedade mercantil, os camponeses continuam sendo proprietários. Cada caso de venda de cereais no mercado livre, cada caso de especulação, em pequena e grande escala, significa a restauração da economia mercantil e, portanto, do capitalismo”.

Lênin chama a atenção para um grande obstáculo ao desenvolvimento das forças produtivas socialistas, que comparecia internamente na forma da economia mercantil camponesa, que deveria ser dissolvida, caso contrário, potencializaria as forças restauracionistas internas, de um lado; e que comparecia externamente pelo poder econômico mundial do imperialismo, de outro. Assim, era imperioso travar a luta para que a classe operária alcançasse coesão na luta interna pela construção do socialismo, e na luta externa pela revolução mundial.

Vencer a resistência do campesinato

Apresentamos algumas considerações de Lênin sobre a necessidade de desenvolver uma nova disciplina no trabalho, expostas no *“Discurso no III Congresso de toda a Rússia de Sindicatos”*. Devido à riqueza de formulações, damos continuidade à exposição.

Estava clara a tarefa de superar a contradição entre o campesinato e o proletariado, que incidia sobre a reconstrução da economia, baseada na propriedade social dos meios de produção, e dirigida pelo Estado soviético. A revolução havia atendido às necessidades e aos interesses das massas camponesas, oprimidas pelos latifundiários. A sua libertação consistiu em uma tarefa democrática, realizada sob a ditadura do proletariado. Lênin recorda que os oprimidos do campo se apegaram à bandeira da Assembleia Constituinte e soberania popular, sem, contudo, se depararem com a palavra *“ditadura”*. Foi só com a experiência, sob o poder soviético, que começaram a compreender a nova situação que se abriu, com a derrubada dos capitalistas e latifundiários.

Os primeiros passos na construção do socialismo mostraram que a luta de classes prosseguia, e a ditadura do proletariado passava a ter novos significados. Assim formula Lênin: *“É preciso meditar sobre os métodos e condições, que permitirão ao proletariado, que tem em suas mãos um aparato de coerção tão forte como o Estado, poder atrair o camponês como trabalhador, e vencer a sua resistência de proprietário, ou neutralizá-lo”*. (...) *“Está claro que é correto dizer que fizemos muito, nos apoiando nisto (meios coercitivos), mas, ao mesmo tempo, temos outro método, por meio do qual o proletariado exerce o papel de organizador, depois de ter passado pela escola do trabalho, pela escola da aprendizagem e pela disciplina da fábrica capitalista. Devemos saber organizar a vida econômica sobre uma nova base, mais perfeita, levando em conta e utilizando todas as conquistas do capitalismo”* (...). *“Para o campesinato, as coisas eram mais fáceis e mais compreensíveis, quando enfrentava seu inimigo secular: o latifundiário. Não necessitava compreender a relação existente entre o poder dos operários e a necessidade de acabar com o livre comércio”*.

Lênin insiste que a superação do livre comércio exigia organizar as forças do proletariado, no processo de reerguer a economia, sobre a base da grande indústria. Nessa tarefa, se encontrava a função da organização soviética e da ditadura do proletariado, na forma de *“poderosa força organizada e organizadora, uma força de influência moral sobre todos*

os trabalhadores, entre eles as massas trabalhadoras não proletárias". Em síntese, a classe operária teria de se valer das experiências herdadas do capitalismo – como a disciplina do trabalho –, mas, ao mesmo tempo, criar uma nova disciplina, de acordo com o objetivo de construção do socialismo. A nova disciplina tinha por premissa *"aprender a ser bons organizadores"*.

Essa transformação no interior do proletariado, que de classe dominada passou a ser classe dominante, não ocorreria de uma hora para outra. Nas palavras de Lênin: *"Mas, a criação de novas formas de disciplina social exige décadas"*. (...) *"A capacidade de organização se desenvolve a partir da grande indústria maquinizada. Na história, nunca existiu outra base material que o trabalho produtivo desempenhado por milhões de homens, de acordo com um plano traçado de antemão, e com os meios da grande indústria maquinizada. Aqui, não coincidem os interesses do proletariado e do campesinato. Aqui, se abre um período de difícil luta, isto é, uma luta contra o campesinato. Mas, por outro lado, devemos demonstrar ao campesinato que não lhe resta outra saída, senão marchar junto aos operários, e ajudar o proletariado, ou então cair de novo sob a dominação dos latifundiários"*.

Posta a questão entre o proletariado e o campesinato nesses termos, Lênin indica a necessidade de influenciar moralmente os trabalhadores do campo. Reconhece que pouca serventia tinham os métodos coercitivos, quando se tratava de *"resolver o problema da diferenciação econômica do campesinato"*. Uma dura luta política, econômica e organizativa teria de ser travada, para separar o camponês trabalhador dos camponeses ricos (kulaks). As conquistas da disciplina do trabalho no erguimento da grande indústria embasariam a força moral do proletariado coeso, sobre as massas camponesas dispersas.

É nesse âmbito que Lênin retoma a explicação da relação entre o poder da ditadura proletária e a autoridade individual, aplicada na reconstrução econômica. A resolução da tarefa de forjar uma unidade sobre a base da vontade consciente na indústria e na agricultura se impunha, como condição para romper as travas das relações capitalistas e, inclusive, superar o atraso de uma importante parcela do proletariado. A *"unidade da vontade"*, é, nas palavras de Lênin, *"uma consigna que implica um prolongado e cotidiano esforço"*. E completa: *"Todos os discursos sobre a igualdade de direitos são supérfluos. Não travamos a luta de classes sobre a base da igualdade de direitos, nem podemos fazê-lo, se o proletariado tem de triunfar. Pode triunfar, porque temos milhares de homens disciplinados,*

que expressam uma única vontade. Pode vencer a dispersão econômica dos camponeses, entre os quais não existe uma base comum que coesiona o proletariado na fábrica, nas cidades” (...) “A vontade de milhares e milhares de homens pode ser expressa por uma pessoa. Esta complexa vontade se forja pela via soviética. Em nenhum país do mundo, houve tantos congressos operários e camponeses como no nosso; por esse meio, desenvolvemos uma consciência esclarecida”. (...) “Somos materialistas, e não podemos nos satisfazer com a força da autoridade” (...) “Observamos que, neste aspecto, nos supera o velho instinto burguês, mais forte que nós; devemos reconhecer com franqueza. O velho hábito pequeno-burguês de administrar as empresas individualmente, de procurar fortalecer o livre comércio, são mais fortes que nós”.

Esse franco reconhecimento das dificuldades em combater as velhas heranças e de abrir caminho para um novo curso de construção econômica era indispensável para combater as forças que se interpunham à tarefa de edificar a grande indústria, e impulsionar as transformações socialistas.

Os sindicatos e a disciplina do trabalho

Expusemos algumas formulações de Lênin sobre as tarefas de reconstrução da economia sobre a base da grande indústria, e as relações do poder soviético com o campesinato. A chave do período de transição se encontrava na necessidade de a classe operária se firmar como a força social propulsora e dirigente da edificação econômica, sob as novas condições, criadas pela revolução de Outubro de 1917. Concluímos a exposição anterior, indicando a importância decisiva dos sindicatos, no momento tão crucial de vencer a guerra econômica, que, por um lado, se chocava com o cerco imperialista e, por outro, com as pressões mercantis do campesinato. Uma orientação precisa, quanto às tarefas que os sindicatos poderiam cumprir, na luta por estabelecer a disciplina no trabalho, e a assimilação pela classe operária das heranças técnicas, científicas e organizacionais, deixadas pelo capitalismo, era a discussão do momento. De maneira que os sindicatos teriam de ser integrados ao poder soviético.

Em suas formulações, apresentadas no III Congresso de toda a Rússia de Sindicatos, Lênin dedicará uma parte significativa à explicação sobre os sindicatos. Passamos à transcrição:

“Os sindicatos surgiram no capitalismo como um meio de desenvolvimento da nova classe. Classe é um conceito que se vai formando em um pro-

cesso de luta e desenvolvimento. Não existe uma muralha que divida uma classe da outra. Os operários e camponeses não estão separados entre si por uma muralha da China. Como o homem aprendeu a se unir? Primeiro, por meio das corporações, e, depois, de acordo com os diferentes ofícios. Quando o proletariado se tornou uma classe, chegou a ser tão poderoso, que tomou em suas mãos o aparato estatal, declarou guerra a todo o mundo, e obteve a vitória. Então, corporações e ofícios se tornaram instituições atrasadas. Houve um tempo, sob o capitalismo, em que os proletários se uniram por corporações de ofícios, o que era progressista, então, porque o proletariado não podia unir-se de outro modo. É absurdo dizer que se poderia ter unido abruptamente como classe. A união exigiu décadas. Ninguém lutou tanto como Marx contra semelhantes ideias sectárias e míopes. A classe cresce nas condições do capitalismo, e, quando chega o momento adequado para a revolução, toma o poder estatal em suas mãos. Assim, todas as corporações e ofícios se tornam caducos, passam a desempenhar um papel regressivo, e empurram para trás, não porque fossem manejados por maus elementos, mas porque os maus elementos e os inimigos do comunismo encontram ali um terreno propício para a sua propaganda. Estamos rodeados da pequena burguesia, que faz renascer o livre comércio e o capitalismo.

Karl Marx lutava vigorosamente contra o velho socialismo utópico, e propunha uma concepção científica, que demonstra que a classe operária avança sobre a base da luta de classes, e que é preciso ajudá-la a amadurecer. O mesmo Marx lutou contra os dirigentes da classe operária que cometiam erros. Em 1872, foi apresentada no Conselho Federal uma moção de censura contra Marx, por ter dito que os dirigentes ingleses tinham sido comprados pela burguesia. Evidentemente, Marx não queria dizer que determinada pessoa foi traidora. Isso é absurdo. Referia-se ao bloco formado por um setor operário e a burguesia. A burguesia apoia, direta e indiretamente, esse setor operário. Desse modo, realiza o suborno dos dirigentes.

Desde que seus representantes sejam eleitos para o Parlamento, a burguesia inglesa fez milagres, e superou os demais. De 1852 a 1892, isto é, durante 40 anos, Marx e Engels desmascaram a burguesia, e a burguesia atua assim em todos os países. Em todo o mundo, a passagem dos sindicatos do papel de escravos ao papel de construtores resulta em uma transformação. (...) O capitalismo foi vencido, mas ainda não está construído o socialismo, e construí-lo ainda levará muito tempo. Aqui tropeçamos com todo tipo de incompreensões, que não são casuais; são resultado da diferença do papel histórico dos sindicatos como meio de unificação gremial, sob o capitalismo,

e os sindicatos como meio de unificação da classe operária, depois de tomar o poder estatal. Os operários estão dispostos a realizar qualquer sacrifício; acreditam na disciplina, que leva as pessoas a dizerem e a intuírem, talvez confusamente, que os interesses de classe estão por cima dos interesses gremiais. Os operários que não são capazes de fazer esses sacrifícios, para nós são egoístas, e os expulsamos da família proletária.

Tal é o problema fundamental da disciplina do trabalho e da direção pessoal no sentido geral, tal como se discutiu no congresso do partido. (...) No momento, necessita-se de organização e educação moral. Numericamente, o proletariado na Rússia não é, na atualidade, muito forte. Suas fileiras foram reduzidas durante a guerra, e nossas vitórias tornaram mais difícil governarmos o país. Assim devem-se compreender, tanto os sindicalistas, quanto as massas operárias. Quando falamos de ditadura, não se trata de um capricho dos centralistas. (...) Temos o dever de nos dirigir francamente ao operário, e explicar-lhe, sem rodeios, que as condições de trabalho se tornaram mais complicadas. É preciso mais disciplina, mais autoridade individual, e mais ditadura. Sem isso, não se pode sequer sonhar com uma grande vitória. (...)

Estamos diante de uma nova correlação das massas proletárias e não proletárias, de seus interesses sociais e de classe. Nesse ponto, nada se pode fazer exclusivamente pela força. Tudo que necessitamos é organização e autoridade moral. Disso emana nossa absoluta convicção, que se expressou no congresso de nosso partido, e creio que tenho a obrigação de defender. Nossa consigna fundamental é essa: acentuemos e nos aproximemos mais da direção pessoal; mais disciplina de trabalho; superar e trabalhar com energia militar, com firmeza e lealdade, deixando de lado todos os interesses de grupos e gremiais, sacrificando todos os interesses particulares. Sem isso, não podemos vencer (...).”

Essa síntese, que expressa a resolução do IX Congresso do partido, não foi assimilada pelo conjunto da direção. Fato que obrigou Lênin a insistir em suas intervenções. Havia de quebrar a resistência política, para que fosse materializada pelo processo prático de reerguimento da economia.

Divergências em torno à função dos sindicatos

O interesse de Lênin em desenvolver a compreensão do lugar dos sindicatos nas novas condições criadas pela revolução proletária, entre as quais se destacava a necessidade de reerguer a indústria arruinada pelos anos de guerra externa e interna, passou a ser ditado pelas divergências que foram se adensando, desde o IX Congresso do Partido Comunista.

Na V Conferência de toda Rússia de Sindicatos, realizada entre 2 e 6 de novembro de 1920, foram aprovadas as teses “Tarefas dos Sindicatos na Produção”, apresentadas por Rudzutak. Em meio à discussão, surgiu uma dissensão entre Trotsky e Tomsky. O ponto central foi a defesa de Trotsky, de que era preciso uma mudança na direção dos sindicatos (“sacudir os sindicatos”). Esse acontecimento obscureceu o significado das teses de Rudzutak, com as quais Lênin reconhecerá sua justeza. O fato da V Conferência não sair coesa na aplicação das teses aprovadas deu margem a que se potenciassem as divergências entre Trotsky e Tomsky. Lênin fará uma autocrítica, por não ter considerado imediatamente a correção e a importância das teses de Rudzutak. Uma vez que não houve objeção à sua orientação, as divergências que afluíram e se desenvolveram tinham muito de artificialismo.

No documento “A Crise no Partido”, Lênin explica: “A meu critério, o ponto culminante de toda a discussão de 30 de dezembro foi a leitura das teses de Rudzutak. Assim, Bukharin e Trotsky, longe de se atreverem a objetá-las, inventaram a lenda de que ‘a melhor parte’ dessas teses foram elaboradas por membros do Comitê Central do Transporte (...)”. “Deduz-se que todas as divergências de Trotsky são artificiais, que nem ele, nem os membros do Comitê Central do Transporte, têm nenhum tipo de ‘tarefas e métodos novos’, e que tudo que é prático e essencial foi dito, aprovado e resolvido pelos sindicatos, inclusive antes de que o problema fosse colocado no Comitê Central. Se alguém deve ser criticado a fundo e ‘sacudido’ não é o Conselho Central dos Sindicatos de toda a Rússia, mas o Comitê Central do PCB, por ter sido omissos quanto às teses de Rudzutak, erro que deu lugar a que se ascendesse uma discussão totalmente vazia”.

Em seguida, Lênin passa a relatar. “Em 30 de dezembro, resumi em quatro pontos a essências das teses de Rudzutak: 1) democracia corrente (sem nenhum exagero, sem negar o direito do CC de ‘designar’, etc., mas também sem fazer nenhuma defesa obstinada dos erros e excessos de alguns ‘designados’, que devem ser corrigidos); 2) propaganda da produção (inclusive tudo o que há de prático nas ‘fórmulas’ irresponsáveis, ridículas e tecnicamente errôneas, como ‘democracia da produção’, ‘atmosfera de produção’, etc.). Criamos uma instituição soviética: o Comitê de toda a Rússia de propaganda da produção. Devemos apoiá-lo por todos os meios, e não prejudicar o trabalho de produção criando ... teses ruins; isso é tudo; 3) prêmios em espécie; 4) tribunais disciplinares,

compostos por camaradas. Sem que se eliminem os pontos 3 e 4, todos os discursos sobre 'o papel e as tarefas na produção', etc., é palavreado vazio, petulante, e são precisamente esses dois pontos omitidos no 'folheto plataforma', de Trotsky. Mas figuram nas teses de Rudzutak".

Na plenária do Comitê Central do partido, realizada em 9 de novembro, portanto, três dias após a V Conferência de toda a Rússia de Sindicatos, Lênin se opõe ao projeto de tese, "Os Sindicatos e seu Futuro Papel", apresentado por Trotsky. Não estava de acordo com a posição intervencionista na direção dos sindicatos. Nas palavras de Lênin, a tese acabava "defendendo a política da 'sacudida', encoberta ou adornada com considerações sobre a 'gravíssima crise' por que atravessavam os sindicatos, e sobre suas novas tarefas e métodos". A tese de Trotsky foi rejeitada. Por 10 votos a 4, foi aprovada a resolução de Lênin. No fundamental, condena "a degeneração' do centralismo e das formas militarizadas do trabalho em práticas burocráticas, despóticas, etc.". Em contrapartida, "defende as formas sãs de militarização do trabalho".

Em meio à divergência entre Lênin e Trotsky, Bukharin se coloca por uma posição amortizadora, formando um "grupo amortizador", segundo a denominação de Lênin. Defende "não levar as divergências para uma ampla discussão" e "revogar o informe de Lênin aos sindicatos". Havia de apenas "apresentar um informe prático, e não polêmico". O Comitê Central constitui uma comissão sindical, e indica Trotsky para participar dela, que se nega. Lênin considera essa atitude como um passo que conduziria posteriormente "ao fracionismo". E conclui: "Sem esse passo, seu erro (apresentação de teses equivocadas) teria sido secundário entre tantos que, em algumas vezes, incorreram todos os membros do CC, sem exceção". Como se vê, os desacordos colocaram três importantes membros da direção em conflito, Lênin, Trotsky e Bukharin.

No início de dezembro, Trotsky e Zinoviev, que presidia a Comissão Sindical, retomam o conflito. Dessa vez, a partir do Comitê Central do Transporte. A reunião do Comitê Central do partido, de 7 de dezembro, rejeita "a proposição prática de modificar imediatamente a composição do Comitê Central do Transporte". É aprovada a resolução de Bukharin que, segundo Lênin, "o aspecto essencial da qual se inclina três quartas partes em favor dos trabalhadores do transporte de água, enquanto a introdução rechaça a proposição de 'organizar por cima' os sindicatos, e aprova a célebre democracia da produção". Lênin ficou em minoria, "opondo-se à resolução de Bukharin, principalmente porque considera-

mos que o amortizador' é de papel, pois, a não participação de Trotsky nos trabalhos da Comissão Sindical significa, na prática, continuar a luta, e transferi-la para fora do Comitê Central". Lênin propõe, então, a convocação do X Congresso do partido. A proposição foi aprovada.

O prognóstico de Lênin se confirmou. Trotsky publica as teses "O Papel e as Tarefas dos Sindicatos", visando ao congresso partidário. Lênin faz a seguinte consideração: "Do ponto de vista da democracia formal, Trotsky tem todo o direito de apresentar sua plataforma, uma vez que, em 24 de dezembro, o Comitê Central autorizou a livre discussão. Do ponto de vista do interesse revolucionário, significava aumentar o erro em forma desproporcional, e criar uma fração sobre uma plataforma equivocada".

O agravamento das divergências obrigou Lênin a se debruçar sobre o lugar dos sindicatos na construção do socialismo. Problema esse que havia sido colocado já em janeiro de 1918, quando se realizou, em Moscou, o I Congresso de Sindicatos de toda a Rússia.

Agravamento das divergências

Expusemos o agravamento da crise política no interior do Partido Comunista Russo, em torno ao entendimento sobre o lugar dos sindicatos na situação pós-revolucionária, o seu papel na construção do socialismo e a sua função originária de defesa da classe operária. Explicitamos o choque de Lênin com Trotsky e Bukharin. As divergências caminharam para o perigoso caminho de uma divisão nos sindicatos, e no próprio partido. Essa avaliação obrigou Lênin a se lançar duramente contra o folheto de Trotsky "O Papel e as Tarefas dos Sindicatos", e as posições "amortizadoras" de Bukharin.

O fato de a "organização de Petrogrado fazer um chamado ao partido contra a plataforma de Trotsky e o Comitê de Moscou formular uma contra-declaração", publicada no Pravda de 13 de janeiro de 1921, confirmou o avanço das divergências para o movimento fracional. Lênin chama a atenção para a necessidade de Trotsky e Bukharin superarem seus erros, para evitar a configuração de frações, em um momento tão crucial para a reativação da indústria e da economia em geral. Diz Lênin, referindo-se ao pronunciamento de Petrogrado e Moscou: "Significa passar da luta entre frações, formada desde cima, à intervenção de organizações mais de base (...). Fato curioso, o Comitê de Moscou advertiu que era 'perigoso' que a organização de Petrogrado apresentasse uma plataforma, mas se negou

considerar que era perigoso que o camarada Trotsky formasse uma fração em 25 de dezembro!!”.

A comissão sindical, da qual Trotsky se negou a participar, publica o folheto “*Projeto de Resolução do X Congresso do PCR sobre o papel e as tarefas dos sindicatos*”, em 14 de janeiro. Lênin assina essa plataforma, preparando o enfrentamento que se daria no X Congresso. Em 16 de janeiro, Bukharin divulga a sua plataforma, assinada por um grupo de camaradas. O mesmo faz Saprónov, intitulada “*Um grupo de camaradas partidários do centralismo democrático*”, cuja transcendência era nula.

O X Congresso aprovará as teses de Lênin, pondo fim às polêmicas. Mas, é importante extrair as críticas e as formulações fundamentais de Lênin. A posição “*amortizadora*” de Bukharin ocupou o lugar de direita, ao lado do agrupamento sindicalista do grupo Centralismo Democrático. Assim descreve Lênin: “*Vemos aqui, por um lado, maior coesão (pois a plataforma dos nove membros do CC concorda em tudo com a resolução da V Conferência de toda a Rússia de Sindicatos; e por outro, desacordo e decomposição, chegando-se ao cúmulo da decomposição ideológica com as teses de Bukharin e companhia. Temos aqui uma dessas ‘viradas’ daqueles que, em outros tempos, diziam os marxistas que eram ‘não tanto históricos como histéricos’. Na tese 17, diz: (...) ‘neste momento, é necessário que esses candidatos sejam obrigatórios (isto é, os candidatos dos sindicatos para as ‘administrações superiores e conselhos centrais’ correspondentes).*”

Lênin conclui: “*Isso é um rompimento total com o comunismo e a passagem para posições do sindicalismo. Isto é, no fundo, uma repetição da consigna de Shliápnikov, de ‘sindicalismo de Estado’, o que significa transferir gradualmente o aparato do Conselho Superior de Economia Nacional para os sindicatos correspondentes. Isto é: ‘eu proponho candidatos obrigatórios’, é exatamente o mesmo que dizer ‘eu designo’.* E continua: “*O comunismo diz: O partido comunista, a vanguarda do proletariado, dirige a massa apartidária de operários, educando, preparando, ensinando e disciplinando as massas (‘escola’ de comunismo) – primeiro aos operários e depois aos camponeses – a fim de capacitá-las para que, eventualmente, possam concentrar em suas mãos a direção de toda a economia nacional. O sindicalismo entrega à massa de operários apartidários, que estão divididos nas distintas indústrias, a direção de suas indústrias (‘as administrações superiores e os conselhos centrais’), transformando assim o partido em algo supérfluo, e sem levar a cabo uma campanha prolongada, nem para educar as massas, nem para concentrar realmente em suas mãos a direção de toda a economia nacional.*”

(...) *“Para que serve um partido, se aqueles que irão dirigir a indústria serão designados (‘candidatos obrigatórios’) por sindicatos, as 9/10 partes de cujos membros são operários apartidários? Lógica, teórica e praticamente, Bukharin com suas palavras, se torna cúmplice de uma divisão no partido, ou melhor, de um rompimento dos sindicalistas com o partido.*

Concentrando o ataque em Bukharin, Lênin desfoca a discussão com Trotsky, afirmando *“que era o ‘chefe’ na luta, foi ‘distanciado’ e completamente ‘eclipsado’ por Bukharin, que modificou por completo o equilíbrio da luta, ao incorrer a um erro cem vezes maior que todos os de Trotsky juntos.* Estava claro que, para Lênin, o problema já não estava tanto nos erros de Trotsky, de pretender submeter inteiramente os sindicatos ao Estado soviético, mas do sindicalismo, para o qual descambou Bukharin.

Lênin encerra o documento *“A Crise no Partido”*, de 19 de janeiro de 1921, referindo-se à justeza da plataforma defendida pela maioria dos membros do Comitê Central. *“Até agora, nossa plataforma tem sido: não defender, mas corrigir os excessos da burocracia. A luta contra a burocracia é um trabalho longo e árduo. Os excessos podem e devem corrigir-se imediatamente. Aqueles que sabotam o prestígio dos trabalhadores militares e dos designados não são aqueles que assinalam os excessos prejudiciais e os corrige, senão aqueles que se opõem a que sejam corrigidos. Deste tipo eram os excessos de alguns partidários do Comitê Central do Transporte que, no entanto, continuarão sendo (...) trabalhadores valiosos. Não é necessário molestar os sindicatos, inventando divergências com eles, quando estão determinados e propensos a tudo o que é novo, prático e eficaz a respeito das tarefas dos sindicatos na produção”.*

Lênin concluirá suas formulações redigindo um folheto denominado *“Uma vez mais acerca dos sindicatos, da situação atual e os erros de Trotsky e Bukharin”*. Estavam preparadas as condições políticas para que o X Congresso decidisse sobre as plataformas e as divergências.

II Congresso da III Internacional

O II Congresso foi inaugurado em Petrogrado, em 19 de julho de 1920, as suas sessões se realizaram em Moscou, de 23 de julho a 7 de agosto. 37 países enviaram representação, 169 delegados com voz e voto, e 49, apenas com voz, correspondendo a 67 organizações. Eis a pauta: 1) situação internacional e tarefas fundamentais da Internacional Comunista; 2) Papel e estrutura dos partidos comunistas, antes e depois da conquista do poder pelo proletariado; 3) Sindicatos e comitês de fá-

brica e oficinas; 4) O problema do parlamentarismo; 5) Os problemas nacional e colonial; 6) O problema agrário; 7) A posição em relação às novas tendências de 'centro', e condições de admissão na Internacional Comunista; 8) Estatutos da Internacional Comunista; 9) Problemas de organização (organizações legais e ilegais, organizações femininas, etc.); 10) Movimento comunista da juventude; 11) Eleições; 12) Vários.

Pelos temas da pauta, nota-se que o II Congresso foi dedicado à elaboração programática. Teve particular importância, a discussão em torno às condições de admissão de novos partidos. A questão nacional e colonial e o problema do parlamentarismo provocaram vivas discussões. Os estatutos haviam sido elaborados no I Congresso, portanto, apenas foram ratificados.

A constituição da nova Internacional, cuja edificação se iniciava sobre a base da Revolução Russa e do agravamento da crise mundial, imediatamente pós-guerra, confirmava o acerto do bolchevismo, de romper com a II Internacional. Esses acontecimentos estremeceram, no mundo inteiro, as organizações que não foram capazes de combater o social-chauvinismo e o revisionismo em geral. O dilaceramento, no campo da velha social-democracia, levou a alinhamentos centristas. Era previsível que seria colocado, para a III Internacional, o problema do ingresso de correntes e agrupamentos, provenientes da crise dos revisionistas. Lênin teve a clareza, baseada na experiência de sua luta contra o oportunismo da II Internacional, sobre os perigos da afluência de centristas, que se acobertavam com o palavreado revolucionário, ocultando sua incapacidade de romper programaticamente com o revisionismo. Era o caso de partidos centristas da Alemanha, França e Itália, principalmente.

A revolução na Rússia e a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas trouxeram novas discussões, em torno à ditadura do proletariado, à tática, à autodeterminação das nacionalidades oprimidas, e à natureza do partido comunista. Eis por que o I Congresso da III Internacional realinhou as forças revolucionárias imediatamente vinculadas à luta dos bolcheviques contra a traição da II Internacional, e à luta pela conquista do poder pelo proletariado russo; e o II Congresso estabeleceu os fundamentos programáticos, voltados à edificação do "partido comunista mundial".

A aproximação da fração centrista da social-democracia colocava a necessidade de estabelecer, não só a linha geral programática, como determinadas condições de ruptura total com os reformistas e revisionistas. A divergência de Lênin com Giacinto Menotti Serrati, dirigente do

Partido Socialista Italiano, e com Arthur Crispian, dirigente do Partido Social-democrata Independente da Alemanha, comprovou o seu acerto, em defender que a Internacional Comunista estabelecesse condições claras para o ingresso de novos partidos e agrupamentos. Serrati resistiu à posição comunista, de romper incondicionalmente todos os laços com o oportunismo. Valia-se do argumento que não havia como saber, com precisão, a sinceridade dos partidos que se aproximavam da nova Internacional. Lênin responde: *“Certamente, não temos um instrumento para medir a sinceridade, como disse Serrati, para pôr à prova a consciência das pessoas, e estamos plenamente de acordo que não se trata de julgar as pessoas, mas de avaliar uma situação (...). Serrati está equivocado, quando diz: ‘Na França, a situação não é revolucionária, na Alemanha é revolucionária, na Itália é revolucionária’. (...) Inclusive, no caso de que a situação fosse contrarrevolucionária, a II Internacional se equivoca e carrega uma grave responsabilidade, quando não quer organizar a propaganda e a agitação revolucionárias, pois, inclusive na situação não revolucionária, se pode e se deve realizar a propaganda revolucionária; é o que toda a história do partido bolchevique tem demonstrado. Nisso consiste a diferença entre os socialistas e os comunistas: os socialistas se recusam a agir na forma com que os comunistas fazem em qualquer situação, ou seja, realizar um trabalho revolucionário”*.

A posição de Crispian era mais definida. Trazia para a discussão posições da velha social-democracia revisionista quanto à estratégia revolucionária. Explica Lênin: *“Acredito poder demonstrar que seu discurso é completamente kautskista, e que o camarada compartilha das ideias kautskistas sobre a ditadura do proletariado”*. O dirigente do Partido Social-democrata Independente procurou ocultar sua real posição, afirmando que era partidário da conquista do poder político. Lênin questiona, indicando que aceitar a conquista do poder político não significa defender a ditadura do proletariado. Lênin conclui: *“Quando se tem um bom partido revolucionário, merecedor do nome de comunista, deve realizar a propaganda pela ditadura do proletariado, distintamente das antigas concepções da II Internacional. Isso foi o que o camarada Crispian ocultou e dissimulou, e que é o erro principal, comum a todos os partidários de Kautsky”*.

Dessa discussão, resultou a resolução *“Condições de admissão na Internacional Comunista”*, que constou de 20 pontos. Em resumo, a obrigatoriedade de popularizar a ditadura do proletariado; arrancar os reformistas e centristas da direção do movimento operário; realizar o tra-

balho legal e ilegal; organizar células comunistas no interior das Forças Armadas; fazer regularmente a agitação no campo; denunciar, tanto o socialpatriotismo, como o socialpacifismo; romper completamente com o reformismo e com o 'centrismo'; aplicar a linha quanto às colônias e às nacionalidades oprimidas; realizar o trabalho sistemático nos organismos de massa; combater a Internacional de Amsterdam dos sindicatos amarelos; subordinar os parlamentares ao Comitê Central; organizar o partido de acordo com o princípio do centralismo democrático, prestar ajuda incondicional a qualquer república soviética; revisar os velhos programas social-democratas, e redigir um novo de acordo com as condições particulares de cada país; torna-se obrigatório a aplicação das resoluções da III Internacional a todos os filiados; todos os partidos devem se denominar partido comunista, seção da III Internacional; os partidos que pretendem ingressar na III Internacional devem ajustar sua tática.

Preparação do terreno para o X Congresso

Relatamos de maneira mais desenvolvida a divergência de Lênin com Trotsky e Bukharin, em torno à questão dos sindicatos. Citamos o folheto *“Uma vez mais acerca dos sindicatos, da situação atual e dos erros de Trotsky e Bukharin”* (25 de janeiro de 1921). Embora os principais pontos já tivessem sido tratados nos documentos *“Os sindicatos, a situação atual e os erros do camarada Trotsky”* (30 de dezembro de 1920) e *“A crise no partido”* (19 de janeiro de 1921), Lênin reforçou suas posições nesse terceiro documento, em função do X Congresso, que se aproximava.

O objetivo, agora, dessa exposição é extrair determinadas formulações que trazem elementos para a teoria marxista. Lênin introduz, assim, o folheto *“Uma vez mais...”*: *“A discussão dentro do partido e a luta fraccional, que é do tipo daquelas que ocorrem antes de um congresso – antes e na relação com as próximas eleições ao X Congresso do PCR – estão acirradas”* (...) *“Quase em todos os lugares se realizam reuniões do partido para discutir essas questões. Em 30 de dezembro de 1920, intervi em uma reunião nas condições em que, como manifestei então, me ‘afastava do regulamento’, nas condições em que não podia participar do debate, nem ouvir os oradores anteriores e subsequentes. Procurarei agora compensar e expressar-me de forma mais ordenada”*.

O folheto é constituído de vários pontos. Lênin começa referindo-se ao perigo do fracionamento partidário, nas difíceis condições de erguer a indústria e movimentar a economia, arruinada pelos anos de

guerra externa e interna. Alerta para o fato de que os defensores de plataformas não se davam conta de que estavam levando o partido a uma cisão. Diz: *“De modo que há certo perigo de choque”*. E pergunta: *“Pode conceber-se que membros sensatos do partido permaneçam indiferentes diante do problema de como, onde e quando surgiu esse perigo?”*. Referia-se principalmente a Trotsky e Bukharin. Segundo Lênin, Trotsky havia exposto *“a essência da controvérsia”*, enquanto Bukharin e aliados a *“eludiram e dissimularam”*.

No ponto sobre *“A democracia formal e o interesse revolucionário”*, Lênin afirma: *“Segundo as normas da democracia formal, Trotsky tem direito de apresentar uma plataforma fracional, inclusive contra todo o CC. Isso é indiscutível. Também é indiscutível que o CC, com sua resolução sobre a liberdade de discussão, aprovada em 24 de dezembro de 1920, sancionou esse direito formal (...)”*.

No ponto, *“O perigo político das divisões no movimento sindical”*, Lênin indica que, às vezes, ocorrem minúsculas divergências, que se tornam grandes. No caso dos sindicatos, conclui: *“Está claro que em um país que está sob a ditadura do proletariado, uma divisão nas fileiras da classe operária, ou entre o partido proletário e a massa do proletariado é perigosa, extremamente perigosa, em especial, quando o proletariado constitui uma pequena minoria da população. E as divisões no movimento sindical (...) significam precisamente uma divisão no interior do proletariado”*.

No ponto, *“Divergências de princípio”*, Lênin entende que *“não existem tais divergências”*. *“O camarada Trotsky procurou assinalá-las e não conseguiu”*. Lênin indica que procurou uma aproximação com Trotsky, que frustrou, depois da publicação de seu folheto. Havia que combater os seus erros. Em relação a Bukharin, considera a formulação *“democracia da produção”* um erro teórico. Explica: *“em última instância, todo tipo de democracia, como superestrutura política em geral (...), está a serviço da produção, e em essência está determinada pelas relações de produção em uma dada sociedade”*. Conclui: *“a ‘democracia da produção’ é um termo que se presta a falsas interpretações. Pode-se entender como negação da ditadura do proletariado e da autoridade pessoal”*.

No ponto, *“Política e economia, dialética e ecletismo”*, Lênin inicia lembrando *“que a política é expressão concentrada da economia”*. Assim, *“a política deve ter prioridade sobre a economia. Racionar de outro modo é esquecer o abc do marxismo (...)”*. *“O enfoque político, em outras palavras, significa que a atitude equivocada diante dos sindicatos liquidará o poder*

soviético e derrubará a ditadura do proletariado”. Nesse sentido, Lênin critica o “ecletismo teórico” de Bukharin e formula: “*sem um correto enfoque político do problema, a classe operária não poderá manter sua dominação e, conseqüentemente, tampouco poderá resolver seu problema de produção*”. “*Sempre eu disse, naturalmente, e continuarei dizendo, que devemos ocupar-nos mais de economia e menos de política, mas para isso devemos livrar-nos, evidentemente, dos perigos políticos e dos erros políticos. Os erros políticos do camarada Trotsky, agravados pelo camarada Bukharin, distraem a atenção de nosso partido das tarefas econômicas e do trabalho ‘de produção’, e, infelizmente, nos fazem perder tempo corrigindo-os, discutindo o desvio sindicalista (...), contrapondo-se ao enfoque incorreto do movimento sindical (...), e debatendo ‘teses’ gerais, em vez de dedicar-nos a uma discussão ‘econômica’ prática e concreta (...)*”.

O último tópico, “*Dialética e ecletismo, ‘escola’ e ‘aparato’*”, Lênin dedica a crítica a Bukharin, que se havia colocado na posição de “*amortizador*” entre ele e Trotsky. Lênin explica: “*A essência de seu erro teórico consiste, neste caso, na substituição da relação dialética entre a política e a economia (...) pelo ecletismo. Sua atitude teórica é: ‘por uma e outra parte’, ‘o um e o outro’. E isso é ecletismo. A dialética exige que se considerem todos os aspectos das relações em seu desenvolvimento concreto, e não um remendo de pedaços e retalhos. Demonstrei que assim era com o exemplo da política e da economia*”. Conclui: “*A única forma de examinar o problema corretamente é passar das abstrações vazias ao concreto, ou seja, ao atual tema de discussão*”. Neste ponto, “*Trotsky escapou pela tangente*”.

Com o detalhamento crítico e diferenciado das posições de Trotsky e Bukharin, Lênin preparava o partido para as decisões finais do X Congresso.

X Congresso

Concluimos a exposição sobre as divergências em torno ao papel dos sindicatos na organização da indústria. Essa questão fez parte da preparação do X Congresso do PC(b)R, realizado em Moscou, entre os dias 8 e 16 de março de 1921. O IX Congresso, ocorrido no final de março e início de abril de 1920, se deparou com a situação calamitosa da economia em geral e, em particular, da indústria, que foi arruinada durante anos da guerra imperialista e da guerra civil. A pobreza e miséria das massas repercutiam duramente na política do Estado operário, nas organizações soviéticas e, inevitavelmente, no partido comunista.

A oposição contrarrevolucionária, encarnada pelos socialistas revolucionários e mencheviques, que passaram à condição de serviços diretos das forças restauracionistas, aproveitava dos obstáculos que se interpunham ao processo de transição do capitalismo para o socialismo, para combater a ditadura do proletariado. Nesse marco, as tendências sindicalistas e anarcossindicalistas se ergueram, como desvios pequeno-burgueses da luta por vencer a desorganização econômica, reconstituir a capacidade da grande indústria sobre a base das relações socialistas, e combater a potenciação do camponês rico. A revolta dos marinheiros de Kronstadt, motivada por direções anarquistas e apoiada, principalmente, pelos socialistas revolucionários, em 1 de março de 1921, refletiu a desintegração econômica e a urgente necessidade de superar a economia de guerra, passando para uma economia pacífica.

Eis por que três foram os pontos centrais do X Congresso: 1) mudança na política econômica; 2) decisão sobre os sindicatos; 3) fracionamento partidário. Participaram do Congresso, 732.521 membros do partido; com 697 delegados com voz e voto; e 296, apenas com direito à voz. Aprovou-se uma pauta extensa: 1) informe do Comitê Central; 2) informe da Comissão de Controle; 3) sindicatos e seu papel na vida econômica do país; 4) República socialista diante do cerco capitalista, o comércio exterior, as concessões; 5) trabalho vinculado ao abastecimento de víveres, a requisição de excedentes e o imposto em espécie, assim como, a crise do combustível; 6) problemas da construção do partido; 7) tarefas atuais do partido quanto ao problema nacional; 8) reorganização do exército e o problema das milícias; 9) Comissão Central de Educação Política, o trabalho de agitação e propaganda do partido; 10) informe do representante do PC(b)R na Internacional Comunista e as tarefas atuais; 11) informe dos representantes do PC(b)R no Conselho Internacional de Sindicatos; 12) eleição para o Comitê Central, Comissões de Controle e de Revisão.

Lênin abriu o Congresso, mostrando que a III Internacional “*deixou de ser uma simples consigna, para se tornar realmente uma organização poderosa, baseada (...) nos principais países avançados*”. Referia-se a uma reunião realizada em Moscou, depois do 2º Congresso da Internacional Comunista, de 19 de julho a 7 de agosto de 1920, ficando patente o avanço da construção dos partidos comunistas na Alemanha, França e Itália. O que permitia concluir que a III Internacional passava a ser um importante fator na política mundial. Conclui: “*Isso é uma conquista gigantesca, camaradas, que por mais difíceis e penosas que sejam as diversas*

provas que nos esperam – e não podemos, nem devemos perdê-las de vista –, ninguém poderá arrebatá-la”.

Uma segunda constatação de Lênin foi que, depois de três anos e meio de luta contra os inimigos externos e internos, o X Congresso se realizava sem que tivesse as *“tropas inimigas, apoiadas por capitalistas e imperialistas de todo o mundo, em território da República soviética”*. Essa nova situação se devia *“às vitórias do Exército Vermelho durante este ano”*. Dessa exposição, Lênin chega à situação do partido. *“Camaradas, atravessamos um ano excepcional, nos permitimos o luxo de discussões e controvérsias dentro de nosso partido. Para um partido cercado de inimigos, de inimigos muito fortes e poderosos, que se unem em todo o mundo capitalista, para um partido que carrega responsabilidade sem precedente, este foi um luxo verdadeiramente assombroso”*. Lênin se referia às divergências sobre o lugar dos sindicatos na construção do socialismo.

Lênin chama a atenção dos delegados sobre a necessidade do X Congresso aprovar uma linha geral e resoluções que fortalecessem a unidade do partido e superassem as tendências divisionistas. *“Nossa tarefa, agora, é mostrar que, ainda que acertada ou desacertadamente, no passado, nos permitimos esse luxo, devemos sair dessa situação, de tal maneira que, tendo examinado com o devido cuidado a extraordinária abundância de plataformas, matizes, pequenos matizes e semi matizes de opiniões, que foram formuladas e discutidas, no Congresso de nosso partido, podemos dizer: de qualquer modo, por muito que a discussão se tenha estendido até agora, por muito que tenhamos travado disputas – e estando diante de tantos inimigos –, a tarefa da ditadura do proletariado em um país camponês é tão imensa e difícil, que não basta a coesão formal (...)”*.

Essa foi a linha mestra apresentada por Lênin para um Congresso que iria aprovar resoluções até então desconhecidas na história do bolchevismo, como a proibição de manter frações no interior do partido.

Necessidade de mudar a política econômica

Anteriormente, introduzimos os aspectos gerais do X Congresso do Partido Comunista (bolchevique) da Rússia (PC(b)R) e destacamos os pontos particulares de maior importância. Depois do discurso de abertura do Congresso, no dia 8 de março, Lênin apresentou o *“Informe sobre a atividade política do Comitê Central do PC(b)R”*. Chamou a atenção para a análise do trabalho do partido, das dificuldades e dos erros em relação à *“transição da guerra à paz”*.

Lênin iniciou a questão, fazendo um breve balanço dos três anos que precederam o X Congresso. Lembrou que, em abril de 1918, avaliava que havia chegado o momento de realizar mudanças na política econômica, tendo em vista que a guerra civil havia terminado, quando o certo era que havia começado. Nas condições de guerra civil, os esforços do Estado soviético se concentravam na economia de guerra. De maneira que se frustraram os planos assentados na avaliação de que havia chegado o momento da *“transição à construção pacífica”*. Essa expectativa correspondia à análise de que as concessões feitas à Polônia seriam suficientes para pôr fim à guerra. No entanto, o imperialismo e as forças da contrarrevolução não pretendiam a paz.

Para se compreender o novo momento, era preciso ter claras as condições de ruína da Rússia, e o esgotamento de seus recursos financeiros. Eis a descrição de Lênin: *“Durante vários anos, o país esteve dedicado exclusivamente a resolver as tarefas militares, e fez de tudo para resolvê-las, sacrificou, sem poupar nada, tudo o que tinha, suas escassas reservas e recursos, e, somente ao terminar a guerra, pudemos ver até onde chegavam a devastação e a miséria, que agora nos condenam por muito tempo a curar as feridas. Mas, nem sequer podemos dedicar-nos por inteiro a curar as feridas. As dificuldades técnicas da desmobilização do exército mostram, em grau considerável, toda a profundidade dessa ruína, que inevitavelmente engendra, entre outras coisas, uma série de crises de caráter econômico e social”*.

Lênin assinala que o erro do Comitê Central foi o de não calcular corretamente a proporção das dificuldades, que se avolumaram com a desmobilização do exército. Explica: *“Certamente, é preciso dizer que não havia pontos de apoio para se realizar esse cálculo, pois, a guerra civil era tão dura, que havia um só princípio orientador – tudo pela vitória na frente da guerra civil, e nada mais. Somente atendo-se a esse princípio e aos esforços sem precedentes do Exército Vermelho em luta contra Kolchak, Iudénich e outros, pudemos alcançar a vitória sobre os imperialistas que haviam invadido a Rússia soviética”*.

Esse aspecto da exposição de Lênin é decisivo para o entendimento dos condicionamentos econômicos e sociais, que se refletiam na nova situação de transição para a construção econômica, no período de paz que se abria. A vitória final contra o imperialismo e a reação interna estava assegurada, mas dependia da edificação da grande indústria e das respostas do Estado soviético às pressões do campesinato. As difíceis condições

da ruína econômica e os erros cometidos colocavam agora uma questão fundamental a ser resolvida, que era a crise da economia camponesa.

A requisição forçada de cereais, para abastecer as cidades, trouxe grandes dificuldades, diante das quais se encontrava o X Congresso. O Estado soviético foi obrigado a recorrer a esse meio indesejado, que prejudicava as relações com as massas pobres do campesinato. A descrição a seguir demonstra a clareza com que Lênin observava a materialidade dos obstáculos que obrigatoriamente tinham de ser removidos, para estabilizar o poder do proletariado, e avançar na transição para o socialismo. Eis:

“Mas essas circunstâncias fizeram com que a economia camponesa se debilitasse a tal ponto, depois de uma guerra tão prolongada, que a má colheita se deveu também à redução da superfície semeada, à piora dos meios de produção, à redução das colheitas, à escassez da mão-de-obra, etc.”

Era chegado o momento de demonstrar aos camponeses a capacidade do regime soviético de modificar sua política econômica, diante das condições objetivas, o que correspondia incentivar a economia camponesa, dando margem à mercantilização de seus produtos. Findavam-se as requisições, e instalava-se um imposto. Tornava-se inevitável, no processo de transição, a liberdade de comércio. Lênin reconhece os perigos advindos da potenciação econômica do pequeno produtor. Porém, não havia outro caminho para dar um passo na reabilitação da economia. Era visível a contradição entre as tarefas socialistas e a reativação do mercado, impulsionado pela comercialização dos produtos agrários.

Essa compreensão era fundamental, para a substituição das requisições de tempo de guerra pelo imposto em espécie, na nova situação. Essa concessão, consciente e planejada, correspondia a uma *“adaptação nas condições da paz”*. Explica Lênin: *“Neste período de transição, em um país onde predominam os camponeses, devemos ser capazes de passar a medidas que deem segurança econômica aos camponeses, e fazer o máximo possível para aliviar a sua situação econômica. Enquanto não transformemos o campesinato, enquanto não se transforme a grande produção maquinizada, devemos assegurar-lhe a possibilidade de manejar livremente sua economia. Estamos agora em uma etapa de transição, e nossa revolução está cercada pelos países capitalistas. Enquanto estivermos nesta etapa de transição, estamos obrigados a buscar formas extraordinariamente complexas de relações. Esgotados pela guerra, não podíamos concentrar nossa atenção em como estabelecer relações econômicas entre o poder estatal proletário, que tem em suas mãos uma grande indústria terrivelmente devastada, e os pequenos agricul-*

tores, e como encontrar formas de convivência com eles que, enquanto continuarem sendo pequenos agricultores, não podem viver sem que se assegurem, às suas pequenas produções, certo sistema de intercâmbio. Considero que, no atual momento, esta é a questão econômica e política mais importante para o poder soviético. Considero que esse problema resume os resultados políticos de nosso trabalho, agora que se concluiu o período de guerra, e que se iniciou, no ano que analisamos, a realização da transição à paz”.

Com essa análise e fundamentação, Lênin propõe ao X Congresso a tarefa de aprovar a Nova Política Econômica (NEP).

Preservar a unidade do partido

Introduzimos o X Congresso do Partido Comunista (b) Russo, expondo a pauta e os principais pontos gerais de discussão; em seguida, tratamos da alteração na política econômica, em que se adotava a liberdade de comércio para os camponeses, substituindo as medidas de guerra (requisição de produtos) por um imposto, e abria a possibilidade de acordos comerciais e acordos com empresas capitalistas, na forma de concessão, principalmente na extração de petróleo em Grozni e Bakú. Acentuamos a análise de Lênin sobre a situação contraditória por que passava a transição do capitalismo ao socialismo, sendo que, no seu interior, o Estado operário estava obrigado a transitar da economia de guerra para a economia de paz, cujo problema central estava em reerguer e fortalecer a grande indústria, com suas técnicas avançadas de produção.

Lênin explica que, se era correto que os camponeses se fortaleciam como pequenos proprietários, também o era que a edificação da grande indústria daria condições para o desenvolvimento dos objetivos socialistas. A supremacia da grande indústria impulsionaria o proletariado e fortaleceria o Estado soviético, de maneira que possibilitaria resolver a questão camponesa. Assim formula: *“Vejamos agora os problemas econômicos. O que significa a liberdade de comércio exigida pelos elementos pequeno-burgueses? Demonstra que, nas relações entre o proletariado e os pequenos agricultores, há problemas difíceis, e tarefas que ainda não resolvemos. Refiro-me às relações do proletariado vitorioso com os pequenos proprietários, quando a revolução proletária se desenvolve em um país onde o proletariado é uma minoria, e a pequena burguesia, uma maioria. O papel do proletariado em tal país é dirigir a passagem destes pequenos proprietários ao trabalho socializado e coletivo. Teoricamente, isso está fora de discussão. Temos tratado dessa passagem na quantidade de disposições legislativas, mas*

sabemos que isso não depende de disposições legislativas, mas de realização prática, e sabemos também que isso se pode assegurar quando se possui uma poderosa indústria em grande escala, capaz de proporcionar ao pequeno produtor tais benefícios, vendo assim na prática as suas vantagens”.

“(…) Não pudemos mostrar todas as vantagens da grande produção, porque está destruída, se encontra no mais lamentável estado, e só pode ser restaurada impondo sacrifícios a esses mesmos pequenos agricultores”.

“(…) Quando nos concentramos na restauração da economia, devemos compreender que temos diante de nós pequenos agricultores, pequenos proprietários, pequenos produtores, que trabalham para o mercado, até que se consiga a completa reestruturação e triunfo da produção em grande escala. Mas, tal reestruturação é impossível sobre a velha base; levará muitos anos, não menos que uma década, e possivelmente mais, tendo em vista a devastação. No entanto, durante muitos anos, teremos de lidar com esses pequenos produtores como tais, e a consigna de liberdade de comércio será inevitável. Essa consigna é perigosa, não porque encubra as aspirações dos guardas-brancos e dos mencheviques, mas porque pode alcançar difusão, apesar do ódio dos camponeses aos guardas-brancos. Pode alcançar difusão, porque responde às condições econômicas de existência do pequeno produtor. Partindo dessas considerações, o CC resolveu começar uma discussão sobre a substituição da requisição de excedentes por um imposto, e hoje colocou esse problema abertamente ao Congresso (...)”.

Lênin continua a expor esse raciocínio, com cuidado de detalhar as contradições, de maneira a que os delegados compreendessem a complexidade do momento. Explica: *“Enquanto não transformemos o campesinato, enquanto não for transformado pela produção maquinizada, devemos assegurar-lhe a possibilidade de manejar livremente sua economia. Estamos agora em uma etapa de transição, e nossa revolução está cercada de países capitalistas. Enquanto estivermos nessa etapa de transição, estamos obrigados a buscar formas extraordinariamente complicadas de relações. Esgotados pela guerra, não podíamos concentrar nossa atenção em como estabelecer relações econômicas entre o poder estatal proletário, que tem em suas mãos uma grande indústria incrivelmente devastada, e os pequenos agricultores, e como encontrar formas de convivência com eles que, enquanto continuem sendo pequenos agricultores, não podem viver, sem que se assegure à sua pequena produção certo sistema de intercâmbio”.*

Lênin lembra aos delegados que, em fins de 1918, o governo soviético havia emitido um *“decreto sobre o imposto em espécie”*. Não pôde

executá-lo, uma vez que a guerra civil continuou. Mas a posição estava correta. Respondia à necessidade do campesinato também arruinado. Naquele momento, foi necessário *“adotar medidas de tempos de guerra”*. Lênin conclui: *“No entanto, seria um grande erro se tirássemos a conclusão de que são as únicas medidas e relações possíveis. Isso significaria, seguramente, a queda do poder soviético e da ditadura do proletariado. Quando se passa à paz, se adentra em um período de crise econômica. É preciso recordar que é mais fácil construir um Estado proletário em um país com uma produção em grande escala, que em um país no qual predomina a pequena produção. Esse problema deve ser considerado de maneiras distintas, e não fecharmos os olhos diante das dificuldades, nem esquecermos de que o proletariado é uma classe, e o pequeno produtor, outra. Não esqueçamos que há diferentes classes, que a contrarrevolução pequeno-burguesa anárquica é um degrau político para a dominação dos guardas-brancos. Devemos observar isso de frente, serenamente, com consciência de que é necessário, de um lado, a máxima unidade, firmeza e disciplina dentro do partido proletário; e de outro, uma série de medidas econômicas que até agora não pudemos aplicar, devido à guerra”*.

A formulação da unidade dizia respeito aos conflitos internos em torno à função dos sindicatos e às respostas voltadas à reestruturação da indústria. Qualquer fracionamento do partido, em um momento tão delicado, dificultaria aplicar a nova política econômica e favoreceria as tendências capitalistas restauracionistas. Para Lênin, estava claro que era preciso travar *“a luta contra os métodos burocráticos”*. A discussão sobre essa questão deveria levar em consideração as iniciativas do Comitê Central, *“que enviou uma circular a todas as organizações”*, em setembro de 1920.

Combate à Oposição Operária

Damos continuidade às posições de Lênin desenvolvidas no X Congresso do Partido Comunista Bolchevique Russo (PC(b)R). É dedicado a demonstrar o enfrentamento de Lênin com a Oposição Operária, dirigida por Alexandra Kollontai, e Alexander Gavrilovich Shliapnikov. O Congresso não conseguiu movê-la de suas posições sindicalistas e anarquistas, acabando por excluí-la dos quadros do partido. As divergências em torno à função dos sindicatos chegaram ao X Congresso esgotadas. As formulações de Trotsky e Bukharin foram derrotadas sem muito problema. Ao contrário, Lênin se empenhou em derrotar a Oposição Operária, que insistiu em seus desvios sindicalistas e anarquistas.

Nota-se que Lênin teve de entrar em detalhes que mostravam os perigos de um oposição pequeno-burguesa, nas condições em que o partido tinha pela frente a tarefa de dar os primeiros passos na reativação da indústria e da economia em seu conjunto. O fracionismo, nesse momento, enfraquecia o partido, que se mostrava debilitado diante da classe operária quase que dissolvida, e das tremendas pressões dos camponeses arruinados. A unidade do partido, portanto, se colocava acima das divergências promovidas por uma fração opositora às decisões do Comitê Central e dos demais organismos partidários, voltadas a superar o estado de ruína da economia e de suas negativas consequências sociais para consolidar a transição do capitalismo para o socialismo. Lênin já havia alertado para o perigo do fracionismo, desencadeado no quadro da divergência sobre os sindicatos.

Agora, no X Congresso, a discussão teria também de ir a fundo sobre o fracionismo da Oposição Operária. Havia um complicador, que deveria ser elucidado e respondido com uma orientação programática. A Oposição Operária se valia da existência de um processo de burocratização, que comprometia a implantação das decisões partidárias e do governo soviético. Era preciso evidenciar para os delegados que a burocratização tinha de ser combatida implacavelmente, mas com a política do proletariado, e não com o da oposição pequeno-burguesa, que reclamava em favor da *“democracia e liberdade”*, transformando-as *“em consignas que levavam à derrocada do poder soviético”*.

A intervenção de Lênin esteve voltada a reverter a tendência fracionista da Oposição Operária, estabelecendo uma linha correta no combate aos *“métodos burocráticos”*. Explica Lênin: *“Necessitamos conhecer mais sobre isso no Congresso, necessitamos compreender que a luta contra os males da burocracia é absolutamente indispensável, e que é tão complexa como a luta contra o elemento pequeno-burguês. Em nosso sistema estatal, as práticas burocráticas se tornaram uma enfermidade tão séria, que se fala dela no programa de nosso partido, porque está vinculada com o elemento pequeno-burguês, que está amplamente difundido”*. *“(…) A miúdo, aqueles que mais reclamam dos males da burocracia não sabem como exercer este direito. É preciso prestar uma atenção muito grande a esse fato. (…)* Neste âmbito, observamos com frequência que alguns que combatem esse mal, possivelmente com o desejo sincero de ajudar o partido proletário, a ditadura proletária e o movimento proletário, ajudam na realidade os elementos anarquistas pequeno-burgueses, que, em mais de uma ocasião, durante a revolução, de-

monstraram ser o inimigo mais perigoso da ditadura do proletariado". Eis por que um dos pontos de discussão se deu em torno aos ensinamentos da revolta de Kronstadt.

Lênin chama a atenção para se ter claro a gravidade do momento. Diz: *"Estamos atravessando um período de grave perigo: a contrarrevolução pequeno-burguesa, como já disse, é mais perigosa que a de Denikin. Os camaradas não negaram esse perigo. A particularidade dessa contrarrevolução consiste em que é pequeno-burguesa e anarquista. Afirmando que existe um vínculo entre as ideias e as consignas desta contrarrevolução pequeno-burguesa e anarquista com as consignas da 'Oposição Operária'".* Kollantai e Shliapnikov, entre outros importantes adeptos da Oposição Operária, portanto, serviam de canal de pressão da contrarrevolução pequeno-burguesa. Aí está bem definido o caráter de classe dessa política opositora. Eis: *"Vocês admitiram que estão na oposição. Chegaram ao Congresso do partido com o folheto da camarada Kollantai, que se intitula A Oposição Operária. Quando entregaram as provas finais, vocês conheciam os acontecimentos de Kronstadt, e o surgimento da contrarrevolução pequeno-burguesa. E, neste momento, vêm ao Congresso denominando-se 'Oposição Operária'! Vocês não parecem compreender a responsabilidade que estão assumindo, e como rompem nossa unidade!"*.

De maneira absolutamente clara e sensível, Lênin mostra aos delegados que tudo deveria ser feito para demover a oposição de continuar trilhando o caminho de ruptura da unidade do partido. Explica: *"Se existe alguma coisa de saudável na dita oposição, devemos realizar todos os esforços para separá-la do restante. Não podemos lutar com êxito contra os males da burocracia, ou aplicar a democracia consequente, porque nos faltam forças e somos débeis. Devemos incorporar aqueles que possam nos ajudar, e aqueles que, com o pretexto de nos ajudar, produzam folhetos como esse, devemos desmascará-los e separá-los"*.

A fundamentação de Lênin era de que a luta contra a burocratização e o fracionamento opositor à linha do partido se dava nas condições em que a debilidade do próprio partido não poderia ser desconhecida pelos delegados. Assim, Lênin conclui: *"Não é o momento para ter uma oposição, camaradas! Ou vocês estão deste lado, ou estão do outro, e então sua arma deve ser um fuzil, e não uma oposição. Isso decorre da situação objetiva, e não devem culpar-nos por isso. Não é necessário ter uma oposição, justamente agora camaradas! Penso que o Congresso do partido terá de extrair a conclusão de que a oposição chegou ao fim, e que isso se esgotou (...)"*.

O desvio anarcossindicalista

Demos continuidade à exposição das posições de Lênin sobre os perigos da divisão do partido, diante da Oposição Operária, que resistia à implantação das medidas de reconstrução da grande indústria, e de resposta à questão camponesa. Lênin indica que a luta contra a burocratização crescente nas organizações soviéticas teria de ser travada, mas não com a política e os métodos do anarcossindicalismo.

Nesse embate, Lênin desenvolve a crítica concreta a um ponto fundamental que se encontra no folheto de Kollontai. Faz a seguinte referência: *“Na página 25, a camarada Kollontai escreve, e este é um dos pontos fundamentais das teses da ‘Oposição Operária’:*

A organização da direção da economia nacional corresponde a um Congresso de toda a Rússia de Produtores, organizados em sindicatos industriais e comerciais, que elegerão o órgão central para dirigir toda a economia nacional da República.

Esta é a mesma tese da ‘Oposição Operária’, que citei em todos os casos na discussão interna e na imprensa. Devo dizer que, depois de lê-la, não me dei o trabalho de ler o restante, porque seria perda de tempo, uma vez que essa tese deixa bem claro que essa gente chegou ao extremo, que é um elemento pequeno-burguês, anarquista. Agora, à luz dos acontecimentos de Kronstadt, torna-se ainda mais estranho ouvir essa tese”.

Lênin se reporta ao II Congresso da Internacional Comunista, realizado entre 19 de julho e 7 de agosto de 1920, em que se discutiu e se aprovou uma resolução sobre o papel do Partido Comunista, na condução da ditadura do proletariado. As teses da Oposição Operária estavam em franca contradição com a referida resolução. A gravidade da negação do Partido Comunista como dirigente se refletia diante do fato de que a indústria se achava arruinada, e boa parte dos operários havia abandonado as fábricas e se refugiava no campo. Não se poderia desconhecer que a decomposição do proletariado e, conseqüentemente, o surgimento tendências anarquistas pequeno-burguesas, se deviam a causas econômicas.

Não se podia combater a direção do Partido Comunista, sem que se abrisse caminho à contrarrevolução. Lênin explica: *“A experiência de todas as nossas calamidades nos diz o quanto é difícil lutar contra elas. Depois de dois anos e meio de poder soviético, afirmamos, diante de todo o mundo, na Internacional, que a ditadura do proletariado não se edificaria, a não*

ser por meio do Partido Comunista. Então, os anarquistas e sindicalistas nos atacaram raivosamente e disseram: veem, isso é o que pensam, necessita-se de um Partido Comunista para que funcione a ditadura do proletariado (...) e depois de tudo isso aparecem pessoas 'com consciência de classe e com coesão de classe', e nos dizem que 'a organização da direção da economia nacional corresponde a um Congresso de toda a Rússia de Produtores'".

Assim, Lênin demonstra que a defesa de uma direção da economia baseada em um “Congresso de toda a Rússia de Produtores”, que elegeria um órgão central, se voltava claramente contra a direção do Partido Comunista. Desfaz a confusão de que um “Congresso de toda a Rússia de Produtores” estaria de acordo com as formulações de Engels. Eis a resposta: “Engels fala de uma sociedade comunista. Nela, não haverá classes, haverá somente produtores”. Não é, portanto, o caso da União Soviética, que se encontrava em um momento difícil do processo de transição do capitalismo ao socialismo. A luta de classes permanecia e era dura, então, “falar de um ‘Congresso de toda a Rússia de Produtores’ não é senão um desvio sindicalista que deve ser, categórica e irrevogavelmente, condenado?”. Nessas condições, “um ‘Congresso de toda Rússia de Produtores’ não é uma ideia marxista, comunista”.

No “Projeto Preliminar de Resolução do X Congresso do Partido Comunista Russo sobre os desvios sindicalista e anarquista em nosso partido”, Lênin sintetiza em dois aspectos a essência do erro: “Primeiro, o conceito ‘produtor’ engloba o proletário, o semiproletário e o pequeno produtor de mercadorias, afastando-se assim radicalmente do conceito fundamental da luta de classes, e da exigência de estabelecer uma precisa distinção entre as classes. Segundo, orientar-se para as massas apartidárias ou flertar com elas, como está implícito na tese citada, é um afastamento igualmente radical do marxismo”. E conclui: “O marxismo ensina (...) que somente o partido político da classe operária, isto é, o partido comunista, é capaz de unir, educar e organizar uma vanguarda do proletariado e das massas trabalhadoras, que é a única capaz de opor-se às inevitáveis vacilações das massas pequeno-burguesas, às inevitáveis tradições e reincidências no estreito sindicalismo ou nos preconceitos sindicais, entre o proletariado, e de dirigir o conjunto das atividades unidas de todo o proletariado, isto é, de dirigir-lo politicamente e, por seu intermédio, ao conjunto das massas trabalhadoras. Sem isto, a ditadura do proletariado é impossível”.

No “Informe sobre a unidade do partido e do desvio anarcossindicalista”, Lênin reforça a necessidade de ter sempre claro e presente a

definição de proletariado como classe dirigente. Demonstra que o desvio sindicalista e anarquista apaga o lugar estratégico do proletariado. Eis: *“Marx e Engels lutaram implacavelmente contra aqueles que se esqueciam das diferenças de classe e falavam de produtores, do povo, ou dos trabalhadores em geral. Quem tenha lido Marx e Engels recordará que, em todas suas obras, ridicularizam aqueles que falam de produtores, do povo, dos trabalhadores em geral! Não existem trabalhadores em geral; existem, ou pequenos proprietários, que possuem os meios de produção, e cuja mentalidade e hábitos são capitalistas – e não podem ser outros –, ou trabalhadores assalariados, cuja mentalidade é completamente diferente, trabalhadores assalariados na grande indústria, que estão em contradição antagônica com os capitalistas, e na luta contra eles”*.

Como se pode constatar, no transcurso da luta de Lênin contra as posições errôneas da Oposição Operária, a sua expulsão se deu por razões essencialmente programáticas. A ruptura com o programa, portanto, com o princípio da ditadura do proletariado e a concepção do partido marxista, tornou inviável a permanência dessa tendência anarcossindicalista no interior do Partido Comunista. É nesse estrito sentido, e nas condições particulares do enfrentamento à economia arruinada, que o X Congresso também proibiu, provisoriamente, o direito de fração.

X Conferência de toda a Rússia

Concluímos a exposição sobre os sindicatos, diante da tarefa de reerguer a grande indústria, a exclusão da Oposição Operária, e os fundamentos da Nova Política Econômica (NEP), ocorridos no X Congresso. Em seguida, se realizou a X Conferência de toda a Rússia (PC(b)R), entre 26 e 28 de maio de 1921. Os pontos discutidos foram: 1) a política econômica; 2) o papel dos socialistas revolucionários e mencheviques no momento atual; 3) o Terceiro Congresso da Internacional Comunista; 4) informação sobre os trabalhos do IV Congresso de Sindicatos; 5) problemas de organização.

O ponto fundamental foi o da aplicação da Nova Política Econômica (NEP). A mudança nas diretrizes econômicas, inevitavelmente, provocou grandes discussões, uma vez que a substituição das medidas de requisição do excedente da produção camponesa para o de imposto em espécie, bem como a possibilidade de se estabelecerem acordos de concessão com empresas imperialistas, expressaram contradições no processo de transição do capitalismo ao socialismo. O embate em torno

a essa virada econômica foi resolvido no XI Congresso. No entanto, a luta de Lênin continuaria diante de sua aplicabilidade. Nota-se que os argumentos essenciais são retomados na X Conferência, cujo encaminhamento se deu na forma de uma *“Resolução sobre problemas da Nova Política Econômica”*.

Os socialistas revolucionários e mencheviques orquestraram uma campanha de ataque ao governo soviético e ao bolchevismo. Esses adversários, representantes da pequena burguesia, adversários da Revolução de Outubro, passaram a exercer uma dura oposição, aproveitando o estado calamitoso da economia, destroçada pela guerra imperialista e pela guerra civil. Do exterior, a imprensa da burguesia contrarrevolucionária dava guarida a esses adversários internos. Eis por que Lênin teve de dedicar parte de seu *“Informe sobre o imposto em espécie”* a rechaçar as falsificações desses adversários, que, em nome da democracia em geral, bombardeavam as medidas típicas da ditadura de classe do proletariado. Apoiavam-se nas dificuldades materiais de se manter a aliança operária e camponesa, sem a qual a massa camponesa passaria a servir às forças da restauração capitalista. Ou o governo soviético avançaria com a NEP, no sentido de manter a confiança dos camponeses pobres, ou se corria o risco de romper a unidade operária e camponesa, necessária para suportar o cerco imperialista. E isso só seria possível se os camponeses vissem as vantagens que teriam com a ativação da grande indústria.

Entre várias formulações, esta merece destaque: *“Pela primeira vez na história moderna, temos um sistema social do qual foi eliminada a classe exploradora, mas no qual há duas classes distintas – a classe operária e o campesinato. O enorme predomínio do campesinato não podia senão refletir-se em nossa política econômica e em nossa política em geral (...) Os inimigos do poder soviético discursam sobre a fórmula de acordo entre a classe operária e o campesinato com tanta frequência, e utilizam a miúdo contra nós, porque é completamente indefinida. Por acordo entre a classe operária e o campesinato, se pode entender qualquer coisa. Se não se tem presente que um acordo, do ponto de vista da classe operária, só é possível, em princípio, permissível e correto, se se apoia a ditadura da classe operária, e é uma das medidas voltadas à abolição das classes, então, essa fórmula de acordo entre a classe operária e o campesinato continua sendo, portanto, uma fórmula que manejam todos os inimigos do poder soviético, todos os inimigos da ditadura”*.

Esse esclarecimento se mostrou de grande importância na Conferência, para desmascarar a impostura dos socialistas revolucionários e men-

cheviques, que manipulavam com generalidades. Lênin demonstra, na prática, as particularidades da aliança operária e camponesa na revolução e, agora, no processo de transição do capitalismo ao socialismo. Eis: *“A causa principal (...) foi a guerra civil. Apesar de, em muitos casos, a guerra civil ter se iniciado contra os guardas brancos, os socialistas revolucionários e os mencheviques, unidos em aliança contra os bolcheviques, levou, invariavelmente, a que todos os socialistas revolucionários, partidários da Assembleia Constituinte, e os elementos mencheviques se encontrassem – seja por um golpe de Estado, ou sem ele – em segundo plano, ficando à frente dos guardas brancos, dos elementos capitalistas e latifundiários. (...) Esse foi o fator principal que determinou a forma da aliança entre o proletariado e o campesinato. (...) Somente a classe operária podia exercer a ditadura na forma exigida pela guerra civil e suas condições. A participação dos latifundiários nesta guerra uniu a classe operária e o campesinato, absoluta, incondicional e irrevogavelmente. Nesse sentido, não houve nenhuma vacilação política interna”*.

Essa sólida aliança será posta à prova, com as terríveis dificuldades econômicas, agravadas pela destruição da estrutura industrial do país. O fato de o governo soviético ter de lançar mão da requisição dos excedentes agrários provocou um enfraquecimento da aliança entre o proletariado e o campesinato. Mas, foi assim que *“a indústria continuou funcionando, ainda quando estávamos quase completamente isolados das zonas cerealistas”*. Os camponeses podiam entender que seu sacrifício se devia à necessidade de vencer a guerra contra o adversário comum, que era o latifundiário. Passado esse momento, já não se podia manter o mecanismo das requisições. Ou se o mudava, ou se romperia o equilíbrio da aliança. As condições objetivas ditavam o curso dos acontecimentos. Lênin, então, estabelece as diretrizes da NEP.

O problema na Conferência estava em levar o partido a assumir plenamente o seu lugar como força política decisiva para a sua aplicação. A sua viga-mestra não era a de permitir aos camponeses o direito de comercializar seus produtos, mas sim o de reerguer a grande indústria sobre bases socialistas. Nessa relação contraditória, o determinante se encontrava na tarefa de reerguer o proletariado como classe coesa, e, para isso, havia de potencializar as forças produtivas industriais. Eis a conclusão de Lênin: *“A principal base material pra o desenvolvimento da consciência de classe proletária é a grande indústria, onde o operário vê as fábricas em funcionamento, e sente diariamente a força que pode realmente abolir as classes”*.

III Congresso da Internacional Comunista

O III Congresso da Internacional Comunista se realizou entre 22 de junho a 12 de julho de 1921. Coube a Lênin apresentar um balanço sobre a situação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a tática do Partido Comunista Russo. Ampliou e aprofundou as formulações e decisões do XI Congresso e da X Conferência, esta última, recém-realizada. Como parte desse informe, respondeu aos ataques da II Internacional, da Internacional II e ½, dos socialistas revolucionários e mencheviques. Lênin também ocupou um destacado lugar no enfrentamento ao ultraesquerdismo. Momento em que expõe didaticamente a tática da Internacional Comunista, que acabou resultando em um projeto de *“Teses sobre a tática”*. Houve, da parte da delegação russa e, em particular de Lênin, o cuidado em generalizar as experiências da Revolução Russa, e as do processo muito recente da transição do capitalismo ao socialismo. Ao se discutir a tática revolucionária, se expressou a necessidade das seções da III Internacional realizarem um trabalho sistemático de penetração do programa da revolução no seio do proletariado. Somente assim, o reformismo contrarrevolucionário, o centrismo capitulador e o ultra esquerdismo aventureiro poderiam ser superados, e, inclusive, expurgados das fileiras da III Internacional.

Eis, resumidamente, alguns aspectos básicos das *“Teses do Informe sobre a Tática do PCR”*:

1) *“A situação internacional da RSFSR”* – *“A oposição à guerra contra a Rússia soviética, em todos os países, cresceu consideravelmente, fortalecendo o movimento revolucionário do proletariado, e estendendo-se consideravelmente às amplas massas dos democratas pequeno-burgueses (...) O movimento revolucionário está crescendo vigorosamente entre milhões de seres, que constituem os povos oprimidos do Oriente (...) O resultado é um estado de equilíbrio que, ainda que sumamente precário e instável, torna possível a existência da República socialista – não por muito tempo é claro, dentro do cerco capitalista”*. A observação de Lênin, de que o equilíbrio relativo poderia não ser por muito tempo, indica a necessidade de acelerar o fortalecimento da III Internacional, como um instrumento imprescindível da luta de classes mundial, e para a defesa das conquistas da revolução proletária;

2) *“A correlação das forças de classe em escala internacional”* – *“O proletariado dos países capitalistas avançados formou, em todas as partes, sua vanguarda, os partidos comunistas, que se desenvolvem em firmes progressos*

para a conquista da maioria do proletariado em cada país, destruindo a influência dos antigos burocratas sindicais (...). Lênin mostra, no entanto, que os democratas pequeno-burgueses da II Internacional e da Internacional II e ½ se levantavam como *“o principal suporte do capitalismo”*. Lênin indica, por outro lado, a importância do despertar revolucionário das massas dos países coloniais e semicoloniais, que representam a imensa maioria da população mundial. Entre eles, refere-se à China;

3 e 4) *“A correlação das forças de classe na Rússia” e “O proletariado e o campesinato na Rússia” – “A situação política interna da Rússia soviética está determinada pelo fato de que aqui, pela primeira vez na história mundial, existem há alguns anos somente duas classes: o proletariado, que foi educado durante décadas por uma grande indústria maquinizada, muito jovem, mas moderna, e o pequeno camponês, que constitui a imensa maioria da população”*. Lênin mostra que os latifundiários e capitalistas foram expropriados, mas continuam existindo, como força restauracionista. Interna e externamente, agem para romper a relação entre o proletariado e os camponeses, de maneira a *“destruir o poder soviético e restaurar o capitalismo na Rússia”*. Era fundamental, portanto, *“realizar a transição, em uma série de passos graduais, para a grande agricultura coletiva e maquinizada”*. (...) *“Por isso, do ponto de vista do desenvolvimento da revolução proletária mundial como um processo único, a época pela qual a Rússia atravessa é significativa, como uma prova prática e uma verificação da política do proletariado no poder para a massa pequeno-burguesa”*. É muito importante a formulação de Lênin da revolução mundial como um processo único.

No ponto 5, Lênin mostra o quanto foi decisiva a aliança operária e camponesa para enfrentar o período de guerra, sem a qual a revolução não triunfaria e não se sustentaria. Os pontos 6, 7, 8 e 9 são dedicados a expor a nova política econômica.

O ponto 10, *“O papel da ‘Democracia Pura’, da II Internacional e da Internacional II ½, dos socialistas revolucionários e mencheviques como aliados do capital”*. Sob a bandeira da democracia em geral, os partidos democráticos pequeno-burgueses combatiam o Estado soviético e o Partido Comunista. Lênin recorre à crítica de Engels à democracia pura, que serve de *“última tábua de salvação da economia burguesa e inclusive feudal (...)”*. Eis o fundamental do choque do bolchevismo com os revisionistas da II Internacional: *“A ditadura do proletariado não significa que cessou a luta de classes, senão que continua assumindo uma nova forma*

e com novas armas. Essa ditadura é imprescindível, enquanto existirem as classes, enquanto a burguesia derrotada em um só país desfechar seus ataques contra o socialismo em escala internacional”.

Essa última formulação expõe o fundamento histórico da ditadura do proletariado e do internacionalismo proletário. A burguesia começa por ser derrotada em um determinado país, arma a reação externa e incentiva as forças internas restauracionistas, de forma que somente o avanço da revolução mundial pode sustentar e desenvolver as conquistas do proletariado.

XI Congresso

O XI Congresso, de 27 março a 2 de abril de 1922, teve como ponto principal a discussão sobre a aplicação da Nova Política Econômica. Observa-se, pela pauta, a preocupação com um balanço da intervenção do partido nas questões econômicas, ao mesmo tempo que se avaliava criticamente o funcionamento partidário. Os cinco primeiros pontos da pauta foram dedicados aos informes político e organizativo do Comitê Central; informe da Comissão Central de Controle; e informe da delegação do partido na Internacional Comunista. Em seguida, discutiu-se sobre os sindicatos; o Exército Vermelho; política financeira; e avaliação sobre a depuração do partido, o trabalho entre a juventude, a imprensa e a propaganda. O Congresso concluiu com a eleição do Comitê Central e da Comissão Central de Controle. Participaram do Congresso, 522 delegados, com voz e voto, 164, com apenas voz. Entre as resoluções, se destacaram *“Sobre o trabalho no campo”* e *“Sobre o fortalecimento do partido e suas novas tarefas”*. O maior embate se deu em torno à Nova Política Econômica. Os opositores às diretrizes, neste particular, foram E.A.Preobrazhenki, N.Osinski, I.Larin e A.G.Shliápnikov. Preobrazhenki apresentou a tese *“Os princípios fundamentais da política do PCR no campo atual”*, que foi combatida por Lênin.

Esse foi o primeiro Congresso a ser realizado depois de um ano, sem que houvesse intervenção e invasão dos países capitalistas na Rússia soviética. Esse fato tinha enorme importância, porque permitia restabelecer a economia arruinada, e dar passos à frente, no fortalecimento das conquistas da revolução proletária.

Depois das considerações iniciais da abertura do Congresso, Lênin discorreu sobre o *“Informe político do Comitê Central do PC(b)R”*. Reconhece que o principal aspecto era a Nova Política Econômica. Em pri-

meiro lugar, era necessário *“comprovar se foi estabelecido efetivamente um vínculo com a economia camponesa”*. Na base da Nova Política Econômica, estava o objetivo de superar o isolamento da *“economia que se organizava nas fábricas nacionalizadas, socializadas”*, em relação à *“economia camponesa”*. O problema era saber, portanto, até que ponto se havia conseguido cumprir esse objetivo. Concretamente, tratava-se de determinar em que grau as massas camponesas sentiam melhorias nas suas condições de existência e, assim, pudessem reconhecer *“o trabalho que se realiza em nome dos distantes ideais socialistas”*. Lênin explica: *“Nosso objetivo é restabelecer o vínculo, demonstrar, com fatos, aos camponeses, que começamos por aquilo que eles conhecem, compreendem, e agora lhes é acessível, apesar de sua miséria, e não por algo distante e fantástico, do ponto de vista do camponês”*.

O Estado soviético e o partido seriam reconhecidos pelos camponeses, caso o resultado da Nova Política Econômica fosse palpável. Para isso, foi necessário realizar um retrocesso, ao estimular a agricultura mercantil. É sobre essa base que o Congresso deveria avaliar o que foi realizado, durante um ano. Eis a conclusão: *“Se o retrocesso condiz com uma tática acertada, devemos unir-nos às massas camponesas, enquanto realizamos o retrocesso, e com elas marcharemos adiante, cem vezes mais lenta, mas firme e inflexivelmente, de tal forma que sempre vejam que marchamos realmente adiante. Então, nossa causa será absolutamente invencível (...)”*. Aí vem a crítica de Lênin: *“Até agora, neste primeiro ano, não o temos levado à cabo”*. Tratava-se, assim, reconhecer o enorme perigo que representaria o fracasso da Nova Política Econômica.

Lênin chama a atenção do Congresso para que tenha uma clara noção da distinção entre o período da revolução e o da construção do socialismo. No primeiro caso, se lutava pelo programa e por sua demonstração. No segundo, o partido luta por realizá-lo, o que exige enfrentar os reais obstáculos ditados pela situação objetiva. O que impunha um retrocesso, em busca de uma melhoria das condições de produção dos camponeses. A produção camponesa, para ser comercializada, e, inclusive, as *“sociedades mistas”* formadas com a participação de capitalistas privados, era claramente um retrocesso, mas necessário para mover a economia, manter a confiança dos camponeses, e impulsionar a grande indústria socialista.

Lênin insiste em demonstrar que os comunistas precisam aprender a lidar com a economia real. É um erro não querer aprender a comercializar, para fazer frente à necessidade de criar vínculos com os camponeses,

e usar determinadas relações capitalistas, para tirar proveito em favor do fortalecimento da indústria estatal e da economia em geral.

Essas formulações levaram *“ao problema do capitalismo de Estado”*. Eis o ponto de partida da discussão: *“O capitalismo de Estado, segundo a bibliografia sobre problemas econômicos, se refere ao que existe sob o sistema capitalista, onde determinadas empresas capitalistas se encontram sob o controle direto do Estado. Mas o nosso é um Estado proletário, se apoia no proletariado, dá ao proletariado todas as vantagens políticas, e, por intermédio do proletariado, atrai as camadas baixas do campesinato (...)”*. Lênin assinala que não há uma teoria sobre *“um capitalismo de Estado do tipo como o nosso, pelo sensível motivo de que todas as noções habituais relacionadas com essas palavras se associam à dominação burguesa na sociedade capitalista”*. E conclui: *“O capitalismo de Estado é o capitalismo que devemos limitar dentro de certo marco, mas ainda não temos aprendido a limitá-lo dentro desse marco. Isso é o essencial. E como será esse capitalismo de Estado, depende de nós. Temos suficiente poder político (...), também temos à nossa disposição suficientes recursos econômicos, mas a capacidade da vanguarda da classe operária, chamada a dirigir diretamente, a determinar as fronteiras, a fixar os limites, a subordinar e não ser subordinada, não é suficiente. Para isso, o que nos falta é capacidade (...)”*.

A Nova Política Econômica suscitou, como se vê, discussões inteiramente novas. Lênin chama a atenção do Congresso para uma *“situação em que o proletariado, a vanguarda revolucionária, tivesse suficiente poder político, e em que o capitalismo de Estado se colocasse diante dela”*.

Reconhecer o retrocesso

Lênin analisa a Nova Política Econômica como um retrocesso necessário, imposto pelas condições objetivas da economia e da relação entre o proletariado e o campesinato. Insiste em demonstrar que a transição do capitalismo em socialismo nem sempre ocorre na forma de avanços, mas que os recuos obrigatórios devem ser claramente evidenciados, e expostos seus limites, de acordo com o objetivo da transformação socialista.

A noção de retrocesso aplicado nas condições em que a burguesia foi derrotada, mas que o proletariado necessita do apoio das massas camponesas para se manter no poder, e dar continuidade às transformações originadas da revolução, evidencia a aplicação do materialismo histórico. Diz Lênin, em resposta às críticas do grupo “oposição operária”: *“O*

retrocesso é difícil, especialmente para os revolucionários que estão acostumados a avançar, e especialmente quando estão acostumados a avançar com êxitos gigantescos, durante vários anos; especialmente se estão rodeados de revolucionários de outros países, que somente sonham em começar a ofensiva (...) Era claro para nós que, por mais que, durante muitos anos, tínhamos avançado com tanto êxito, e obtido vitórias tão extraordinárias (isso em um país assombrosamente arruinado, privado de recursos materiais!) para consolidar esse avanço (...) era indispensável que retrocedêssemos. Não podíamos conservar todas as posições tomadas no primeiro assalto. Por outro lado, somente porque, na crista da onda do entusiasmo dos operários, conquistamos tanto no primeiro assalto, tivemos espaço para retroceder uma grande distância, e podemos retroceder agora ainda mais, sem perder nossas posições principais e fundamentais. Em geral, o retrocesso se faz bastante ordenado, ainda que algumas vezes de pânico, entre as quais se encontravam as da 'oposição operária', (...) causaram perdas em nossas fileiras, provocaram atos de indisciplina, e alteraram a ordem em que se devia realizar o retrocesso".

Lênin explica detalhadamente o sentido do retrocesso que significava a Nova Política Econômica, e os perigos da trazia em suas entranhas, o que implicava clareza política do partido e das organizações soviéticas, para realizá-lo disciplinadamente e com competência.

Uma luta se travava entre os agentes da burguesia e o proletariado, sob a direção de seu partido e de seu Estado, para influenciar as massas camponesas, que se viam sobressaltadas pela economia arruinada. Didaticamente, Lênin expõe o momento da luta de classes em que se encontrava a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), depois do fim da guerra civil. *"Os capitalistas criam um vínculo econômico com os camponeses para se enriquecer; vocês devem criar um vínculo com a economia camponesa para reforçar o poder econômico de nosso Estado proletário. Vocês têm uma vantagem sobre os capitalistas, pois, o poder estatal está em suas mãos, vocês têm à sua disposição uma série de meios econômicos, mas não sabem fazer uso deles".*

Nessa passagem, Lênin mostra que uma das maiores dificuldades de realizar o retrocesso, para em seguida passar para a ofensiva, se encontrava na *"falta de cultura nas camadas de comunistas que cumprem funções de direção"*. Lênin recorre à história, para exemplificar o que se passava com os dirigentes: *"Se o povo vencedor é mais culto que o povo vencido, impõe, a este, sua cultura. Mas, caso contrário, o povo vencido impõe sua cultura ao vencedor"*. Estava, portanto, posta a luta por superar o atraso dos diri-

gentes, responsáveis por aplicar as medidas determinadas pelo congresso do partido. E o ponto de partida estava em aproveitar o máximo do legado mais avançado do capitalismo, no que se referia às necessidades da construção econômica. Dessa formulação, Lênin adentra a explicação de que era preciso *“diferenciar cuidadosamente os problemas que a revolução havia resolvido por completo, e que passaram irrevogavelmente à história como uma ruptura com o capitalismo de transcendência universal”*.

Em resposta aos mencheviques, que diziam que isso era uma revolução burguesa, referindo-se às diretrizes econômicas, Lênin afirma taxativamente: *“Nós decidimos que nossa tarefa é a de levar a revolução burguesa ao seu término”. (...)* *“Temos colocado agora a tarefa de estabelecer as bases da economia socialista. Isso foi feito? Não, não foi feito. Ainda nos faltam as bases socialistas. Os comunistas que imaginam que temos essas bases estão profundamente equivocados. Todo problema consiste em distinguir, firme, clara e serenamente, o que é mérito histórico da revolução russa – o que não temos feito bem – do que ainda não está criado, e do que teremos de voltar a fazer ainda, muitas vezes. O problema, portanto, é o de determinar qual era a tarefa principal, que permitiria dar continuidade às conquistas da revolução”*.

Observamos o empenho de Lênin em expor programaticamente o momento em que se encontrava o processo revolucionário, o que implicava formular teoricamente as tarefas da situação concreta, e determinar claramente os seus aspectos práticos. Caminhando para o final de sua exposição, Lênin chama a atenção do Congresso. Estava colocado, na ordem do dia, estabelecer a relação entre os organismos superiores governamentais e o partido. Fica visível o quanto difícil e complicado era essa relação. Em resposta a Preobrazhenski sobre o capitalismo de Estado, Lênin refere-se à importância de haver *“completa unanimidade em que o aparato do partido deve ser separado do aparato soviético”*. Esse aspecto foi tocado de passagem, mas se mostrou muito importante. Havia de entender a impossibilidade de *“separar mecanicamente os problemas políticos dos problemas organizativos”*. (...) *“A política é a economia concentrada”*.

Como se vê, o XI Congresso, ao discutir as questões práticas da Nova Política Econômica, lançou luz sobre o funcionamento do aparato estatal soviético e o partido, nas condições em que se mantinham na ilegalidade os mencheviques e os socialistas revolucionários, que passaram a funcionar como agentes da contrarrevolução, no momento mais difícil da reconstrução econômica e da relação entre o campesinato e o proletariado.

IV Congresso da III Internacional

Concluímos a intervenção de Lênin no XI Congresso, realizando entre 27 de março e 2 de abril de 1922, ressaltando a necessidade de reestruturação do aparato estatal soviético, e a elevação cultural do país e, em particular, dos próprios responsáveis por sua administração.

Entre 5 de novembro e 5 de dezembro deste mesmo ano, ocorreu o IV Congresso da Internacional Comunista. Coincidiu com o quinto ano da Revolução Russa. Embora debilitado pela doença, Lênin desempenhou um papel central na sua organização e desenvolvimento. O IV Congresso se encarregou de elaborar o programa da III Internacional. A formulação sobre a tática da frente única operária a ser aplicada nos países de economia capitalista avançada (imperialista), e da frente única anti-imperialista, apropriada para os países coloniais e semicoloniais, decorreram do estabelecimento das linhas programáticas. O IV Congresso expressou o fortalecimento do internacionalismo proletário, não só pelo número de partidos comunistas (58 seções) e pelas novas adesões (Japão, Portugal, Brasil, etc.), mas também pela consistência dos documentos programáticos discutidos e aprovados.

Lênin foi o encarregado de apresentar um informe sobre *“Cinco anos da revolução russa e as perspectivas da revolução mundial”*. Deste informe, derivavam algumas das tarefas fundamentais da luta internacionalista do proletariado mundial. A consolidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), depois de vencer o cerco militar do imperialismo e a guerra civil, havia garantido o avanço da III Internacional, cuja importância era decisiva para a continuidade da luta contra o isolamento da URSS imposto pelas potências. Nesse sentido, o informe de Lênin, sobre os cinco anos da revolução, teve por objetivo colocar a necessidade da III Internacional assimilar a rica experiência do proletariado russo e do bolchevismo. Podendo, assim, incorporá-la na luta revolucionária de seus países. O que não poderia ser submetida ao esquematismo.

Lênin dedica boa parte de seu informe para mostrar como o Estado soviético enfrentava poderosas dificuldades de reerguer a economia, e manter a aliança operária e camponesa nas novas condições abertas, após a tomada do poder e a expropriação dos latifundiários e da burguesia. As respostas práticas obrigavam formulações até então inimagináveis aos marxistas. Era o caso da discussão em torno ao capitalismo de Estado. Como fazer com que a III Internacional entendesse a Nova Política Eco-

nômica na forma de um recuo necessário, para preparar um posterior avanço da construção socialista. Um grande embate se havia passado entre o X e XI Congressos do partido, voltados a mudar a política econômica no período pós-guerra civil.

Nota-se que Lênin procura ser o mais didático possível, para que a delegação das 58 seções da III Internacional compreendesse o que se passava no país da revolução proletária e, assim, se coletivizassem as conquistas do método do materialismo histórico e dialético. Lênin inicia o informe explicando: *“O tema ‘Cinco anos da revolução russa e as perspectivas da revolução mundial’ é demasiadamente amplo e extenso, para que se possa esgotá-los um só orador, em um só discurso. Por isso, ocuparei uma pequena parte do tema, a saber – o problema da Nova Política Econômica”*. Lênin entra imediatamente na questão do capitalismo de Estado. Recorda que a polêmica teve origem no início de 1918, quando afirmou que, se *“comparado com o atual estado de nossa República Soviética, o capitalismo de Estado seria um passo adiante”*. Eis o raciocínio seguinte: *“Isso parece muito estranho, e talvez absurdo, pois, nossa república já era uma república socialista. (...) Apesar disso, pensava então que o capitalismo de Estado, levando em conta a situação econômica desse momento na República Soviética, seria um passo adiante (...)”*. Lênin recorre a estrutura econômica da Rússia, para fundamentar sua nova compreensão do problema de como erguer a economia socialista em um país de economia profundamente atrasada. Explica: *“Esses elementos eram, ao meu juízo, os seguintes: 1) economia patriarcal, isto é, em considerável grau uma economia camponesa natural; 2) pequena produção mercantil (aqui figura a maioria dos camponeses que vendem o cereal); 3) capitalismo privado; 4) capitalismo de Estado; 5) socialismo. Todos esses elementos econômicos existiam na Rússia daquela época. Coloquei a tarefa de explicar as relações mútuas entre esses elementos, e de se não haveria de estimar a um dos elementos não socialista, a saber, o capitalismo de Estado, como superior ao socialismo. Repito: a todos parece muito estranho que, em uma república que se declara república socialista, um fator não socialista seja considerado em primeiro termo, seja estimado superior ao socialismo. Mas, se torna compreensível, se recordamos que não considerávamos o sistema econômico da Rússia como algo homogêneo e muito desenvolvido, senão que reconhecíamos sem reserva alguma que, na Rússia, ao lado da forma socialista, tínhamos a agricultura patriarcal, isto é, a forma mais primitiva da agricultura. Que papel podia desempenhar o capitalismo de Estado nas atuais condições?”*

“Logo me perguntei qual desses elementos era o predominante. É claro que, em um meio pequeno-burguês, predomina o elemento pequeno-burguês. Reconheci, então, que predominava o elemento pequeno-burguês; era impossível pensar de outro modo. Então, me perguntei – se tratava de uma polêmica especial, que não guardava relação com o problema atual –: qual é a nossa atitude diante do capitalismo de Estado? E respondi: o capitalismo de Estado, ainda que não seja uma forma socialista, seria para nós e para a Rússia uma forma mais favorável que a atual. O que demonstra isto? Demonstra que não sobrestimávamos, nem os rudimentos, nem os princípios da economia socialista, apesar de ter realizado a revolução social; pelo contrário, então compreendíamos, de certo modo, que teria sido melhor chegar primeiro ao capitalismo de Estado, e somente depois passar ao socialismo”.

“Devo frisar em particular isto, porque suponho que é o único ponto de partida que é possível tomar para explicar, em primeiro lugar, o que é a atual política econômica, e em segundo lugar, extrair conclusões práticas de muita importância para a Internacional Comunista”.

Lênin chama a atenção dos delegados, que tinham a tarefa de elaborar o programa da Internacional Comunista, para considerarem a experiência particular da luta pelo socialismo na atrasada Rússia. Conclui: *“(...) pessoalmente penso que seria melhor que discutíssemos todos os programas somente de um modo geral, na primeira leitura (...)”.*

Considerações sobre as particularidades de cada país

Expusemos a explicação de Lênin, no IV Congresso da Internacional Comunista, sobre os motivos concretos da Nova Política Econômica e, em particular, os da formulação sobre o capitalismo de Estado no marco do Estado Soviético. O partido e as organizações soviéticas tiveram de reconhecer, por força das condições objetivas, que as medidas iniciais, *“puramente socialistas, a distribuição socialista pura, estavam muito além de nossas forças, e que, se não estávamos em condições de realizar um retrocesso para nos limitar a tarefas mais fáceis, enfrentaríamos o desastre”.* Lênin assinala a importante observação de que, sem os recursos econômicos, não havia como atender as necessidades da maioria da população, que era camponesa. Os erros iniciais refletiram o fato de que *“as massas sentiram, por instinto, o que nós não soubemos formular de maneira consciente”.* Essa contradição ditou a Nova Política Econômica, que se mostrava correta,

uma vez que os camponeses passaram a reconhecer o esforço do Estado soviético para resolver o problema da produção agrária, miséria e fome.

Eis a conclusão de Lênin: *“Os camponeses sabem que conquistamos o poder para a classe operária, e que nosso objetivo é estabelecer, com a ajuda desse poder, o sistema socialista. Por essa razão, o mais importante para nós era estabelecer a base econômica da economia socialista. Não pudemos realizá-lo de modo direito, e nos vimos obrigados a recorrer a alguns rodeios. O capitalismo de Estado, tal como foi implantado, é um tipo peculiar. Não é compatível com o conceito corrente de capitalismo de Estado. Temos todos os postos fundamentais. Temos a terra, que pertence ao Estado, o que é muito importante, ainda que nossos inimigos o apresentem como carente de importância. Não é exato. O fato de que a terra pertence ao Estado é extraordinariamente importante, e, além disso, tem um grande valor prático, do ponto de vista econômico. Isso temos alcançado, devo dizer que toda nossa atividade futura deve desenvolver-se sucessivamente no interior desse marco. Conseguimos que nossos camponeses estejam satisfeitos, e que a indústria e o comércio se reanimem. Já havia dito que nosso capitalismo de Estado se diferencia do que se entende literalmente por essa expressão, em que nosso Estado proletário possui, não só a terra, mas também os ramos vitais da indústria. Diante do exposto, apenas cedemos na forma de arrendamento algumas fábricas pequenas e médias; o restante permanece em nossas mãos”*.

Concluída a exposição sobre a Nova Política Econômica, Lênin finaliza seu informe, referindo-se à tarefa da elaboração programática do IV Congresso. Recorda que, no III Congresso, realizado em 1921, foi aprovada uma resolução sobre *“a estrutura orgânica dos partidos comunistas e os métodos e o conteúdo de sua atividade”*. Avalia que as formulações foram corretas, mas que expressaram quase que exclusivamente a experiência do partido bolchevique. Essa colocação indicou que Lênin via distintamente o IV Congresso, do ponto de vista da elaboração coletiva. Vale a pena transcrever a crítica, que traz em seu interior uma autocrítica. Eis:

“A resolução é magnífica, mas quase inteiramente russa, isto é, está baseada nas condições russas. Este é seu aspecto positivo, mas também seu defeito. É seu defeito, porque estou seguro de que nenhum estrangeiro poderá lê-la – e a reli antes de dizer isso. Em primeiro lugar, é demasiadamente longa, consta de 50 ou mais pontos. Em geral, os estrangeiros não conseguem ler coisas desse tipo. Em segundo lugar, inclusive se o fazem, não a compreenderão, devido a que é demasiadamente russa. Não porque esteja escrita em

russo (...), mas porque está perpassada completamente pelo espírito russo. E, em terceiro lugar, se excepcionalmente algum estrangeiro conseguir entendê-la, não poderá colocá-la em prática. Esse é seu terceiro defeito. (...) Minha impressão é de que temos cometido um grande erro com essa resolução, a saber, que nós mesmos temos colocado um obstáculo no caminho de nossos futuros êxitos. (...) Não aprendemos como apresentar nossa experiência aos estrangeiros. (...) se não entendemos assim, não temos como continuar nosso avanço. Acredito que, depois de cinco anos da revolução russa, o mais importante, para todos nós, tanto para os russos como os camaradas estrangeiros, é colocar-nos a estudar. (...) Todo o partido e todas as camadas da população da Rússia demonstram a ânsia pelo saber. Essa necessidade de aprender prova que, hoje, nossa tarefa mais importante é estudar, e estudar com afinco. Também nossos camaradas do exterior devem estudar”.

Lênin, então, retoma o exemplo da resolução sobre o partido, indicando que, enquanto os russos a estudam no sentido geral, os camaradas do exterior devem estudá-la “no sentido particular, para que compreendam realmente a organização, estrutura, método e conteúdo do trabalho revolucionário”. É notável como Lênin trouxe para o IV Congresso a imperiosa necessidade da elaboração coletiva, e do método marxista de conhecer a realidade para transformá-la.

Últimos escritos de Lênin

EM DEFESA DO MONOPÓLIO DO COMÉRCIO EXTERIOR

Concluimos a exposição do informe de Lênin ao IV Congresso da Internacional Comunista. Poucos dias depois de seu encerramento, Lênin se lançou contra uma resolução do Comitê Central, de 6 de outubro, que violava o monopólio do comércio exterior.

Em uma Carta ao CC, de 13 de outubro, e outra, de 13 de dezembro de 1922, dirigidas a Stalin, Secretário Geral do Partido, Lênin demonstra que a resolução proposta por G.I. Sokólnikov, que contou com apoio de Bukharin, Zinoviev e Stalin, abria caminho para a penetração incontrolável do capital imperialista na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Devido ao agravamento de sua enfermidade, e impossibilitado de comparecer na reunião do Comitê Central que, finalmente, decidiria a confirmação ou revogação da decisão de 6 de outubro, Lênin encarregou Trotsky de defender a proposição que estabelecia “a necessidade incondicional de manter e fortalecer o monopólio do comércio

exterior". Nenhuma concessão poderia ser feita àqueles que, em nome de ativar a economia interna, levavam a uma ruptura nos fundamentos programáticos do monopólio do comércio exterior. Stalin chegou a resistir às pressões de Lênin, para quem foram endereçadas as duas Cartas, mas, acabou formalmente recuando. Assim, a reunião do Comitê Central de dezembro revogou a decisão de outubro.

Eis as principais formulações da Carta de 13 de outubro. *"A resolução da plenária do CC de 6 de outubro (...) estabelece uma reforma aparentemente parcial, sem transcendência: 'por em prática alguns decretos do Conselho de Trabalho e Defesa sobre a autorização provisória para a importação e exportação de algumas categorias de mercadorias, por determinadas fronteiras'. Na realidade, rompe o monopólio do comércio exterior. Não é surpreendente que o camarada Sokólnikov tenha procurado e conseguido. Sempre esteve a favor disso, e como é aficionado em paradoxos, sempre procurou demonstrar que o monopólio não nos convém. No entanto, o assombroso está em que votaram pela afirmativa, aqueles que, por princípio, apoiam o monopólio, e que o fizeram sem consultar detalhes com algum dirigente da economia. (...) Abrem-se escritórios de compra para a exportação e importação. O proprietário de um desses escritórios tem direito a comprar e vender somente mercadorias especificamente catalogadas"*.

Lênin demonstra que essa medida não garante nenhum controle, e que não apresenta meios para realizar o controle. Exemplifica com a diferença cambial entre a moeda russa e a inglesa, tomando o caso do preço interno do linho, que seria de 4 rublos, e, na Inglaterra, de 14 rublos. E explica: *"Todos lemos em O Capital como o capitalismo se transforma internamente, e se torna mais audaz, quando as porcentagens de juro e lucro crescem com rapidez. Todos se lembram que o capitalismo é capaz de arriscar-se perigosamente, e que Marx admitia isso muito antes da guerra, e antes de que o capitalismo começasse seus 'saltos'"*.

Na situação concreta da URSS, a quebra do monopólio estatal do comércio exterior impulsionaria as relações entre os camponeses e o capital comercial, devido a que os negócios seriam extremamente vantajosos. E favoreceria ainda mais os negócios clandestinos.

Lênin relata uma conversa que teve como Stalin sobre a abertura, por algum tempo, dos portos de Petrogrado e Novorossiisk, em que demonstra *"até que extremo são perigosas semelhantes experiências, ainda mais que não estejam restritas por uma lista de artigos"*.

Bukharin reage à oposição de Lênin, e agrava o conflito. O que levou

Lênin a escrever a Carta de 13 de dezembro, intitulada *Acerca do monopólio do comércio exterior*, dirigida a Stalin, para que fosse apresentada na plenária do Comitê Central. Inicia-a, rechaçando as acusações de Bukharin contra a posição de Krasin e do próprio Lênin, bem como analisando os erros de fundamento econômico. Conclui: “(...) *todos os argumentos de Bukharin sobre o sistema de tarifas aduaneiras, na prática, somente deixariam a indústria russa totalmente indefesa, e conduziriam à liberdade de comércio, dissimulado sob o mais leve véu. A isso devemos nos opor com todas nossas forças, e levar nossa oposição inclusive ao congresso do partido, pois, agora, na época do imperialismo, o único sistema de proteção digno de consideração é o monopólio do comércio exterior*”.

A Carta de Lênin a Stalin termina afirmando: “*Acrescento que a abertura parcial das fronteiras traz graves perigos quanto às divisas, pois, na prática, nos veremos reduzidos à situação da Alemanha; existe o grave perigo de que penetrem na Rússia a pequena burguesia e todo tipo de agentes dos russos emigrados, sem que tenhamos a menor possibilidade de exercer controle algum sobre eles. O único caminho para a reconstrução de nossa indústria é utilizar as sociedades mistas como meio de obter uma séria e longa aprendizagem*”.

Em 15 de dezembro, Lênin retoma a questão em uma terceira Carta a Stalin, para ser entregue aos membros do Comitê Central. Inicia-a dizendo que havia chegado “*a um acordo com Trotsky, acerca da defesa de meus pontos de vista sobre o monopólio do comércio exterior*”. Mostra-se apreensivo pelo fato de não poder estar presente. Exige que se tome uma posição imediata, sem protelação. Diz que está “*seguro de que Trotsky sustentará meus pontos de vista tão bem quanto eu*”. E se diz confiante de que sua posição será acatada, uma vez que importantes membros do Comitê Central já tinham demonstrado uma mudança de posição.

OS PERIGOS DE CISÃO NO PARTIDO

Lênin, impossibilitado de comparecer no XII Congresso, que se realizaria entre 17 e 25 de abril de 1923, escreve suas últimas cartas e artigos. Trata de questões como a composição do Comitê Central que seria eleito, o funcionamento do GOSPLAN (organismo estatal de planejamento), do problema das nacionalidades e do cooperativismo. O último artigo, “*Melhor pouco, mas melhor*” foi ditado por Lênin, em 2 de março de 1923. Em 16 de dezembro de 1922, Lênin teve uma recaída em sua enfermidade, provocando a paralisação dos membros do lado direito do

corpo. Assim, passou a ditar seus posicionamentos e recomendações a uma especialista em taquigrafia. Despendeu um grande esforço do que restava de sua capacidade, para interferir no curso do XII Congresso.

O percurso desses escritos foi bastante acidentado, uma vez que Lênin se encontrava em flagrante choque com a condução do partido pelo Secretário-Geral, Stalin. Parte deles não foi publicado. As atas das seções do bureau político e da plenária do Comitê Central não mencionam a entrega da nota de Lênin sobre a composição do Comitê Central. As notas de 24 e 25 de dezembro de 1922, e a de 4 de janeiro de 1923, dedicadas à caracterização dos membros do Comitê Central, foram entregues diretamente por Nadejda Konstantínovna Krúpkaia, ao Comitê Central, em 18 de maio de 1924, depois da morte de seu companheiro, pouco antes do início do XIII Congresso do partido.

Consta da ata da entrega dos documentos, a seguinte declaração de Krúpkaia: *“Entrego as notas que Vladimir Ilich ditou durante sua enfermidade, desde 23 de dezembro a 23 de janeiro: 13 notas separadas. Entre elas, não figura a nota sobre o problema nacional (que neste momento está em poder de Maria Ilinichna). Algumas dessas notas já foram publicadas (sobre a Inspeção Operária e Camponesa, sobre Sujanov). Entre as não publicadas, estão as de 24 e 25 de dezembro de 1922, e a de 4 de janeiro de 1923, que contêm caracterizações pessoais de alguns membros do Comitê Central. Vladimir Ilich expressou seu firme desejo de que estas notas fossem colocadas ao conhecimento do Congresso ordinário do partido, depois de sua morte”*.

O Comitê Central decidiu publicar os documentos para os delegados, com a condição de que não fossem reproduzidos. O XV Congresso, realizado em dezembro de 1927, resolveu anexar a Carta ao Congresso (Notas de 24 e 25 de dezembro de 1922, e de 4 de janeiro de 1923) a uma versão taquigráfica das seções do Congresso, e publicar as notas e cartas de Lênin sobre questões internas do partido. As notas de 24 e 25 de dezembro de 1922, e a de 4 de janeiro de 1923, foram publicadas no Boletim do XV Congresso, mas não se publicaram as cartas sobre as questões internas do partido, que somente vieram à luz em 1956, por decisão do XX Congresso, segundo as informações dos editores das Obras Completas de Lênin.

Lênin previu que, com sua morte, evoluiriam os desequilíbrios de posição no Comitê Central. Temia por uma divisão. Na carta de 23 de dezembro de 1922, Lênin introduz a questão da composição do Comitê Central, diz: *“Recomendo com insistência que, neste congresso, se faça uma*

série de mudanças de nossa estrutura política (...). Em primeiro lugar, proponho aumentar o número de membros do Comitê Central em várias dezenas, ou inclusive a uma centena. Em minha opinião, sem esta reforma, nosso Comitê Central correria grave perigo, se o curso dos acontecimentos não nos fosse perfeitamente favorável (e isso é algo com que não podemos contar). Em seguida, penso propor que o congresso outorgue um caráter legislativo, em certas condições, às resoluções da Comissão Estatal de Planificação, concordando, neste ponto, com os desejos do camarada Trotsky, em certa medida e condições. No que respeita ao primeiro ponto, isto é, aumentar o número de membros do Comitê Central, creio que é necessário para elevar a autoridade do Comitê Central, para melhorar a fundo nosso aparato, e impedir que os conflitos entre pequenos setores do Comitê Central adquiriram uma importância excessiva para o futuro do partido (...). Semelhante reforma aumentaria notavelmente a estabilidade de nosso partido, e facilitaria sua luta em meio de Estados hostis, luta que em minha opinião pode e deve agravar-se muito, nos próximos anos (...)”.

Na segunda parte da carta, de 25 de dezembro de 1922, Lênin refere-se claramente a medidas contrárias a uma possível “*cisão*”. Demonstra que o partido se apoia, tanto no proletariado, quanto nos camponeses. É que, portanto, a estabilidade do partido depende do “*acordo entre essas duas classes*”. Chega, assim, ao ponto fundamental: “*Penso que, deste ponto de vista, os fatores primordiais quanto ao problema da estabilidade são os membros do Comitê Central, tais como Stalin e Trotsky*”.

Lênin assinala que aí residia “*a maior parte do perigo de cisão*”. Logo, havia que evitá-la. Passa então a caracterizar os principais membros: 1) “*Stalin, como secretário geral, concentrou em suas mãos um poder ilimitado, e não estou seguro de que sempre saberá utilizar esse poder com a suficiente prudência*; 2) “*Trotsky (...) não se destaca somente por sua saliente capacidade. Pessoalmente, talvez seja o homem mais capaz do atual Comitê Central, mas, tem demonstrado excessiva segurança em si mesmo, e excessiva preocupação pelo aspecto puramente administrativo do trabalho*”. Faz ainda breve caracterização de Zinoviev, Kamenev, Bukharin e Piatakov. Mas, concentra sua observação na distinção entre Stalin e Trotsky. “*Essas duas qualidades de dois destacados dirigentes do Comitê Central atual pode levar inadvertidamente a uma cisão, e, se nosso partido não toma as medidas necessárias para impedir, a cisão pode ocorrer inesperadamente*”.

Em um adendo à carta de 24 de dezembro, Lênin retoma a caracterização: “*Stalin é demasiado rude, e este defeito, ainda que tolerável em nosso*

meio e nas relações entre os comunistas, se torna intolerável em um secretário-geral. Por isso, proponho aos camaradas que pensem em uma maneira de retirar Stalin desse cargo, e designar em seu lugar outra pessoa que, em todas os aspectos, tenha sobre o camarada Stalin uma só vantagem: a de ser, mais tolerante, mais leal, mais cortês e mais considerado pelos camaradas, menos caprichoso, etc.” Na última parte dessas notas, de 26 de dezembro de 1922, Lênin volta a recolocar sua proposição de aumentar os membros do Comitê Central. Aumento esse que deveria contar com o ingresso de operários, que tenham preferentemente *“realizado um prolongado trabalho nos organismos soviéticos (...)”*.

DEFESA DA FEDERAÇÃO TRANSCAUCASIANA

Anteriormente, expusemos a posição de Lênin sobre a necessidade de mudar a composição do Comitê Central, como uma medida para evitar uma possível cisão no partido. Um segundo problema que preocupou Lênin foi o conflito no Partido Comunista da Geórgia, em torno das repúblicas da Transcaucásia. Sua transcendência era estratégica, uma vez que se tratava da constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Já em novembro de 1921, Lênin se mostrou contrariado com as posições equivocadas de Stalin, diante das divergências sobre a constituição de uma federação de repúblicas da Transcaucásia, que encontrava resistência da maioria do Comitê Central do Partido Comunista da Geórgia, liderada por Polikarp “Budu” Gurgenevich Mdivani. Enviou ao Comitê Central a *“Nota a J.V.Stalin, com um projeto de resolução do bureau (Comitê Executivo) político do Comitê Central do PC(b)R, sobre a formação de uma federação de repúblicas da Transcaucásia”*. Eis os dois pontos do projeto: *“1) Enquanto uma federação de repúblicas da Transcaucásia é por princípio absolutamente justa, e tem de constituir-se sem falta, sua imediata realização prática deve ser considerada prematura, ou seja, que requer certo tempo para discussão, com a propaganda de sua adoção pelos organismos soviéticos inferiores; 2) propor aos comitês centrais da Geórgia, Armênia e Azerbaijão (por intermédio do bureau do Cáucaso), que submetam o problema da federação a um amplo debate no partido, e entre as massas operárias e camponesas, que desenvolvam uma intensa propaganda em favor da federação, e que esta seja aprovada nos congressos dos soviets de cada república; no caso de surgir uma oposição séria, o bureau político do CC do PCR deve ser informado exata e oportunamente”*.

A proposição de que não se apressasse a formação da federação, e que fosse amplamente discutida no interior das massas operárias e camponesas, indicava que havia um processo apressado e mantido na cúpula dirigente. Dessa breve resolução, se destaca o método de solução da divergência suscitada, quanto à necessidade e as condições para a união das nacionalidades por meio de uma federação. Em 29 de novembro de 1921, o projeto de Lênin foi aprovado, com uma emenda de Stalin. No entanto, não solucionou a divergência quanto ao método.

Em 30 de dezembro de 1922, Lênin retoma a questão, na nota “*O problema das nacionalidades ou da autonomização*”. Assim, interveio no conflito que se agravou com a acirrada oposição de Mdivani. O episódio de uma agressão física do dirigente G.K. Ordzhonikidze a um dos membros opositoristas evidenciou a dificuldade de ir adiante na estruturação da federação transcaucasiana, lançou luz sobre a concepção marxista da opressão nacional, e fez emergir o método, anteriormente assinalado por Lênin. Inicia por esse episódio, para em seguida expor sua crítica sobre como a direção partidária estava conduzindo o processo da constituição da federação da Transcaucásia.

“Se as coisas chegaram ao ponto em que Ordzhonikidze pôde extrapolar até se valer da violência física, como me informou o camarada Dzerzhinski, podemos imaginar em que embrulhada estamos metidos. Evidentemente, toda essa empreitada da ‘autonomização’ foi radicalmente errônea e inoportuna. Fala-se que era necessário um aparato único. De onde vem esse tipo de afirmação? Por acaso, não vem do mesmo aparato russo, que, como assinalai anteriormente em meu diário, tomamos do czarismo, e cobrimos ligeiramente com um verniz soviético? Sem dúvida, devíamos ter demorado essa medida, até o dia em que pudéssemos dizer que respondemos de nosso próprio aparato. Mas, agora, conscientemente, devemos admitir o contrário: o aparato que denominamos nosso é ainda, nos fatos, totalmente estranho; é uma mescla burguesa e czarista, que não foi possível transformar, no curso de cinco anos, sem a ajuda de outros países, e porque, na maior parte do tempo, estivemos ‘ocupados’ em ações militares e na luta contra a fome. Em tais condições, é muito natural que ‘a liberdade de sair da união’, que nos serve de justificativa, seja um simples pedacinho de papel, incapaz de defender os não-russos da investida desse homem realmente russo, do chauvinista grã-russo, em essência, desse canalha e desse opressor que é o típico burocrata russo. Não há dúvida de

que os operários soviéticos e soviéticos, que constituem uma proporção ínfima, se afogarão nesse oceano da canalha grã-russa chauvinista, como uma mosca no leite.”

Feita a explicação de que o Estado soviético ainda carregava as heranças das velhas instituições, e de que persistia o burocratismo chauvinista, Lênin faz a seguinte pergunta: *“Temos tomado com suficiente cuidado medidas para defender de fato os não-russos contra o Derzhimorda autenticamente russo?”*. Responde: *“Penso que, quanto a isso, desempenhou um papel fatal a pressa de Stalin, e seu apego pelo puramente administrativo, bem como seu rancor contra o famoso ‘socialismo nacionalista’. Em geral, o rancor desempenha, na política, um papel dos mais baixos”*. Refere-se também a Dzerzhinski, que, como encarregado de investigar o que se passava, *“se distinguiu ali por um sentimento autenticamente russo”*; e aos golpes de Ordzhonikidze. Conclui a crítica, com a seguinte pergunta: *“Aqui temos um importante problema de princípio: como se deve entender o internacionalismo?”*.

Na Carta seguinte, de 31 de dezembro de 1922, Lênin dá continuidade ao questionamento. *“Em meus trabalhos sobre o problema nacional, já havia dito que é, em todo o sentido, em vão, formular abstratamente o problema do nacionalismo em geral. É indispensável distinguir entre o nacionalismo da nação opressora e o da nação oprimida, entre o nacionalismo de uma grande nação e o de uma pequena nação”*. Condena a igualdade puramente formal que, na prática, oculta a desigualdade real, defendendo que se façam concessões que, de fato, ganhem a confiança de operários e camponeses não-russos.

De acordo com essa crítica e orientação, Lênin propõe: *“Em primeiro lugar, devemos manter e consolidar a união das repúblicas socialistas. (...) Em segundo lugar, é preciso manter a união das repúblicas socialistas, no que concerne ao aparato diplomático. (...) Em terceiro lugar, é preciso impor uma sanção exemplar ao camarada Ordzhonikidze. (...) Em quarto lugar, é necessário introduzir as regras mais rigorosas quanto ao uso do idioma nacional nas repúblicas não-russas que formam parte da nossa união, e verificar essas regras com especial cuidado”*. Lênin conclui com a caracterização política dos erros: *“Entende-se que a responsabilidade política dessa campanha nacionalista autenticamente grã-russa deve ser atribuída a Stalin e Dzerzhinski”*.

“MELHOR POUCO, MAS MELHOR”

Expusemos as críticas de Lênin e as formulações quanto à constituição da federação transcaucasiana. Foram as penúltimas manifestações de Lênin.

Em de 2 de março de 1923, consta das Obras Completas, o seu último escrito, *“Melhor pouco, mas melhor”*, tratando da reforma do aparato estatal. Lênin chegou à conclusão de que as instituições do Estado soviético carregavam, em suas entranhas, uma forte herança do velho aparato czarista e burguês, que havia sido derrubado pela revolução. Passados cinco anos, a experiência havia demonstrado, não só o precário funcionamento, como também a presença de burocratismo. Havia chegado o momento de realizar uma reforma, que ajustasse o partido e as instituições soviéticas a uma nova situação de construção econômica, de relação entre o proletariado e os camponeses, e de resistência ao cerco imperialista. As mudanças deveriam começar pelo organismo Inspeção Operária e Camponesa, que envolvia a Comissão de Controle. Na realidade, se tratava de uma reforma geral, que implicava o Comitê Central, o bureau Político e o bureau de Organização.

O documento *“Melhor pouco, mas melhor”*, dirigido ao XII Congresso, foi antecedido por um conjunto de notas, sob o título geral *“Como devemos reorganizar a Inspeção Operária e Camponesa”*, escrito entre 9 e 13 de janeiro. Em 23 de janeiro, Lênin transforma suas observações críticas e orientações em uma espécie de resolução – *“Como devemos reorganizar a Inspeção Operária e Camponesa”* (proposição ao XII Congresso do partido).

Inicia com a seguinte caracterização: *“Nosso aparato estatal, exceto o Comissariado do Povo de Relações Exteriores, é em grande medida uma sobrevivência do passado, que sofreu em grau diminuto mudanças de alguma importância. (...) Portanto, acredito que, para encontrar o método de realmente renová-lo, é preciso recorrer à experiência de nossa guerra civil”*. Em resumo, eis a linha geral das mudanças: *“As plenárias do Comitê Central de nosso partido já revelaram sua tendência de se converter em uma espécie de conferência superior do partido. Realiza-se, em geral, não mais de uma vez a cada dois meses, e o trabalho corrente, como se sabe, é realizado pelo nosso bureau Político, pelo nosso bureau de Organização, pelo nosso Secretariado, etc., que o realizam em nome do Comitê Central. Penso que devemos percorrer, até o final, o caminho que temos empreendido, e transformar de maneira definitiva as plenárias do Comitê Central em conferên-*

cias superiores do partido, que devem reunir-se uma vez a cada dois meses, conjuntamente com a Comissão Central de Controle. A Comissão Central de Controle deverá fundir-se, nas condições a serem detalhadas, com a parte fundamental da Inspeção Operária e Camponesa organizada”.

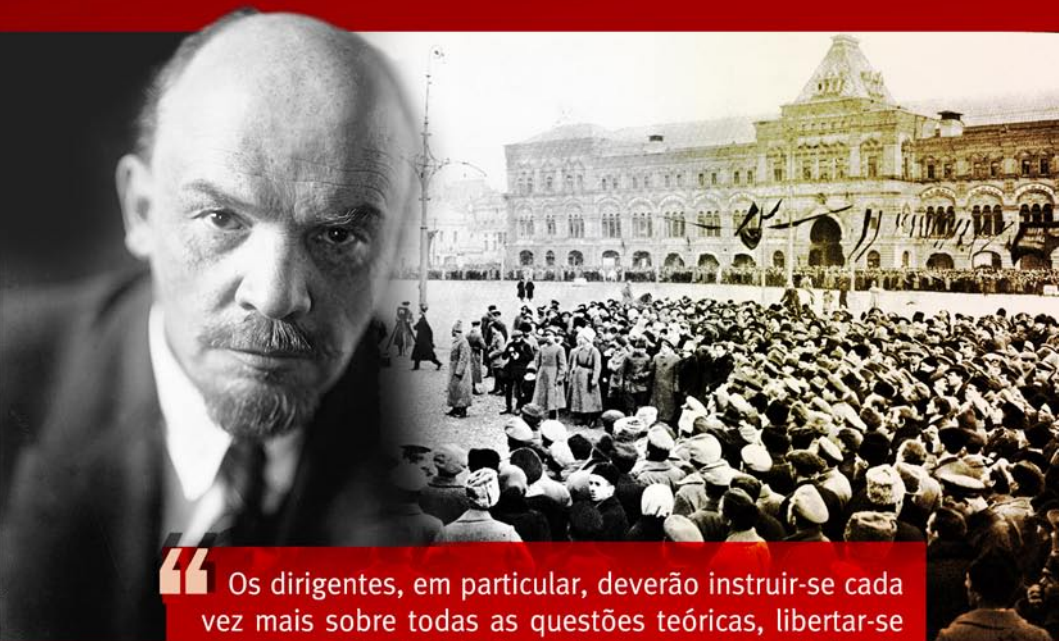
Nota-se que Lênin objetiva vincular as decisões do Comitê Central à operacionalidade do bureau Político e ao controle do funcionamento geral das instituições pela Inspeção Operária e Camponesa e Comissão Central de Controle. O problema, portanto, começa no próprio Comitê Central. Eis: *“Nosso Comitê Central se constituiu em um grupo rigorosamente centralizado, e que goza de alta autoridade, mas as condições em que trabalha este grupo não está no nível de sua autoridade. A reforma que recomendo deve ajudar a eliminar este defeito; os membros da Comissão Central de Controle, que devem participar, em número determinado, em todas as seções do bureau Político, terão de constituir um grupo unido, que ‘sem contemplações’ garantirá que nenhuma autoridade, sem exceção, nem do Secretário-Geral, nem de qualquer outro membro do Comitê Central, lhe impeça de fazer perguntas, verificar documentos e, em geral, estar informado plenamente de todas as coisas, e de exercer o mais estrito controle do adequado manejo dos assuntos”.*

Está claríssimo que Lênin toma a questão do mal funcionamento do Comissariado da Inspeção Operária e Camponesa, para expor o problema geral do mal funcionamento e distorções que observava no funcionamento do Comitê Central e nas relações entre o conjunto dos organismos. Era premente, recompor a função primordial da Comissão Central de Controle, de tal sorte que nenhuma das autoridades poderia deixar de ser inquerida. Não por acaso, Lênin faz uma referência direta ao Secretário-Geral do partido.

No documento *“Melhor pouco, mas melhor”*, Lênin o introduz com as heranças culturais da velha sociedade, e o nascimento de uma nova, com a revolução. *“Nosso aparato estatal é a tal ponto deplorável, por não dizer detestável, que primeiro devemos refletir profundamente de que modo lutar contra suas deficiências, recordando que essas deficiências advêm do passado, que, apesar de ter sido radicalmente transformado, não foi superado, não chegou à etapa de uma cultura que permaneceu em um passado longínquo. Coloco aqui, precisamente, o problema da cultura, porque nisto devemos considerar como legado somente o que foi transformado em parte da cultura, da vida diária e dos costumes. Mas, podemos dizer que o que há de bom em nosso regime social não foi profundamente pensado, compreendido,*

nem sentido; que foi tomado por alto, sem tê-lo verificado nem ensaiado, sem tê-lo confirmado mediante a experiência, sem tê-lo consolidado, etc. É claro que não poderia ser de outro modo, em uma época revolucionária, devido à rapidez vertiginosa do desenvolvimento, que em cinco anos nos levou do czarismo ao sistema soviético”.

Lênin, assim, coloca para o XII Congresso o atraso cultural como um grande problema a ser resolvido, passo a passo, na transição do capitalismo ao socialismo. Não apenas assinala uma resposta geral, como alguns aspectos particulares, sob a bandeira: *“primeiro, estudar; segundo, estudar; e terceiro, estudar, e depois, comprovar que este conhecimento não permaneça reduzido a letra-morta, ou a uma frase de moda (...)”.* Eis: *“Que elementos temos para criar esse aparato? Somente dois. Primeiro, os operários, entusiasmados pela luta pelo socialismo. Os operários não são suficientemente instruídos. Eles quiseram proporcionar-nos um aparato melhor. Mas não sabem como fazê-lo. Não podem fazê-lo. Não alcançaram ainda o desenvolvimento e a cultura que são necessários para isso. E, precisamente, faz falta a cultura. Quanto a isso, nada se pode fazer de golpe, com uma investida, com brios ou energia, ou, em geral, com qualquer das melhores qualidades humanas. Segundo, temos elementos de conhecimento, educação e instrução que são extremamente escassos, em comparação com todos os outros países”.* Essa contradição exigia um trabalho perseverante e demorado para a sua superação. *“Para isso, devemos utilizar os melhores elementos que temos em nosso sistema social: em primeiro lugar, os operários avançados, e em segundo lugar, os elementos realmente esclarecidos, pelos quais podemos responder que não darão crédito às palavras, que não dirão uma só palavra contra sua consciência, que não terão de reconhecer qualquer dificuldade, que não temerão nenhuma luta, para alcançar o objetivo que se colocaram seriamente”.*



“ Os dirigentes, em particular, deverão instruir-se cada vez mais sobre todas as questões teóricas, libertar-se cada vez mais da influência da fraseologia tradicional, própria da velha concepção do mundo, e ter sempre presente que o socialismo, desde que se tornou uma ciência, exige ser tratado, isto é, estudado, como uma ciência. A compreensão assim alcançada, e cada vez mais lúcida, deve ser divulgada com zelo cada vez maior entre as massas operárias, e deve alicerçar cada vez mais firmemente a organização do Partido, bem como a dos sindicatos. ”

Lênin, “Que Fazer?”